

ANA MARIA HOLSTEIN BECK

ÁLBUNS DE FAMÍLIA

ANA MARIA HOLSTEIN BECK

ÁLBUNS DE FAMÍLIA

16



Tia Juja, Clapin, myself
Cinco, 1906 80



Tereza Arnoso 81
Lisbon 1916



Ted and myself
Hastings 1913
BEK
79



82
Lisbon 1916



Mariado Arnoso and
Tereza Arnoso
Lisbon 1916 83

APRESENTAÇÃO

O Arquivo Municipal de Lisboa recebeu por doação 16 álbuns da Família Holstein Beck organizados por Ana Maria de Sousa Holstein Beck.

Estes álbuns são constituídos por fotografias organizadas por ordem cronológica, abrangendo um período que vai desde o início do século XX à década de 50 do mesmo século.

Através deste espólio, é possível reconstituir as vivências da família Holstein Beck, em especial nas suas horas de lazer, no quotidiano dos grandes proprietários portugueses, das suas várias casas, palácios, reuniões sociais, refeições, caçadas, espetáculos, jogos e deslocações. É de salientar que a família de Ana Maria de Sousa Holstein Beck acompanhou o rei D. Manuel II no exílio em Inglaterra encontrando-se assim, nos álbuns muitos retratos informais da Família Real, em momentos de lazer, na praia ou no ténis.

O interesse histórico e antropológico deste acervo é muito significativo, permitindo o estudo sobre o modo de vida privado das famílias abastadas da primeira metade do século XX.

Neste sentido, o Arquivo Municipal de Lisboa, tendo como missão tratar, preservar e divulgar o seu acervo documental junto de investigadores e do público em geral, disponibiliza agora a coleção Holstein Beck, através de um projeto que inclui o restauro dos álbuns, o tratamento documental, a digitalização das imagens e o respetivo acesso *on-line*, a partir do *site* do Arquivo, bem como a realização de uma exposição e a publicação do respetivo catálogo.

Inês Morais Viegas

PREFÁCIO

Um álbum exemplar

António Barreto

A cuidadosa edição deste álbum, pelo Arquivo Municipal de Lisboa e a cura de Luís Pavão e Paula Figueiredo Cunha, é a vários títulos uma iniciativa rara e exemplar. Edições como esta são pouco frequentes em qualquer país. Em Portugal, são raríssimas. Com esta dimensão e a sua notória complexidade, creio mesmo que é caso único entre nós. É possível que os Portugueses gostem de falar de si, mas não se interessam muito por escrever sobre eles próprios, fotografar-se ou mostrar-se, enfim, revelar-se. Por isso temos tão poucas memórias, autobiografias, correspondência e outras formas de edição de obras de intimidade e recordação.

Se a palavra é rara, a imagem ainda é mais. Na verdade, tornar públicas as fotografias pessoais de uma vida inteira, ou de uma parte dessa vida, é gesto pouco habitual. Percebe-se porquê. Muitas vezes, são documentos de má qualidade estética ou documental. São imagens avulsas, dispersas, feitas por muitas pessoas, desorganizadas e sem princípio condutor. Fruto do acaso ou do talento, fotografias de excepcional qualidade documental e estética misturam-se com imagens toscas e quase sem sentido. São imagens por vezes indiscretas, o que é inquietante: há um preconceito que faz com que se tenha mais receio da imagem do que da palavra. Parte-se do princípio de que a imagem dá a verdade, só a verdade e toda a verdade, o que é falso, mas tem muita força. Pensa-se também que ninguém, a não ser os familiares e eventualmente os bisbilhoteiros, se interessam por fotografias dos outros, sobretudo por imagens banais, do quotidiano, de “bodas e batizados”, de festas, de passeios e de viagens. Assim é que se juntam dois gestos negativos: uns não mostram, outros não veem!

Todos estes argumentos têm o seu valor e a sua razão. Mas, apesar de interessantes, não os considero convincentes. Na verdade, as imagens, mesmo banais, mesmo sem aparente significado, podem ser reveladoras. Quase todas as fotografias dizem qualquer coisa a mais do que parece. Se forem numerosas, se cobrirem vários anos e se tiverem sido feitas em circunstâncias e enquadramentos diversos, um conjunto de fotografias, um álbum ou uma coleção adquirem significado especial que merece ser tratado e estudado. Ainda por cima, se forem feitas por uma só ou poucas pessoas: o traço comum orienta e o fio condutor é quase uma assinatura. Com um álbum destes, não estamos a ver a sociedade. Estamos, isso sim, como diz Luís Pavão, a “olhar para o olhar de Ana Maria”. A ver o modo como alguém vê o mundo, nem que seja só o seu mundo.

O mundo de Ana Maria Holstein Beck é, ao mesmo tempo, muito largo e muito reduzido. É muito vasto, porque abrange o mundo, no sentido próprio da palavra. Mundo europeu, com certeza, mas mundo alargado. Muitas são as cidades visitadas e fotografadas, quando não recordadas através de postais e de fotografias alheias. Uma família com fortuna, com conhecimentos, com parentesco cosmopolita, com cultura linguística, uma família dessas viaja. Mas, ao mesmo tempo, as pessoas que figuram nas imagens são poucas, são amigos, são cúmplices, familiares,

dinastias e gente “lá de casa”. É interessante ver como certos nomes se repetem de cidade em cidade, de país em país. E até década após década. O grupo parece ter a dimensão de uma tribo. Nesse sentido, as aristocracias são tribos, apesar de cosmopolitas.

Esta família poderosa, sem Corte, sem título efetivo e sem monarca em exercício, mantém uma posição feita de prestígio e tradição. É uma das famílias mais poderosas de Portugal, estatuto que se alimenta de várias fontes, como o poder político, a cultura e a inteligência, o sangue e as alianças de família, a intimidade dos monarcas e dos nobres europeus, assim como atributos instrumentais que resultam dos anteriores: a confiança política, a lealdade e a fidelidade. Curiosamente, essa posição, nestas fotografias, é visível sobretudo no que é íntimo. Não são os trajes ou as condecorações que fazem deles pessoas especiais, mas sim comer, beber, brincar, nadar e bocejar com os membros da família real. “Pertenciam”, não eram súbditos. Como aqui tão bem sublinha Ângela Camila Castelo-Branco, é a intimidade que faz deles importantes.

Mas o tempo deste álbum já não é o dos séculos XVIII e XIX, durante os quais as aristocracias europeias tinham o seu mundo. Estamos em fim de festa. Ou em transição. As revoluções do século XIX, as repúblicas, as crises de fim de impérios, o nascimento das pátrias e dos Estados e a primeira guerra destruíram um mundo, cujos restos estão visíveis neste álbum que parece querer ignorar o que incomoda os seus autores. Até o *Grand Tour*, que todos os aristocratas europeus fizeram um dia, deixara muito cedo, no século XIX, de ser um exclusivo. Burgueses, políticos, embaixadores, altos funcionários de Estado, grandes empresários, artistas, escritores e académicos depressa imitaram os hábitos dos pioneiros nobres. Os figurantes destes álbuns ainda são aristocratas, mas já parecem comportar-se como cidadãos. Ainda se reúnem para caçar e jantar com um toque especial. Mas os sinais modernos não enganam: automóveis, ténis, máquinas fotográficas...

São álbuns de família. Com a banalidade da família. Com os lugares-comuns dos sentimentos imediatos. Com a pouca espessura das situações informais. Com a candura dos que sentem segurança na vida e a inocência dos rituais despreocupados. Pouco nos dizem da sociedade ou da economia, da política ou da guerra, porque é de outra coisa de que se trata: da família e da tranquilidade dos que podem viver fora do mundo.

Deve-se uma palavra de reconhecimento ao Arquivo Municipal, aos responsáveis pela exposição e por esta edição, a todos quantos se ocuparam do estudo e da apresentação destes álbuns, mas também e muito especialmente à família e aos atuais descendentes de Ana Maria: porque guardaram as fotografias e os álbuns estes anos todos; porque os entregaram a uma instituição pública; porque confiaram nas pessoas com competência para tratar deste espólio; e porque não levantaram objeções a que se divulgassem e exibissem estas imagens. São gestos que não se esquecem, em qualquer parte do mundo, particularmente em Portugal.



405

George Amoso Maria Helena
Oliveira, Cabo da Roca,
Sept. 1919



George Amoso Frederico Villar
Camota Peres Canello, Teresa Pinto Galho
M.H. Oliveira, Tito Perestrello, Leonor
Oliveira, Cabo da Roca, September 1919



Camota Perestrello
Luiza



Luiza, myself, Augusta da Ponte Bastos
Cascaes, October 1919



Luiza
Cascaes, October 1919



Maria Helena Oliveira, E. Perestrello, T. Pinto Galho,
Luiza, Boba Diniz, Maria Leonor Oliveira.



Boba Diniz, Eduardo Oliveira, Francisco Ferreres, Luiza,
Maria Helena Oliveira, Boba Diniz.

BK
411.D

INDICE

Apresentação	7
Inês Morais Viegas	
Prefácio - Um álbum exemplar	9
António Barreto	
I – ANA MARIA DE SOUSA E HOLSTEIN BECK	17
Coleção de álbuns de fotografia de Ana Maria José Francisca de Paula de Sousa e Holstein Beck e de Diogo de Sousa e Holstein Manoel, seu filho	19
Francisco d’Orey Manoel	
Memórias de um neto	25
Francisco d’Orey Manoel	
Coleção de Álbuns de Fotografia de Ana Maria Holstein Beck: genealogia e títulos	43
Ana Saraiva	
II – OS ÁLBUNS DE FOTOGRAFIA DE FAMÍLIA	53
O álbum de fotografias de família numa história de si	55
Paula Figueiredo Cunca	
Olhar os álbuns de família	75
Luís Pavão	
III – A COLEÇÃO DE FOTOGRAFIAS	97
A Família Real e a aristocracia nas imagens dos álbuns de Ana Maria Holstein Beck – Sorrisos em tempo de lágrimas	99
Eduardo Nobre	
Caminhos... de Ana Maria Holstein Beck “Da pose à intimidade”	115
Ângela Camila Castelo-Branco	
Álbuns de Holstein Beck: percurso duma memória	129
Maria Mantero Morais	
IMAGENS DA COLEÇÃO HOLSTEIN BECK	138
Biografias	287
Ana Saraiva	
Índice Onomástico	295
Genealogias de pessoas relacionadas com Ana Maria José Francisca de Paula de Sousa e Holstein Beck (Árvore genealógica)	307
Ana Saraiva	

I – ANA MARIA DE SOUSA E HOLSTEIN BECK



Ana Maria José Francisca de Paula de Sousa e Holstein Beck (fotografia extra álbuns), coleção privada.



Diogo de Sousa e Holstein Manoel (fotografia extra álbuns), coleção privada.

Coleção de álbuns de fotografias de Ana Maria José Francisca de Paula de Sousa e Holstein Beck e de Diogo de Sousa e Holstein Manoel, seu Filho

Francisco d'Orey Manoel

A coleção de álbuns de fotografias da minha Avó, Ana Maria José Francisca de Paula de Sousa e Holstein Beck, e de meu Pai, Diogo de Sousa e Holstein Manoel, foi oferecida pela minha Mãe, Maria Manuela de Albuquerque d'Orey Manoel, e pelos seus dez filhos, Luís, Vasco, Duarte, Diogo, Ana, Francisco, Filipa, Maria, Pedro e Bernardo, ao Arquivo Municipal de Lisboa - Fotográfico da Câmara Municipal de Lisboa.

Depois da primeira entrega (efetuada em dezembro de 2003), composta por onze álbuns, foi assinado (a 12 de maio de 2004) um protocolo com a Câmara Municipal de Lisboa, na pessoa da dr.^a Maria Manuel Pinto Barbosa, Vereadora do Pelouro da Cultura, resultando na disponibilização pública, através da *internet*, deste conjunto de fotografias.

Em junho de 2012, foram oferecidos mais cinco álbuns que completam este espólio fotográfico.

Com esta doação pretendemos:

- perpetuar a memória da família;
- disponibilizar a informação aos investigadores;
- celebrar o trabalho amador dos autores das fotografias;
- e garantir que as imagens serão conservadas de forma adequada.

Os responsáveis e técnicos do Arquivo Municipal de Lisboa - Fotográfico da Câmara Municipal de Lisboa, cientes da importância deste acervo, desenvolveram trabalhos de restauro e acondicionamento dos álbuns, permitindo, assim, criar melhores condições de conservação das fotografias e garantir uma preservação mais eficaz de toda esta informação.

Por outro lado, a descrição realizada e a divulgação que será efetuada, são contributos decisivos para a disponibilização deste espólio a todos os potenciais interessados.

O investimento realizado na digitalização possibilita selecionar, rodar ou mesmo ampliar qualquer imagem para as dimensões desejadas, fazendo com que a sua leitura e visualização se torne mais clara e detalhada. Assim, a observação torna-se mais nítida e o leitor passa a disfrutar de um todo mais inteligível. A ampliação reforça o interesse por cada imagem, uma vez que, “misteriosamente”, faz aparecer pormenores que completam o sentido do que o autor quis captar.

À medida que os trabalhos se foram desenvolvendo, os responsáveis municipais envolveram-se na organização de uma exposição e na edição de um catálogo.

Assim, não posso deixar de, publicamente e em nome de toda a família, agradecer de forma muito especial ao dr. António Luís Santos da Costa, Presidente da Câmara Municipal de Lisboa, à dr.^a Catarina Marques de Almeida Vaz Pinto, Vereadora da Cultura, ao dr. Francisco José Caeiro Motta Veiga, Diretor Municipal de Cultura, ao Arq. Jorge Alexandre Ribeiro Martins Ramos de

Carvalho, Diretor de Departamento de Património Cultural, à dr.^a Maria Inês Ferreira de Morais Viegas, Chefe de Divisão de Arquivo Municipal, aos dois Comissários desta Exposição – dr.^a Paula Cristina Gonçalves de Figueiredo Cunha e eng.^o Luís Miguel Segurado Pavão Martins – e à restante equipa que participou nesta tarefa com muito profissionalismo: dr.^a Marta Cristina Rebelo da Silva Gomes, na gestão do projeto; dr.^a Ana Paula Rocha da Costa Saraiva, na investigação; Ana Luísa Ulrich da Cunha Melo e Alvim, dr.^a Maria José Lopes Gomes Silva, Débora Alexandra Carrilho Trindade e Sónia Cristina Francisco de Lima, no tratamento documental; Ana Paula Alves Rafael no restauro das fotografias e dr.^a Adriana Batista Ferreira no restauro dos álbuns; dr.^a Mariana Marques Olim Marote, Nelson Henrique Silva Roque e dr. Ricardo Francisco da Silva Salgado, na digitalização; Cláudia Damas, José Luís Neto na digitalização e na montagem da exposição e dr.^a Sofia Maria Ribeiro e Castro, no projeto da exposição.

Bem hajam por esta iniciativa.

Breve enquadramento

Ana Maria, filha de Helena Maria Domingas de Sousa e Holstein (4.^a duquesa de Palmela) e de Luís Borges Coutinho de Medeiros Sousa Dias da Câmara, nasceu a 16 de novembro de 1902; foi educada num ambiente católico e profundamente monárquico, de cariz liberal. Era a mais nova de seis filhos:

- Maria Rita, que pereceu à nascença.
- António Maria (4.^o marquês de Faial) casou com Maria da Assunção de Sá Pais do Amaral, morreu antes de sua mãe e não deixou descendência.
- Maria José (tia Bia) casou com Duarte Bernardo Baltazar Manoel (7.^o marquês de Tancos e 13.^o conde de Atalaia) e não deixou descendência.
- Domingos (5.^o duque de Palmela) casou com Maria do Carmo Pinheiro de Melo. Deste casamento nasceram onze filhos.



Ana Maria com seu Pai, em Cascais, no ano de 1914.
PT/AMLSB/BEK/001/000116



Ana Maria com sua Mãe, em Eastbourne, no ano de 1917. (pormenor)
PT/AMLSB/BEK/001/000160

- Maria Luísa casou com António José Corrêa de Sá Benevides Velasco da Câmara (10.º visconde de Asseca), designado por Nio em muitas das legendas dos primeiros álbuns. Deste casamento nasceram três filhos.

Alguns dados cronológicos relacionados com Ana Maria

- Depois da revolução republicana de 5 de outubro de 1910, Ana Maria partiu com a família para o exílio em Londres¹.
- A partir de 1914 possuímos registos fotográficos de deslocções a Portugal² [provavelmente devido ao início da Primeira Guerra Mundial].
- Em fevereiro de 1923 a sua irmã Maria José de Sousa e Holstein Beck (tia Bia) casou com Duarte Bernardo Baltazar Manoel (7.º marquês de Tancos e 13.º conde de Atalaia), irmão do seu futuro marido.
- A 5 de fevereiro de 1924, com 21 anos, casou com Joaquim Tomás Carlos Bernardo Baltazar Manoel (“Tatim”), 2.º conde de Valbom (1898-1935).

[Imagem n.º 064 - Ana Maria no seu casamento - Lisboa, 5 de fevereiro de 1924 - acompanhada das irmãs Maria José e Maria Luísa. PT/AMLSB/BEK/003/001240]

- Depois de casarem, e até ao ano de 1927³, viveram na *Rue Raynouard*, n.º 22, em Paris⁴.

[Imagem n.º 068 - Ana Maria e Tatim (Joaquim Manoel) na sua casa de Paris, em maio de 1924. PT/AMLSB/BEK/004/001307]

- Do seu primeiro casamento nasceram dois filhos:
 - Helena Maria de Sousa e Holstein Manoel (Paris, 17 de fevereiro de 1926)⁵;
 - Diogo de Sousa e Holstein Manoel (Lisboa, 26 de novembro de 1930)⁶, 14.º conde de Atalaia.
- Em 1929 morreu o seu sogro, Diogo Manoel de Noronha.
- Em 1933 morreu o seu Pai, Luís Borges Coutinho de Medeiros Sousa Dias da Câmara.
- A 13 de dezembro de 1935 morreu o seu marido Tatim, apenas com 37 anos, cujo caixão foi depositado no jazigo dos marqueses de Tancos (n.º 5.128), localizado no cemitério dos Prazeres, em Lisboa.
- A 25 de abril de 1938, com 36 anos, casou segunda vez, com António Cardoso Teixeira⁷, surgindo nessa altura o seu fascínio pelo Baleal.



Pormenor da fotografia, de outubro de 1927, onde aparece Maria José e Duarte Manoel, assim como os seus irmãos e os cunhados Ana Maria e Joaquim Manoel (Tatim).
PT/AMLSB/BEK/004/001527



Joaquim Manoel e os seus dois filhos no jardim da casa de Lisboa, em novembro de 1931.
PT/AMLSB/BEK/007/002785

¹ A casa situava-se em *Portland Place*, 78.

² Nomeadamente as fotografias n.º 91, 93, 94, 96, 98, 99 e 116, no 1.º álbum, que foram registadas em Cascais.

³ Existem fotografias relativas à estadia em França, até outubro de 1927.

⁴ Consultar as fotografias n.º 1285 até 1315 e do n.º 1335 a 1347, no 4.º álbum.

⁵ As primeiras fotografias de Helena Manoel são as n.º 1375 até 1385 [4.º álbum].

⁶ As suas primeiras fotografias são as n.º 1841 e 1842 [5.º álbum].

⁷ Fotografias n.º 3270 e 3273 no jardim da casa de Lisboa [8.º álbum]. A seguir ao casamento fizeram uma viagem por Portugal.



Após a morte do seu marido, Ana Maria foi acompanhada pela família, nomeadamente pela irmã Maria José e pelo cunhado Duarte Manoel [fotografia de fevereiro de 1936].

PT/AMLSB/BEK/005/002214

- A 2 de setembro de 1941 morreu o seu irmão mais velho, António Maria e, passados 26 dias, sua Mãe, Helena Maria Domingas de Sousa e Holstein (a 28 de setembro).
- A 1 de janeiro de 1954 seu filho Diogo casou com Maria Manuela de Albuquerque d'Orey Manoel. Deste casamento nasceram 10 filhos.
- Em 1955 morreu a sua sogra, Leonor Orta Lobo de Ávila Manoel.
- A 9 de junho de 1966, com 63 anos, morreu Ana Maria José Francisca de Sousa e Holstein Beck, cujo caixão foi depositado na cripta do jazigo Palmela, localizado no cemitério dos Prazeres, em Lisboa.
- A 1 de setembro de 1984, com 53 anos, morreu Diogo de Sousa e Holstein Manoel, cujo caixão foi depositado no jazigo dos marqueses de Tancos (n.º 5.128), localizado no cemitério dos Prazeres, em Lisboa.



Casamento de Diogo e Maria Manuela (fotografia extra álbuns). Esta é uma das primeiras fotografias a cores, a qual foi tirada e revelada pelo amigo francês Christian Caters (barão de Caters), proprietário da Livraria Bibliófila que se localizava na rua da Misericórdia, n.º 102, em Lisboa, coleção privada.



Casamento de Diogo e Maria Manuela (fotografia extra álbuns) da autoria do estúdio M. Neves, coleção privada.



Torquay 1913

BEK 5 D



D Pine Ridge Torquay 1913



Torquay 1913

BEK 7 D

Memórias de um neto

Francisco d'Orey Manoel

1.

Dos dez netos de Ana Maria, sou o sexto. Guardo apenas algumas recordações, porque tinha 5 anos quando a minha Avó foi para junto de Deus. No entanto, essas memórias são profundas e incluem momentos marcantes e felizes.

Todos os domingos se cumpria o ritual: a seguir ao nosso almoço, os meus irmãos e eu íamos à casa ao lado, assistir à refeição da Avó. Nessa altura já tinha comido os ovos quentes com pão torrado, servidos em copo de cristal que, invariavelmente, substituía a sopa. Sentados à volta da mesa, conversávamos, ansiosos por chegar a desejada hora do “*canard*”. Em fila indiana, aguardávamos educadamente a nossa vez para recebermos uma pequena colher cheia de açúcar que, quando era embebida num pouco de café, rapidamente escurecia a montanha de cristais brancos. Este ritual tornava ainda mais intenso o sabor do “*canard*”. Às vezes, depois de alguma insistência, tínhamos direito a uma segunda rodada, mas nunca mais do que isso...

Ainda tenho presente o tom acentuadamente grave da sua voz, tão característico do ramo feminino da família Palmela, que contrastava com o carinho que tinha por todos nós.

No final do almoço, a Avó fumava sempre um cigarro, “prazer” que, muito cedo, lhe tinha sido incutido pelo seu Pai. Ao ver as jovens Palmelas serem iniciadas num vício reservado apenas ao “sexo forte”, a sociedade lisboeta da época escandalizou-se.

Terminado o almoço, subíamos as escadas para a sala do primeiro andar, onde as duas vitrinas com bichos de loiças faziam as nossas delícias. Ao fundo, a secretária da Avó preenchida por um conjunto de peças em metal amarelo luzidio (constituído por um tinteiro e diversos suportes para papeis timbrados, lápis e canetas). Neste lugar passava longos períodos a ler e a escrever. Foi aí que, sem dar pelo tempo passar, organizou alguns dos seus álbuns de fotografias.

Por vezes, íamos todos para a varanda ou descíamos até ao jardim, onde o lago de pedra e os canteiros cheios de grandes roseiras serviam de labirinto para as brincadeiras com os cães, eternos companheiros da minha Avó.

2. Cresci a ouvir falar com muita ternura e admiração da minha Avó Ana.

Os meus irmãos mais velhos contavam os passeios que faziam com a Avó: ao cais marítimo de Alcântara, para admirar os paquetes e os veleiros; ao aeroporto da Portela, para verem os aviões e, descendo até ao Tejo, iam a Cabo Ruivo, à doca dos Olivais, observar os hidroaviões. Às vezes levava-os até ao Cristo Rei, outras vezes ao cinema. No dia em que morreu, tinha programado ir ver um filme com os netos mais velhos.



Diogo na varanda do Calhariz, em novembro de 1934.
PT/AMLSB/BEK/005/002092



Diogo no Portinho da Arrábida, agarrado a Luísa Maria Salema, em junho de 1935.
PT/AMLSB/BEK/005/002188



Ana Maria com 15 anos, a ler na varanda da casa em *Portland Place*, n.º 78, em Londres.
PT/AMLSB/BEK/001/000158 (Imagem n.º 13 - Ana Maria a trabalhar no seu quarto de Londres.
PT/AMLSB/BEK/001/000170)

O tio Nio¹, ainda agora fala com emoção das atitudes da minha Avó. Antes de casar, ao perceber que o seu futuro marido queria pôr o filho de 9 anos num colégio interno (para evitar que a criança irrequieta perturbasse a harmonia da nova família), disse perentoriamente que tal situação era impensável e que o Nio iria viver lá em casa, passando a frequentar o Colégio Infante Sagres, onde também andava o seu filho Diogo².

O tio Nio foi viver para a travessa do Abarracamento de Peniche, n.º 13³. Nos primeiros tempos, sentia “medo da noite”. Descia do segundo andar para o piso inferior e batia à porta do quarto do Pai. Depois duma receção paterna pouco calorosa, a minha Avó chamava-o e acolhia-o do lado da cama em que se encontrava, acalmava-o e ele acabava por adormecer sobre a proteção da sua “Mãe adotiva”.

Quem conheceu a minha Avó, diz que era muito organizada, ótima educadora, com uma personalidade forte e de uma simpatia extrema para com todas as pessoas. Esta última característica, aliada à sua vasta cultura, faziam dela um centro de atenções.

Outro atributo bem vincado na personalidade da minha Avó era a generosidade. A sua atenção era transversal aos que a serviam, aos amigos e até àqueles que não lhe eram muito próximos. A certa altura, para pagar avultadas somas que tinha recebido em tempos de apuros, um amigo quis pagar-lhe a dívida com um imponente oratório indo-português. A minha Avó recusou-se sempre a aceitá-lo. Anos mais tarde, esse amigo, apercebendo-se da gravidade do seu estado de saúde, mandou que o oratório lhe fosse entregue em casa⁴.

Bafejada pela sorte, ganhou um prémio na lotaria que começou a distribuir por quem sabia estar a passar mal. No final, de forma metódica, fez as contas e verificou que tinha entregue uma verba muito superior à do prémio que recebera...

Esta faceta do seu carácter foi certamente sedimentada pelos extraordinários exemplos da sua família, como o da sua Avó, Maria Luísa de Sousa e Holstein, fundadora das Cozinhas Económicas⁵ e protetora de várias instituições para apoio aos mais carenciados, nomeadamente o

¹ O tio Nio (António Maria Burnay Teixeira) era enteado da minha Avó Ana, filho do seu segundo marido, António Cardoso Teixeira. Nos primeiros álbuns, a designação “Nio” diz respeito ao tio António Asseca que casou com Maria Luísa Holstein Beck, irmã da minha Avó.

² No 8.º álbum foi incluída uma fotografia de 1942 [n.º 3838] com o filho Diogo, o Nio e os colegas do Colégio Infante Sagres. No 14.º álbum aparecem várias imagens de atividades desenvolvidas no colégio e, em 1953, foram realizados retratos do encontro onde se reuniram alguns antigos alunos [n.º 3103 e 3104, inseridos no 7.º álbum].

³ Na minha geração a travessa do Abarracamento de Peniche, n.º 13 passou a ser designada por “TAP 13”.

⁴ Este extraordinário oratório esteve exposto na *XVII Exposição Europeia de Arte, Ciência e Cultura – Os descobrimentos portugueses e a Europa do Renascimento*. Esta mostra decorreu entre maio e outubro de 1983, e a peça foi integrada no núcleo do Mosteiro dos Jerónimos, intitulado “Cumpru-se o mar: a arte e a missão na rota do Oriente” (n.º 254 do respetivo catálogo).

⁵ Para recolha de mais informação sobre as Cozinhas Económicas, poderá ser consultado, no Arquivo da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, a documentação da Administração das Cozinhas Económicas e Sopa dos Pobres, nomeadamente o Livro de Atas da Assembleia Geral da Sociedade Protetora das Cozinhas Económicas de Lisboa [PT-SCMSB/ACESP/AD/01/001], o Livro de Atas das Reuniões da Direção da Sociedade [PT-SCMSB/ACESP/AD/02/001 e 002], para além de informações relacionadas com o movimento assistencial, gestão administrativa, recursos humanos, aspetos financeiros e patrimoniais, bem como elementos relativos a inspeções.

Hospital de Nossa Senhora da Saúde para crianças pobres⁶. Também sua Mãe, Helena Maria, apoiou diversas entidades, como por exemplo as Oficinas de São José⁷, em Lisboa.

Um dos seus passatempos preferidos era a leitura, paixão que terá contribuído certamente para solidificar a amizade com António Cardoso Teixeira, seu segundo marido e dono da Livraria Clássica Editora⁸. Esta união fez nascer um trocadilho: “A Ana Beck casou com António Book”.

A música também ocupava uma parte importante da sua vida. A primeira frisa do Teatro de São Carlos estava-lhe reservada, garantindo-lhe a temporada de óperas na capital. Era assídua nos programas organizados no Coliseu dos Recreios, no Teatro D. Maria II⁹, no São Luís e no Tivoli, que incluíam espetáculos de *ballet* e música clássica. Além disso, também eram frequentes as idas ao cinema e não perdia as representações anuais quando era contratada uma companhia francesa de teatro.

Dizem que dançava muito bem e, desde muito cedo, começou a ensinar os filhos, a quem passou o gosto pela dança.

Desde criança, viveu rodeada de peças de arte realizadas por artistas talentosos, incluindo as executadas pela sua Avó¹⁰. Adquiriu um gosto refinado e herdou um importante espólio que, mais tarde, foi enriquecendo com a compra de peças significativas, como aconteceu com o conjunto de azulejos, oriundo do palácio da Regaleira, em Lisboa¹¹ (edifício onde hoje se encontra sediada a Ordem dos Advogados).

Muitas vezes, saía com as amigas e ia até à Baixa para “Fazer o Chiado”¹³.



Gégé, empregada que ficou perpetuada por ter servido de modelo para uma escultura de Maria Luísa de Sousa e Holstein¹². [pormenor] PT/AMLSB/BEK/001/000161



Escultura do busto de Gégé (fotografia extra álbuns, de autoria de Luís Pavão).

⁶ Atualmente esta instituição faz parte do Instituto Médico Pedagógico Condessa de Rilvas (Lisboa), onde se preservam duas inscrições que referem a duquesa de Palmela como fundadora e benemérita; uma das placas encontra-se instalada na entrada e, a outra placa, está integrada no interior da capela.

⁷ Na obra *Oficinas de São José: os Salesianos em Lisboa*, o padre Amador Anjos relata diversos apoios e intervenções concretas da família Palmela, designadamente no início do século XX, em 1923 e nos anos 30, altura em que Helena Maria de Sousa e Holstein era Presidente da Associação Auxiliadora das Oficinas de São José (vide páginas 58, 87, 167, 201 e 217/218). Saliente-se que, no 5.º álbum foi incluída uma imagem que retrata uma cerimónia nas Oficinas de São José, onde estiveram presentes membros da família Palmela (fotografia n.º 2271, de fevereiro de 1937, aparecendo Helena Manoel, com 11 anos).

⁸ O 8.º álbum inclui fotografias de 1940, com o interior desta livraria (n.º 3714 e 3717), situada no então moderno edifício localizado na praça dos Restauradores (onde também se situava o Cinema Eden (atualmente já extinto e demolido, restando apenas a fachada e as escadarias). Foi devido a esta atividade editorial que se incluíram registos relativos a uma homenagem a um escritor brasileiro (em 1940, imagem n.º 3718), a uma visita de livreiros suíços (em novembro de 1943), e à inauguração da Feira do Livro de Lisboa, em 1944 (fotografias n.º 3979 a 3881, no 8.º álbum) e em 1946 (fotografias n.º 5002 a 5004, no 10.º álbum).

⁹ No 10.º álbum, fotografia n.º 5338, vemos Ana Maria e António Teixeira numa récita de gala, no Teatro D. Maria II (em outubro de 1947).

¹⁰ Maria Luísa de Sousa Holstein (3.ª duquesa de Palmela) foi uma importante escultora da segunda metade do século XIX, e mecenas de vários artistas seus contemporâneos.

¹¹ Alguns destes painéis de azulejos foram colocados nas paredes das salas do rés-do-chão da sua casa, na TAP 13, como pode ser visto nas fotografias n.º 5789 a 5891, no 14.º álbum.

¹² A empregada Gégé era certamente Eugénia Cândida Costa que morreu a 9 maio de 1932 e foi sepultada no jardim do jazigo Palmela, localizado no cemitério dos Prazeres, em Lisboa.

¹³ Os lisboetas “Faziam o Chiado” ao descer e subir a rua Garrett (designada rua do Chiado até 1880) e as vias anexas, para fazer compras e parar numa das pastelarias tradicionais.



Abril de 1934: Tatim [Joaquim Manoel].
PT/AMLSB/BEK/005/002035

Por vezes, organizava lanches e jantares¹⁴ que se transformavam em autênticas tertúlias culturais e artísticas. Falava-se de autores, de livros e comentavam-se os espetáculos que, no momento, estavam em cena.

O meu Pai contava que, invariavelmente, no final da tarde, a minha Avó ia ao quarto de vestir para se mudar (*dinner dress*), e receber os convidados que, quase todos os dias, animavam os divertidos serões da TAP13.

Um dos seus passatempos prediletos eram os jogos de cartas, especialmente o *bridge*, em que era conhecida como a “fera imbatível”. Incentivava os filhos a aprenderem e integrava-os nas mesas que organizava com os amigos, porque entendia ser um importante estímulo intelectual.

Outro dos seus *hobbies* era a construção de *puzzles*. Envolveria os filhos nesta atividade, por considerar que, de um modo lúdico, se desenvolviam capacidades de concentração e observação. Esta tradição manteve-se em casa dos meus pais e da minha tia Helena. Após concluído o jogo, a caixa era devolvida à Casa Senna¹⁵ que, pela entrega de uma quantia reduzida, a trocava por um novo *puzzle*.

No campo da educação era uma Mãe atenta e moderna. *As fräulein*¹⁶, o ensino do inglês e do francês fizeram, desde muito cedo, parte da educação do meu Pai e da minha tia Helena¹⁷. Já nesse tempo, a Avó tinha consciência da importância da aprendizagem das línguas estrangeiras.

O quarto de estudo dos filhos servia também para “espreitarem” os movimentos no Tejo, utilizando os binóculos britânicos *Barr & Stroud*, através dos quais avistavam os navios militares que, durante a Segunda Guerra Mundial, cruzavam as águas do rio. Nessa divisão mandou



Abril de 1934: Ana Maria, sua irmã Luísa e a amiga Dina Perestrelo subindo em direção do largo do Chiado.
PT/AMLSB/BEK/005/002034



Jogo de cartas com Ana Maria, António Teixeira, eng.º Queimado de Sousa e outro amigo.
PT/AMLSB/BEK/007/003075



Ana Maria e seu filho Diogo com um cão, na praia da Adraga, em agosto de 1936.
PT/AMLSB/BEK/005/002242

¹⁴ Antes do jantar, a Avó fazia questão de preparar *cocktails*.

¹⁵ A Casa Senna ainda funciona na rua Nova do Almada, mas já sem a comercialização dos *puzzles*.

¹⁶ No álbum 8 aparecem diversas fotografias [n.º 3224 a 3227 e n.º 3481 a 3486] de raparigas alemãs que vinham ensinar o seu idioma às crianças.

¹⁷ A filha mais velha (Helena), frequentou o Colégio do Bom Sucesso, administrado por uma Congregação de Religiosas Irlandesas (fotografias n.º 2090, 2091 e 2093, n.º 2103, 2108, 2012, 2114 e 2115 e n.º 2209, no 5.º álbum), sendo que, o edifício deste estabelecimento de ensino tinha sido doado, no século XVII, por D. Iria de Brito, condessa de Atalaia.

instalar uma mesa de *ping-pong*, um espaldar e outros aparelhos de desporto, de modo a garantir uma adequada preparação física, supervisionada por um professor que também ensinava esgrima, atividade predileta de meu Pai¹⁸.

Nas fotografias vemos a minha Avó a praticar vários desportos, como o ténis¹⁹, a equitação²⁰, o golfe²¹, o tiro²², mas a natação era certamente a sua atividade física preferida. Desde muito nova que ia para praias, no sul da Grã-Bretanha²³ ou de França²⁴, para a zona de Cascais, Sintra ou Arrábida²⁵, bem como para Paço de Arcos²⁶ ou para as Berlengas²⁷.

A partir do final da década de 30, o Baleal²⁸ passou a ser a sua praia predileta. Com muita sabedoria dizia ao meu Pai que um bom nadador devia ter sempre presente que o mar nunca se cansa.



Ana Maria com o seu Pai e o seu marido (Joaquim Manoel), à porta da casa de Cascais, em outubro de 1926.

PT/AMLSB/BEK/004/001438



Joaquim Manoel com um grupo, na praia da Adraga (Sintra), em agosto de 1932

PT/AMLSB/BEK/005/001971



Em Eastbourne, no ano de 1917, onde captou a sua irmã Luísa e duas amigas inglesas, Colleen Hixen e Isobel MacLagan.

PT/AMLSB/BEK/001/000175



Burricada na quinta do Calhariz outubro de 1942, onde aparece "o gémeo" (Alexandre de Sousa e Holstein Beck) e o Diogo Manoel, assim como o Manucas (Manuel de Sousa e Holstein Beck) e o Nio (António Teixeira).

PT/AMLSB/BEK/008/003810

¹⁸ Consultar, por exemplo, a fotografia n.º 5681, no 14.º álbum.

¹⁹ Consultar os momentos dedicados a este desporto logo a partir da primeira fotografia (de 1913), e em tantas outras ao longo dos álbuns, nomeadamente a imagem n.º 626 cheia de movimento e força.

²⁰ Por exemplo, na fotografia tirada em 1922 (n.º 1076, no 3.º álbum), onde aparece a saltar um obstáculo em casa do Miranda, provavelmente o professor de equitação que também ficou retratado na imagem n.º 1074 (anos mais tarde, o Sr. Miranda foi também o instrutor de equitação de minha Mãe). Mais adiante, aparece noutros retratos, como os de janeiro de 1928, a montar na quinta da Lagoalva, em Santarém (n.º 1616 a 1629), os de novembro de 1929, na quinta do Calhariz, em Sesimbra (n.º 1800 a 1802), ou o n.º 2046 acariciando um cavalo. Ao longo dos álbuns vemos que também eram frequentes os passeios de burro, designados por burricadas [veja-se, por exemplo, as imagens n.º 702 a 704, n.º 990 e seguintes, n.º 1676 a 1689 ou, já em outubro de 1942, as n.º 3805 a 3810].

²¹ Em 1916 captou a sua irmã Luísa numa aula de golfe, em Biarritz (fotografia n.º 118, no 1.º álbum).

²² Consultar, nomeadamente, as imagens n.º 485 e 488 (de novembro de 1919, inseridas no 2.º álbum) onde, entre si e o seu Pai, aparece um faisão. Analisar também a fotografia n.º 1757 (no 5.º álbum), onde Ana Maria é retratada com uma espingarda, na varanda da quinta do Calhariz (novembro de 1928).

²³ Vemos imagens entre 1915 e 1917 em *Eastbourne*, onde também aparecem D. Amélia de Orleães, D. Manuel II, sua mulher D. Augusta Vitória de Hohenzollern-Sigmaringe, membros da família Asseca e amigos ingleses.

²⁴ Em 1918 na praia de Biarritz (1.º álbum).

²⁵ Aparecem fotografias já em 1914 (n.º 96, 98 e 99) e, depois, entre 1919 e 1936.

²⁶ Fotografias de junho de 1929 (n.º 1774 a 1778, no 5.º álbum).

²⁷ Em agosto de 1934 e setembro de 1946.

²⁸ O Baleal localiza-se junto a Peniche.



Ana Maria no Portinho da Arrábida, em setembro de 1932.
PT/AMLSB/BEK/005/001977

Para além de praticar desportos, também gostava de assistir a torneios dos seus desportos preferidos, nomeadamente:

- os de ténis, tendo estado presente no jogo do famoso tenista francês Marcel Bernard, em outubro de 1932 (na Parada, em Cascais²⁹);
- as corridas de cavalos no circuito de *Ascot* (em 1919³⁰ e 1921³¹), ou em *Ranelagh* (em junho de 1921³²), mas também em Portugal, no concurso de saltos na Palhavã (em Lisboa, no mês de maio de 1922³³), e na corrida de cavalos em Cascais (outubro 1931³⁴);
- os de futebol, designadamente no jogo que decorreu nas Laranjeiras (Lisboa³⁵, em março de 1922³⁶), onde participaram as equipas *Red Star*³⁷ e a *Interrogation Exclamation Team*³⁸. Mais tarde também aparecem fotografias de jogos no Estádio Nacional³⁹.

Sempre ouvi dizer que a minha Avó tinha uma força interior muito consistente, demonstrando uma grande dignidade, mesmo nas piores adversidades que teve de enfrentar. Depois do pro-



Diogo Manoel no Portinho da Arrábida, em junho de 1935.
PT/AMLSB/BEK/005/002148



Ana Maria com a sua filha Helena, na praia da Conceição Velha, em Cascais.
PT/AMLSB/BEK/004/001442

Diogo Manoel na Arrábida, em maio de 1935.
PT/AMLSB/BEK/005/002138

²⁹ Imagens n.º 1981 e 1982, no 5.º álbum.

³⁰ Fotografia n.º 316, no 2.º álbum.

³¹ Registos n.º 760 a 768, no 2.º álbum.

³² Imagens n.º 769 a 774, no 2.º álbum.

³³ Fotografias n.º 1042 a 1054, no 2.º álbum, onde aparece retratado o cavaleiro Filipe Vilhena.

³⁴ Registos n.º 1885 a 1889, no 5.º álbum.

³⁵ Fotografias n.º 1012 a 1027, no 3.º álbum.

³⁶ Entre a assistência aparece Luísa Anadia, Margarida Ferreira Pinto, Maria Eugénia d'Orey Correia de Sampaio, Maria Rebelo e a espanhola *Maritchu Padilla*, para além de Francisco Calheiros ("Chico"), José Cabral e José Prego.

³⁷ Esta equipa era composta, entre outros, por António Asseca, Jorge Arnoso, Francisco Correia Henriques ("Mico Seisal") e Eduardo Castro Pereira ("Tatu Pereira").

³⁸ Faziam parte desta equipa Álvaro Gil, Arouca, Carlos Bobone, João São Lourenço, Joaquim Vilar, Tomás Ferreira Pinto.

³⁹ Num jogo internacional, disputado no verão de 1943 (registos n.º 5610 a 5615, no 14.º álbum) e em maio de 1945 (imagens n.º 4969 a 4979, no 10.º álbum).

fundo desgosto que viveu na altura da morte do primeiro marido (1935), reagiu e focou-se na educação dos filhos, dando sempre uma atenção particular à filha mais velha que, desde cedo, se revelou como uma criança especial, necessitando de muita atenção. Esta acompanhava-a para todo o lado, de tal forma que, entre os amigos, se dizia: “A Helena Valbom é a sombra da Ana.” A este respeito lembro-me bem as histórias contadas pela tia “Maná”⁴⁰, recordando o carinho e o apoio que a Avó Ana sempre deu a esta filha.

A formação cristã marcou a sua personalidade. Os álbuns incluem diversas fotografias da sua participação num retiro espiritual⁴¹, imagens do altar-mor da capela do palácio do Rato⁴², que lhe serviam de recordação do espaço sagrado da casa de Lisboa⁴³. Também figuram fotografias da peregrinação realizada em maio de 1918⁴⁴ ao Santuário de *Lourdes*⁴⁵, para agradecer o fim da Primeira Guerra Mundial e a recente formatura do irmão Domingos, acabado de se licenciar na Universidade de *Cambridge*⁴⁶.

Aos 49 anos organizou uma festa religiosa⁴⁷ com os empregados agrícolas das suas propriedades⁴⁸, cuja celebração foi presidida por D. Manuel Mendes da Conceição Santos, arcebispo de Évora, que ministrou todos os sacramentos, à exceção da ordem⁴⁹. Esta iniciativa revela a forma responsável como vivia a sua fé.

Mais tarde, para assinalar a instalação do altar-mor na capela das Parchanas (estrutura que foi transferida do palácio do largo do Calhariz⁵⁰, em Lisboa), voltou a organizar uma festa, na qual participaram amigos e trabalhadores.

Todos os anos, para celebrar o Natal, distribuía presentes aos filhos dos empregados agrícolas e respetivas famílias.

[Imagem n.º 146 - Em janeiro de 1953 voltou a cumprir-se a tradição (estabelecida por Ana Maria) de distribuir presentes de Natal aos filhos e restante família dos funcionários agrícolas (imagem captada na herdade das Parchanas). PT/AMLSB/BEK/007/003086]

⁴⁰ Antónia Dupuich Pinto de Castelo Branco era amiga de infância da minha tia Helena.

⁴¹ Este retiro de formação religiosa foi organizado em abril de 1920 (fotografias n.º 529 a 534, integradas no 2.º álbum).

⁴² Imagens recolhidas em diversas alturas (1915, 1916 e 1918) e inseridas no 1.º álbum. Esta capela foi totalmente destruída pelo incêndio que eclodiu em 1981, época em que já ali estava instalada a Procuradoria-Geral da República.

⁴³ Mais tarde incluiu também uma fotografia da capela do palácio do Calhariz (n.º 3823, no 8.º álbum, recolhida entre fevereiro e abril de 1943).

⁴⁴ Imagens entre o n.º 257 e 269, no 1.º álbum.

⁴⁵ Mais adiante, também foram incluídas imagens duma outra deslocação a *Lourdes*, em maio de 1921, onde aparece sua Mãe (fotografias n.º 755, 758, 761 e 764 inseridas no 2.º álbum). A devoção de sua Mãe por santuários marianos era grande, o que a levou a oferecer a imagem do Sagrado Coração de Jesus que se encontra no recinto do Santuário de Fátima, daí ter sido incluída uma fotografia a cores desta escultura (registada no ano de 1954 e acondicionada no 7.º álbum, com n.º 3137). A informação relativa à oferta é confirmada nos apontamentos do padre Luciano Coelho Cristino, conservados no arquivo da Secção de Arte e Património do Santuário de Fátima (elemento que nos foi disponibilizado pelo Dr. Marco Daniel Duarte, diretor do Museu do Santuário de Fátima, a quem agradecemos estes dados).

⁴⁶ Imagens n.º 245 a 253, no 1.º álbum.

⁴⁷ Esta festa foi realizada a 29 de junho de 1952, na herdade das Parchanas (propriedade situada na estrada que liga Alcácer do Sal com o Torrão). Esta deslocação também vem registada no jornal *A Defesa* (a 5 de julho de 1952), numa notícia inserida na primeira página e intitulada “A visita do Sr. Arcebispo a casa Branca (Torrão)” Agradeço este elemento ao Dr. Pedro Miguel Conceição, colaborador deste periódico eborense.

⁴⁸ Fotografias n.º 3049 a 3054, no 7.º álbum.

⁴⁹ Nessa celebração, receberam a primeira comunhão 10 jovens que também foram retratados.

⁵⁰ O palácio foi vendido, sofreu várias obras e conjuntamente com o antigo palácio Sobral passaram a constituir um único edifício, à altura sede da Caixa Geral de Depósitos, situado no largo do Calhariz.

Para além do que acima foi referido, envolvia-se frequentemente nas obras da Igreja Portuguesa, nomeadamente no apoio à construção do Santuário do Cristo Rei, informação que vem registada no “Livro de Oiro do Monumento⁵¹ a Cristo Rei”⁵².

As suas atitudes solidárias serviram de exemplo ao seu filho Diogo que, ao longo da sua vida, tomou medidas inovadoras e, por vezes, mal vistas pelos seus pares, mas demonstrativas das suas preocupações com o bem-estar dos mais desfavorecidos que Deus tinha colocado no seu caminho:

- passou a pagar o décimo terceiro mês aos empregados rurais e contemplava-os com um período de férias anual.
- fez obras nas casas dos trabalhadores e contratou assistentes sociais para acompanharem as suas famílias, apoiando, por um lado, as carências ou necessidades escolares/educativas dos filhos e, por outro, fazendo face às eventuais insuficiências formativas e técnicas dos pais.
- organizou colónias de férias para acolher os filhos dos empregados, sobretudo das herdades agrícolas de Évora e de Alcácer do Sal. No verão, as assistentes sociais destas propriedades levavam as crianças para a casa da praia do Baleal (imóvel que tinha sido adquirido pela minha Avó para sua residência de férias, tal como vem retratado em diversos álbuns).



D. Manuel Mendes da Conceição Santos, arcebispo de Évora na herdade das Parchanas, em 1952, vendo-se também o padre Manuel da Silva Salvador⁵³.
PT/AMLSB/BEK/007/003054

⁵¹ PORTUGAL. Arquivo do Patriarcado de Lisboa – *Fundo D. Manuel Gonçalves Cerejeira (Cardeal Patriarca de Lisboa)*, “Secretaria Particular”, “Santuários”, “Santuário Nacional do Cristo Rei”, “Relatórios e contas”, Livro de Oiro do Monumento a Cristo Rei, exemplar manuscrito, datado de 6 de junho de 1956. PT-AHPL/PAT14-SP/N-02/02/004.

⁵² O Dr. Paulo Gonçalves, responsável pelo tratamento arquivístico do acervo do Santuário do Cristo Rei, informou-nos que, neste arquivo existe um Relatório de 1950, apresentado pelo padre Sebastião Pinto [Diretor do Secretariado Nacional do Monumento a Cristo Rei], por ocasião da Segunda Assembleia-Geral das Senhoras das Comissões Paroquiais da Cidade de Lisboa. Aí, Ana Maria aparece integrada no grupo da Paróquia das Mercês. Estes grupos tinham como objetivo dinamizar as ofertas destinadas à construção deste monumento. Pelo fornecimento desta informação, fica aqui o nosso agradecimento ao Dr. Paulo Gonçalves.

⁵³ Este sacerdote era o secretário do Senhor Arcebispo de Évora e, mais tarde, foi nomeado cônego, tal como referiu a irmã Maria Helena Cordovil, mestra das Servas da Santa Igreja, Ordem Religiosa que está a instruir o processo para a beatificação de D. Manuel da Conceição Santos. Também agradeço à irmã Maria Helena Cordovil estas informações.

- instalou um posto médico, que funcionava uma vez por semana, para apoiar os trabalhadores rurais.
- diligenciou a missão, através da estadia temporária de grupos de seminaristas nas herdades.
- promoveu festas de Natal, onde os trabalhadores representavam, cantavam e, no final, ofereciam presentes que eles próprios manufaturavam ao longo do ano, como colchas de malha, toalhas bordadas, ou objetos artísticos, executados sobretudo em cortiça ou osso. Posteriormente, o espólio artístico foi oferecido pelo meu Pai ao Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal.
- proporcionou educação escolar às empregadas domésticas, contratando professoras para virem a casa ministrar as aulas.

OS ÁLBUNS

Esta viagem ao sótão das minhas memórias, que tentei passar para o papel, sedimentou-se com um novo olhar sobre este conjunto de álbuns.

Estes álbuns surgem como um *diário ilustrado do tempo vivido* onde Ana Maria juntou, às fotografias por si captadas, outras que considerou importantes para completar o discurso de cada acontecimento. De modo a facilitar a compreensão das imagens, inscreveu algumas notas e comentários que hoje nos possibilitam recriar momentos e eventos do passado. Assim, é possível entrarmos no interior das fotografias e tornarmo-nos membros invisíveis de acontecimentos do passado, o que nos permite: contactar personagens com quem vamos ficando familiarizados; observar ambientes domésticos e espaços públicos; participar em festas, viagens, passeios de barco, piqueniques, torneios desportivos e idas à praia; tomar contacto com a evolução das modas; analisar as tendências políticas deste período; enfim, fazer parte dos outros acontecimentos para onde a autora destes álbuns nos convida e orienta como anfitriã.

As fotografias e a sua posterior organização foram expressão de várias vontades: o gosto pelo retrato, o desejo de registar momentos mais ou menos íntimos e o prazer de os recordar no futuro.

As imagens encontram-se geralmente organizadas por ordem cronológica (de 1912⁵⁴ até 1956). Este trabalho deveu-se à dedicação e minúcia da minha Avó que, com grande rigor, registou o nome das pessoas, dos locais, dos eventos e as respetivas datas. Esta tarefa exigiu-lhe muito tempo e empenho, mas fê-lo sempre de forma entusiástica. Era um dos seus *hobbies*, uma das suas maiores distrações. Quando revia estes álbuns, ou os mostrava aos mais íntimos, falava sobre os momentos vividos com intensidade: os locais onde a família viveu; os países que visitaram e os percursos seleccionados; os espetáculos ou as comemorações; as diversões



Fotografia de abril de 1950, onde aparecem as imagens de Ana Maria e de seu filho Diogo, refletidas numa bandeja de prata.
PT/AMLSB/BEK/007/002942



D. Manuel II com sua Mãe e Salvador Asseca, em Eastbourne.
PT/AMLSB/BEK/001/000150

⁵⁴ Existe apenas uma fotografia anterior, datada de 1908, que não foi executada pela minha Avó.



Helena Sousa e Holstein, D. Manuel II, sua mulher, para além de Luísa Sousa e Holstein Beck, e o conde de Figueiró (António de Vasconcelos e Sousa), na casa de D. Amélia em *Versailles*, imagem de julho de 1921.
PT/AMLSB/BEK/003/000914



D. Augusta Vitória de Hohenzollern-Sigmaringen (mulher de D. Manuel II) com Helena Sousa e Holstein, em *Twickenham*, fotografia de junho de 1920.
PT/AMLSB/BEK/002/000582

e as festas com os amigos⁵⁵; os animais de estimação que a acompanharam ao longo da vida⁵⁶; os períodos de lazer ou os dedicados ao desporto; as propriedades e as inovações que ali iam sendo introduzidas, nomeadamente através da aquisição de máquinas agrícolas modernas⁵⁷.

O gosto da minha Avó pela fotografia começou após a revolução republicana de 5 de outubro de 1910, quando tinha apenas oito anos. Partiu com os pais (Luís Borges Coutinho de Medeiros Sousa Dias da Câmara e Helena Maria Domingas de Sousa e Holstein, 4.^a duquesa de Palmela) para a Grã-Bretanha, acompanhando a Família Real que se exilara naquele país. Nessa altura, tomou contacto com as novas máquinas fotográficas que podiam ser transportadas com facilidade, permitindo que qualquer pessoa as utilizasse. Ficou certamente encantada e uma dessas máquinas passou a fazer parte dos seus objetos pessoais⁵⁸, com que, frequentemente, retratava os membros da família, os amigos e os acontecimentos que mais a marcaram durante o período do exílio⁵⁹. Podemos imaginar a ansiedade com que ficava, até chegar o momento de ir levantar os rolos que tinha deixado a revelar.

[Imagem n.º 004 Imagem de 1913, em *Torquay*, onde Ana Maria fotografou a família *Wigsell* e outros amigos, bem como a irmã Luísa que também aparece com uma máquina fotográfica. PT/AMLSB/BEK/001/000024]

Mas, rapidamente, a máquina fotográfica deixou de ser apenas um entretenimento e uma diversão, manifestando-se como uma inquietação de captura do quotidiano através de imagens expressivas, procurando maior perfeição e tentando alcançar um patamar mais sofisticado, através da captação de perspetivas inovadoras⁶⁰ (como as recolhidas de um ponto mais elevado ou as que fazem um jogo com os ambientes claro-escuro).

Por último, gostava de realçar a importância deste espólio em termos histórico, políticos, sociais e familiares.

Estes álbuns percorreram, de forma muito completa, a vida da minha Avó Ana, deixando-nos um conhecimento privilegiado de um passado não muito distante.

Através da consulta ficam na nossa memória a sua vida no exílio, a família e as relações próximas que mantinha com os membros da Casa Real Portuguesa, os amigos e as viagens realizadas durante esse período; apesar de viverem longe da Pátria, as fotografias mostram-nos que este afastamento foi um exílio dourado.

⁵⁵ O nome dos amigos mais chegados e os apelidos das famílias com que se davam frequentemente poderão ser facilmente pesquisados através da consulta do índice onomástico.

⁵⁶ Os cães eram “companheiros”, que sempre fizeram parte da sua vida, como está patente neste acervo.

⁵⁷ No primeiro álbum (nas fotografias n.ºs 40, 42, 47 e 76), vemos máquinas agrícolas que tinham sido introduzidas na quinta da Lagoalva (propriedade localizada junto ao rio Tejo, a cerca de 11 Km de Santarém).

⁵⁸ Logo em 1913, em *Torquay* (sudoeste de Londres), aparecem Ana Maria e a sua irmã Luísa com máquinas fotográficas (n.ºs 5, 7, 10, 24 ou 37, no 1.º álbum). Em algumas fotografias, surge também o amigo inglês, Sr. *Wigsell*, provavelmente o mentor desta “paixão”.

⁵⁹ Para percebermos a alegria que sentiu e a forte relação que criou com este aparelho, talvez seja interessante fazermos aqui um paralelo com os nossos dias: todos nos lembramos a emoção causada quando foram introduzidos os telefones portáteis, cujo uso se popularizou rapidamente na década de 90 do século XX, passando a ser um objeto de uso diário que já ninguém dispensa.

⁶⁰ A análise deste conjunto de fotografias é levada a cabo, nesta publicação, por diversos especialistas.

Em 1920 aparece retratado pela primeira vez o meu Avô Tatim⁶¹. Seguem-se o noivado e o casamento. Foi incorporada apenas uma fotografia deste dia⁶², o que também aconteceu relativamente às bodas dos seus irmãos António⁶³ e Maria José⁶⁴.

Após o casamento⁶⁵, Joaquim Manoel foi trabalhar para a agência do Banco Nacional Ultramarino de Paris⁶⁶. Com esta deslocação para França, a amizade com a família Castelo Branco solidificou-se⁶⁷, até porque Francisco Pinto Taborda Castelo Branco⁶⁸ também trabalhava no Banco,



Sala da casa de Paris, com armários onde se vê a escultura de bronze de Gégé, assim como alguns desenhos executados por Joaquim Manoel.

PT/AMLSB/BEK/004/001315



Piquenique realizado em abril de 1928, nos Capuchos (Sintra), onde aparecem, entre outros, os irmãos Maria Luísa, Domingos e Ana Maria, todos muito alegres e em profunda galhofa, cuja autoria é certamente de Joaquim Manoel.

PT/AMLSB/BEK/004/001644



Tatim (Joaquim Manoel), Ana Maria e Leonor Manoel nas termas de Nauheim (Alemanha), em julho de 1921.

PT/AMLSB/BEK/002/000791



Fotografia da Ana Maria e do seu futuro marido, Joaquim Manoel, de julho de 1921, em Nauheim.

PT/AMLSB/BEK/002/000797

⁶¹ Joaquim Tomás Carlos Bernardo Baltazar Manoel surge em julho e agosto de 1920, numa viagem que realizou a França, na companhia de sua Mãe, e onde também estavam as irmãs Palmela e sua Mãe Helena (fotografias n.º 616 até 656).

⁶² Este acervo inclui algumas imagens de casamentos mas notamos que, nas celebrações mais antigas, não aparecem muitas fotografias, talvez porque, até ao primeiro quartel do século XX, não seria hábito fazerem-se grandes reportagens fotográficas da festa, como depois passou a ser costume. Do casamento de Ana Maria possuímos apenas a fotografia (n.º 1240, no 3.º álbum).

⁶³ Imagem de 1915, n.º 49, no 1.º álbum.

⁶⁴ Registos de fevereiro de 1923, n.ºs 861 a 865, no 2.º álbum.

⁶⁵ Casaram a 5 de fevereiro de 1924.

⁶⁶ O Banco Nacional Ultramarino (BNU) foi incorporado na Caixa Geral dos Depósitos (CGD). Segundo informação do Dr. Rui Miguel Costa (técnico do Gabinete do Património Histórico da CGD, e a quem agradecemos os dados fornecidos), entre a documentação da antiga filial do BNU de Paris foi encontrada uma ficha do funcionário Joaquim Manoel, com uma fotografia e dados pessoais. Estes dados referem que se tratava do conde de Valbom, nascido a 5 de fevereiro de 1898, assinalando a sua filiação e indicando que possuía uma descendente, Helena Manoel. No entanto, no e-mail remetido pelo Dr. Rui Miguel Costa foi indicado que esta documentação ainda não possui referência arquivística porque a descrição deste acervo não se encontra concluída. Por outro lado, parte da documentação da filial de Paris encontra-se na atual sede da CGD, não estando disponível para consulta pública. Assim, não nos foi possível recolher mais dados.

⁶⁷ Consultando o 4.º álbum, vemos momentos passados em casa dos amigos Pinto Taborda Castelo Branco (na povoação de Recloses, perto de Paris), em julho de 1924 (n.º 1316 a 1331 e n.º 1338), em julho e agosto de 1926 (n.º 1407 a 1432) e em agosto de 1927 (n.º 1473 a 1502). Depois aparecem também imagens duma visita à casa de Vale dos Prazeres, propriedade da mesma família, localizada na Beira (fotografias n.º 1514 a 1518 e n.º 1523).

⁶⁸ Era casado com Simone Claire Marie Joseph Dupuich e tiveram uma filha que nasceu no ano anterior ao nascimento da tia Helena Manoel. As duas raparigas – Helena e Antónia Dupuich Pinto de Castelo Branco (entre nós tia Maná) – mantiveram a amizade toda a vida.

juntamente com o meu Avô Tatim⁶⁹. Este meu Avô, para além de desenhar muito bem⁷⁰, ficou perpetuado como uma pessoa charmosa e bem-disposta. Divertia-se e sabia divertir os outros, criando à sua volta um ambiente alegre⁷¹.

As viagens têm um lugar marcante neste *diário ilustrado*⁷². Nos três primeiros álbuns (1908 a 1922) são frequentes as deslocações em Inglaterra, as estadias em França e as vindas a Portugal, registando-se também uma passagem pela Alemanha. Em julho de 1922, Helena Maria Domingas de Sousa e Holstein faz uma viagem de quatro meses⁷³ com as suas três filhas e a sua dama de companhia (Minnie⁷⁴). Nela, participam também Leonor Manoel e os seus dois filhos, Duarte (noivo de Maria) e Tatim (futuro marido de Ana Maria). A viagem teve início em Inglaterra, em julho, e prosseguiu por França, em agosto e setembro, passando depois para a Península itálica, durante os meses de outubro e novembro de 1922.

Já casada, foi viver para Paris (de 1924 a 1927) onde nasceu a sua primeira filha.



Pavilhão português na Exposição Internacional de Paris de 1937.
PT/AMLSB/BEK/006/002356



Alameda principal da Exposição Internacional de Paris de 1937, com a torre Eiffel ao centro, à esquerda o pavilhão alemão e à direita o pavilhão da União Soviética.
PT/AMLSB/BEK/006/002373

⁶⁹ Segundo nos foi transmitido pela tia Teresa Castelo Branco Cabral (irmã da tia Maná), quando os seus pais voltaram para Portugal, a minha Avó Ana disse à amiga Simone Dupuich Castelo Branco que ela iria sentir uma grande diferença com a mudança de Paris, uma vez que a sociedade lisboeta era muito intriguista e mesquinha.

⁷⁰ Deixou uma coleção de desenhos e diversas caricaturas bem-humoradas, para além de uma escultura com o busto de um camponês com barrete.

⁷¹ Exemplo disso, são as imagens n.ºs 627, 804, 867, 1264, 1276, 1326, 1575 ou, no Carnaval de 1928, os retratos n.ºs 1634 a 1643.

⁷² Ana Maria fez destas deslocações uma “Universidade” que lhe abriu a mente.

⁷³ Fotografias 1087 até 1215 [3.º álbum].

⁷⁴ Minnie (Miss Mary Alice Rice) era uma senhora inglesa, dama de companhia de Helena Maria Domingas de Sousa e Holstein. Após a morte da duquesa de Palmela, a Minnie foi viver para casa de Maria José de Sousa e Holstein Beck (irmã de Ana Maria), no palácio do Monteiro-Mor, situado na freguesia do Lumiar, em Lisboa, onde hoje funciona o Museu Nacional do Traje e da Moda. Quando a Minnie morreu a 21 de janeiro de 1958, o seu caixão foi depositado na cripta do jazigo Palmela, localizado no cemitério dos Prazeres, em Lisboa.

Quando regressaram para Portugal, organizaram várias deslocações pelo país. Em 1928, foram a Espanha⁷⁵ onde voltaram em 1930, para verificarem as alterações que a Exposição Internacional de Barcelona (que decorreu entre 1929 e 1930), tinha provocado na cidade⁷⁶.

Passado algum tempo sobre a morte do marido (em dezembro de 1935), fez uma grande viagem pelo norte da Europa (entre julho e setembro de 1937), que se iniciou com a visita à Exposição Internacional de Paris, pouco tempo antes do início da Segunda Guerra Mundial.

Depois do seu casamento com António Teixeira, percorreram o Algarve, o Alentejo e as Beiras⁷⁷.

As férias na praia, seguidas de uma temporada nas termas⁷⁸, eram rituais que se mantiveram durante alguns anos. Até ao fim da sua vida, sucederam-se viagens à Suíça (em 1947, 1948 e 1949, onde também iam a termas), à Madeira (em dezembro de 1949), a Espanha, a França e a Itália. A partir desta época, a atividade fotográfica que tanto a apaixonara, deixa de se materializar. Nas últimas viagens já recorria, frequentemente, a fotografias compradas, para completar o seu *diário*.

Ana Maria transmitiu ao segundo filho o interesse pela fotografia.

Na visita a Angola, que o meu Pai fez em agosto/setembro de 1948 (com seus tios António Asseca e Maria Luísa de Sousa e Holstein Beck, e sua prima Helena), era já bem patente este gosto. Nas notícias dos jornais aparecem descrições desta viagem, como na primeira página do *A Huila – semanário defensor dos interesses da Província da Huila* (de 6 de setembro de 1948), ou no jornal *A Província de Angola*. Neste último periódico, refere-se o aparecimento de “... indígenas com estranhos penteados embebidos em banhas, de formas caprichosas. As *Mahumbe* e as *Mundimbá*, tribos negras da região, rivalizam nas originalidades capilares. Novas cenas de batuques – eles separados delas. Elas mulheres esbeltas...”. A câmara lá estava e também capturou a beleza das danças (n.º 5876, 5878 e 5880), a originalidade dos penteados com decorações especiais (n.º 5872, 5875, e 5877), bem como uma nativa com ornamentações na barriga, obtidas através de incisões levadas a cabo na pele (n.º 5874). Este 15.º álbum incluía ainda imagens de cerimónias oficiais, de etapas marcantes da viagem, de edifícios e grandiosas paisagens.

Este conjunto de fotografias permitiu trazer África até junto da família.

[Imagem n.º 143 Diogo Manoel na viagem à Madeira (1949) com máquina fotográfica. PT/AMLSB/BEK/007/002918]

O meu Pai também enriqueceu este conjunto documental, com fotografias de sua autoria na segunda parte do 7.º álbum, no 11.º álbum e no 14.º álbum. No 11.º álbum relata o itinerário que fez em 1951, com Maria Manuela e Vasco Albuquerque d’Orey (seus futuros sogros), para irem

⁷⁵ Designadamente ao Escorial, a Sevilha e a Toledo.

⁷⁶ Esta viagem de carro decorreu entre julho e agosto de 1930, tendo incluído, não só a visita a Barcelona, mas também existem registos da passagem por Valência e Santander (imagens registadas com os n.ºs 1821 até 1844, no 5.º álbum).

⁷⁷ Este itinerário decorreu entre abril e maio de 1938. Não saíram do país porque a Guerra Civil Espanhola (1936-1939) ainda não tinha acabado, o que certamente determinou a escolha deste roteiro.

⁷⁸ As temporadas nas termas de Rádio (1938 e 1940) ou do Luso (1943) faziam lembrar os tempos de juventude e as estadias nas termas francesas (de *Royat*) ou alemãs (em *Nauheim*).



Diogo Manoel de braço dado com o futuro sogro, Vasco Jara de Albuquerque d'Orey, em 1951. PT/AMLSB/BEK/011/005435

ter com José Luís (seu amigo e futuro cunhado), que tinha terminado um estágio na Holanda. A viagem prosseguiu pela Bélgica, França e terminou em Itália.

A minha Avó, na sua “diáspora”, também registou momentos históricos.

Os reflexos da Primeira Guerra Mundial fizeram-se sentir nos primeiros álbuns, através de retratos captados no campo de treinos das tropas portuguesas⁷⁹, por meio das imagens que retratam o desfile de militares e de navios⁸⁰, ou ainda através das fotografias recolhidas na visita realizada a França (em julho de 1919), onde foram ver, não só as ruínas de *Villers-Cotterêts*, mas também as da Catedral de *Soissons*. Nesta viagem figuram igualmente imagens do cemitério americano localizado em solo francês⁸¹, seguindo-se a vinda a Portugal⁸², para depois regressar a Londres.

Nas idas para as termas de *Royat* (em França), contactam com o ex-primeiro ministro francês, *Georges Benjamin Clemenceau*, em julho de 1920⁸³.

Em agosto de 1933, Ana Maria captou a passagem por Lisboa do avião de *Italo Balbo* (imagens n.º 2006 a 2008, no 5.º álbum). Este aviador, militar e político italiano opôs-se à legislação radical contra os judeus e, mais tarde, expressou o seu desapontamento a *Mussolini* pelo apoio dado a *Adolf Hitler*.

Nos anos 30, o ambiente social, económico e político na Europa era cada vez mais instável. Em 1936 eclodiu um grave conflito armado em Espanha, a Guerra Civil Espanhola⁸⁴. Em Portugal foi então constituída a Legião Portuguesa⁸⁵ que integrava a Brigada Naval.



Militares portugueses no campo de treinos de *Harsham*, localizado a 50 km a sul de Londres, fotografias executadas em 1918. PT/AMLSB/BEK/001/000227 e PT/AMLSB/BEK/001/000238

⁷⁹ Fotografias n.º 224 a 244 (1.º álbum), executadas em 1918, no campo militar de *Harsham*, localizado a 50 Km a sul de Londres. São registados nomes de alguns militares, como Beires, Gaivão, Gouveia, Oliveira, Torres e C. Teixeira.

⁸⁰ Fotografias entre os n.ºs 324 e 338 (2.º álbum), em Londres (julho 1919), onde participaram soldados de várias nacionalidades, designadamente americanos, franceses e portugueses.

⁸¹ Consultar as fotografias registadas com os n.ºs 337 até 342 (2.º álbum).

⁸² O ano de 1918 insere-se no período do sidonismo. Será de realçar que este é também o ano marcado pela pneumónica (ou gripe espanhola), que causou a morte a muitas pessoas. No entanto, estes álbuns nada fazem transparecer sobre este enorme flagelo.

⁸³ Imagens n.ºs 594 e 599, no 2.º álbum.

⁸⁴ Esta guerra civil teve início em julho de 1936 e terminou em abril de 1939.

⁸⁵ A Legião Portuguesa foi criada oficialmente pelo Decreto-Lei n.º 27.058, de 30 de setembro de 1936, onde se referia que “O legionário defende a Pátria e a ordem social [...] e afirma solenemente o seu respeito pelo património espiritual da Nação [...] repudia e combate em todos os campos as doutrinas subversivas, nomeadamente o comunismo e o anarquismo.”

Consciente da gravidade da situação e ciente das suas obrigações, Ana Maria envolveu-se em trabalhos na Brigada Naval e resolveu inscrever-se num curso de enfermagem⁸⁶, organizado pela Cruz Vermelha Portuguesa⁸⁷, que decorreu nas instalações de Lisboa, no palácio da Rocha de conde de Óbidos.

Em 1937 assistiu a desfiles da Legião Portuguesa nas ruas de Lisboa e no quartel de Metralhadoras I⁸⁸. Envolveu-se na organização da missa campal da Legião Portuguesa que teve lugar na quinta do Calhariz⁸⁹ e participou no almoço que decorreu na mesma quinta, onde estiveram presentes membros da Brigada Naval⁹⁰. No final desse ano tomou parte na organização da árvore de Natal da Brigada Naval⁹¹, destinada a crianças desfavorecidas⁹².

As fotografias de 1938, também revelam as preocupações e a tensão que se vivia na sociedade portuguesa, numa época em que para lá da fronteira se desenrolava uma sangrenta guerra civil. São incluídas fotografias que retratam a receção de falangistas, documentando também a parada na avenida da Liberdade⁹³, formando diante do monumento aos Combatentes da Primeira Grande Guerra.

Para apoio da Brigada Naval são organizados bailes⁹⁴ ou festas⁹⁵. Por seu turno, também foi registado um jantar para angariar fundos destinados à Legião Portuguesa⁹⁶. Nestes encontros é que Ana Maria conheceu António Teixeira, com quem depois veio a casar.

⁸⁶ Fotografias n.º 2279 e 2280 [5.º álbum], de maio/junho de 1937. Até à data nada foi encontrado sobre Ana Maria no acervo documental da Cruz Vermelha Portuguesa; deixo aqui o meu agradecimento à Senhora D. Luísa Nobre [responsável deste Arquivo] por ter efetuado esta investigação.

⁸⁷ Mais tarde, aparecem imagens onde se vê o apoio de Ana Maria à Cruz Vermelha [dezembro de 1946], na altura em que a imagem de Nossa Senhora de Fátima veio a Lisboa [fotografias n.º 4997 a 5001].

⁸⁸ Imagens n.º 2273 a 2278, no 5.º álbum, de maio de 1937.

⁸⁹ Registos n.º 2281 a 2290, no 5.º álbum, iniciativa organizada em junho de 1937.

⁹⁰ Este almoço decorreu no dia 24 de julho de 1937 [fotografias n.º 2295 a 2303, no 5.º álbum], tendo sido convidadas diversas senhoras [nomeadamente “Dina Perestrelo, França Teotónio Pereira, Gina Trigoso, Mariana, Maria Luísa Ferreira de Andrade, Vivite, Vanda, Elizabeth Tenreiro, Juliete Leão, Maria Amália Formosinho Sanches, Bé Proença, Maria Bernardina Perestrelo”], bem como alguns homens [designadamente o “António Potier, Formosinho Sanches, Manuel Guedes, comandante Henrique dos Santos Tenreiro, Teotónio Pereira, Sebastião, Ferreira de Andrade, Leão”]. Será também de realçar a fotografia n.º 5553, do álbum 12, onde aparece um grupo de pessoas, certamente numa reunião da Brigada Naval com Ana Maria e o comandante Henrique Ernesto Serra dos Santos Tenreiro [oitavo a contar da esquerda].

⁹¹ Fotografia n.º 2340, no 5.º álbum.

⁹² Foi solicitada a pesquisa de elementos no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, e o Dr. Paulo Tremoceiro [Chefe da Divisão de Comunicação e Acesso, a quem agradecemos esta colaboração], informou que no Fundo da Legião Portuguesa [Brigada Naval], no Fundo da Mocidade Portuguesa e no Arquivo Fotográfico do Jornal *O Século* não foi encontrado nada sobre Ana Maria.

⁹³ Fotografias n.º 3230 a 3232, no 8.º álbum, de fevereiro de 1938.

⁹⁴ A fotografia n.º 3233 retrata um baile a bordo do navio “Moçambique” [imagem de fevereiro de 1938, inserida no 8.º álbum]. Nesta imagem podemos ver um letreiro, colocado na parede, que refere: “Consumação obrigatória por mesa 20\$00”.

⁹⁵ Fotografia da festa no “Cabaret do Parque Sabrosa, antes do fogo”, em junho de 1938, onde se vê António Teixeira do lado esquerdo [n.º 3410, no 8.º álbum].

⁹⁶ Fotografia do jantar que teve lugar na Severa, em julho 1938 [n.º 3411, no 8.º álbum].



Refeição de crianças do bairro da quinta da Calçada, em maio de 1940, onde aparece Ana Maria (segunda a contar da direita) vestida de bata branca. PT/AMLSB/BEK/008/003582

Em maio de 1940, Ana Maria aparece a trabalhar no bairro da quinta da Calçada⁹⁷, cuja inauguração oficial ocorreu em junho, com a presença de D. Manuel Gonçalves Cerejeira, cardeal patriarca de Lisboa, do então general António Óscar de Fragoso Carmona, Presidente da República, do eng.º Duarte José Pacheco, ministro das Obras Públicas e Comunicações, para além de Ana Maria, do seu marido, António Teixeira, e de outras personalidades.

Também foi registado um acontecimento cultural importante que marcou a vida da cidade: a abertura da Exposição do Mundo Português⁹⁸, com um cortejo pelas ruas (em junho de 1940) e a abertura da Exposição dos Primitivos Portugueses (que decorreu numa nova área do Museu de Arte Antiga).

O inverno rigoroso de 1944/1945, que cobriu Lisboa de neve, foi retratado através das brincadeiras de crianças⁹⁹ e de vistas da cidade¹⁰⁰.

Neste pequeno trabalho foi impossível contextualizar todas as fotografias que despertaram a minha atenção ao longo de mais de 5.900 imagens. Os registos apresentados são fruto de uma abordagem e de uma seleção pessoal, às quais faltou tempo de maturação. Além disso, outros elementos poderão ser recolhidos, nomeadamente no acervo documental do Arquivo da Casa Palmela¹⁰¹, ou nos diversos álbuns fotográficos de outros ramos da família Palmela¹⁰², os quais irão completar a informação preservada no conjunto agora descrito.

⁹⁷ Imagens n.º 3582 a 3589 (8.º álbum). No mesmo álbum aparece, mais adiante (em 7 de fevereiro de 1943, registo n.º 3811), uma fotografia do casamento de nove casais de moradores da quinta da Calçada, em que Ana Maria e Vana Maria Pombo foram as madrinhas. Para recolha de mais informação sobre o bairro da quinta da Calçada, poderá ser consultado, no Arquivo da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, a documentação da Comissão de Ação Social dos Bairros Municipais, nomeadamente a correspondência (PT-SCMLSB/CASBM/BQC), bem como os relatórios diários do movimento social ou os mapas de inscrição nos Centros Sociais (PT-SCMLSB/CASBM/MA).

⁹⁸ Fotografias n.º 3590 a 3617 e n.º 3719 a 3734 e 3736 (8.º álbum).

⁹⁹ Boneco de neve na fotografia n.º 5665 (no 14.º álbum).

¹⁰⁰ Fotografias n.º 3919 a 3931, no 8.º álbum (a última, em Monsanto, com as irmãs Dina e Lipique Perestrelo) e a n.º 5664, no 14.º álbum.

¹⁰¹ Para tal poderá ser consultado o Arquivo Nacional da Torre do Tombo (designadamente em: <http://digitarq.dgarq.gov.pt/details?id=4161662>), ou o arquivo acondicionado no palácio do Calhariz (perto de Sesimbra).

¹⁰² Como sejam os excelentes acervos conservados em casa dos Póvoa (na Arrábida), dos Campilho (em Cascais) ou dos Taborda Ferreira (em Sintra, aqui com conjuntos fotográficos reunidos por António Assoca).

Este trabalho só foi possível devido ao contributo de todos aqueles que, conhecendo de perto a minha Avó e o meu Pai, me transmitiram, generosamente e com muito carinho, as suas memórias. Também quero agradecer aos que disponibilizaram elementos documentais, imprescindíveis para a elaboração desta apresentação.

Para finalizar, queria agradecer à minha Avó e ao meu Pai a riqueza das suas vidas e o testemunho que nos legaram.

Fontes

PORTUGAL. Arquivo da Caixa-Geral de Depósitos – *Banco Nacional Ultramarino*, “Documentação da antiga filial de Paris”, Processo individual de Joaquim Tomás Carlos Bernardo Baltazar Manoel.

PORTUGAL. Arquivo do Patriarcado de Lisboa – *Fundo D. Manuel Gonçalves Cerejeira [Cardeal Patriarca de Lisboa]*, “Secretaria Particular”, “Santuários”, “Santuário Nacional do Cristo Rei”, “Relatórios e contas”, Livro de Oiro do Monumento a Cristo Rei, exemplar manuscrito, datado de 6 de junho de 1956. Código de referência PT-AHPL/PAT14-S-P/N-02/02/004.

PORTUGAL. Arquivo da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa – *Administração das Cozinhas Económicas e Sopa dos Pobres*, “Administração”, Livro de Atas da Assembleia Geral da Sociedade Protetora das Cozinhas Económicas de Lisboa. Código de referência PT-SCMLSB/ACESP/AD/01/001.

– *Administração das Cozinhas Económicas e Sopa dos Pobres*, “Administração”, Livro de Atas das Reuniões da Direção da Sociedade Protetora das Cozinhas Económicas de Lisboa. Código de referência PT-SCMLSB/ACESP/AD/02/001 e 002.

– *Comissão de Ação Social dos Bairros Municipais*, “Gestão Administrativa”, “Correspondência”. Código de referência PT-SCMLSB/CASBM/BQC.

– *Comissão de Ação Social dos Bairros Municipais*, “Movimento da Assistência nos Centros Sociais”, “Mapas de inscrição nos Centros Sociais”. Código de referência PT-SCMLSB/CASBM/MA.

– *Comissão de Ação Social dos Bairros Municipais*, “Movimento da Assistência nos Centros Sociais”, “Relatórios diários do movimento social”. Código de referência PT-SCMLSB/CASBM/MA.

PORTUGAL. Arquivo do Santuário do Cristo Rei – *Monumento a Cristo Rei*, “Secretariado Nacional”, “Comissões Paroquiais da Cidade de Lisboa”, Relatório apresentado pelo Padre Sebastião Pinto durante a Segunda Assembleia-Geral das Senhoras das Comissões Paroquiais da Cidade de Lisboa, datado de 1950.

PORTUGAL. Arquivo do Santuário de Fátima – *Santuário de Fátima*, “Secção de Arte e Património”, “Recinto”, “Monumento e Estátua do Sagrado Coração de Jesus”, Apontamentos do Padre Luciano Coelho Cristino.

Bibliografia

A Defesa: Diário da tarde: Dar Deus a Portugal e Portugal a Deus. Évora. Gráfica Eborense. Ano XXX, série diária nº 832 [813], [5 de Julho de 1952], p. 1.

ANJOS, Amador – *Oficinas de São José: os Salesianos em Lisboa*. Lisboa: Colégio Salesianos Oficinas de São José, 1999.

PORTUGAL. Presidência do Conselho de Ministros – *Cumpriu-se o mar: a arte e a missionação na rota do Oriente*. In *Os descobrimentos portugueses e a Europa do Renascimento*. 1.ª edição. Lisboa: Presidência do Conselho de Ministros: Comissariado para a XVII Exposição Europeia de Arte, Ciência e Cultura: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1983. Vol. 2-Jerónimos.



319
myself, Carolus, Luiza
Emmismore Gardens
London, July 1919



320
myself, Luiza
Carolus
Emmismore Gardens
London, July 1919



321

Maiden head



322
Antonio, Luiza, myself
London, July 1919



323
Luiza, Antonio,
Carolus
London July 1919



324

Peace Pageant, July 12th 1919
Americans passing
London



325

Peace Pageant, London, July 12th 1919
Foreigners passing



326

Maiden head



327

Peace Pageant, London, July 12th 1919
Marshal Haig.



BEK
328

Peace Pageant, London, July 12th 1919
Portuguese passing

Coleção de Álbuns de Fotografia de Ana Maria Holstein Beck: genealogia e títulos Ana Saraiva*

A coleção dos álbuns de fotografia de família concebida por Ana Maria José Francisca de Paula de Sousa e Holstein Beck (1902-1966) regista diversos aspetos suscetíveis de interesse no seu conteúdo para a abordagem de diferentes áreas científicas, sobretudo das ciências sociais [nomeadamente História, Genealogia, Filosofia, Sociologia e Antropologia].

Nestes álbuns são perceptíveis, entre outros factos, a multiplicidade de relações pessoais de Ana Maria, percebendo-se que, para além dos familiares diretos, são protagonistas também outros indivíduos presentes em diferentes fotografias, os quais estão retratados nas diversas fases da sua vida. As fotografias destes álbuns são acompanhadas por legendas, considerando estas como uma particularidade que a sua autora lhes atribuiu identificando, além dos locais e datas a que se reportam, os protagonistas de cada uma. Assim, interessou perceber quais as relações que tinham com Ana Maria Holstein Beck, tendo em conta que esta se inseria numa família detentora de vários títulos nobiliárquicos. Por conseguinte, e a partir desta informação, desenvolveu-se uma investigação, através de uma perspetiva genealógica.

Através da análise das legendas foi possível perceber que os nomes referidos, em diversas fotografias, não correspondem apenas ao nome próprio do indivíduo identificado, mas ao nome próprio acompanhado por um segundo nome que, depois de alguma investigação se concluiu que, em muitos casos, não era o apelido de família, mas sim o nome do título nobiliárquico¹ da família a que pertencia, como se verifica nos seguintes exemplos: “Carolina Asseca”, que corresponde a Carolina Maria Matilde Corrêa Henriques (1877-1953), que casou com o 9º visconde de Asseca; “Maria Helena Oliveiras”, que corresponde a Maria Helena Correia de Sá Pinto Leite (1901-?)², filha do 3º visconde dos Oliveiras; “George Arnoso”, que corresponde a Jorge Maria Baltazar Pinheiro de Melo (1904-1965), filho do segundo casamento do 1º conde de Arnoso; “Luiza Anadia”, que corresponde a Luísa Maria de Sá Pais do Amaral (1899-?), filha do 5º conde da Anadia; ou ainda “Maria Póvoa”, que corresponde a Maria Matilde de Sousa e Holstein Beck, (1920-2007), segunda filha do 5º duque de Palmela.

No entanto, convém salientar que desde a implantação da república em Portugal, estes títulos foram extintos, estando expresso na Constituição da República Portuguesa, de 1911, que todos os cidadãos portugueses têm o direito à igualdade social, sendo iguais perante a lei, negando todos os privilégios de nascimento e todos os foros privados, os títulos nobiliárquicos e as or-

¹ São qualificações de carácter honorífico com as quais se denominam, umas vezes os soberanos e membros das respetivas famílias, outras vezes indivíduos a quem a Coroa agraciou por serviços prestados, através de um modo distinto, vitalício e frequentemente transmissível à descendência.

² Neste texto algumas datas são substituídas por pontos de interrogação por desconhecimento ou por falta de confirmação das mesmas.



George Arnoso, Maria Helena Oliveiras. Cabo da Roca, Sept. 1919
[Jorge Maria Baltazar Pinheiro de Melo, filho do segundo casamento do 1º conde de Arnoso e Maria Helena Correia de Sá Pinto Leite, filha do 3º visconde dos Oliveiras, no Cabo da Roca, em setembro de 1919]
PT/AMLSB/BEK/001/000405



Domingos, L. Anadia, Chapim
[Domingos de Sousa Holstein Beck filho da 4ª duquesa da Palmela, Luísa Maria de Sá Pais do Amaral, filha do 5º conde da Anadia e Maria da Assunção de Sá Pais do Amaral, filha do 1º conde de Alferrade, em Alferrade, em janeiro de 1922]
PT/AMLSB/BEK/003/000991



Versailles. Queen's House, July 1921
Queen, King, Mother, Queen Amélia. Garden
[Rainha Vitória, rei D. Manuel II, 4ª duquesa de Palmela e rainha D. Amélia, no jardim da casa de rainha D. Amélia, em Versailles, em julho de 1921]
PT/AMLSB/BEK/003/000915

dens honoríficas. Contudo, isto não impediu que os títulos continuassem a ser reconhecidos pelo rei D. Manuel II (1889-1932), já em exílio, a nível particular. Após a sua morte, foram criadas instituições para esse efeito. Inicialmente surgiu a Comissão de Verificação e Registo de Mercês, dando lugar, em 1946, ao Conselho de Nobreza, o qual foi substituído pelo Instituto da Nobreza Portuguesa, em 2004. Contudo, salienta-se que estes organismos não têm qualquer interveniência civil perante o Estado. Estes títulos têm, unicamente, validade fora da esfera oficial, pois os descendentes das famílias titulares de outrora pretendem, sobretudo, manter a herança histórica dentro do seu círculo social.

À medida que se avançou no estudo, foi-se gradualmente constatando que uma parte considerável daqueles indivíduos se relacionava com a Ana Maria e Holstein Beck através de diversas formas de parentesco familiar, direto e indireto. Consequentemente, resolveu-se sistematizar estas relações numa árvore genealógica, que, após a sua conclusão, se revelou de grande complexidade, contudo, espelha bem o intrincado de relações entre as famílias da aristocracia portuguesa.

Todavia, nas fotografias surgem indivíduos que poderão não estar contemplados na árvore genealógica pela impossibilidade de definir a sua identidade, outros porque serão apenas amigos circunstanciais ou de meras afinidades e, ainda outros que, sendo os empregados da família, são de difícil identificação. Por outro lado, estão também representados na árvore genealógica indivíduos que não constam nas fotografias, para se perceber melhor a história genealógica das pessoas relacionadas com Ana Maria de Sousa Holstein Beck, bem como dos diferentes indivíduos que, segundo revelam as fotografias, fazem parte do seu círculo de relações pessoais.

Na árvore genealógica que os álbuns de fotografia de Ana Maria Holstein Beck permitiram elaborar é manifesto que esta descende de duas casas importantes da aristocracia portuguesa, tal como está destacado na árvore pelas linhas azul e laranja, respetivamente, a Casa Palmela e a Casa Póvoa. Todavia, ainda se constata que, para além dos títulos de duque de Palmela e conde da Póvoa, a sua família reúne, por atribuição régia, por matrimónio e por falta de descendência de familiares de linhas colaterais, os títulos de conde da Atalaia, conde do Calhariz, do Faial, visconde de Lançada, marquês de Monfalim, marquês de Tancos, conde de Sanfré, no Piemonte, conde de Seia, marquês de Sesimbra (título não representado na árvores genealógica) marquês de Sousa Holstein e conde de Valbom.

Podemos observar na árvore genealógica que o ducado de Palmela foi fundado por Pedro de Sousa Holstein, 1º duque de Palmela (1781-1850), título que lhe foi atribuído, em 1833 – em substituição do título de duque do Faial adquirido no mesmo ano – por D. Pedro IV (1798-1834), regente por menoridade de D. Maria II (1819-1853), a qual lho concedeu por juro e herdade³ já após a sua morte, em 1850. Pedro de Sousa Holstein fora, anteriormente, conde e marquês do mesmo nome, títulos atribuídos, respetivamente, em 1812 e 1823.

³ Esta expressão significa que o soberano que instituiu o título desejava que este fosse renovado na linhagem do primeiro titular.

Por morte prematura do primogénito varão, Alexandre de Sousa e Holstein [1812-1832], Domingos de Sousa Holstein, 2º duque de Palmela [1818-1864], segundo filho varão de Pedro de Sousa Holstein herda o título da Casa Palmela. Por quebra de varonia, os terceiro e quarto titulares desta Casa foram duas mulheres, Maria Luísa de Sousa Holstein, 3ª duquesa de Palmela [1841-1909] e Helena Maria Domingas de Sousa Holstein, 4ª duquesa de Palmela [1864-1941]. Foi 5º duque de Palmela, Domingos de Sousa e Holstein Beck [1897-1969], irmão de Ana Maria de Sousa e Holstein Beck. Também neste caso, o título é adquirido por morte prematura do primogénito varão, António Maria de Sousa e Holstein Beck [1892-1941]. Luís Maria da Assunção de Sousa e Holstein Beck [1919-1997] foi o 6º duque de Palmela e sucede-lhe o seu filho, Pedro Domingos de Sousa e Holstein Beck [1951-], 7º duque de Palmela.

Todavia, a Casa Palmela remonta à Casa dos Sousas do Calhariz, sendo o avô paterno de Pedro de Sousa Holstein, Manuel de Sousa [1703-?], originariamente, senhor do Calhariz e o seu pai, Alexandre de Sousa Holstein [1751-1803] senhor da Casa dos Sousas do Calhariz. Em 1823, é criado por D. João VI [1767-1826], o título de conde do Calhariz, atribuído a Alexandre Domingos António Maria de Sousa e Holstein [1812-1832], filho primogénito de Pedro de Sousa Holstein.

Porém, pelo casamento do avô paterno de Pedro de Sousa Holstein com Mariana Leopoldina, princesa de Schleswig-Holstein-Sonderburg-Beck [1717-1789], filha de Frederico Guilherme I, duque de Schleswig-Holstein-Sonderburg-Beck, Alemanha, [1682-1719] e de Antónia Isnardi di Castello, condessa de Sanfré [1692-1762], a Casa Palmela também descende da aristocracia europeia. Assim se explica a herança do título de conde de Sanfré, no Piemonte, em Itália, por Pedro de Sousa Holstein e a existência dos apelidos Holstein Beck no nome dos seus descendentes. Contudo, o apelido Beck apenas será introduzido na 4ª geração do ducado de Palmela.

Em 1833, a Casa Palmela adquire outro título pela atribuição do título de marquês do Faial a Domingos António Maria Pedro de Sousa e Holstein, 2º conde de Calhariz, conde de Sanfré, no Piemonte, 2º conde da Póvoa e 2º duque de Palmela [1818-1864]. Depois do casamento deste, em 1836, com Maria Luísa de Noronha e Sampaio [1817-1891], entra na Casa Palmela o título de conde da Póvoa na sequência daquela se tornar a única herdeira de Henrique Teixeira de Sampaio, 1º conde da Póvoa e 1º barão de Teixeira [1774-1833], após a morte de seu irmão, João Maria Teixeira de Sampaio [1826-1837], herdeiro do título. Este título foi criado, em 1823, pelo rei D. João VI.

D. Fernando II [1816-1885], regente na menoridade de D. Pedro V [1837-1861] usa o apelido de família, Sousa Holstein, na criação do título de marquês atribuído, em 1855, a Francisco de Borja Pedro Maria António de Sousa e Holstein [1838-1878], décimo terceiro filho dos quinze filhos do 1º duque de Palmela. Apesar da falta de descendência direta do 2º marquês de Sousa-Holstein, Luís de Sousa Holstein [1868-1835], o título persiste na família através do seu sobrinho trineto, Pedro de Sousa Holstein Beck [1926-2010], sexto filho do 5º duque de Palmela, de quem, por não ter descendentes diretos, herda o título o seu sobrinho, Pedro Domingos de Sousa e Holstein Beck, 7º duque de Palmela [1951].



Degree Day, Cambridge, 1918
Domingos, Mother
[Domingos de Sousa Holstein Beck com a sua mãe, 4ª duquesa de Palmela, na conclusão do curso de engenharia civil, na Universidade de Cambridge, em dezembro de 1918.]
PT/AMLSB/BEK/001/000247



Cascaes September 1920
Domingos, Luiz, Maria do Carmo, Home
[Domingos de Sousa Holstein Beck, Maria do Carmo Pinheiro de Melo, filha do 1º conde de Arnoso e o filho primogénito do casal, Luís Maria da Assunção de Sousa e Holstein Beck]
PT/AMLSB/BEK/002/000679



Diogo em Cascaes com 8 mezes = Agosto 1931
 [Diogo de Sousa Holstein Manoel, com 8 meses, ao colo da 4ª duquesa de Palmela, sua avó materna, em Cascais, em agosto de 1931.]
 PT/AMLSB/BEK/007/002766



Na Casa de Saúde de São Miguel – 14 de outubro 1954
 [Ana Maria Holstein Beck com o seu 1º neto ao colo, Luís Joaquim d'Orey Manoel, nascido em 12 de outubro de 1954 e a nora Maria Manuela d'Orey Manoel.]
 PT/AMLSB/BEK/007/003145

Os títulos de marquês de Monfalim e marquês de Sesimbra são também originários da Casa Palmela. O primeiro foi criado, em 1861, pelo rei D. Luís (1838-1889), a favor de Filipe de Sousa Holstein (1841-1884), o último filho do 1º duque de Palmela, do qual, por não ter descendência direta, herda o título o seu sobrinho trineto, Bernardo de Sousa e Holstein Beck (1921-1995), filho do 5º duque de Palmela. É 3º marquês de Monfalim, o filho deste último, Domingos de Sousa e Holstein (1946-). O segundo título foi criado, em 1864, também pelo mesmo monarca, a favor de Tomás de Sousa e Holstein Beck (1839-1887), penúltimo filho do 1º duque de Palmela. O título de 2º marquês de Sesimbra, depois da morte do primeiro titular, só é novamente confirmado ao bisneto deste, António José Pio de Sousa e Holstein Brandão de Melo (1950-).

Pelo casamento de Maria José de Sousa e Holstein Beck (1894-1969), irmã de Ana Maria de Sousa e Holstein Beck, a Casa Palmela obtém mais dois títulos considerando que esta casou com Duarte Bernardo Baltazar Manoel, 13º conde da Atalaia e 7º marquês de Tancos (1893-1963) e por não terem descendência, o primeiro título é herdado pelo filho de Ana Maria, Diogo de Sousa Holstein Manoel, 14º conde da Atalaia (1930-1984) e posteriormente pelo seu primeiro neto, Luís Joaquim d' Orey Manoel, 15º conde da Atalaia (1954-) que herda também o segundo título, marquês de Tancos. O título de marquês de Tancos foi criado, em 1751, por D. José I (1714-1777) e atribuído a João Manuel de Noronha, 6º conde da Atalaia (1679-1761). O título de conde da Atalaia existira numa primeira família, quando, em 1466, o rei D. Afonso V (1432-1481) o atribuiu a Pedro Vaz de Melo (?-?), porém, o título foi extinto por este ter morrido sem deixar geração. Em 1583, este título é novamente criado, por Filipe II (1578-1621) e atribuído de juro e herdade a Francisco Manoel Ataíde (1560-1624).

O título de visconde de Lançada entra na Casa Palmela por herança de Domingos de Sousa e Holstein Beck, 3º conde da Póvoa, 5º duque de Palmela e 3º visconde de Lançada (1897-1969), do irmão do seu avô materno, Inácio Júlio de Sampaio de Pina Freire, 2º visconde de Lançada (1831-?), por não ter descendência. Este título foi criado por D. Maria II e concedido, em 1849, a Manuel Inácio de Sampaio e Pina Freire (1778-1856).

Também o título de conde de Valbom entra na Casa Palmela, neste caso através do casamento de Ana Maria Holstein Beck com Joaquim Tomás Carlos Bernardo Baltazar Manoel (1898-1935), 2º conde de Valbom. Consequentemente, foi o neto destes, Vasco Maria d'Orey Manoel (1955-1994), que herdou o título de 3º conde de Valbom. Ainda por herança do lado do bisavô paterno, o terceiro neto de Ana Maria, Duarte d'Orey Manoel (1957-), adquire o título de 3º conde de Seia. Este título existiu em duas famílias diferentes, a primeira vez foi criado por D. Fernando, entre 1373 e 1381 e extinto com a morte, no início do século XV, do seu único titular, Henrique Manuel, pela segunda vez, foi criado, em 1820, pelo rei D. João VI, a favor de António Manuel de Menezes (1788-1848), filho dos 3ºs marqueses de Tancos. Foi 2º conde de Seia o filho único dos 1ºs condes de Seia que não casou nem teve descendentes.

A política de casamentos praticada pelas famílias da aristocracia, que promove casamentos entre indivíduos pertencentes a famílias titulares, leva ainda que a Casa Palmela se cruze com casas titulares sem, no entanto, adquirir qualquer dos títulos. É o caso de três dos cinco

22, Rue Raynouard, maio 1924
 [2º conde de Valbom a observar Ana Maria de Sousa
 Holstein Beck, no seu apartamento em Paris, em maio de
 1924, recentemente casados]
 PT/AMLSB/BEK/004/001308



filhos vivos dos 4^{os} duques de Palmela, Helena Maria Domingas de Sousa Holstein, também 3^a marquesa do Faial e condessa de Sanfré, no Piemonte (1864-1941), e Luís Borges Coutinho de Medeiros Sousa Dias da Câmara (1866-1933):

- António Maria de Sousa Holstein Beck, 3º conde do Calhariz e 4º marquês do Faial (1892-1941) que casa com Maria da Assunção de Sá Pais do Amaral (1890-1974), filha do 1º conde de Alferrarede, título criado pelo rei D. Luís, em 1882, e atribuído a Carlos de Sá Pais do Amaral Pereira de Menezes (1865-1909);
- Domingos de Sousa e Holstein Beck, 5º duque de Palmela, 3º conde da Póvoa, e 3º visconde de Lançada (1897-1969) que casa com Maria do Carmo Pinheiro de Melo (1897-1986), filha do segundo casamento do 1º conde de Arnoso, Bernardo Pinheiro Corrêa de Melo (1855-1911) título criado, em 1895, pelo rei D. Carlos I (1863-1908);
- Maria Luísa de Jesus José Francisca de Paula de Sousa Holstein Beck (1900-1972) que casa com António José Corrêa de Sá Benevides Velasco da Câmara, 10º visconde de Asseca, (1900-1968), título criado pelo rei D. Afonso VI, em 1666, a favor de Martim Corrêa de Sá Benevides Velasco (1639-1678).

Outros títulos se verificam na árvore genealógica, pertencentes a indivíduos das relações pessoais de Ana Maria Holstein Beck ou aos ascendentes e descendentes daqueles, sendo notório as ligações de parentesco entre as famílias titulares resultantes dos matrimónios realizados entre si. Por conseguinte, podem observar-se os títulos de visconde do Cartaxo, criado, em 1860, por D. Pedro V, a favor de Luís Teixeira de Sampaio (1789-1865); de visconde de São Luís criado, em 1877, pelo rei D. Luís I, a favor de Eduardo Pinto de Soveral (1822-1902); de marquês do Soveral, criado por D. Carlos I (1863-1908), em 1900, a favor de Luís Maria Augusto Pinto de Soveral (1851-1922), filho do anterior; de visconde dos Olivais, criado, em 1864, também pelo rei D. Luís I, a favor de António Teófilo de Araújo (1804-1879); de conde da Anadia, criado, em 1808, pela rainha D. Maria I, a favor de João Rodrigues de Sá e Melo (1755-1809) e de conde de Seisal criado, em 1871, pelo rei D. Luís I a favor de José Maurício Correia Henriques (1802-1874).

Na árvore genealógica destaca-se também a presença dos descendentes de Luís da Silva Mouzinho de Albuquerque (1792-1846)⁴, os quais mantêm relações por matrimónio com famílias da aristocracia, como é o caso do filho de Ana Maria Holstein Beck, Diogo de Holstein Manoel (1930-1984), 14º conde da Atalaia, um descendente da Casa Palmela e da Casa Póvoa, que casa com Maria Manuela de Albuquerque d'Orey Manoel (1930) trineta de Luís Mouzinho de Albuquerque.

Será pelo casamento da quinta e última filha de Luís Mouzinho de Albuquerque, Luísa Henriqueta Longuinha Mouzinho de Albuquerque (1832-1912), em 18 de novembro de 1852, com Augusto Eduardo Guilherme Heitor Achilles Artur de Solms-Solms d'Orey (1820-1872), que se funda o apelido d'Orey, em Portugal.

Eduardo Guilherme d'Orey nasceu, em 24 de maio de 1820, em Wusterhausen, Dosse, na Alemanha e faleceu, em Lisboa, em 18 de abril de 1872. Chegou a Portugal como emigrado político por ser defensor das causas liberais subjacentes às revoluções liberais que eclodiram, em 1848, na Europa Central e Oriental, inclusivamente na Alemanha. De doutrina protestante, converteu-se ao catolicismo e foi batizado na igreja do colégio dos Inglesinhos, em Lisboa, no dia 10 de novembro de 1852, tendo sido seus padrinhos o 4º conde de Ficalho, Francisco Manuel de Melo Breyner (1837-1903) e a 3ª duquesa de Palmela, avó de Ana Maria de Sousa Holstein Beck.

Através da pesquisa que sustentou esta árvore genealógica foi possível, também, constatar que ascendentes de algumas figuras públicas da atualidade integram o encadeamento de parentescos que aquela apresenta, sobretudo, por matrimónio, como é o caso de Francisco José Pereira Pinto Balsemão (1937), cuja mãe é irmã de João van Zeller de Castro Pereira (1905-?) o qual casou com Maria Eugénia d'Orey de Sampaio (1907-?) prima em terceiro grau de Maria Manuela de Albuquerque d'Orey Manoel, (1930-) nora de Ana Maria de Holstein Beck (1902-1966) e o caso de Miguel Maria de Sá Pais do Amaral (1954-), cujo bisavô, Manuel de Sá Pais do Amaral, 5º conde de Anadia (1862-1903), era irmão de Carlos de Sá Pais do Amaral Pereira de Menezes, 1º conde de Alferrarede (1865-1909) – de quem o primeiro herdou o título nobiliárquico – pai de Maria da Assunção de Sá Pais do Amaral (1890-1974) que casou com António Maria de Sousa Holstein Beck, 3º conde do Calhariz e 4º marquês do Faial (1892-1941), irmão de Ana Maria.

Conclusão

Foi possível elaborar a árvore genealógica apresentada pelas características que Ana Maria de Sousa e Holstein Beck conferiu aos seus álbuns de fotografia, nomeadamente, às respetivas fotografias, onde está implícito o seu interesse por registar situações específicas da sua vida pessoal e social, o espaço temporal onde se inserem conjugando com a particularidade das

⁴ Foi um político de relevo do liberalismo, da primeira metade do século XIX que, como se constata na árvore genealógica, foi contemporâneo do 1º duque de Palmela. Ambos viveram num período particularmente conturbado da História de Portugal, que se caracterizou, sobretudo, pela passagem da monarquia absolutista para a monarquia constitucional. A orientação política de ambos fundamentava-se na luta pela causa liberal. Foram defensores da Carta Constitucional de 1826 e partidários da legitimidade do trono para D. Maria II (1819-1853).

legendas. A árvore genealógica demonstra o enredo das relações entre as famílias da aristocracia, desde finais do século XVIII até meados do século XX, que se relacionavam com a Casa Palmela, da qual Ana Maria de Sousa e Holstein Beck descende, revelando que aquelas relações resultavam de ligações matrimónias. Deste modo, justifica-se a presença de grande parte dos indivíduos nas suas fotografias e definem-se os graus de parentesco.

Nesta coleção de álbuns, que desempenham bem a função de uma fotobiografia, Ana Maria de Sousa e Holstein Beck, legou-nos despretensiosa e originalmente a fotogenealogia da quarta geração do ducado de Palmela.

*Arquivo Municipal de Lisboa

Fontes

Arquivo Nacional Torre do Tombo - Arquivo da Casa Palmela

Mf 5512, Mf 5513, Mf 5514, Mf 5577, Mf 5577A, Mf 5578, Mf 5579, Mf 5677, Mf 5707, Mf 5709, Mf 5710, Mf 5715, Mf 5754, Mf 5755, Mf 5756, Mf 5770, Mf 5771, Mf 5776, 5 Mf 777, Mf 5778, Mf 5779, Mf 5874, Mf 5875, Mf 5876, Mf 5877, Mf 5878, Mf 5879, Mf 5880

Câmara Municipal de Lisboa – Arquivo Municipal de Lisboa - Fotográfico

Coleção de Álbuns de Fotografia de Ana Maria Holstein Beck

Câmara Municipal de Lisboa – Divisão de Gestão Cemiterial – Cemitério dos Prazeres

Jazigos, Livro nº 21, nº 5001 a 5128, 1906 a 1908, I

Registo Geral de Enterramentos, nº 28, 1º vol., 4 – junho – 1932 a 5 – agosto – 1934

Registo Geral de Enterramentos, nº 28, 2º vol., agosto, 1934 a 31 de dezembro de 1935

Registo Geral de Enterramentos, nº 33, 1º vol., 30 jan. – 1965 a 21 out. – 1969

Registo Geral de Enterramentos, nº 33, 2º vol., 25 out. – 1969 a 31 dez. – 1973

Registo de Enterramentos, Livro 3º: 1º, 19 – junho – 1941 a 8 – junho – 1944

Registo Geral de Enterramentos, nº 35

Registo Geral de Enterramentos, nº 37

Talhões Privativos, R.S.B./P.S.P. e Artistas

Fontes Orais

Entrevista a Maria Manuela de Albuquerque d'Orey Manoel, Lisboa, 18 de fevereiro de 2013

Bibliografia

ALMEIDA, Álvaro Duarte de; BELO, Duarte – *Portugal património*. Rio de Mouro: Círculo de Leitores e Autores, 2007. vols. 6 e 7.

Anuário da nobreza de Portugal. Lisboa: Instituto Português de Heráldica, 1950, 1964, 1985.

Biblioteca Genealógica de Lisboa – Geneall [em linha]. Lisboa: Guarda-Mor Edição de Publicações Multimédia, 2000-2013. [consultada entre novembro de 2012 e abril de 2013] Disponível em www.genall.pt.

BONIFÁCIO, Maria de Fátima [Transcrição, prefácio e edição] – *Memórias do duque de Palmela*. Alfragide: D. Quixote, 2011.

BRITO, Manuel da Costa Juzarte; BORREGO, Nuno; GUIMARÃES, Gonçalo de Mello [anot.] – *Livro genealógico das famílias desta Cidade de Portalegre*. [s.n.] Lisboa, 2002.

CANEDO, Fernando de Castro da Silva; SANTOS, Fernando; CASTRO, Rodrigo Faria de – *A descendência portuguesa de El-Rei D. João II*. 2ª edição. Braga: [s.n.], 2008.

- Constituição política da República Portuguesa de 21 de agosto de 1911* [em linha]. Coimbra: Livraria Editora F. França Amado, 1911. [Consultado em fevereiro de 2013] Disponível em: Biblioteca Nacional Digital, <http://purl.pt/6925>
- CORDEIRO, Ricardo – *Filantropia: as cozinhas económicas de Lisboa (1893-1911)*. Lisboa: ISCTE-IUL, 2012. Dissertação de mestrado em história moderna e contemporânea.
- DURÃES, Margarida – *A rainha mal-amada: Amélia de Orleães*. 1ª edição. Maia: Círculo de Leitores e autora, 2012.
- FONSECA, Francisco Belard da – *Ordem militar da Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa*. Lisboa: Fundação Casa de Bragança, 1995.
- FORJAZ, Jorge Pamplona – *Os Teixeira de Sampaio da Ilha Terceira*. Porto: Centro de Estudos de Genealogia, Heráldica e História da Família, Universidade Moderna, 2001.
- Fundação Maria Manuela e Vasco de Albuquerque D'Orey* [em linha]. Lisboa: Fundação Maria Manuela e Vasco de Albuquerque d'Orey, s.d. [consultado em janeiro de 2013]. Disponível em www.dorey.pt.
- GAIO, Felgueiras – *Nobiliário das famílias de Portugal*. 2ª edição. Braga: Carvalhos de Basto, 1989-1990.
- Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*. Lisboa; Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, [196-?].
- Lista – primeiros 100 alunos matriculados IST – 1911/12. In AS 100 PRIMEIRAS DISCIPLINAS E OS 100 PRIMEIROS ALUNOS NO IST*. [em linha]. Instituto Superior Técnico. 2010 [consultado em fevereiro de 2013] Disponível em <http://100.ist.utl.pt/files/100-alunos.pdf>, consultado em fevereiro de 2013.
- MONTEIRO, Fernando Amaro – *D. Manuel II e D. Amélia: cartas inéditas do exílio*. 2ª edição. Lisboa: Editorial Estampa, 2012.
- MONTEIRO, Nuno Gonçalo – Casamento, celibato e reprodução social: a aristocracia portuguesa nos séculos XVII e XVIII. *Análise Social* [em linha]. Lisboa: Vol. XXVIII nº 4 e 5 (1993), p. 921-950. [consultado em janeiro de 2013] Disponível em: <http://analisesocial.ics.ul.pt/>
- *O crepúsculo dos grandes: a casa e o património da aristocracia em Portugal (1750-1832)*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1998.
- Os nomes de família em Portugal: uma breve perspetiva histórica. Dossiê: Outros nomes, histórias cruzadas de pessoas em português [em linha]. *Etnográfica*. Lisboa: Centro de Estudos de Antropologia Social – ISCTE. Maio 2008, vol.12 (1), p. 45-58. [consultado em dezembro de 2012] Disponível em: <http://etnografica.revues.org>.
- OLIVEIRA, Pedro Aires – *Os despojos da aliança: a Grã-Bretanha e a questão colonial portuguesa, 1945- 1975* [em linha]. Lisboa: Tinta-da-china, 2007. [consultado em dezembro 2012] Disponível em: <http://recursos.bertrand.pt>.
- PINHEIRO, Magda – *Luís Mousinho de Albuquerque: um intelectual na revolução*. Lisboa: Quetzal Editores; Fundação Maria Manuela e Vasco de Albuquerque d'Orey, 1992.
- PINTO, Albano da Silveira; SANTOS, Fernando; CASTRO, Rodrigo Faria de – *Resenha das famílias titulares e grandes de Portugal*. 2ª edição. Braga: 1991.
- PROENÇA, Maria Cândida – *D. Manuel II*. 1ª edição. Rio de Mouro: Círculo de Leitores; Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa da Universidade Católica Portuguesa, 2006.
- RAMOS, Rui [coord.]; SOUSA, Bernardo Vasconcelos e; MONTEIRO, Nuno Gonçalo – *História de Portugal*. 6ª edição. Lisboa: Esfera dos Livros, 2006.
- RIBEIRA, José António Moya; MAGALHÃES, Artur Monteiro de – *A descendência do 1º Barão e Visconde de Alpendurada*. 1ª edição. Lisboa: Dislivro Histórica, 2004.
- URBANO, Pedro – *A casa Palmela*. Lisboa: Livros Horizonte, 2008.
- ZUQUETE, Afonso Eduardo Martins [dir.] – *Nobreza de Portugal e do Brasil*. Lisboa: Editorial Enciclopédia, 1961.

II - OS ÁLBUNS DE FOTOGRAFIA DE FAMÍLIA

Wishing you a very happy
birth day and many bright returns
Yours affectionately
Minnie

London November 16th 1915

n° 2

O álbum de fotografias de família numa história de si

Paula Figueiredo Cunca*

*Ao seguir a sombra, o tempo envelhece depressa.*¹

Deambular em torno das fotografias dos outros, da família de alguém, onde estão contidas as emoções de uma família para daí retirar ilações sobre os seus modos de estar e as suas relações é sempre um exercício difícil. Por se tratar de conjuntos de imagens, de reportagens entrelaçadas, que criam uma narrativa emotiva, revelam dados subtis tanto no enquadramento de cada imagem, como na sequência criada e apresentada nas páginas de um álbum de família, bem como na relação que as anotações criam entre a imagem e a informação textual. Esta é normalmente descritiva, com a identidade de alguém, local e data, que serve de âncora à interpretação posterior, podendo ser feita pelo próprio que construiu o álbum, como seu auxiliar de memória, ou feita por quem acolheu o legado imagético, que se socorre dessa informação para melhor entender as imagens e a sequência do álbum.

Contudo, por haver um crescente interesse pela documentação pessoal, próprio de um pensamento contemporâneo assente no indivíduo, a interpretação feita pelos outros distantes da família (ausentes das imagens e sem laços afetivos), mas interessados no estudo das fotografias privadas de uma família, cria uma analogia que inebria a interpretação, num misto de sentimentos que nos aproxima e nos afasta. Deste modo, a afinidade imagética, na qual se reconhece uma ressonância de si, nas *alter* imagens, por uma *osmose* fotográfica impulsionada pela democratização do registo dirigida a todos, sem distinção nem exigência técnica, já sentida desde os finais do século XIX², é uma referência implícita no estudo das imagens privadas de uma família. Porque, parte de um vocabulário universal, de entendimento coletivo, das relações de proximidade, das ações praticadas e das cerimónias, nas quais todos os que têm fotografias de família participam, parece simples de interpretar. Todavia, é o olhar depurado e atento que encontra subtilidades reveladoras do convívio familiar expressas nas fotografias tiradas pelos seus próprios elementos, que surgem como indícios de episódios de uma história guardada na família e só acessível através de um estreito diálogo entre esta e quem investiga as suas fotografias.

Este estudo é claramente uma invasão de uma privacidade, feita para estar encerrada entre portas de uma casa, apesar de, por uma exigência de rigor científico, se julgue conseguir evitá-la. Na verdade, é uma invasão autorizada pela família, que reconhece nas imagens da sua privacidade um suporte de relevância para o estudo da sua própria história, quando entrega nas

¹ António Tabuchi, *O tempo envelhece depressa*, Alfragide: Dom Quixote, 2012, p.7 [fragmento pré-socrático atribuído a Crítias].

² A partir da instantaneidade fotográfica, com a introdução da máquina fotográfica de fácil operabilidade e do rolo fotográfico, sendo o contributo da *Kodak* a referência incontornável para compreender este período, situado no último quartel do século XIX, que promoveu a popularização da fotografia, tornada acessível a todos quantos tinham vontade de fotografar, apesar de não serem conhecedores da técnica fotográfica.

mãos de investigadores ou à guarda de uma instituição, a sua coleção de fotografias. É curioso salientar a importância que os próprios dão à sua família, num orgulho partilhado e demonstrado pelo carinho com que passam as imagens, sempre preservando o seu legado e garantindo que este se manterá para que todos saibam a importância que teve para os envolvidos e para a história coletiva, que agora retira da história privada, feita de fotografias de uma família, informações relevantes para o pensamento contemporâneo atento a todas as manifestações do quotidiano vivido. Assim sendo, ficamos na posse de indícios de um espaço privado, outrora resguardado dos olhares estranhos e agora exposto aos olhares vorazes dos observadores anónimos, sem laços de afetividade com os fotografados.

Não obstante, a alienação das fotografias da família é também constatada por quem estuda este género de imagens, quando se depara com estas nas mãos de colecionadores, à venda em feiras ou simplesmente desprezadas e encontradas nos despojos de uma casa, com destino incerto. Este facto deve-se à proliferação das imagens, sentida com o evoluir da técnica fotográfica, que permitiu uma excessiva quantidade, bem como ao desprezo pelo valor imagético de uma família, vestígio de um grupo dividido e de costas voltadas para o seu passado.

Deste modo, dir-se-á que existe uma importância crescente dada aos arquivos de família³ e cada vez mais às fotografias de família, feitas pelos próprios, para o estudo de uma época. É o olhar de dentro para fora que surge com grande expressão.

A leitura implícita dos elementos é proliferada nos pormenores, fazendo divagar o observador, por entre os objetos, os locais escolhidos e as expressões dos representados. Cada conjunto de imagens, reunido em álbum de fotografia, encerra em si dados que não encontramos noutras fontes, com narrativas criadas pelas imagens compostas na página e inscrições, havendo a predominância do emotivo sobre o factual, onde a veracidade exigida nas fotografias de acontecimentos históricos é posta em causa pela primazia dada aos estímulos emotivos.

A representação da família é assinalada pelas *sombras* refletidas no suporte fotográfico, das pessoas que deixaram de existir – simulacros de uma existência passada que nos habituámos a conviver, fazendo parte da vivência quotidiana. Apesar da sua imaterialidade, a representação ocupa lugar no espaço reduzido do formato palpável da prova fotográfica. Assim sendo, as fotografias tornam-se marcos históricos de uma linha diacrónica alargada cada vez mais envelhecida por um tempo recuado distante, ilustrada na imagem que perpetua os gestos e os afetos de alguém. Desta forma, a família amplia a linha espaço-temporal da vivência familiar e afetiva com um espectro visual que marca presença na vivência familiar. Por um lado, através de um olhar retrospectivo, dando a ver parentes ausentes frequentemente desconhecidos e, por outro, num olhar prospetivo, que se apropria destas *sombras*, guardadas em álbuns, lugar privilegiado

³ Nas últimas décadas têm surgido alguns contributos em Portugal sobre os arquivos de família, em especial sobre as épocas medieval e moderna, assentes em documentação escrita. Os arquivos de fotografia de família também têm tido uma crescente importância para as diversas áreas do saber, por conterem informação diversificada; porém, ainda há alguma relutância em interpretar estes documentos, possivelmente por se tratar de uma área pouco explorada e pressupor alguma dificuldade de interpretação. Como referência aos arquivos de família das épocas medieval e moderna, destaca-se o artigo de Maria de Lurdes Rosa - Problemáticas históricas e arquivísticas actuais para o estudo dos arquivos de família portugueses *Revista de História da Sociedade e da Cultura*. [em linha]. Lisboa. 9(2009), p. 9-42, disponível em: http://www.uc.pt/en/chsc/rhsc/rhsc_9/mlr [consulta em março de 2013]. Cf. Maria de Lurdes Rosa [org.] *Arquivos de Família, Séculos XII-XX: Que Presente, Que Futuro?* Lisboa: IEM · CHAM, 2012.

e consagrado de preservação da fotografia privada de uma felicidade familiar, vivida em grupo para relatar o convívio do passado.

No entanto, sabendo que o sorriso para a fotografia não significa necessariamente um estado de felicidade, mas sim uma pose que eterniza uma felicidade pretendida, padronizada em “cânones fotográficos” reconhecidos por todos, principalmente desde que foi possível fotografar com um instrumento de registo simplificado. Ao contrário do que se passou nas primeiras décadas da difusão fotográfica, com os retratos de estúdio, nos quais os retratados mantinham uma postura solene, devido ao longo tempo de exposição da fotografia, havendo até o hábito de se prepararem com indumentárias adequadas ao retrato. Ainda que os cenários fossem domésticos e a intenção fosse representar as relações da família, a rigidez da pose permanecia numa ausência de expressões emotivas.

Desta forma, este tipo de imagens promove e foca alguns aspetos da intimidade das relações humanas, revelando intenções e predisposições. A partir das escolhas feitas para constar na fotografia – momento de eleição primordial para representar o ideal de família – quer sejam as práticas de lazer (viagens, passeios ou desporto), os encontros dos elementos da família (refeições, momentos de descanso ou de férias) ou as cerimónias (religiosas e sociais), quer sejam os momentos sempre felizes, com expressões de contentamento, as imagens auto representam o grupo que partilha o prazer e a tarefa de se fotografar.

Neste tipo de conjuntos de imagens, a nomeação do fotógrafo não adquire grande relevância, podendo ela recair sobre alguém do grupo fotografado; contudo, prevalece a expressão plural. O que importa é quem organiza o álbum e quem o faz perpetuar no tempo para memória futura. Numa primeira fase da história da fotografia, essa intenção circunscrevia-se ao grupo visado, incluindo os descendentes mas, com a evolução fotográfica, ganhou relevância para o estudo das várias ciências sociais, saindo do grupo produtor, sendo atualmente uma fonte de incontornável interesse público.

Desta forma, é oportuno apresentar uma coleção de álbuns de fotografia de família, doados ao Arquivo Municipal de Lisboa pelos descendentes de Ana Maria José Francisca de Paula de Sousa e Holstein Beck (1902-1966) em 2003, com a entrega de 11 álbuns e, em 2012, com a entrega de mais 5 álbuns.

1. A memória privada, na fotografia de família, a partir da coleção de álbuns de Ana Maria Holstein Beck

As fotografias produzidas pela família e amigos da Ana Maria Holstein Beck e reunidas por si em álbuns, entre 1912 e 1956 (havendo uma imagem de 1908), enquadram-se num dos períodos mais ricos da história da fotografia. Primeiro, pela sucessiva progressão fotográfica da máquina simplificada, do rolo fotográfico, da proliferação dos laboratórios de fotografia e da qualidade da ótica das lentes e, segundo, pela educação visual sentida a partir deste dispositivo com sugestões fotográficas, mais criativas e atentas aos movimentos das várias manifestações da arte.

Se, por um lado, as novidades técnicas das primeiras décadas⁴ introduzem uma apetência técnica, acessível aos mais endinheirados e com interesses culturais, que também irrompem num modo moderno de representar o indivíduo, no qual este passa a ser o ator da cena, ilustrado num duplo papel de observador e produtor de imagens; por outro, há um crescente interesse pelo registo quotidiano ressaltando os pormenores da vida pessoal. Para além deste contexto, houve acontecimentos históricos que condicionaram o objeto fotografado. Com efeito, a queda da monarquia em Portugal, as duas guerras mundiais e o regime ditatorial, bem como a mudança de mentalidades - de que se releva o papel mais interventivo da mulher e a crescente atenção dada às crianças - são refletidas nas fotografias de família através da inclusão destas protagonistas nas cenas quotidianas, sobrevalorizando o seu dia a dia e a sua participação no registo fotográfico, como se verá nas fotografias das meninas Ana Maria Holstein Beck e Maria Luísa Sousa e Holstein Beck (1900-1972) a exibirem orgulhosamente as suas máquinas fotográficas (Imagem n.º 002 - PT/AMLSB/BEK/001/000005) no primeiro álbum, datadas de 1913⁵. Aqui teriam, respetivamente, 11 e 13 anos e, enquanto crianças, dispunham já da sua expressão fotográfica possibilitada pelos adultos que, preocupados em proporcionar uma educação moderna às meninas da família, lhes forneciam os aparelhos fotográficos para, desse modo, poderem participar nos registos dos ambientes familiares⁶.

Nos primeiros álbuns (álbum 1 e álbum 2), nas fotografias vislumbra-se um olhar fotográfico prematuro, próprio de uma criança atenta, contudo ainda subordinada aos ditames da educação familiar, numa adequação afetiva, sentindo-se mais a exposição da família, irmãos, a 4ª duquesa de Palmela, Helena Maria Domingas de Sousa Holstein (1864- 1941), sua mãe e dos amigos próximos, em especial os filhos da família do 9º visconde de Asseca, Salvador Corrêa de Sá (1873-1939); a rainha D.Amélia (1865-1951); o rei D.Manuél II (1889-1932) e a sua esposa Augusta Vitória (1890-1966) (álbum 1, as páginas 26 e 27, BEK 137 -157); que privavam com a família Holstein Beck no período da estadia em Inglaterra entre Londres, Eastbourne, Torquay, Bournemouth e Twickenham, até cerca de 1918. Apesar dos passeios a França (Biarritz, entre outros) e as visitas a Portugal se manterem, como se pode ver nas fotografias das grandes propriedades da família e de amigos - quinta da Lagoalva, em 1916 (álbum 1, as fotografias BEK 111 -115 e BEK 117), quinta do Calhariz, no mesmo ano (álbum 1, fotografias BEK 103-109) e outras.

⁴ Algumas destas novidades técnicas foram herdadas do século anterior.

⁵ Contudo, supõe-se que esta apetência não é evidenciada pela irmã mais velha, Maria José de Sousa Holstein Beck (1894-1969), porventura por, na época, ter outros interesses ou simplesmente não ter ficado encantada com o registo fotográfico.

⁶ É de salientar a obra *Memórias do Duque de Palmela*, com transcrição, prefácio e edição de Maria de Fátima Bonifácio, editada em 2011, nas quais o 1º duque de Palmela, Pedro de Sousa Holstein (1781-1850) denuncia esta predisposição familiar e sublinha com um grande sentido de responsabilidade para com a sua família, referido logo na primeira página: «Há muito tempo que desejo lançar por escrito alguns apontamentos que possam servir para conservar na minha casa uma história verídica da minha vida pública, assim como algumas noções das pessoas da minha família e das vicissitudes da minha vida particular. Parece-me que pagarei assim uma dívida aos meus filhos e netos; e que me será permitido pensar que eles apreciarão as recordações do meu nome e da minha história.» (p.53)

Na obra é referido igualmente o esforço desenvolvido para conseguir concretizar o casamento do seu filho Domingos de Sousa Holstein (1818-1864), 2º duque de Palmela, com Maria Luísa de Noronha e Sampaio (1817-1891), filha do conde da Póvoa, dono da maior fortuna na época. Apesar das contendas e dificuldades na sua concretização, é referido na obra como tendo sido «um dos episódios mais interessantes da minha vida» (p.325) e de extrema importância para salvar a família da possível ruína financeira (pp. 325-339).

Se, o facto indicia uma mentalidade espartilhada por valores rígidos de poder social, num tempo em que a felicidade era assim entendida, também denota uma dedicação prospetiva, em que o próprio se projeta nos seus descendentes, criando condições para que estes vivam ainda melhor, protegidos por uma estrutura económica alargada a todos os seus elementos.



Salvador, myself, Carolína, Pedro, Leonor, Zeca, Martin, Hans Place, London, 1917 [Salvador José Corrêa de Sá, Ana Maria Holstein Beck, Carolína José Corrêa de Sá, Pedro José Corrêa de Sá, Leonor Corrêa de Sá, José Maria Corrêa de Sá e Martim Corrêa de Sá em Hans Place, Londres]
PT/AMLSB/BEK/001/000180

A descontração desses momentos (principalmente decorrentes das primeiras décadas de imagens da coleção Beck) é ainda formal, ensaiada segundo algumas normas de um bom retrato que também se enquadram na idade jovem da *fotógrafa*, sem a consciência de o ser, evidenciado no olhar centrado, provavelmente ensinado pelos adultos que a acompanhavam no registo fotográfico. A tentativa de centrar as pessoas, frequentemente malograda pelos “acidentes técnicos”, pelos cortes das figuras, ou pela difícil habilidade técnica da velocidade de obturação, na tentativa de focar a expressão dos rostos em movimento, apresenta-nos imagens dinâmicas, elegendo sempre o retrato das pessoas que frequentavam o seu círculo social. A preocupação em nomear os fotografados com a inscrição do nome ou *petit nom* acompanhada do apelido ou título nobiliárquico, habitualmente como nome distintivo, apesar do nomeado poder não ser o titular, mas um membro da família (filho ou neto), sublinha a importância da família e o que o nome distingue e reflete ainda os títulos nobiliárquicos, numa aceção direta de supostos apelidos, juntamente com os nomes próprios.

Num discurso diarístico, a recolha das imagens assemelha-se ao registo do diário, tão ao gosto feminino, de poder revelar exhaustivamente o seu mundo através dos seus olhos impregnados de emoções e ligações afetivas, traços de emancipação prematura, de uma jovem mulher, numa época de grandes mudanças sociais, nas quais também importam os relatos banais do olhar feminino.

As páginas do álbum 1 também já referem a intimidade das relações, sendo de destacar a página 28 com imagens de si, da sua mãe, da sua irmã Luísa, do seu irmão Domingos (futuro duque



Eastbourne 1917 *Myself, Domingos, Myself, mother, Gégé, Luiza, Mother, Domingos* [Ana Maria Holstein Beck, Domingos Holstein Beck, 4ª duquesa de Palmela, Eugénia Cândida Costa e Luísa Holstein Beck]
PT/AMLSB/BEK/001/000158-000163

de Palmela) e da *Gégé*, serviçal da sua família, muito acarinhada⁷ e que também mereceu uma fotografia no álbum. Todas as imagens foram tiradas numa varanda, possivelmente da casa onde habitavam, como cenário recorrente no registo das imagens de família, porventura para serem captadas com melhores condições de luz, para assim operarem a máquina simplificada com os cuidados já adquiridos para bem registar um retrato.

A cobertura ampla do olhar, que se reparte pelas seis imagens da página e que continua em mais duas na página seguinte, amplia o espaço, pela sua reprodução, com novos atores que alternam na pose para a fotografia, onde as meninas estão de pé ao lado da sua mãe, estando a Ana Maria também sentada a ler um livro - possível encenação para a fotografia de outra sua predileção -, a *Gégé* sentada e o jovem Domingos Holstein Beck numa pose distante, como se não soubesse que estava a ser fotografado, sendo captado sentado no parapeito da varanda, numa posição periclitante. A página é rica nas ligações afetivas que evidencia.

Nestes primeiros álbuns, as inscrições vagueiam entre o inglês e o português sempre com a sua nomeação num *myself* ou *self* quando surge nas imagens, claramente registadas por outros, mas apropriadas por si.

Algumas inscrições aparecem logo na guarda da capa, referindo-se a encontrada no álbum 2, com uma dedicatória da *Minnie*⁸, que justifica o facto de o álbum ser uma prenda do 13º anivers-

⁷ Durante a investigação, foi confirmada por Francisco d'Orey Manoel, neto de Ana Maria Holstein Beck, a manifestação de afeto da família sentida pela *Gégé*, supondo-se que o seu nome seja Eugénia Cândida Costa (1849-1932), bem como atestar a sua beleza, que terá servido de modelo à 3ª duquesa de Palmela, Maria Luísa de Sousa Holstein (1841-1909) para uma das suas esculturas. É de referir, também, que existem imagens do ateliê da duquesa de Palmela no álbum 60 (PT/AMLSB/POR/060), do espólio de Eduardo Portugal, no Arquivo Municipal de Lisboa/Fotográfico.

⁸ Miss Mary Alice Rice, dama de companhia da sua mãe, a 4ª. duquesa de Palmela.

sário de Ana Maria Holstein Beck: *Wishing you a very happy birthday and many bright returns Yours affectionately Minnie London Novembre 16th 1915 n° 2*. Esta oferta é também indício do apoio dado à recolha de imagens de família em álbum de fotografia, por quem se preocupava com a educação das crianças, provando novamente que havia uma predisposição da família e dos demais para o registo fotográfico.

No álbum 13, encontramos uma dedicatória da sua irmã Luísa Holstein Beck, numa referência à oferta feita, possivelmente já com as fotografias colocadas, no ano de 1917: *Com mil parabéns Tua irmã, muito amiga Luíza 16 de Novembro 1917*, provando a cumplicidade que tinha com Ana Maria Holstein Beck no registo fotográfico.

Nestes álbuns, as pessoas surgem muito próximas, tocando-se naquele aconchego protetor de uma família, sem expressões afetivas de abraços ou beijos, numa época ainda reservada aos afetos públicos. No álbum 1, há também perspectivas atrevidas e arrojo inesperado de uma menina em crescimento, a quem lhe foi proporcionada uma máquina fotográfica, por conseguinte, indicativo de um tempo que eleger a criança e a mulher como os novos sujeitos da modernidade, concedendo-lhes protagonismo na ação social e contribuindo, desse modo, para um panorama familiar mais plural.

No álbum 2 há uma evidente independência de uma jovem entre jovens, num encontro com o seu futuro marido *Tatim*, Joaquim Baltazar Manoel (1898-1935), estando as últimas páginas, aparentemente dedicadas ao seu marido - incluem fotografias que também aparecem em álbuns organizados por Ana Maria. São certamente uma junção recente de folhas soltas de um álbum independente, e que seria organizado por *Tatim* (álbum 2-A). Além disso, estas folhas não estão ordenadas, notando-se folhas com fotografias de épocas mais recentes antes de imagens de períodos mais antigos -, com espaços vazios de quem retirou fotografias dos seus



Mont Dore July 1920

PT/AMLSB/BEK/002/000625-000635



Caminho de Cintra a Mafra Feb. [fevereiro]1924
PT/AMLSB/BEK/002/000868

sítios, deixando o vestígio da inscrição que se tornará incompreensível para quem folheia o álbum, envolto num secretismo protetor da história da família ou num mistério só decifrável com o contributo dos seus elementos.

Os álbuns podem ser representados pelas mãos de todos os elementos do grupo através da fotografia. Porventura, é esta a única expressão plural da família em que todos contribuem para a memória familiar. A partir de um ponto de vista intransmissível, numa afirmação de si para si – um círculo fechado da representação familiar – a expressão democratizada do registo fotográfico, feita por um dispositivo técnico, possibilita um fazer familiar, numa partilha em que o único objetivo consiste em representar as ocasiões de união e felicidade do grupo. Esta estrutura tece uma anuência do grupo, consentindo atitudes e a posse da máquina fotográfica que passa de mão em mão.

Na fotografia de ocasião⁹, circunscrita ao privado, todos participam na representação. Alguns, como elementos passivos que se deixam fotografar; outros como elementos ativos, sendo a sua ação concordante e conciliadora de todas as vontades, frequentemente opinativas no registo fotográfico, com sugestões de enquadramento e posturas encenadas para o registo fotográfico. Há quase um contrato social, uma aceitação, na qual a máquina fotográfica presencia o que antes não era registado e que mostra aos outros, o que outrora era impensável mostrar. Numa anuência das partes, este patamar do novo modo de estar perpassa os registos da fotografia do quotidiano familiar, de ocasião e sem pretensões estéticas.

⁹ A fotografia de ocasião ou *snapshot* é o registo banal, sem pretensões estéticas e que não requer conhecimentos técnicos, feito sem motivo aparente, simplesmente por se ter proporcionado a ocasião e o momento para pressionar o botão da máquina, num impulso emotivo. Estas imagens são produzidas com forte expressão a partir do surgimento das máquinas fotográficas simplificadas, do final do século XIX, destinadas a todos.

A fase da construção do álbum cabe normalmente a uma só pessoa. Dir-se-á que ela assume o papel de guardiã da memória familiar. Sem que lhe seja atribuída explicitamente tal responsabilidade, esta pessoa também irá atribuir uma valoração ao conjunto das imagens feito por vários. Ao juntar as imagens em álbuns, acrescentando a descrição minuciosa das pessoas, locais e com a referência às datas, implicitamente, está a preparar estes objetos familiares – relatos de si, assentes nos contributos dos outros seus próximos - para o futuro, para os seguintes (família e amigos) verem o que ela viu como tendo sido os acontecimentos e pessoas importantes de um tempo vivido por si. Este valor acrescentado é determinante para os referentes familiares. Nesta coleção, a nomeada foi Ana Maria Holstein Beck.

Para quem observa este tipo de registo fotográfico, o álbum de família, assim apresentado, adquire um valor que extrapola o círculo familiar, repercutindo a sua informação no futuro e ganhando outra expressão através de olhares distantes, dos sucedâneos, que muitas vezes nem conheceram os fotografados. São as ilustrações das histórias de família que passam de geração em geração, dos afetos que ligaram as pessoas, das suas preferências e do seu modo de vida, agora no ínfimo pormenor quotidiano, que a fotografia permite. Nesta fotografia de ocasião, sem que haja algo cerimonial, simplesmente a ocasião para se fotografar, gradualmente alterada com a permanência da máquina na família, detetam-se subtilezas do convívio familiar. Opondo-se ao *álbum vitoriano*¹⁰, que encerra as fotografias *carte de visite* e *cabinet* em páginas previamente preparadas, com cortes para o encaixe das mesmas. Num formato rígido e pesado, as imagens eram guardadas e fechadas, impossibilitando o contacto frequente e delator dos contos que irão preencher os serões de família à volta dos álbuns que surgirão posteriormente, já no século XX.

Sem ter ainda uma consciência formada do seu papel e vivendo à luz dos acontecimentos sociais, com laços afetivos fortes, a protagonista dos álbuns revela essencialmente os encontros entre as famílias, os exercícios do lazer em voga na época, onde fermentam as práticas da contemporaneidade e mostra que também eles são pessoas iguais aos outros nos afetos e nas relações, desprovidas do *glamour* aristocrático, inatingível e privilegiado, revelando a outra face da aristocracia.

A confluência de uma estrutura *poli* dinâmica dos conceitos observador/produtor a par do quotidiano, da mulher e da família, tece uma teia de conteúdos, ramificações ricas de uma nova ordem de valores amplamente apresentada noutros contextos, ainda que incontornável, numa abordagem sobre a fotografia do quotidiano privado circunscrita às manifestações de uma família. Nesta estrutura estão entroncados o sujeito, o grupo, ou seja, o individual e o social representado no registo fotográfico, explicitamente mecânico, mas implicitamente social. Aqui, o atrevimento diz ser o social o impulso para a expressão do privado a partir de um ponto de vista. Por este motivo, se centra o discurso na primeira pessoa, naquela que mais produz dentro do grupo e que reúne normalmente as imagens em álbuns.

¹⁰ O *álbum vitoriano* surge durante o período do reinado da rainha Vitória (1819-1901), entre 1837 e 1901, em Inglaterra, em vários modelos, sempre de encadernação faustosa em pele e com ferragens pesadas, com alusões revivalistas, tendo no seu interior folhas em cartão, sendo o álbum 12 da coleção Holstein Beck um exemplar deste tipo de álbuns.

O álbum 3 dá continuidade aos registos dos álbuns anteriores, mantendo quase os mesmos fotografados e o mesmo tipo de inscrições mas, pelo facto de mostrar mais imagens do *Tatim* e por incluir uma imagem do seu casamento (Imagem nº 064 - PT/AMLSB/BEK/003/001240), anuncia uma outra fase da sua vida, numa linha tendencialmente convergente com outra família. Refere-se que o casamento é normalmente determinante na construção dos álbuns de fotografia de família, podendo dar continuidade ou não ao mesmo tipo de registos fotográficos e apresentando outras perspetivas sobre a “nova” família.

Num ritmo de continuidade, os primeiros três álbuns esboçam uma família centrada num círculo social fechado e alargado com a presença de várias famílias que se relacionavam e reservado aos seus demais, sempre nos mesmos locais e com as mesmas atitudes, sem sobressaltos nem imagens descontinuadas e sem nexos.

2. O olhar emancipado de Ana Maria Holstein Beck

Numa referência direta a Geoffrey Batchen, o álbum surge como um objeto que requer um contacto físico, uma intimidade: «quando tocamos num álbum e viramos as suas páginas, pomos a fotografia em movimento, literalmente num arco através do espaço e metaforicamente numa sequência narrativa. Os álbuns são também pretextos para o discurso, uma desculpa para amigos e familiares convergirem, para trocarem histórias, renomearem incidentes e inventarem biografias.»¹¹

A história da família, por vezes deturpada pela passagem do tempo e pelos relatos mais empoados ou mais acanhados dos descendentes, justifica-se na omissão que as fotografias de um álbum resguardam dos infortúnios ou da infelicidade de alguém, mantendo na família a liberdade de relatar o que lhe apraz. A fotografia de família não representa o “verdadeiro coração da família”, mas antes um olhar de felicidade familiar, assente em pressupostos da sua educação ou das interveniências exteriores que tendem a integrar a família num grupo social, de códigos bem definidos ou de modos de estar convergentes. A representação, contida num álbum de fotografias de família, é então uma *história de si* para que os outros recordem a memória visual, feita de seleções e enquadramentos de quem reuniu as imagens num álbum. Apesar dos momentos serem sempre de contentamento, tal como é referido por Jean-Claude Kaufmann no seu texto *Secrets d'albums*: «É preciso dizer, correndo o risco de chocar aqueles que pensam que os álbuns são o reflexo fidedigno da sua história: o coração da vida familiar nunca está nos álbuns. O coração, ou seja, a substância mesma da vida de todos os dias. Os pensamentos discretos, as ações invisíveis, os objetos vulgares [...] A fotografia de família não representa o coração, mas as margens [exceção feita às imagens do bebé, que incluem quase todo o seu quotidiano]. O que é a rutura ao quotidiano, uma cerimónia, um visitante inesperado, um momento raro [...] A fotografia deve ser absolutamente feita.» [...] ¹²

¹¹ Geoffrey Batchen - *Forget Me Not Photography & Remembrance*, Amsterdão; Nova York: Van Gogh Museum; Princeton Architectural Press, 2004. p. 49 [tradução livre].

¹² Jean-Claude Kaufmann - *Secrets d'albums*. In *Un siècle de photos de familles*, Paris: Les éditions Textuel, 2002. p. 8 [tradução livre].



Álbum 4 - Recloses, August 1927
PT/AMLSB/BEK/004/001474-001482

É no álbum 4 que se encontram as imagens da sua vida edílica em Paris, própria do casal recém-casado, já na sua casa na *Rue Raynouard, nº. 22*, quando o seu marido vai trabalhar para o Banco Nacional Ultramarino de Paris¹³, e quando nasce a sua filha Helena Maria de Sousa Holstein Manoel (1926-1999), revelando a intimidade do espaço do casal, com os interiores da casa, em fotografias de qualidade, que a técnica já permitia.

Nos vários encontros da família em Portugal, a presença das crianças, nascidas na década de 1920 é frequentemente sentida, principalmente a sua filha Helena e o seu sobrinho Salvador Corrêa de Sá, futuro 11º visconde de Asseca (1926-? ¹⁴), filho de Luísa Holstein Beck e António Corrêa de Sá (10º visconde de Asseca), ambos nascidos no ano de 1926.

No álbum 5, com fotografias de 1928 a 1937, retomamos o olhar sobre os encontros de família entre os piqueniques e as burricadas, principalmente na zona de Sintra (Capuchos e Guincho) e Cascais, as regatas em Cascais, as idas à praia da Adraga, o convívio nas quintas da família, em especial na quinta do Calhariz, os passeios pelo país e por Espanha marcados por uma forte presença das crianças. Sabendo também que este período inclui um momento dramático da morte prematura do marido da Ana Maria Holstein Beck, em 1935, as fotografias assinalam esse facto detetável, apenas, pela ausência de Joaquim Baltazar Manoel. Na expressão de Ana Maria Holstein Beck sente-se um semblante mais pesaroso.

¹³ Esta informação foi fornecida por Francisco d'Orey Manoel.

¹⁴ Neste texto, algumas datas são substituídas por pontos de interrogação pelo facto de serem desconhecidas ou não confirmadas.

A partir de então, observa-se uma mudança repentina da expressão facial, denotando outra atitude, um pouco colmatada pelo segundo casamento, com António Cardoso Teixeira (1886-1968), em 1938, que lhe renova o ânimo e a reposiciona num outro círculo social, apesar de não ser descendente de famílias detentoras de títulos nobiliárquicos, mas de uma burguesia culta. Enquanto proprietário da Clássica Editora, António Cardoso Teixeira manteve uma livraria nos Restauradores, em Lisboa, que lhe terá proporcionado fortes relações sociais. Para além de pertencer à Brigada Naval, num trabalho de solidariedade, onde terá conhecido Ana Maria Holstein Beck, que também era vocacionada para as causas sociais, tendo desenvolvido trabalho, na área da prestação de cuidados básicos de saúde¹⁵.

O acompanhamento em visitas de ações sociais patente nas fotografias da inauguração da quinta da Calçada, um dos primeiros bairros populares em Lisboa¹⁶, em junho de 1940, das páginas 46 e 47, do álbum 8, ao lado do presidente da República Carmona (1869-1951) e do cardeal Cerejeira (1888-1977) confirmam as relações sociais do casal e a sua vocação para as manifestações de solidariedade.

Neste álbum, há também imagens dos Falangistas espanhóis com a Mocidade Portuguesa em 1938, numa homenagem aos portugueses mortos na Grande Guerra, em frente ao monumento na avenida da Liberdade, bem como imagens da festa no Teatro da Trindade e um conjunto considerável de fotografias sobre o cortejo histórico da Exposição do Mundo Português, em junho de 1940 e dos seus pavilhões.

As imagens referidas de acontecimentos oficiais apresentam outro modo de representar a sua vida, agora mais dirigida aos acontecimentos sociais públicos e menos ao círculo social familiar



Álbum 7, página 109.
PT/AMLSB/BEK/007/003144-003149

¹⁵ Os dados referidos foram confirmados por Maria Manuela Albuquerque d'Orey Manoel (1930), nora de Ana Maria Holstein Beck, numa entrevista dada no decurso da investigação, a 18 de fevereiro de 2013.

¹⁶ José Mattoso, (dir.) - *História da Vida Privada em Portugal - A Época Contemporânea*, coordenação de Irene Vaquinhas. Lisboa: Círculo de Leitores; Temas e Debates, 2011.p. 52.



Álbum 7, páginas 88 e 89.
PT/AMLSB/BEK/007/003079-003085

encontrado nas primeiras décadas, fazendo antever uma relação familiar mais aberta ao que acontecia na sociedade e menos circunscrita aos modos de vida de um grupo privilegiado.

O álbum 7 - pertença do seu filho Diogo - surge inicialmente construído pela mãe que, numa passagem de testemunho, delega nele a apetência para guardar as fotografias, gesto que se irá revelar frutífero. A passagem é mediada por uma folha vazia, com uma deslocação cronológica de quase uma década, transitando para as imagens de interesse do seu filho, com referências ao período do serviço militar, em 1952, ao encontro com a sua futura esposa Maria Manuela de Albuquerque d'Orey (1930) e já com os primeiros filhos, Luís Joaquim d'Orey Manoel (1954) e Vasco Maria d'Orey Manoel (1955-1994). Há também uma fotografia que junta a sua avó paterna Leonor Orta Lobo de Ávila (1862-1955), 6ª marquesa de Tancos, e o bisneto Luís Manoel. O álbum 14 irá dar continuidade aos registos do jovem Diogo, que contemplam a sua mãe, o padasto, a irmã, vários amigos em momentos de lazer, bem como o encontro com a sua futura esposa.

No álbum 7 destacam-se as fotografias de Natal, do ano de 1952, pela primeira vez apresentadas, com a curiosa inscrição numa folha do álbum: *Natal 100% d'Orey - 1952* - Na página seguinte vê-se uma prole de crianças em fila de uma família de 16 descendentes, sendo um desses do primeiro casamento de Vasco Jara de Albuquerque d'Orey (1888-1966) e os outros, do seu segundo casamento com Maria Manuela de Sampaio d'Orey (1900-1987), a mãe de Maria Manuela Albuquerque d'Orey Manoel. Aqui indicativo da presença de outra família a que irá fazer parte Diogo Manoel, logo seguida por uma folha com imagens da sua mãe, em janeiro de 1953, a distribuir brinquedos aos filhos dos trabalhadores na herdade das Parchanas. Salientam-se, igualmente, as fotografias somente dedicadas a essa quinta, com os trabalhadores em pleno labor e às vistas amplas, acentuando a importância concedida por Ana Maria Holstein Beck aos trabalhadores desta quinta.

Esta confluência de famílias é muito notória com o casamento de Diogo Manoel e Maria Manuela d'Orey (ainda pouco representativa nos álbuns doados ao Arquivo Municipal de



*Parchanas Março 1950 e Parchanas Abril 1950, Álbum 9, páginas 42 e 43.
PT/AMLSB/BEK/009/004494, PT/AMLSB/BEK/009/4486-4493 e PT/AMLSB/BEK/009/4503, 004495-004502.*

Lisboa¹⁷), não só pelo acolhimento afetivo dos sogros de Diogo, ingressando com facilidade na nova família, detetado já no álbum 11, aparentemente construído por si, referente a uma viagem feita à Europa, por eles acompanhado, mas também pela sua descendência de dez filhos, mantendo uma família numerosa e uma relação matrimonial feliz.

No álbum 9 já encontramos a família d'Orey representada no ano de 1949, numa casa do Baleal, possivelmente em estreito convívio com Ana Maria Holstein Beck, os seus filhos e António Teixeira, imagem que surgirá também no álbum 14. A repetição de imagens nos álbuns de família também é indício de um trabalho partilhado por várias pessoas da família. Neste caso supõe-se que tenha sido a mãe e o filho a recolherem a mesma imagem, sendo depois apresentada em duas provas fotográficas em diferentes álbuns.

3. Tempo para recordar - O lazer nos álbuns de família

O álbum 4 reúne várias fotografias que representam os piqueniques vivenciados pela família. É, aliás, impressionante a volta quase completa que a fotógrafa faz para captar as posturas descontraídas de todos os elementos do grupo, presentes no piquenique, como se pode ver na sequência encontrada nas fotografias BEK1353, BEK1354 e BEK1356. Nada nos mostra a não ser uma cena banal de um piquenique tão em voga na época e a insistência de registar o descomprometimento, a possível brincadeira de um encontro só fotografável pelos intervenientes. Os encontros à volta da mesa são complementares aos piqueniques e ocupam igualmente lugar de destaque neste álbum. Continuamos com a refeição como vetor na fotografia privada, num enquadramento e movimento rotativo à volta da mesa para tudo captar, nomeadamente as posturas descontraídas de cada elemento do grupo.

¹⁷ Pelo facto de os álbuns mais recentes estarem ainda na posse da família.

É no álbum 6 - reservado à viagem cruzeiro no paquete que Ana Maria Holstein Beck faz pelo norte da Europa, inicialmente a bordo do *Highland Patriot*, de 25 a 28 de julho de 1937, posteriormente no paquete *Milwaukee*, durante o mês de agosto, e, já nos primeiros dias de setembro, a bordo do *S.S. Alcantara*, sendo as datas da viagem assinaladas entre 25 de julho e 9 de setembro de 1937 - que são introduzidas as chamadas imagens de viagem, frequentemente encontradas neste tipo de álbuns de fotografias. Estas visam essencialmente as paisagens, as cidades visitadas, os monumentos e os locais dos passeios e de descanso e estão bem ordenadas nas páginas, com curtos apontamentos que identificam os locais, a data e o meio de transporte. Aqui já não importam os intervenientes, mas o olhar de Ana Maria Holstein Beck sobre o que ia visitando, não havendo a identificação das pessoas representadas.

Apesar de ser uma viagem refúgio, própria de alguém em luto, denota um gosto cosmopolita da educação europeia dada pela sua família, sendo também sinónimo do poder económico, já que se tratava de uma viagem de quase 2 meses.

É de referir igualmente que a noção atual de turista não se adequava a este tipo de viajante¹⁸, pois a viagem era tida como um complemento à sua educação, sendo o turista, atualmente, um fugaz passageiro por locais de referência.

O álbum dedicado à viagem é também um manancial de informação para quem o consulta e permite ao observador divagar pelos locais visitados, sendo guiado pelo olhar de quem por lá passou, vivido num tempo recuado. Na atualidade, folhear um álbum de fotografias de viagens, feito em 1937, é ver uma Europa antes da 2ª Guerra Mundial, ainda opulenta e grandiosa de cidades tranquilas, apesar dos vestígios da agitação militar com a passagem dos *soldados alemães em Berlim* em agosto de 1937, fotografados e de merecido lugar no álbum.



n.ºs 5, 6 Picnic with ?, July [julho] 1925 hotel de camping-ne [?] [?, Maria José Holstein Beck, Duarte Baltazar Manoel, ?, Joaquim Baltazar Manoel, ? em Bagnoles-de-l'Orne, França, julho, 1925].
PT/AMLSB/BEK/004/001353,
PT/AMLSB/BEK/004/001354 e
PT/AMLSB/BEK/004/001356



Picnic ? Cascaes, October [outubro] 1926 [página 22],
PT/AMLSB/BEK/004/001444-1503

¹⁸ Cf. *Viajar: Viajantes e turistas à descoberta de Portugal no tempo da I República*, Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2010.



Berlim 7 a 9/8/37
PT/AMLSB/BEK/006/002360-2365

A fruição dos álbuns de viagens de épocas recuadas disponibiliza uma aprazível viagem imaginária, que ainda encanta o olhar do turista contemporâneo. Tal como Barbara Levine refere: «Sou uma viajante peculiar. A minha forma preferida de transporte são os álbuns de viagens antigos. Página após página destes álbuns, maioritariamente anónimos, eu sou transportada por um estranho espírito de aventura para lugares longínquos no tempo. Eu embarquei num navio a vapor entre Sri Lanka e o Cairo; atravessei os Alpes de Itália para a Suíça de comboio e de carro descapotável através da Alemanha e no norte da Europa. Eu embarco sem nunca sair de casa. Não preciso de “lá estar”. Sou feliz aqui, na minha cadeira, a passar as páginas de um álbum parado no seu tempo e na sua história.»¹⁹

O álbum 8, já com a presença do segundo marido, António Cardoso Teixeira, apresenta os passeios pelo país, as paisagens encontradas em cenas mais descontraídas, com perspetivas cuidadas de situações exteriores, dos anos de 1938 a 1945, enquadradas no desenrolar da 2ª Guerra Mundial, muitas delas passadas na zona do Baleal, onde o casal terá adquirido uma casa. Os locais fotografados situam-se maioritariamente no litoral centro (Baleal e praia de Santa Cruz), Sesimbra, Vila Nova de Mil Fontes e no Algarve (Faro e Lagos), entre outros, havendo também imagens de Évora e das zonas do Centro e do Norte do país.

Para além de existirem muitas imagens na casa de Lisboa, com as crianças Helena, Diogo e agora também o *Nio*, António Maria Burnay Teixeira (1929), filho do primeiro casamento de António Teixeira com Maria Virgínia Duff Burnay (1893-1935), bem como fotografias de sua casa com a inscrição *Lisboa debaixo da neve Dezembro de 1944*, o casal está também presente noutras ocorrências sociais como o casamento de Maria Póvoa (filha do seu irmão Domingos Holstein

¹⁹ Barbara Levine e M. Jensen Kirsten, *Around the world the grand tour in photo albums*, Nova Iorque: Princeton Architectural Press, 2007, p.9 [tradução livre].

Beck, 5º duque de Palmela e 3º conde da Póvoa], em 12 de abril de 1945, nas páginas 112, 113 e 114 do álbum.

É de referir que a partir da década de quarenta surgem as fotografias dos casamentos, antevendo a intervenção da reportagem fotográfica que atualmente é quase obrigatória nesta cerimónia.

O álbum 9, muito dedicado a viagens - ao Funchal, em dezembro de 1949, celebrando a passagem do ano, com direito a imagens do fogo de artifício, pela Europa em julho de 1949, julho de 1950 (Espanha e França) e maio de 1951 (Roma); de Ana Maria Holstein Beck e António Teixeira, sempre acompanhados por Helena Manoel, é ilustrado por fotografias comerciais, normalmente adquiridas para representarem a viagem, tal como acontecia com a aquisição de postais, perdendo o cunho pessoal dos outros álbuns. É de referir a presença das imagens do casamento do seu sobrinho Salvador Corrêa de Sá, de pendor comercial, possivelmente adquiridas ao fotógrafo responsável pela reportagem, em 1951, no meio das imagens da viagem, fazendo entender a ausência de Ana Maria Holstein Beck no casamento.

O ano de 1947 é bem representado no álbum 10, com muitas imagens de viagens pela Europa entre junho, julho e agosto, provavelmente em deslocações parcelares a par de fotografias na casa do Baleal, num misto de fotografias comerciais e familiares. Possivelmente por uma atitude mais tranquila do período pós-guerra, que não sendo muito sentido nos álbuns, terá determinado as suas deslocações.

Conclusão

Este deambular pelas fotografias dos outros enuncia simplesmente outro modo de mostrar a família, deixando antever detalhes, frequentemente indecifráveis, nas provas de uma atenção dada pelos próprios ao grupo social, ainda estruturante na sociedade, sem contudo encerrar todas as possíveis perspetivas sobre estas imagens, sempre num discurso convergente com a família atual e nunca alienando a sua participação e sem esquecer que os álbuns de fotografia serão sempre a representação de uma memória privada, feita por um grupo de pessoas, a partir das suas ligações afetivas.

Para a fotografia de ocasião, predominante nestes álbuns de família, o observador é simultaneamente aquele que participa, pela sua presença na cena que irá fotografar num compromisso com os seus pares, tanto no enquadramento da fotografia como no registo fotográfico. O contexto do quotidiano familiar é essencialmente sublinhado por uma observação ativa, mediada por um instrumento técnico. À fotografia de ocasião subtrai-se o impulso emotivo que operou a máquina fotográfica, dando a ver o ponto de vista do próprio sobre os outros e os assuntos que lhe são próximos e que o afetam.

Perante este cenário, surgem protagonistas de uma elite cultural atentos à nova atitude participativa de produtores de expressões imagéticas. No caso da coleção de álbuns de fotografia da família de Ana Maria Holstein Beck, ainda enredada num regime social rígido de relações estabelecidas em alianças de poder, normalmente provenientes dos casamentos entre as famílias, é facilmente detetado nas fotografias dos seus álbuns.

Jean-Claude Kaufmann, no artigo *Tout dire de soi, tout montrer*²⁰ refere alguns conceitos importantes que agora são apropriados para este contexto, em que a modernidade está intimamente ligada à individualização da sociedade e tal não se poderia desenvolver sem a revelação dos segredos das intimidades. Atualmente, as novas tecnologias, permitem que o indivíduo se dilate pelas suas obras, *numa extensão de si*. Deste modo, o sentido da vida antes era imposto pelo destino social e hoje é construído por si mesmo e se possível inventado. Acresce dizer que o autor refere que a curiosidade não é um defeito, mas uma característica necessária à modernidade individualista. Assim, no enquadramento do presente texto, este facto reforça o valor do álbum de fotografias dos outros - incita a curiosidade, num impulso emotivo, próprio de quem também tem fotografias da sua família e propõe uma *assemblage* de olhares, numa similitude imagética, apesar da distinção do enquadramento social.

* Arquivo Municipal de Lisboa

Fontes

Câmara Municipal de Lisboa, Arquivo Municipal de Lisboa - Fotográfico, coleção Holstein Beck e coleção Eduardo Portugal.

Fontes Orais

Entrevista a Maria Manuela Albuquerque d'Orey Manoel, Lisboa, 18 de fevereiro de 2013.

Bibliografia

BATCHEN, Geoffrey – *Forget me not photography and remembrance*. Amsterdão; Nova York: Van Gogh Museum; Princeton Architectural Press, 2004.

„- Les snapshots, *études photographiques*, [em linha], 22, Septembre 2008, disponível em <http://estudesphotographiques.revues.org/index999.html>. [consulta em 23 de dezembro de 2009].

BONIFÁCIO, Maria de Fátima [Transcrição, prefácio e edição] – *Memórias do Duque de Palmela*. Alfragide: D. Quixote, 2011.

BURKE, Peter – *Visto y no visto: El uso de la imagen como documento histórico*. Barcelona : Editorial Crítica, 2001.

Family photographers photograph their families. Londres; Nova Iorque: Phaidon, 2005.

FRIZOT, Michel; VEIGY, Cédric - *Photo trouvée*. Londres; Nova Iorque: Phaidon, 2006.

HOLLAND, Patricia – ‘Sweet it is to scan...’: personal photographs and popular photography. In WELLS, Liz – *Photography: a critical introduction*. Nova Iorque: Routledge, 2000. p.117-164.

HIRSCH, Marianne – *Family Frames photography narrative and postmemory*, Cambridge (EUA); Londres (RU): Harvard University Press, 1997.

LEVINE, Barbara; KIRSTEN, M. Jensen – *Around the world: the grand tour in photo albums*. Nova Iorque: Princeton Architectural Press, 2007.

²⁰ Jean-Claude Kaufman - Tout dire de soi, tout montrer, *Le débat*. Paris. 125 [maio-agosto de 2003],p. 144-154.

KAUFMANN, Jean-Claude – Tout dire de soi, tout montre. *Le débat*. Paris. 125 [maio-agosto de 2003], p.144-154.

– *Secrets d'albums*. In *Un siècle de photos de familles*, Paris: Les éditions Textuel, 2002.

MATTOSO, José (dir.) – *História da vida privada em Portugal: a época contemporânea*, coordenação de Irene Vaquinhas. Lisboa: Círculo de Leitores; Temas e Debates, 2011.

MÓNICA, Maria Filomena – *A queda da monarquia Portugal na viragem do século*. Lisboa: Dom Quixote, 1987.

Viajar: Viajantes e turistas à descoberta de Portugal no tempo da I República. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2010.

ROSA, Maria de Lurdes (org.) *Arquivos de Família, Séculos XII-XX: Que Presente, Que Futuro?* Lisboa: IEM - CHAM, 2012.

ROSA, Maria de Lurdes – Problemáticas históricas e arquivísticas actuais para o estudo dos arquivos de família portugueses (Épocas Medieval e Moderna). *Revista de História da Sociedade e da Cultura*. [em linha]. Lisboa. 9(2009), p. 9-42, disponível em: http://www.uc.pt/en/chsc/rhsc/rhsc_9/mlr [consulta em março de 2013].

TABUCCHI, António, *O tempo envelhece depressa*, Alfragide: Dom Quixote, 2012.

Olhar os Álbuns de Família

Luís Pavão*

Folheando as velhas páginas de cartolina amarelecida, com pequenas provas coladas, vamos nos apercebendo do dia a dia desta família Holstein Beck, da casa Palmela, através dos olhos da sua filha mais nova, Ana Maria. Seguimos o seu quotidiano, as suas viagens, as suas emoções, os momentos altos e mais interessantes da sua vida. Através das imagens e respetivas legendas, somos apresentados à família e aos amigos, numa sucessão de nomes e diminutivos que se vão tornando familiares: *Tatim, Minnie, Nio, Chita, Tita e Canota Perestrello, Miss Galvin, Luísa, Mother, King, Queen, Tia Carlota, Visconde, Domingos, Father, Chapin, Doris. Viajamos por locais apetecíveis e misteriosos: Alferrarede, Baleal, Calhariz, Deauville, Maidenhead, Twickenham, Lagoalva, Parchanas, Vale Feitoso, Versalhes, Veneza*. Viajando nos álbuns ... viajamos com eles, sorrimos com eles, entramos na família com eles, tratamo-los pelos seus nomes próprios ou diminutivos, sentimos as suas emoções, saudamos os nascimentos, celebramos os casamentos, notamos a falta de algum que desapareceu das imagens.

Os referidos álbuns são o diário fotográfico de Ana Maria de Sousa e Holstein Beck Teixeira (1902-1966). Através dos seus álbuns de fotografia, introduz-nos na sua vida e na sua família, desde o início, em 1912, no sul de Inglaterra. Desde criança que viajava e contactava com muitas pessoas fora do seu círculo familiar. Precisava naturalmente de um registo, das pessoas e dos sítios; de uma âncora, para sentir os pés assentes na terra; das anotações de todos os nomes e apelidos, algumas vezes mesmo dos títulos nobiliárquicos das pessoas que aparecem nas fotografias; do registo dos locais, das datas, dos acontecimentos, das viagens em que esteve envolvida. Em extensas legendas anota, por vezes em letras encavalitadas, para caberem no espaço exíguo que lhe era atribuído nos álbuns, todas estas informações.

E veja-se de que forma uma das grandes famílias de Portugal fica registada para a posteridade e com um grau de intimidade extremo: através da técnica fotográfica mais modesta e elementar, através de pequenas provas de amador, de pequeno formato, coladas ou presas com cantos em álbuns simples, muitas delas com baixa qualidade, sem qualquer pretensão de grandiosidade ou de estilo. É dentro desta singeleza que a autora regista a sua vida e escreve o seu diário.

Já folheei estes álbuns dezenas de vezes, desde que deram entrada no Arquivo Fotográfico em 2003. O que pretendo neste texto é apenas apresentar o resultado do meu olhar sobre o seu olhar. Ler e reler, através dos álbuns das fotografias, como se de um romance se tratasse. Olhar o olhar de Ana Maria, ler o seu diário, descobrir a sua vida através das fotografias, é o que me leva a escrever.

1 - A construção dos álbuns

Ana Maria dedica-se à construção dos seus álbuns desde 1912 até 1956. A fotografia mais antiga data de 1908, é um retrato da família no Calhariz. Com algumas interrupções, o seu registo segue numa continuidade que se estende por 44 anos e com uma regularidade notável.

A obstinação de Ana Maria na produção dos seus álbuns de fotografia enquadra-se bem na citação de um vendedor da Kodak do início do século:

*É da minha experiência que as mulheres levam mais a sério a fotografia do que os homens, elas parecem ser possuídas por uma espécie de febre desde que fazem o disparo até que obtém a prova final. Elas reclamam as suas provas de imediato[...]as mulheres ouvem atentamente todas as recomendações que lhes são feitas e tentam segui-las, enquanto um homem parece não gostar que lhe digam nada[...]*¹

Tratam-se de álbuns de família, virados para o interior da família e amigos, com fotografia que não pretende ter expressão pública, nem ser alvo de exposições ou de qualquer outra forma de divulgação, para além do círculo da família e dos amigos mais próximos. Contudo, as imagens e a dedicação na sua organização e legendagem, revelam-nos o interesse que a autora nutria por este meio de expressão, a fotografia e de coligir e reunir de forma completa e sistemática, as imagens no seu diário. Uma persistência que durou 44 anos não é certamente uma casualidade. O seu interesse seria desde o início tão manifesto e conhecido, que alguns dos álbuns são oferecidos, com dedicatória, nos dias dos seus anos.

Na guarda do álbum 2 encontramos a seguinte dedicatória: *Wishing you a very happy birthday and many bright returns. Yours affectionately, Minnie, London November 16th, 1915*. Oferecido no dia em que Ana Maria completou 13 anos. Contudo a datação das provas deste álbum tem início apenas em 1919. *Minnie* era a dama de companhia da 4^a duquesa de Palmela, mãe de Ana Maria. O álbum 1 não tem dedicatória, tem apenas escrito na guarda: *Anna de Souza (Palmella), Nº 1, 1912, 1919*. Ou seja, começou com 10 anos a reunir as suas fotografias em álbum. O álbum 13 também foi oferecido como presente, a dedicatória encontrada na guarda refere: *Com mil parabéns, tua irmã, muito amiga Luiza., 16 de Novembro de 1917*.

O discurso narrativo das imagens nos álbuns é sincopado. Encontramos alguns saltos no tempo, incompatíveis com a proximidade física das fotografias na mesma página. Por vezes há retrocessos, espaços em branco no tempo ou uma ou outra imagem díspar na sequência temporal. Por exemplo, não temos nenhuma fotografia do ano 1923 e apenas uma fotografia do casamento, em 1924. Poderemos questionar se um evento tão importante na sua vida, foi motivo para outro álbum distinto. São quase inexistentes as fotografias de festas de natal, um dos temas mais populares na fotografia de amador.

No seio desta linguagem sincopada, própria da fotografia e da sua forma de produção, encontramos sequências no tempo bem próximas, bem explícitas de uma proximidade temporal, que nos traduzem a vontade da autora de contar uma história ou um acontecimento, bem delimitado no tempo. Temos várias sequências de interesse entre as fotografias, Ana Maria usa a linguagem da série com habilidade, para reforçar uma ideia.

¹ Colin Ford: *The Kodak Museum, The Story of Popular Photography*, Bradford, West Yorkshire: Century Hutchinson Ltd., National Museum of Photography, Film and Television, 1989p. 81.

Uma delas é o conjunto de imagens da casa de Paris, na *rue Raynouard*, para onde se mudaram logo após o casamento em 1924; ocupa quatro páginas e mostra-nos detalhadamente a sala de estar, o fogão de sala em pedra com o enorme espelho por cima, o quarto, a cozinha e aparador, o piano, a secretária. Depois o registo muda para as fotografias em pose de Ana Maria e *Tatim*, em frente ao piano ou junto do fogão de sala, em maior formato, ou sentados nos sofás, à secretária ou ao piano e mesmo na varanda. A varanda era usada como sala de estúdio para fotografar os convidados e crianças, (ver Helena em março de 1926). Curiosamente, a sequência da casa de Paris tem início em Dauville, cidade de recreio e estância de verão, que servia Paris. Pode ser uma pista para resolver o enigma: *Como se deslocavam entre Portugal e França?* – Possivelmente entraram em França por Deauville, chegados de barco, para uma nova vida.



22 Rue Raynouard Maio 1924,
PT/AMLSB/BEK/004/001306 - 001309



Caçada aos porcos na beira, Valle Feitoso, October
1927
PT/AMLSB/BEK/004/001562 - 001568

Outra sequência notável é a caçada em Vale Feitoso, Castelo Branco (*caçada aos porcos na beira, Valle Feitoso, October 1927*), em que Ana Maria conta por imagens um dia no campo e toda a atividade em torno da caça: a preparação do grupo, o automóvel, as armas de caça, a paragem para o almoço, a presença dos burros para ajudar nas caminhadas, numa sequência notável que ocupa oito páginas do álbum 4. Repare-se num pormenor delicioso, os trajes usados para viajar em automóvel aberto, que incluíam o barrete de cabedal e o guarda pó.

Por vezes a sequência de fotografias no tempo é reunida a partir de mais do que um observador. No álbum 9, na partida de barco para a Madeira a fim de celebrarem o fim do ano de 1949, Ana Maria mostra-nos duas situações. Observado da varanda do cais, vemos o navio a afastar-se e os passageiros acenando, debruçados na amurada (*saída do Serpa Pinto para a Madeira, fim de 1949, BEK 4352*). Logo a seguir, o mesmo instante é apresentado por quem está dentro do barco e vê o cais a afastar-se, com a multidão a despedir-se (*BEK 4354 e 4355*). Nesta sequência, o navio vai-se afastando gradualmente e a montagem das fotografias no álbum dá esta ideia de passagem do tempo e da distância a crescer. Ana Maria reúne assim fotografias de diferentes pessoas (seria impossível estar nos dois locais ao mesmo tempo), montando a sequência, como quem faz a montagem de um filme. Esta sequência é completada com a imagem da fragata, já em pleno Tejo e com as imagens da chegada ao Funchal: a baía do Funchal, António Teixeira encostado à amurada, com a cidade ao fundo, o cais de desembarque e as cadeiras de transporte dos turistas, que aguardam junto dos grandes navios. Revela o cuidado e a atenção na construção da sequência e no contar da história ao longo dos álbuns. O álbum segue com imagens da Madeira, de formato quadrado.



Saída do Serpa Pinto para a Madeira fim 1949.
PT/AMLSB/BEK/009/004348 - 004356



Panorâmicas da Nazaré,
PT/AMLSB/BEK/009/004453 - 004454

Possivelmente realizadas pelo seu filho Diogo, que até aparece com uma Rolleiflex², no miradouro da Madeira. A mesma imagem também está no álbum 7.

Nas páginas dos álbuns encontramos montagens e colagens de várias fotografias, que revelam uma preocupação da autora em animar graficamente, quebrando a monotonia de páginas iguais. Para conseguir mostrar panoramas vastos ou edifícios que não consegue mostrar por inteiro (talvez por falta de recuo em locais estreitos), recorre a montagens de várias provas mais pequenas. Esta opção é tomada no momento da captura da imagem e mostra que nesse momento a autora já está a pensar na página que vai construir no seu álbum. Ressaltamos duas panorâmicas, uma da Nazaré e outra da praia do Portinho da Arrábida (BEK 4457-58), que não são mais que dois quadrados, colados com fita-cola, com margens brancas e bordos rendilhados, um resultado artesanal e também atrativo. Mais à frente são interessantes as duas panorâmicas de praia, em San Sebastian (BEK 4545, BEK 4547).

Dos passeios de António e Ana Maria no Alentejo, resultam as montagens da igreja da Graça (BEK 3331), com duas fotografias associadas e da Sé de Évora com três fotografias empilhadas e de que resulta a distorção da fachada, encurvada devido ao movimento de inclinação progressiva da câmara para cima, até enquadrar as torres. Viajando sozinhos, os dois dispersam o seu olhar por edifícios e paisagens, numa abordagem diferente das viagens iniciais (álbuns 1, 2 e 3), em que Ana Maria olhava principalmente para a família e amigos com quem viajava. Este conjunto de imagens, reunido no álbum 6, tem uma forma física característica da época, com pequenas provas, de margem branca recortada e com imagem de cor castanha, sem brilho, em papel de gelatina e prata virado a sépia, um gosto da época. Nestas páginas confirmamos que esta coisa dos gostos do público pela fotografia tem oscilações periódicas. O gosto pela fotografia a preto e branco virada a sépia teve também altos e baixos. Com o decorrer dos tempos, sabemos que oscilou desde a adoração até o detestável. Assim o álbum 8, que percorre todo o período da Segunda Guerra Mundial, apresenta zonas com todas as provas de cor castanha e outras zonas em que as provas apresentam cor neutra.



Três fotografias associadas da Sé
de Évora,
PT/AMLSB/BEK/008/003322

² Câmara fotográfica da marca Rollei, com imagens de formato quadrado, 6x6 cm, muito popular nas décadas 1950 e 1960.

Aos 11 álbuns que inicialmente foram oferecidos ao Arquivo Municipal de Lisboa, Arquivo Fotográfico, pela nora e neto da autora em 2003, juntaram-se mais cinco álbuns, com fotografias ou recortes de imprensa e desenhos, oferecidos em 2012. O conjunto compreende 5.904 fotografias, ordenadas em sequência temporal (embora com alguns saltos e recuos) e cobre um período extenso, que vai desde 1908 até 1956! Os álbuns são produzidos e coligidos por Ana Maria, exceto o álbum 11 (viagem a Itália), 14 (álbum de Diogo) e 15 (viagem a Angola), que foram fotografados e reunidos pelo seu filho Diogo. O álbum 2-A é um conjunto de páginas soltas que chegaram inseridas no final ao álbum 2 e que foi separado porque estava a esforçar a encadernação, constituindo-se assim o álbum 2-A. Reúne apenas fotografias de Tatim, possivelmente terá sido coligido por ele.

2 - As viagens através da fotografia

O elemento *Viagens* é uma constante ao longo dos 11 álbuns e talvez uma das principais razões da sua produção.

O álbum nº1, começa com a estadia em Inglaterra em 1913, na sequência do exílio da Família Real. Ana Maria, então com 11 anos, aparece nas primeiras fotografias com a sua câmara fotográfica, rodeada de amigos mais velhos e com as irmãs, sempre presentes [Imagem n.º 002, 003, 004, PT/AMLSB/BEK/001/000005, 000007, 000024,]. Neste álbum encontramos também imagens de Portugal, da quinta da Lagoalva em 1915, com trabalhos da lavoura, que comprovam uma vinda a Portugal e regresso a Inglaterra. Seguem-se contactos com a Família Real em Twickenham, em 1915, para regressarem no verão de 1916 a Portugal, com fotografias nas quintas do Calhariz e Lagoalva. Nesta sequência existe alguma desordem nas imagens, pois mais à frente temos fotografias de banhos de mar em Cascais, no verão de 1915. Genericamente podemos concluir que passavam os verões em Portugal, entre as quintas e a praia em Cascais, regressando a Inglaterra para cada ano escolar. Espantosa mobilidade para uma família com crianças, numa Europa em guerra! Podemos perguntar: Como se deslocavam e com que riscos? Seguindo apenas as imagens e as legendas, vemos que Ana Maria viaja de novo, em 1916, para Inglaterra, passando por Hendaia, Biarritz, Cambeau, onde mostra várias fotografias, uma delas da sua irmã com professor de golfe [Luiza and golf teacher Biarritz 1916, BEK 118], seguindo-se depois uma visita à Família Real, em Eastbourne.

Duas páginas interrompem esta narrativa com imagens de tropas portuguesas estacionadas em Inglaterra em 1918 [Portuguese Training Camp Honsham 1918, BEK224 a BEK 244] não sendo indicado o mês. Portugal entrou na Guerra em março de 1916 e corpo expedicionário seguiu para Flandres em 1917. Algumas fotografias estão legendadas com nomes dos militares, o que comprova a presença no campo de treino de alguém próximo de Ana Maria, talvez o seu irmão António (António Maria de Sousa Holstein Beck, 1892-1941), que teria nesta altura 26 anos.

Em 1918, está presente em Cambridge, na formatura do seu irmão Domingos (Domingos de Sousa e Holstein Beck, 1987-1969 - *Degree Day, Cambridge 1918*). Para além de registar imagens de vários passeios em Inglaterra, nesse mesmo ano passa o verão em Biarritz e Hendaia, regressa a Cascais no final do verão, para se apresentar nas imagens de novo em Londres em 1919.

Este ritmo de deslocações que temos no álbum 1 é estonteante, considerando a época, sendo retomado, com mais força ainda, nos álbuns seguintes em que a quantidade de deslocações pela Europa é assombrosa. Cabe perguntar: Como seria viajar pela Europa em 1920? - Apesar da presumível carência de estradas, não parecem fatigados por deslocações. Utilizavam, certamente, os barcos para França e o comboio, embora não encontremos nas fotografias qualquer referência a estes meios de transporte, nem imagens destas deslocações. A fotografia permite perceber como se apresentavam sempre frescos, bem-dispostos, tão bem vestidos e requintados: nos homens luva branca, laço ou gravata, colete e casaca com lenço branco no bolso; nas senhoras sapatos pretos de verniz ou brancos, chapéu ou boina, saia comprida e gola de pele. Pelas indumentárias não cremos que estivessem a fazer uma viagem longa, antes parece que acabaram de sair de casa (Royat 1920, BEK 602).



Mont Doree 1920,
PT/AMLSB/BEK/002/00656

No álbum 2 começamos com a estadia em Inglaterra, Maidenhead e o regresso a Portugal em julho de 1919, por via terrestre, visitando a Catedral de Soissons (destruída na 1ª Guerra Mundial) e o cemitério americano em França (BEK 341-342). Nas fotografias de agosto já está em Cascais, com o seu recém-nascido sobrinho Luis da Póvoa (BEK 358, 359), filho do seu irmão Domingos e de Maria do Carmo. No outono de 1919 fazem outra grande viagem pelo norte de Portugal, a que Ana Maria chama o *Tour October 1919*. Guiando-nos pelas fotografias, passam por Batalha, Coimbra, Buçaco, Porto, Sameiro, terminando na Lagoalva, sempre na companhia dos Assecas, amigos inseparáveis.

Depois há um salto no tempo, para retomar as fotografias em abril de 1920. Em junho de 1920 estão de novo na estrada (no barco ou no comboio?) para Paris, Versailles, Saint Étienne, Fontainebleau até chegarem a Inglaterra, Twickenham e Maidenhead para um novo encontro com a Família Real.

Regressam nesse ano num longo périplo por França e Itália, visitando lugares de interesse turístico como *Chantilly*, *Royat*, *Mont Dore*. É aqui, em *Mont Doré*, que aparece a primeira fotografia de *Tatim*, (Joaquim Tomás Carlos Bernardo Baltazar Manoel 1898-1935) com quem viria a casar, quatro anos mais tarde. Nessa fotografia, Tatim está junto da camioneta com o letreiro *Mont Doré – La Bourboule* (Imagem 031- PT/AMLSB/BEK/002/000616), na companhia de *Minnie* e da sua irmã Maria (Maria José de Sousa Holstein Beck, 1894-1969). Podemos conjecturar se as fotografias nos mostram o início do romance. Ana Maria e Tatim surgem depois em idílio no Lac de Pavin e Capucines, em diversos passeios e piqueniques. Minnie acompanhava constantemente Ana Maria e as irmãs, mesmo nas deslocações ao estrangeiro. De novo em Portugal, passam o inverno de 1920, para pouco tempo depois, em abril de 1921, nova partida para Espanha (Madrid) e França (Lourdes), Nauheim, Salinas de novo com Tatim e sua mãe (marquesa de Tancos). A mesma viagem continua no álbum 3 em Nauheim, Colónia, Versalhes, Saint Germain, para regressar a Cascais, onde os encontramos na praia, em agosto de 1921.

Ana Maria permanece em Portugal até maio de 1922 e em julho de 1922 (álbum 3) aparece já em Inglaterra visitando os Kew Gardens e Windsor, na companhia da sua irmã Luísa (Maria Luísa de Jesus de José Francisca de Sousa e Holstein Beck 1900-1972), *Tatim*, *Minnie* e *Doris*

(que aparece como bailarina mais atrás), sendo que a sua *Mother* (Helena Maria Domingas de Sousa Holstein, 4ª duquesa de Palmela, 1864-1941) aparece ocasionalmente. Depois partem de Inglaterra em setembro, visitando de automóvel Versailles e Saint Claude, Bagnoles, Saint Michel e Deauville, já em outubro de 1922. Seguem depois pelo sul da Europa, passando por Turim, Florença, Milão, Veneza, Pádua, Roma, Nápoles e Pompeia, onde permanecem até novembro de 1922! Uma viagem de 5 meses, repleta de encontros com amigos portugueses que estariam também a viajar. Podemos perguntar: Como organizavam as viagens, como se encontravam no estrangeiro? Viajavam juntos? Usavam telex e telegramas? Ou tinham combinado previamente encontros pontuais? -Pelas fotografias parece que viajaram sempre juntos, Luísa, Ana Maria e Tatim; estando também a Mãe em muitas fotografias com Maria José e Minnie. Tatim não aparece nas imagens de Itália, eventualmente ter-se-á separado do grupo em França.

Seguindo as páginas dos álbuns, encontramos um hiato nas imagens do ano de 1923. Não existem fotografias desse ano nos álbuns de Ana Maria, apenas algumas no álbum 2-A, o álbum de *Tatim*. Temos apenas uma fotografia do seu casamento com Tatim, em 1924 (Imagem 064 - PT/AMLSB/BEK/003/001240). Ana Maria posa vestida de branco, junto de Luísa e Minnie. Nem sequer é uma fotografia da cerimónia o que qualifica a Ana Maria como a principal obreira das imagens. Obviamente, não teria oportunidade de fotografar no seu próprio casamento e estaria excessivamente ocupada no período de preparação, antes do casamento.

O álbum 4 inicia-se com passeios na praia da Adraga. Após o casamento, aparecem já instalados em Paris, no apartamento da *rue Raynouard*. As imagens apresentam um levantamento fotográfico completo das várias divisões da casa e retratos dos proprietários. Nos primeiros tempos de casados estão em Paris, com deslocações a Recloses, Les Lanches, Versailles, incluindo as imagens do piquenique em *Forêt de Campigne*, em junho de 1925 (Imagem 069 - PT/AMLSB/BEK/004/001353).

Depois do nascimento de Helena, em fevereiro de 1926, as viagens reduzem-se e permanecem mais tempo em Paris, onde Tatim trabalha no Banco Nacional Ultramarino. A fotografia da parteira com o bebé ao colo é notável! (BEK 1375). Passam o verão nesse ano em Recloses, vêm a Cascais em setembro e outubro de 1926, com deslocações ao Calhariz e Lagoalva, para regressarem à *rue Raynouard* em novembro de 1926. Em outubro de 1927 surgem de novo em Portugal, em caçadas no Vale Feitoso (Castelo Branco) e nas quintas do Calhariz e Lagoalva. Permanecem em Portugal pelas quintas e na casa de Lisboa até 1928 (final do álbum 4).

Em outubro de 1928, no álbum 5, registamos nova viagem de automóvel, desta vez a Toledo, Escorial, Sevilha, seguida de outra - a última viagem de automóvel registada do casal - à Exposição de Barcelona, em agosto de 1930. O segundo filho, Diogo nasce em novembro de 1930 (Diogo de Sousa Holstein Manoel, 1930-1984), passando a ocupar uma boa parte das fotografias nos álbuns.

Nos anos seguintes estão em Portugal, os filhos crescem, a vida e as fotografias são mais rotineiras, centram-se em torno das crianças, do seu crescimento, dos passeios pelas quintas, das visitas a amigos e banquetes. As imagens de *Tatim* começam a rarear no álbum 7. No ano de 1933 ainda aparece em muitas imagens, deixando de aparecer com tanta frequência nas

fotografias a partir em 1934. Em 1935 são raras as suas fotografias, prenúncio da sua morte prematura, que ocorreu a 13 de dezembro de 1935. As últimas imagens de Tatim nos álbuns, são no Calhariz em junho de 1935 (BEK 2823 e BEK 2824).

Depois de 1935 tudo se modifica. Ana Maria, agora viúva, parece uma pessoa diferente, mais envelhecida, perdeu um brilho que tinha no olhar, perdeu o sorriso permanente e o ar até um pouco trocista com que se apresenta nos primeiros anos. Na praia da Adraga, no verão de 1936, vemo-la claramente abatida e diferente. Parece ter envelhecido 20 anos.

Cabe-me destacar aqui este aspeto, a imensa informação que a leitura das fotografias nos proporciona. Apesar de se tratar de fotografia familiar, de um registo de amator, percebemos a evolução e o seguimento temporal das imagens permite-nos perceber tanto desta família. O que a totalidade das fotografias mostra é muito mais do que a soma das partes. Ao mesmo tempo, vendo e revendo os álbuns, vamos sendo conquistados pelas imagens, vamo-nos ligando a estas pessoas, como se fizessem parte da nossa família.

Ao longo do álbum 6 (aqui a numeração dos álbuns não segue a cronologia), Ana Maria viaja de novo, num cruzeiro pelo norte da Europa em julho e agosto de 1937. Visita Paris, Berlim, Potsdam, Lubeck, Tallinn (Estónia), seguindo depois a bordo do *Milwaukee* para a Finlândia, Helsínquia e Suécia, com paragens em Estocolmo, Copenhaga e Oslo. Mostra passeios pelas montanhas e visita aos fiordes, voltando a Inglaterra, com visitas a Windsor e Hampton Court, regressando depois a Portugal no S. S. *Alcântara*, com paragem em Cherburgo.

Neste álbum 6, há muitas fotografias de paisagens e dos locais visitados, dos edifícios e dos jardins. O seu interesse desvia-se claramente dos álbuns anteriores, esquece os companheiros de viagem para se centrar nos locais e paisagens. O álbum 6 é seguramente uma viragem do seu percurso e das suas atenções. Qual a razão da mudança? – Não percebemos sequer com quem viaja a autora, os nomes das pessoas não são mencionados nas legendas das fotografias, apenas os locais e as datas.



*Baile de caridade da Brigada Naval a bordo do
Moçambique, fevereiro 1938.
PT/AMLSB/BEK/008/003233*



1º fato de baile de Helena, em casa, Lisboa, julho de 1942.
PT/AMLSB/BEK/008/003796

Ana Maria casa em segundas núpcias, em 1938, com António Teixeira e viaja de novo, mas agora em Portugal, principalmente no Alentejo e Algarve. A primeira fotografia de António Teixeira é de fevereiro de 1938 num baile de máscaras no clube em Cascais. Todas as imagens do álbum 8 são em Portugal (o que acontece pela primeira vez) e o período que cobrem, desde fevereiro 1938 a setembro 1945, coincide com a 2ª Guerra Mundial. Muitas imagens deste álbum são da família a crescer, em casa ou em pequenas viagens, onde aparece um novo elemento da família, *Nio*, filho de primeiro casamento de António Teixeira.

Nestas imagens, Ana Maria, António Teixeira, Helena, Diogo e Nio aparecem agora como uma família lisboeta vulgar, fixada na sua cidade, com mais proximidade entre si, com passeios e pequenas viagens, para além das festas, brincadeiras das crianças, as idas à escola, alguns casamentos e recepções. Não sentimos nas fotografias que está a decorrer uma guerra, embora em algumas imagens, sejam presentes atividades que nos relembram a terrível guerra que decorria na Europa, como os exercícios de enfermagem com máscaras anti gás.

Um novo local aparece nas imagens, a casa de férias do Baleal, situada mesmo na falésia sobre o mar. É aqui que passam os verões e muitos dias de férias e lazer. Ana Maria fotografa o mar, mesmo a seus pés, que surge como uma nova temática e ponto de interesse, na senda já continuada do seu interesse pela natureza. Com algumas viagens em Portugal - Alcobaça, Nazaré, Alentejo e Porto - vemos a família a crescer, as crianças a tornarem-se adolescentes e jovens, as atividades nas escolas, os primeiros bailes e vamos vivendo com eles este desenrolar tranquilo da sua vida.

O fim do ano no Funchal, em 1949-50 é mostrado em dois álbuns: o álbum 7 e álbum 9, onde inclui fotografias compradas a fotógrafos locais, igualmente de pequeno formato com margem branca e aresta rendilhada e que cola nos álbuns ao lado das suas fotografias.

Todas as imagens do álbum 11 referem outra viagem pela Europa, realizada em 1951, por França, Bélgica, Holanda, Itália. Desta vez viaja apenas Diogo com os seus futuros sogros. Passando por Paris, Versalhes, Marselha, Bruxelas, Haia, Amesterdão, Génova e Roma, Diogo centra a sua atenção sobre os locais visitados, mostrando principalmente edifícios e obras de arte, ruas e canais, arquitetura, monumentos e as cidades, numa atitude muito mais turística do que a sua mãe revelou nas suas viagens. Diogo dedica poucas imagens ao grupo com quem viaja, num olhar diferente do olhar que a sua mãe apresenta, nas viagens realizadas 30 anos antes. Insere no álbum bastantes provas comerciais, dirigidas aos turistas, tornando-os mais impessoais.

O álbum 12 é um álbum vitoriano, de encadernação luxuosa e capa de madeira. Contém apenas duas fotografias, um cartão *cabinet* de António (António Maria de Sousa Holstein Beck, 1892-1941), irmão mais velho de Ana Maria e uma prova mais recente.

O álbum 13 é um álbum de infância, todas as imagens são de Inglaterra. Parece ter sido reunido pela irmã, tendo-lhe sido oferecido no seu aniversário, pois aparecem sobretudo amigas inglesas, com predominância para a Dóris. Algumas provas apresentam dedicatórias no verso.

O álbum 14 é o álbum de criança de Diogo, que na senda do interesse da mãe, fotografa com a sua câmara a família e a escola e reúne as suas fotografias. As imagens iniciais são de 1943, tinha 13 anos, é bem patente o olhar de uma criança, com as imagens frequentes da mãe e do padrasto, da sua irmã e do seu irmão adotivo. O olhar infantil nota-se na escolha dos assuntos, com as fotografias frequentes da mãe, da varanda de casa com os cães, da família na casa de jantar, dos amigos de escola [Colégio Infante Sagres], das férias de verão no Baleal em 1943, festa do colégio em 1944, com fotografias até 1949.

O álbum 15 é dedicado à viagem a Angola, para visitar Sá da Bandeira e o monumento do Centenário dos Assecas. Diogo viajou a Angola com a tia Luísa e o marido António Asseca.

3 - Ana Maria e a família

Restringindo-nos apenas à leitura das imagens dos álbuns, vemos que a atenção de Ana Maria é direcionada para a família e para os amigos. Mesmo quando se encontra em viagem, num olhar eminentemente feminino, não nos preenche com vistas de monumentos ou de paisagens: antes mostra-nos as pessoas e os amigos. As pessoas, em particular a família, são sempre o seu centro de interesse e a sua grande motivação para fotografar. Perante as maravilhas mundiais, a praça de São Marcos, o coliseu Romano ou o palácio de Versalhes, o seu olhar é dirigido para os seus companheiros de viagem, retratando-os nestes cenários magníficos. Este seu interesse trespassa todas as páginas, de todos os álbuns, numa obsessão de guardar todos, de registar as imagens de todos, bem como o registo dos nomes, apelidos e títulos das pessoas que a rodeiam.

Cabe referir outra citação curiosa de Colin Ford³:

Nós pensamos que as mulheres são utilizadoras mais regulares das suas câmaras fotográficas e são mais relutantes em pô-las de lado depois do verão acabar[...] As mulheres fotografam geralmente pessoas. Não estão viradas para as vistas, exceto para as usar como pano de fundo dos seus companheiros; como têm sempre companheiros consigo, quando saem de casa, as suas câmaras são sempre utilizadas.

Folheando as páginas dos primeiros três álbuns, constatamos que é privilegiada a sua relação com Luísa, sua irmã apenas dois anos mais velha e sua grande companheira. Nas imagens aparecem muitas vezes juntas ou em imagens seguidas, em viagens e grupos de amigos, bem patente nas fotografias dos álbuns 1, 2 e 3 e nas viagens que realizaram pela Europa entre 1918 e 1922. Depois do seu casamento em 1924, sentimos um pouco mais de distanciamento, mas continua a ver-se em piqueniques e passeios pelas quintas da Lagoalva e das Parchanas. Toda esta situação altera-se com o segundo casamento de Ana Maria, em 1938. Luísa deixa de aparecer nas fotografias completamente, seguindo o afastamento que sentimos através das imagens, entre Ana Maria e a sua família após 1938.

³ Colin Ford: op. cit, p. 81.



Luísa vestida para o casamento do António, Lisboa 1915, PT/AMLSB/BEK/001/000049



Tour October 1919. Viscondessa, António Asseca, Luíza, mother. Cruz Alta, Bussaco, PT/AMLSB/BEK/002/000431

Os irmãos mais velhos de Ana Maria, Maria José (oito anos mais velha) e Domingos (cinco anos mais velho), são companheiros frequentes nas viagens, nas idas à praia e passeios, nos jogos de ténis, nos banhos de mar na baía de Cascais. Apresenta algumas fotografias do casamento de Maria no álbum 2-A (*Marias's wedding, Lisbon, Feb.1923, BEK 861 e seguintes*).

Estranhamente, vemos poucas fotografias do seu irmão mais velho, António. Temos no álbum 1 um retrato do António (*António, Cintra 1916, BEK 55*) e outra fotografia de Luísa com referência ao seu casamento. Este seu irmão desaparece de todas as referências nos álbuns seguintes até ao fim, com exceção de uma fotografia de passe no álbum 3 (*António BEK 1246*). Existe mais um retrato no álbum 12, cartão *cabnet* de fotógrafo *Messr Stearn, Cambridge, Artists and Photographers, 72, Bridge Street, Cambridge*. Tem uma dedicatória, manuscrita a tinta na frente: *Seu filho muito amigo António, Camb. O. T. C. D Troops, 1911*. A diferença de idades (10 anos), não explica este afastamento. António morre de forma trágica em 1941, sem deixar filhos.

A sua mãe (Helena Maria Domingas de Sousa Holstein, 1864-1941) aparece nos primeiros álbuns, sendo companhia nas viagens e passeios por Portugal e resto da Europa. Nas imagens aparece sempre com alguma formalidade e com alguma distância e severidade. Nunca muito próximo dos filhos, nem revelando os afetos ou a proximidade de uma mãe. A imagem que as fotografias nos revelam da mãe é bem clara e consistente, sempre longínqua e distante, que chega a chocar o observador. Ana Maria aparece apenas uma vez mais próximo da mãe, de braço dado, em pose na varanda do hotel (*Castbourne, myself, mother, BEK 160*), que aparenta delegar os afetos aos filhos para a percetora ou as criadas. A imagem que Ana Maria deixa nas fotografias da sua relação com os seus filhos é muito mais afetiva, como veremos adiante.

Coincidência ou não, a imagem que nos dá do seu pai (Luis Borges Coutinho de Medeiros Sousa Dias da Câmara, 1866-1933) tem sempre algo relacionado com a caça e envolve espingardas ou caçadeiras. A primeira imagem que apresenta do seu pai é um retrato de longe, em que este está a disparar para o ar. A fotografia mais vulgar de uma filha com o pai é um retrato numa estrada (*father, myself, Cascais, 1914, BEK 116*), em que estão de braço dado e posando para o fotógrafo. O pai de bengala e chapéu de palhinha dá o braço a Ana Maria, que usa um chapéu de palha largo com adornos. É uma imagem simples, de pai e filha de 11 anos, vulgar e feliz. Existem nos álbuns várias fotografias no Calhariz com o pai, (*Father BEK 691, Father BEK 694*) carregando espingardas e de fato de caça. Algumas imagens curiosas mostram mesmo Ana Maria, no Calhariz, com o pai, que segura uma caçadeira e tem uma ave (um faisão), morto a seus pés; a imagem repete-se várias vezes nesta página. As fotografias podem ter sido tiradas pela Maria do Carmo, que também aparece alternadamente nas fotografias. Há outra fotografia de Ana Maria com o pai, numa cumplicidade de olhares, no Calhariz, em março de 1922.

4 - Fotografia preparada e fotografia informal

O assunto principal da maioria das imagens são as pessoas, e os grupos, sendo a grande força motriz do trabalho de Ana Maria. A sua determinação em fotografar as suas irmãs, os seus amigos, mesmo os animais de estimação é constante. É um olhar feminino, virado para dentro da família e do seu círculo de amigos e conhecidos.

Noutros casos de álbuns de família, sobretudo quando produzidos por fotógrafos masculinos, mostra habitualmente uma visão bem mais dispersa e centrada nos assuntos exteriores. Um exemplo que ainda não é conhecido do público são os álbuns de João Vasconcelos, reunidos também num período extenso nas décadas de 1930 e 40. As suas motivações são totalmente diferentes, são as máquinas, os aviões (o autor possuía uma companhia aérea em 1930), os acontecimentos externos à sua família, os locais por onde viajava. Desta breve comparação podemos concluir que, mesmo num caso tão simples da construção de álbuns pessoais de fotografia, a importância do autor é enorme. O cunho do autor está sempre presente na fotografia, sendo ainda mais pronunciado quando observamos a obra produzida ao longo de uma vida.

Ana Maria sabe bem o que quer e o que procura com a sua câmara. Os grupos aparecem-nos com formalidade, mas também em disparos furtivos, improvisados à medida que o mundo se desenrola à frente dos seus olhos. Uma fotografia de grupo notável é a das crianças Asseca (Imagem 008 - PT/AMLSB/BEK/001/000062), que irão acompanhar a família Holstein Beck toda a vida e que nos álbuns são uma presença constante. Com as suas trotinetas e chapéus posam para a câmara, com uma perceptor num campo de ténis no sul de Inglaterra, num retrato que haveria de ficar para a história da família Beck, já que um deles viria a casar com Luísa.

A fotografia de grupos em cerimónias oficiais também tem a sua presença. Embora muito amarelada e perdida já a sua beleza inicial, a fotografia de formatura de Domingos, tem a formalidade do ato académico, pela forma como se colocam. Alinhados à frente do edifício do King's College, vestidos para a cerimónia, Domingos em traje de formatura, junto dos seus amigos e familiares, formais e em simultâneo com uma jovialidade contagiante, constituem um grupo admirável.

Outras fotografias de grupos mais informais também têm o seu interesse, principalmente olhadas hoje e decorridos quase 100 anos. Podemos dizer que, passado tanto tempo, tudo se torna magicamente interessante. Em Saint Etienne du Mont, muito bem vestidas, são de uma juventude e alegria notáveis. O arranjo de pequenos grupos para a fotografia é cuidado e em



Father, suberra, 1916,
PT/AMLSB/BEK/001/000089



Father, myself, 1916,
PT/AMLSB/BEK/002/000488



*Degree day, Cambridge, 1918, Luiza
Osória, Minnie, myself, Azher, Domingos,
Maria, Annie, Agulo (Ângelo?)*
PT/AMLSB/BEK/001/000246



Álbuns de João Vasconcelos
(coleção privada).



Fina Fernandes, myself, Chita Fernandes, Saint Étienne du Mont, 1920, PT/AMLSB/BEK/002/000566



Luisa, myself, Museum Coimbra, PT/AMLSB/BEK/002/000445

alguns casos, muito bem-sucedido visualmente. Veja-se por exemplo as amigas (Imagem 037 - PT/AMLSB/BEK/002/000614), onde as sombrinhas de sol compõem a imagem de forma harmoniosa.

Mas nada consegue superar o *glamour* das imagens recolhidas nas corridas de cavalos de Ascot, em que a família aparece vestida a rigor, com estolas e sapatos altos. A graciosidade com que se apresentam em frente à câmara, (Imagem 042 - PT/AMLSB/BEK/002/000762), transmite-se ao observador e revela um à vontade e facilidade de apresentação extremos, de quem sabe apresentar-se e estar publicamente.

Mas para além das fotografias preparadas, muitas outras são disparos fugidios, sem preparação. Totalmente informal é a imagem em Monte Dore (Imagem 032 - PT/AMLSB/BEK/002/000624), de um grupo em viagem, para o que contribui a distribuição aleatória das pessoas, a linha de horizonte inclinada, a figura de chapéu de palhinha caminhando de costas para a câmara e as outras de frente. Tatim, apoiado na bengala, sorri para o fotógrafo, de cigarro na mão (fumava sempre!), Ana Maria com grande chapéu de chuva aberto remete-nos para as pesadas nuvens no céu (escurecido por nuvens ou lente obstruída?). Tudo parece casual e miraculosamente harmonioso e traduz a descontração destes passeios por França da família Hosltein Beck e dos seus amigos. É também interessante porque são já passados muitos anos e tem o peso do tempo.

Dentro desta informalidade, é de notar ainda a imagem no Cabo da Roca (Imagem n.º 019 - PT/AMLSB/BEK/002/000404), de grupo descontraído e bem distribuído, alguns de frente, outros de costas, encostados ao muro, com o chapéu, o cachecol, os sorrisos e um fundo, que adivinhamos ser o mar. Idêntica a outra imagem (Cabo da Roca, September 1919. Boca Diniz, Eduardo Oliveira, Francisco Ferreira, Luiza, Maria Helena Oliveira, Giga Diniz. BEK 411), ambas interessantes visualmente, pela informalidade e naturalidade com que alguns se abraçam, outros se mantêm afastados. Informalidade acrescida pelas suas cabeças parcialmente cortadas, resultado do enquadramento pouco rigoroso, o melhor que a câmara permitiu naquele momento.

4.1 - A fotógrafa e as câmaras

As câmaras que usavam também marcam as fotografias. Sendo os fotógrafos os autores, as câmaras e os filmes são os instrumentos que condicionam o que é possível dizer ou mostrar através das imagens. As câmaras de amador, de pequeno formato, algumas de fole dobráveis e de bolso, estavam nesta época reduzidas à sua expressão mais simples, cabendo ao fotógrafo pouco mais do que carregar o botão e avançar o filme. Vemo-las em várias fotografias, alguns grupos apresentam duas ou três pessoas que seguram câmaras de fole desdobráveis e também algumas câmaras de caixote, ou estojos pendurados ao ombro (nem sempre as conseguimos identificar pelas reduzidas dimensões da imagem). Estes pequenos formatos, incitavam o fotógrafo a levar sempre consigo a sua câmara e a fotografar as pessoas e os momentos interessantes ou extraordinários que lhe surgiam.

As imagens BEK 445 e 448, permitem-nos perceber como procediam. No Museu de Coimbra, Luísa e a Ana Maria posam frente a uma varanda, tendo, cada uma, uma câmara na mão. Terá ha-



Luiza Anadia, Rosie Padilla, Camilla Zileri, Ana Zilleri, myself.
Cabeço April 1920, [pormenor]
PT/AMLSB/BEK/002/000556

vido uma terceira câmara, possivelmente de António Asseca, que aparece depois em BEK 448, com Ana Maria no mesmo local (não é claro se Ana Maria tem na mão uma câmara ou apenas o estojo). No ano de 1919 a fotografia era popular e excecionalmente, neste caso, temos três câmaras em viagem. Produziam muitas imagens e havia certamente muita apetência para trocas de fotografias. Diversas imagens mostram as câmaras de fole, de dobrar que aparentam ser de formato 6x9 cm ou 9x12 cm, os formatos das provas que temos nos álbuns. As provas seriam portanto impressas por contacto, a partir dos negativos.

Na segunda década do século XX, a fotografia já se tinha popularizado e saído das mãos dos profissionais, ou amadores sérios. A Kodak e a fotografia de instantâneo (*snapshot*) estão no seu auge, os grupos de excursionistas com câmara eram já situação habitual entre as famílias portuguesas. A publicidade da Kodak está presente nas revistas e jornais e chega a todos os leitores o incentivo para os passeios munidos de uma câmara, para o registo sistemático do crescer dos filhos, as festas e reuniões. Frequentes as referências publicitárias aos passeios de bicicleta e excursionismo acompanhado de câmaras fotográficas. A Kodak, em particular, teve a perceção de que as mulheres eram um cliente pelo menos tão interessante como os homens. Na década de 1920, a Kodak produziu câmaras com design apurado e com diversas cores, apontando para o público feminino.

Nas imagens de Ana Maria encontramos também grupos munidos de câmaras fotográficas, como por exemplo na imagem do grupo sentado na escada de madeira na quinta do Cabeço, [Imagem 035 - PT/AMLSB/BEK/002/000558]. Das cinco raparigas, três têm uma câmara na mão, Ana Maria terá talvez apenas o estojo e será a sua câmara a fotografar. O mesmo acontece noutra fotografia anterior. Seria habitual que várias pessoas fotografassem e possivelmente várias pessoas contribuíram para as provas destes álbuns. Eventualmente trocariam imagens. Na imagem [Victoria Sisso, Luiza, Andre Matalon. Royat, July 1920, BEK 604] vemos Luísa com câmara de caixote, possivelmente uma Kodak. Na fotografia em Royat [Royat, July 1920, BEK 605] vemos André Matalon que segura uma câmara de fole sobre as cabeças dos outros e, na fotografia seguinte, Ana Maria com estojo de câmara de fole e Luísa com câmara de caixote [Luiza, Victoria Sisso, myself. Royat, July 1920, BEK 606].



Suzu Harari, myself, Mont Dore Park, August 1920,
PT/AMLSB/BEK/002/000661



Mont Dore, August 1920.
Bobby Zagdoun, Max Harari, Max Rolo, Ivonne Rolo, Andréé Zagdoun, Mme Brene, myself, Suzanne Hanari. Rigolet Haut,
PT/AMLSB/
BEK/002/000621



Anúncio da Kodak no ABC de 1922.

Consequentemente, existem razões para questionarmos a autoria individual ou coletiva dos álbuns. Com as trocas de câmaras e a partilha dos momentos e das próprias fotografias, poderemos questionar se o verdadeiro autor destes álbuns é um coletivo? - A nossa opinião é claramente contra. O autor não é certamente um coletivo num trabalho global e de grande dimensão, como este. O autor é quem produziu, organizou, reuniu, legendou, atribuiu títulos e sobretudo quem imprimiu um rumo, uma intenção bem clara a este conjunto de fotografias. Faz todo o sentido falar em uma autora apenas! A persistência do olhar, focado na família, a atenção ao grupo, a jovialidade e alegria com que fotografava, fazem de Ana Maria uma autora e tornam o seu trabalho bem distinto de muitos outros, que encontramos em álbuns de família do mesmo género.

Em 1920 a fotografia estava em todo o lado e era anunciada com insistência. No álbum 2 temos a coincidência de uma fotografia com Ana Maria sentada num muro junto de um anúncio da Kodak. Acresce que Ana Maria usa nesse momento um vestido às riscas, idêntico ao usado na publicidade da Kodak. Veja-se o anúncio da Kodak na revista ABC de agosto de 1922. Ela aparece mais do que uma vez com este vestido às riscas, em passeios e viagens.



Old beggar, Calhariz,
PT/AMLSB/BEK/002/000515

4.2 - O olhar atrevido

Como autora, Ana Maria tem tendência para olhar para o lado, esticar um pouco o seu interesse para além da família, para ver e mostrar o que não é convencional. Uma destas escapadas mais evidentes é inserir a fotografia de um pedinte, nos seus álbuns de família. Este interesse é revelador de carisma pessoal, de uma marca de interesse pelos marginais e desfavorecidos.

Também a fotografia furtiva de um homem na rua é interessante. Ana Maria, então com 16 anos, mostra-nos um velho eclesiástico, a caminhar numa rua de Lourdes, quase virado de costas, com a legenda: *The oldest priest in Lourdes*, 1918, BEK 260. É uma imagem furtiva, de alguém que não ousou fotografar frontalmente, talvez por não o conhecer ou por timidez, mas que não resistiu em registar e incluir no seu álbum.

Outro sinal de atenção ao que se passa do outro lado do seu mundo social é a fotografia da parteira ou ama com o bebé recém-nascido, [rue Raynouard, feb. 1926, BEK 1374-75]. Em várias ocasiões mostra-nos os bebés ao colo das amas [BEK 1375]. Notável fotografia da ama, vestida de branco com a Helena, em bebé, ao colo [Imagem n.º 070 - PT/AMLSB/BEK/004/001434]. Olhar atento ao que se passa à sua volta e desejo de incluir pessoas fora do círculo familiar. Noutra imagem, vemos o carrinho do bebé, com a ama a limpar a boca do bebé e pouco antes, o mesmo carrinho, e uma mão com a roca, que vem do exterior e entra na imagem, mostrando quem está fora do campo de visão, que está a participar do lado de fora.

Na linguagem própria da imagem fotográfica, há lugar para o inesperado e para o perturbador. Veja-se a mão de alguém que está de fora. Uma mão vinda de fora do plano, de alguém que passa mas não pertence àquela história. Casualidades, próprias da fotografia, que nos ajudam também a perceber a informalidade do mundo em que vivemos. A fotografia nos álbuns está repleta destes exemplos.

Também a contraluz de Ana Maria com Luísa é uma experiência visual, que era frequente nesta época. A Kodak tem um folheto de 1920 [?]⁴, a exemplificar a fotografia de contraluz, incitando a imaginação dos fotógrafos amadores a criar imagens deste tipo. Este exemplo é retomado mais tarde no final do álbum 3 [Adelaide Belmonte, BEK 1248].

Numa das muitas burricadas que surgem nos álbuns, há um ponto de vista invulgar, quando a câmara espreita por entre as orelhas do burro, para mostrar os que estão a atravessar um ribeiro, todos convenientemente montados em cima dos burros

Também invulgares são os pontos de vista altos, em que de cima para baixo descobrimos a geometria de objetos e pessoas, processo recorrente nas fotografias de Ana Maria. Logo no início, Ana Maria, com 11 anos, tem uma imagem tirada da janela de cima: em primeiro plano vemos o



Recloses, August 1926,
PT/AMLSB/BEK/004/001424



myself, Oxford, June 1921,
PT/AMLSB/BEK/002/000787



Myself, Luiza, Nauheim,
PT/AMLSB/BEK/003/000919



Caçada aos porcos na Beira
Valle Feitoso October 1927,
PT/AMLSB/BEK/004/001537



view from our window, Torquay
1913
PT/AMLSB/BEK/001/000029



Teresa Gil, Cármen Merry Del Vale,
Luísa, Maidenhead, 1920,
PT/AMLSB/BEK/002/000584

⁴ Sarah Greenough e Diana Waggoner, *The Art of the American Snapshot 1888 - 1978 From the collection of Robert E. Jackson*. Princeton University Press, 2007



Cabo da Roca, September 1919.
George Arnoso, Frederico Villar,
Canata Perestrello, Tareca Pinto
Coelho, M. H. Olivares, Tita Perestrel-
lo, Leonor Olivares.
PT/AMLSB/BEK/002/000406



Vera Holt, Luiza, myself London
1918,
PT/AMLSB/BEK/001/000254



Our car Torquay 1913,
PT/AMLSB/BEK/001/00028

tejadilho do automóvel e algumas pessoas ao fundo. A geometria do pequeno pátio faz o resto, com a linha de horizonte inclinada a chocar com um pedaço da janela a aparecer do lado esquerdo, o conjunto amparado pelas duas torres da entrada. As formas dominantes conferem uma dinâmica à imagem e chamam a nossa atenção para o pequeno grupo reunido junto do portão.

A autora mostra uma preocupação em inovar, como nas duas imagens de um grupo de convidados no casamento (Imagem n.º 140 - PT/AMLSB/BEK/008/004063). São de formato quadrado, de composição equilibrada e de um ponto de vista alto. A formalidade dos convidados de fraque ou vestidos escuros, concentrados ou dispersos, acentuam a geometria do momento, como figuras recortadas num fundo livre.

4.3 - Erros de um processo de imagem

O seu interesse e gosto pelo processo fotográfico são inquestionáveis, até no preservar dos defeitos das imagens. Apresenta nas suas páginas algumas imagens com erros do processo, não da autora, lado a lado com as outras imagens perfeitas. Ana Maria aceita e expõe o processo fotográfico, admitindo as suas insuficiências. Vejamos alguns casos:

Numa fotografia de grupo, a imagem está obstruída com qualquer objeto, parece a correia da câmara fotográfica que se intrometeu à frente da objetiva. A imagem foi aproveitada, mostrando Teresa Gil, Cármen e Luísa sorrindo para a câmara, felizes apesar da correia. Outra obstrução da objetiva aparece numa cena dentro de água, com um grupo, (Cascais, June 1925 BEK 1662); a objetiva tapada parcialmente e a mancha preta no canto direito, parece não incomodar a autora para a sua apresentação. Outra ainda na quinta do Leão, onde o lado esquerdo está obstruído por objeto estranho (BEK 3314).

Aproveita também para o seu álbum a dupla exposição accidental, da câmara, num erro vulgar para estas câmaras, quando o fotógrafo disparou e esqueceu-se de avançar o rolo e disparou segunda vez sobre a primeira imagem. Esta possibilidade foi já usada em fotografia de expressão pessoal, ver o trabalho de Fernando Lemos nos retratos duplos. A dupla exposição de Ana Maria mostra um mundo irreal, com figuras transparentes num piquenique no cabo da Roca, destacando em primeiro plano, o botim e a saia branca de Leonor Olivares. Outra dupla exposição acontece em BEK 1588. Este tipo de erros desaparece da fotografia com a introdução da segurança no obturador, que não dispara sem o filme avançar para a imagem seguinte.

Todas as imagens que vemos nos álbuns foram fotografadas em película fotográfica, em rolo, nos designados formatos 120 ou 620 e revelados em grupos de 12 a 16 fotografias, de formatos variados, desde 4,5x6 cm até 9x12 cm. Os negativos eram impressos por contacto em papel de gelatina e prata. Este foi o processo fotográfico que mais se usou, desde 1890 até cerca de 1970 (durante quase 100 anos) até que a fotografia a cor cromogénea ultrapassou o preto e branco. Deste extenso conjunto de provas em papel, chegou-nos apenas um negativo, em suporte de nitrato de celulose, no formato 9x12 cm.

Em muitas imagens notamos entrada de luz no rolo, por frinchas que as câmaras de amador de pequeno formato tinham com frequência, como nas fotografias BEK 662, 663, 664. Também encontramos entradas de luz nas fotografias BEK 1789, BEK 1884, BEK 1501 e BEK 1502, algumas provocando o aparecimento de fantasmas, que chegam a tornar a fotografia intrigante. O sol direto na lente provoca halos na imagem, sobrepostos à imagem (*myself, July 1921 BEK 798*). A tecnologia do início do século XX empregava lentes de vidro sem revestimentos; apenas no final do século XX o problema foi resolvido, com os revestimentos de fluoreto de magnésio, que eliminam a luz refletida na superfície da lente. Outro erro frequente, de amador, era o enquadramento desviado, quando a câmara era posta em disparo automático. O grupo era assim empurrado para um canto, como no exemplo deste retrato em Londres. Também são frequentes imagens de grupos com as cabeças cortadas, dada a dificuldade do fotógrafo em perceber exatamente a extensão do campo fotografado. Para além do exemplo já referido, repare-se na fotografia do grupo em Cascais (*em casa de A. Bernardo, Cascais, julho 1928, BEK 1665*).

Alguns destes erros já não acontecem com a fotografia digital e são desconhecidos dos jovens fotógrafos de hoje. A sua ocorrência confere às provas de Ana Maria a *patine* da fotografia analógica, remetendo-as para um contexto tecnológico passado. Os erros recordam-nos a dificuldade da fotografia inicial, sendo a maior o fotografar sem ver de imediato a imagem formada. Apenas alguns dias mais tarde, depois do trabalho no laboratório, era possível ver as imagens realizadas e nessa altura já era tarde para corrigir erros. Apesar da popularidade e da facilidade do manejo do instantâneo, a fotografia era então uma aventura incerta.

5 - Um mundo com automóveis

Ana Maria mostra interesse no registo fotográfico dos automóveis. Fotografou com frequência os automóveis em que viajou, os seus ocupantes e peripécias e acontecimentos ocorridos nas viagens, nas caçadas, nas férias, no contacto com os amigos. Este interesse é tanto mais evidenciado quando os vemos cerca de 100 anos mais tarde, lindíssimos automóveis, com as suas linhas antiquadas e dinâmicas. Logo no início do álbum 1, a imagem de um automóvel, com o motorista sentado e fardado, sem outros passageiros é um pronúncio do que está para vir.

Ana Maria teve o cuidado de registar os acidentes e peripécias ocorridos na estrada, nas longas viagens por Portugal e pela Europa, como a reparação de um furo no pneu (*Tour October 1919. Minnie, Maria. Puncture on road to Caramullo, BEK 434*). Logo a seguir conta uma avaria, aparentemente grave, antes de chegar a Bagnoles. Vemos o carro sem as rodas traseiras, a espera e os passageiros posando ao lado do automóvel avariado, numa pequena festa improvisada em torno do acidente. Ana Maria aparece feliz à frente da viatura avariada, aparentemente não foi afetada pelo problema (*Imagem n.º 059 - PT/AMLSB/BEK/003/001133*).

Outra imagem interessante mostra o seu irmão Domingos, deitado por baixo do carro tentando agarrar qualquer coisa, vendo-se a parte inferior do automóvel, com a capota dobrada, o volante e as portas abertas, numa perspetiva invulgar de baixo para cima, tirado da valeta ou ribanceira da estrada, onde a fotógrafa se encontrava. A legenda ilegível não permite perceber totalmente



Domingos after going ingiauto (?)
sana. Cabo Raso,
PT/AMLSB/BEK/002/000678



Caminho de Cintra a Mafra, Feb.
1924.
PT/AMLSB/BEK/002/000868

a situação. O mesmo automóvel aparece mais duas vezes, com o seu sobrinho, Luis da Póvoa, o pai Domingos e a mãe Maria do Carmo, prontos para uma saída.

Nos álbuns encontramos automóveis magníficos, de amigos em Royat, (Monsieur et madame Roses. Royat, July 1920, BEK 598 ou Mme Roses, Victoria Sisso, Luiza, ETTY Torres, Andre Matalon, Royat, July 1920, BEK 602). No álbum 2 aparece bem evidenciado o automóvel em que se deslocavam de Sintra para Mafra e a respetiva estrada, de terra batida e repleta de pedras.

Noutra fotografia de um automóvel, Luísa e Maria José (Imagem n.º 025 - PT/AMLSB/BEK/002/000435), aguardam sentadas no banco traseiro de automóvel descapotável, bem agasalhadas para enfrentarem o frio da estrada, em outubro. Notável a semelhança com a fotografia de Jacques Henry Lartigue. Também noutra imagem (Tour October 1919. Minnie, Maria, Luiza, António Asseca Lagoalva BEK 470), vemos a composição lateral com todos dentro do automóvel, cortado pelo enquadramento. Muitas outras imagens denotam o interesse de Ana Maria pelo automóvel e pela máquina, neste início do século XX, povoado de inovações e aparelhos. O automóvel é motivo de orgulho e ostentação e no caso das fotografias tem um sentido prático de enquadrar personagens e ajudar a contar uma história.

A autora abrange na mesma época, a popularização da fotografia e do automóvel. As datas coincidem com a mudança do século: a primeira Kodak de rolo é de 1889 e a Kodak Brownie é de 1900, sendo um modelo muito popular dirigido para as crianças. O Ford T foi produzido a partir de 1908 até 1927 e popularizou o uso do automóvel no mundo.

Muitos anos mais tarde Ana Maria continua a registar os automóveis, agora com o seu segundo marido, nos passeios pelo Alentejo. No álbum 6 temos várias fotografias que mostram automóveis que utilizou. Numa imagem invulgar tirada dentro do carro, António Teixeira sentado ao volante (no carro, BEK 3332) é fotografado por alguém que está no banco de trás. Também Ana Maria surge sentada no lugar da frente (no carro BEK 3338), aparentemente numa troca de imagens. O mes-



Bagnoles, October 1922. Luiza, Maria. Road
Bagnoles-S. Michel,
PT/AMLSB/BEK/004/001130 - 001138

mo automóvel surge parado em frente dos locais que visitam (a matrícula AI-10-52 permite identificá-lo).

6 - O que a fotografia consegue ou não consegue mostrar

Através dos álbuns percorremos o passado da família Palmela, filtrado por este meio de expressão que é a fotografia, que consegue mostrar o que é possível de mostrar e omite certamente o que fica fora do seu âmbito. Vemos os momentos e os locais escolhidos pela autora, para serem recordados, sendo omissos o seu dia a dia, os momentos tristes ou desagradáveis. A autora nunca poderia prever que cem anos depois de ter iniciado a sua compilação, estes álbuns viessem a ser alvo de uma exposição pública e de um catálogo, da Câmara Municipal, da cidade onde viveu. Os álbuns caem agora no domínio público e passam a ser acessíveis a um vasto público, que lhe dará certamente outras leituras e interpretações. Vimos como é extensa esta obra fotográfica e a quantidade enorme de informação que é possível extrair de alguma pequenas fotografias de amator, alinhadas cronologicamente e respetivas legendas. As imagens levantam também muitas perguntas e interrogações. O que aconteceu nas entre-linhas, o que fizeram nos períodos de tempo em que não os vimos?

Queremos salientar que estamos a ver através dos olhos de uma autora, uma visão subjetiva. A autora, com o seu cunho pessoal, tornou este conjunto apaixonante de seguir e tentar compreender. Ao olhar mais uma vez para estes álbuns, agora restaurados pela equipa de restauro do Arquivo Municipal de Lisboa, tenho a confirmação de que estou a ver a passagem do tempo. Se uma fotografia dá-nos o momento, o instantâneo, um conjunto de 44 anos de fotografias remete-nos inexoravelmente para a passagem do tempo, imagens, obviamente simples e modestas e contudo tão profundas e acutilantes.

* Arquivo Municipal de Lisboa

Bibliografia

- Anonymous Photographs from the collection of Thomaz Walter collection*. New York: Metropolitan Museum, 2000.
- Fernando Lemos: á sombra da luz*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Centro de Arte Moderna José Azeredo Perdigão, 1994.
- FORD, Colin – *The Kodak Museum, The Story of Popular Photography*. Bradford, West Yorkshire: Century Hutchinson Ltd., National Museum of Photography, Film and Television, 1989.
- FRIZOT, Michel – *Le Passé Compose, les 6x13 de Jacques Henri Lartigue*. Paris: Centre National de La Photographie, 1984.
- GOLDBERG, Vicki – *Jacques Henri Lartigue Photographer*. London: Thames and Hudson, 1998.
- GREENOUGH, Sarah, WAGGONER, Diana – *The Art of the American Snapshot 1888 – 1978*. Washington: Princeton University Press, 2007.
- Lartigue, Album of a Century*. London: Thames and Hudson, 2004.
- LARTIGUE, Jacques-Henri – *Jacques-Henri Lartigue, photographer*. London: Thames and Hudson, 1998.

III – A COLEÇÃO DE FOTOGRAFIAS



Salvador Ascees, Queen, Antonio and
Carolina Ascees; Eastbourne
1916

BEK
137



Queen, Martin^D

138



Salvador Ascees Queen,
Antonio and Carolina Ascees

139
D



Queen

140 D



King

141 D



Queen

142 D



Queen and Martin Ascees

143 D



Queen, Neuntose Ascees

144



Queen

145

A Família Real e a aristocracia nas imagens dos álbuns de Ana Maria Holstein Beck

Sorrisos em tempo de lágrimas

Eduardo Nobre*

A poucas páginas do início, o primeiro dos álbuns Holstein Beck concentra o mais volumoso conjunto de fotografias sobre a Família real, captadas nos anos de 1915 e 1916, e que constitui uma narrativa do seu quotidiano nos anos conturbados e iniciais do exílio, em grande parte inédita.

Convida-se o leitor a que nos acompanhe numa passagem comentada sobre algumas dessas fotografias, usando a extensa capacidade de interpretação que nos oferece uma imagem fotográfica, onde o tempo e o modo dos protagonistas, a sua relação com quem fotografa ou os detalhes fixados pela objetiva nos permitem múltiplas leituras. Tomemos de bagagem para esse percurso a convicção de que a imagem fotográfica excede o mero complemento iconográfico e deve ser cada vez mais valorizada como uma fonte documental da História.

Recorde-se que a criadora dos álbuns, Ana Maria de Sousa e Holstein Beck é à data uma jovem de 13 anos, de longos e vastos cabelos, alta para a idade e usando uns incómodos óculos de aros redondos. Herdara a estatura e os problemas de visão de sua mãe, a 4^a duquesa de Palmela, D. Helena Maria de Sousa Holstein.

Ana Maria é a autora de muitas das fotografias que alinha e legenda – nunca imaginando que, passado um século sobre as primeiras imagens recolhidas, nos estaria a guiar, folheando connosco os álbuns que, carinhosamente, construiu durante décadas da sua vida.

Como facilmente se depreende das imagens, a câmara fotográfica mudaria de mãos, com irmãos e amigos a prestar-se como operadores ocasionais na recolha de instantâneos ou retratos de grupo.

Relembre-se igualmente que, em 1915, a Família Real portuguesa, da linha constitucional deposta e exilada pela revolução republicana de 1910, estava resumida ao rei D. Manuel II, a sua esposa a rainha D. Augusta Vitória e a sua mãe a rainha D. Amélia de Orléans, viúva de El-Rei D. Carlos, todos residindo em Inglaterra.

Mais distante, em Itália, onde já havia falecido a rainha D. Maria Pia, viúva de El-Rei D. Luís, a 5 de julho de 1911, permanecia exilado o seu filho mais novo, D. Afonso de Bragança, duque do Porto e príncipe real em título e primeiro na linha de descendência do trono vago de Portugal.

Muitos portugueses, aristocratas e não só, que eram ou se sentiam mais próximos e fiéis à Família Real não só a acompanhariam no exílio como viriam a instalar-se com as suas famílias na zona de Richmond e Twickenham, localidades elegantes dos arredores de Londres, que D. Amélia e D. Manuel elegeriam para residir.

Era e ainda é uma bonita e verdejante zona que acompanha o curso sinuoso do Tamisa, com recantos muito familiares aos Orléans, família que representava a Casa Real de França, e que

desde 1800 ali viveram e repousaram de sucessivos e cíclicos exílios¹. A própria rainha D. Amélia ali havia nascido, a 28 de setembro de 1865, em York House, sendo a primeira filha dos condes de Paris, aí exilados.

E é a rainha D. Amélia quem nos surpreende numa das primeiras fotos do primeiro álbum (Imagem nº. 007 - PT/AMLSB/BEK/001/000058), com uns quase joviais cinquenta anos, mais magra do que nos seus tempos de Portugal, apoiada na sua sombrinha, com um chapéu exuberante e insólito, encimado por um gigantesco laço. Decerto impróprio para jogar ténis pelo que a raquete que tem aos pés não seria muito provavelmente dela. Não olha diretamente a objetiva, mas talvez outra das jovens Palmela, quiçá Maria Luísa, sempre muito próxima da irmã Ana Maria e alternando com ela em muitas das fotos dos álbuns, e que decerto lhe recordaria a avó, a sua dedicada camareira-mor, a 3ª duquesa de Palmela, D. Maria Luísa de Sousa Holstein.

A rainha, batizada Maria Amélia em honra de sua bisavó, viúva de Luís Filipe, rei dos franceses, ainda viva no ano do seu nascimento e que foi sua madrinha, usava também Luísa como um dos seus nomes próprios, tal como a sua avó materna, Maria Luísa de Bourbon e Bourbon, infanta de Espanha.

Na 3ª duquesa de Palmela, D. Maria Luísa, falecida em 1909, a rainha encontrou a sua melhor aliada nas grandes obras sociais como a Assistência Nacional aos Tuberculosos. A duquesa de Palmela colocaria a sua enorme fortuna ao serviço de muitas causas sociais e fundaria as Cozinhas Económicas. Senhora de uma grande cultura a talentosa artista, dedicando-se à escultura, foi discípula de escultor francês Anatole Calmels, a quem encomendaria as duas monumentais figuras que adornam a porta principal do que foi o seu palácio ao Rato e onde, atualmente, está instalada a Procuradoria-Geral da República e ainda existe o que foi o edifício do seu ateliê de trabalho.

Foi, aliás, na capela deste seu palácio que a duquesa D. Maria Luísa, casou, em 15 de abril de 1863, com António de Sampaio e Pina de Brederode, numa cerimónia apadrinhada pessoalmente pelo rei D. Luís I e pela rainha D. Maria Pia, de quem a duquesa era camareira, sendo o duque amigo pessoal do rei e, como oficial de marinha, seu ajudante de campo.

Nos anos imediatamente subsequentes à revolução republicana de 1910, os tempos não haviam sido fáceis para o jovem rei D. Manuel II, exilado com a sua família, a quem o insucesso da resistência monárquica armada, liderada desde a Galiza por Paiva Couceiro e, genericamente, designada por «Incursões Monárquicas», penalizava financeiramente, exaurindo os seus limitados recursos financeiros e causando-lhe algumas contrariedades diplomáticas com o governo britânico.

A primeira incursão, em outubro de 1911, salda-se com o desastre. No decorrer da sua preparação e quando em agosto de 1911 envia uma substancial contribuição monetária para Vigo, o rei confia ao marquês de Soveral: «[...] não vejo utilidade em ficar arruinado [o que não

¹ Donald Simpson – *Twickenham Past*, London: Historical Publications, 1998, p. 96.

foi difícil] ... não é assim que se pode fazer a restauração da monarquia. Continua a mesma situação trágico-cômica. Tenho o máximo dó da pobre gente que perdeu a sua carreira que não tem com que viver e que estão na Galiza completamente enganados; agora eu é que não tenho ilusões de qualidade nenhuma.»²

Em janeiro de 1912, D. Manuel reúne-se em Dover com D. Miguel (II), filho de El-Rei D. Miguel I e representante da linha realista dos Bragança. Procuram chegar a um acordo de sucessão ao trono de uma monarquia restaurada, na efetividade de D. Manuel continuar sem descendência. Os fundamentos dessa reunião haveriam sido abordados em várias reuniões com o monarca em casa do marquês de Soveral e numa derradeira sessão a que a este se juntaram o Dr. António Emílio, Paiva Couceiro e o visconde de Asseca³ Os dois últimos acompanhariam D. Manuel a Dover.

Às negociações, uma mera troca de cartas de intenção que restaria sem consequências, segue-se uma segunda incursão tão inconclusiva como a primeira. D. Manuel faz publicar o «Manifesto de 15 de Setembro de 1912» que lhe acarretará mais críticas, a si e ao seu conselheiro, o marquês de Soveral.

Luís Augusto Pinto de Soveral, marquês de Soveral, era tio do 9º visconde de Asseca, Salvador Corrêa de Sá e Benevides, ambos e incluindo a família deste último, pessoas muito próximas da Família Real.

O marquês de Soveral surge numa das imagens dos álbuns Holstein Beck e é um dos mais influentes conselheiros do jovem monarca português exilado, ainda que a sua ação à época não fosse consensual e atraísse inclusivé críticas de alguns setores.

Deve referir-se, contudo, que o marquês de Soveral detinha ainda muito do prestígio que fizera dele um personagem chave na Inglaterra eduardina, como mais próximo amigo e confidente do príncipe de Gales e, mais tarde, rei Eduardo VII.

E, porque falamos de fotografia, sublinhe-se que ao realizar-se em 1987 uma exposição no palácio de Buckingham subordinada ao tema “A Família Real e a Fotografia 1842-1910”, numa mostra de algumas das mais de 50.000 imagens do Royal Photographic Archive, instalado no castelo de Windsor, o marquês de Soveral figura entre as personalidades mais destacadas. Uma belíssima fotografia sua ocupa uma página inteira do catálogo⁴, acompanhada por uma resenha biográfica onde se ressalva o extraordinário facto do marquês de Soveral, que era ministro de Portugal em Londres, ter feito parte da comitiva oficial do rei Eduardo VII na sua primeira visita de estado a Paris, no âmbito das conversações para a *Entente Cordiale*, entre a França e a Grã-Bretanha.

Na vida mundana, o marquês de Soveral esteve igualmente próximo do rei Eduardo VII e entre os que lhe pediam que transmitisse uma mensagem ou intercedesse junto do seu real amigo tanto



Queen and Soveral Twickenham 1915
PT/AMLSB/BEK/001/000069

² Eduardo Nobre – *Amélia Rainha de Portugal*, Lisboa: Quimera, 2002, p. 157.

³ Paulo Lowndes Marques – *O Marquês de Soveral, seu tempo e seu modo*, Lisboa: Texto Editores, 2009, p.260.

⁴ Francis Dimond; Roger Taylor – *Crown and camera, the Royal Family and photography*, Harmondsworth: Penguin Books, 1987 p. 204 e 205.

estavam figuras da finança e da política como as amigas especiais do monarca. Alice Keppel, um dos últimos grandes devaneios de Eduardo VII e que literalmente foi sua amante até aos derradeiros momentos de vida⁵, seria uma delas. Aliás Keppel era considerada a líder do “Comité dos Sete” – uma espécie de conselho de Estado não oficial – de que Soveral era um dos membros.⁶ Numa ilustração de época Eduardo VII passeia em Biarritz, ladeado por Sir Derek Keppel – oficial às ordens do rei e cunhado de Alice Keppel, sendo irmão do marido George Keppel – e conversando com o marquês de Soveral, enquanto Alice Keppel os segue à distância.

No ano de 1912 D. Manuel viaja pela Europa Central, seguindo até à Rússia. De Viena de Áustria informa Soveral que «[...]o Governo Russo que mandou ordens à Embaixada para me darem um passaporte diplomático, com o nome conde de Ourém não só para a Rússia mas para todos os países».⁷

No decorrer dessa viagem terá visitado de novo em Sigmaringen a sua tia-avó, D. Antónia de Bragança, viúva do príncipe Leopoldo de Hohenzollern-Sigmaringen e reencontrado com a princesa Augusta Vitória de Hohenzollern-Sigmaringen sobre quem havia confiado em telegrama ao marquês de Lavradio - «Minha prima, bonita, muito fina, muito elegante e agradável.»⁸ Eram ambos trinnetos da rainha D. Maria II e o noivado seria, oficialmente, anunciado em abril de 1913. No dia 20, D. Manuel telegrafia ao marquês de Lavradio - «Maior alegria anuncio ajuste meu casamento». Em junho o príncipe Guilherme de Hohenzollern-Sigmaringen está em Londres para apresentar a sua filha Augusta Vitória aos mais próximos do rei.

D. Manuel e de D. Amélia abrem as portas de Abercorn House, a sua residência em Richmond, para um *garden party* onde seriam bem-vindos todos os portugueses que desejassem conhecer a sua futura rainha.

Apesar de se apresentar vestida com as cores da monarquia constitucional, o azul e o branco, a noiva não terá impressionado favoravelmente alguns dos presentes. Na ocasião compareceram muitos dos protagonistas dos álbuns de Ana Maria Holstein Beck, que repetiriam a sua presença, com redobrado protagonismo, no casamento realizado a 4 de setembro de 1913, em Sigmaringen.

Após a cerimónia do casamento civil, celebrada na Sala Vermelha pelo conde de Wangenheim, intendente da Corte, forma-se o cortejo nupcial que conduz os noivos à igreja do castelo e, logo atrás das damas alemãs, que prestavam o seu último serviço à princesa Augusta Vitória, seguiam os oficiais-mores e dignitários portugueses, com os seus uniformes e condecorações – o marquês do Faial, que passaria a usar o título de duque de Palmela, o marquês de Lavradio, o marquês de Soveral, os condes de Figueiró, das Galveias, de Sabugosa – que havia conduzido as

⁵ Refira-se, por curiosidade, que era trisavó materna da atual duquesa da Cornualha esta também uma longa paixão do atual príncipe de Gales e que acabaria por se tornar sua mulher.

⁶ Raymond Lamont-Brown, *Edward VII's Last Loves, Alice Keppel & Agnes Keyser*. Stroud: Sutton Publishing, 1988, p. 4.

⁷ Eduardo Nobre, *op. cit.*, p.157.

⁸ *Memórias do Sexto Marquês de Lavradio*. Lisboa: Ática, 1947, p. 231.



The Illustrated London News, Sigmaringen, 4 de setembro de 1913, a 4ª duquesa de Palmela, assumidas as suas funções de camareira-mor, segura a cauda do vestido da rainha D. Augusta Vitória. Coleção do autor

negociações do acordo antenupcial -, e de Tarouca, o visconde de Asseca. Estavam igualmente presentes o dr. D. António de Lencastre, Alfredo de Castro, João de Azevedo Coutinho e outros.

Quando saem da igreja, uma vez celebrado o casamento, são já as damas portuguesas quem presta o primeiro serviço à agora rainha D. Augusta Vitória. As quatro damas portuguesas seriam a mãe da nossa anfitriã Ana Maria, a 3ª marquesa do Faial, D. Helena Maria de Sousa Holstein, que a partir desse dia usaria o título de 4ª duquesa de Palmela, de parceria com a 6ª marquesa de Lavradio, D. Maria da Piedade de Saldanha Oliveira e Sousa, a viscondessa de Asseca, D. Carolina Maria Matilde Correia Henriques e D. Isabel Saldanha da Gama (Ponte).

Duraria bem pouco a alegria dos noivos e dos portugueses que os acompanharam. D. Augusta Vitória adoece com gravidade nos primeiros dias da viagem de núpcias e fica internada numa clínica de Munique, durante quase dois meses.

Nesse mesmo período eclodiu em Portugal uma nova tentativa de restauração monárquica, o movimento do 21 de outubro de 1913, desta feita chefiado por João de Azevedo Coutinho – que, como vimos, estivera presente no casamento em Sigmaringen - e que se salda por novo insucesso, com prisões e assaltos de grupos civis armados aos jornais monárquicos.⁹

O mais sombrio dos conturbados anos do exílio seria o de 1914, com o eclodir da Primeira Guerra Mundial, a 7 de agosto. D. Manuel II enfrenta um duplo dilema. É chefe da Casa Real de um país que há séculos é aliado histórico da Grã-Bretanha, país que o acolheu no seu exílio, mas não pode, como não governante, tomar qualquer papel interventivo no conflito. O governo republicano português assume uma atitude de expectativa inoperante e a própria Inglaterra não se mostra, de imediato, interessada em ativar a aliança e puxar Portugal para a lista dos combatentes. Ainda assim, D. Manuel encontra-se com o rei Jorge V a oferecer os seus serviços. Uniformizado com uma farda inglesa, virá a prestar serviços na Cruz Vermelha Britânica.

⁹ Paulo Lowndes Marques, *op. cit.*, p.266.

Mas, o segundo dilema do monarca exilado era mais difícil de resolver, estava casado com uma princesa alemã e tem parentes próximos a combater no lado oposto, os seus dois cunhados são oficiais no ativo. Francisco José era oficial de exército alemão e seu irmão gémeo, Frederico Vítor, oficial de marinha no mítico submarino *Emdem* e viria mesmo a ser capturado e mantido prisioneiro na ilha de Malta.

O rei D. Manuel joga todas as suas influências para acompanhar o destino do seu cunhado. A 11 de novembro de 1914, recebe uma mensagem do gabinete do Primeiro Lorde do Almirantado, Winston Churchill, comunicando a «[...]Vossa Magestade de que foi agora recebido um telegrama da Eastern Telegraph Company, informando que o Príncipe Franz Joseph von Hohenzollern não está ferido e foi feito prisioneiro.»¹⁰

A angústia da rainha Augusta Vitoria pela sorte do seu irmão duraria longos anos. Já terminada a guerra, D. Manuel continua a interessar-se pelo longo cativo do seu cunhado e, apenas em dezembro de 1919, é de novo Winston Churchill, já Secretário de Estado da Guerra, quem pessoalmente o informa por carta: «tenho estado a fazer investigações do caso do Príncipe Francis Joseph von Hohenzollern, e estou informado de que um navio, que foi fretado pelos Alemães para repatriamento dos seus prisioneiros em Malta, devia chegar lá em 8 do corrente.»¹¹

Um destino quase paralelo ao dos Bragança da linha miguelista em que D. Miguel (II) e os seus dois filhos mais velhos eram igualmente oficiais no ativo. D. Miguel resignaria, em 1916, quando Portugal entra na guerra, mas o seu filho D. Miguel servia no exército alemão e D. Francisco José morre em 1918, prisioneiro de guerra na ilha italiana de Ischia.

Logo que a guerra alastra, a rainha D. Amélia atravessa a Mancha e vem a França conhecer de perto os horrores do conflito. Em outubro de 1914 assombra-se com a quantidade de feridos que vê chegar aos hospitais como diz em carta ao marquês de Soveral: «1.500 a 2.000 todos os dias!» E a hecatombe mal havia começado, D. Amélia pensa em servir, como simples enfermeira, nos hospitais de França, será Soveral a sugerir que o fizesse em Inglaterra. D. Augusta Vitória ainda segue o exemplo de sua sogra, mas cedo lhe fazem sentir que uma princesa alemã não é bem-vinda a cuidar de feridos da metralha dos seus compatriotas, isto num país e num tempo em que ouvir Beethoven era considerado antipatriótico.

A sombra sinistra dum tempo de incerteza, dor e angústia tornam ainda mais significativas as imagens fotográficas com a Família Real nos álbuns Holstein Beck.

Na guarda do primeiro volume inscreve-se «Anna de Souza (Palmela) / 1912-1919 / N°1» e na página 11 deparamo-nos com três imagens (BEK53, BEK54, BEK56) da rainha Augusta Vitória a jogar ténis, datadas de 1915, em Eastbourne. Cidade costeira do East Sussex, em Inglaterra, debruçada sobre o canal da Mancha e detendo a média de temperaturas mais amena da fria Grã-Bretanha era, à época, considerada uma estância favorita das classes altas.

¹⁰ Fernando Amaro Monteiro – *D. Manuel II e D. Amélia, cartas inéditas do exílio*. Lisboa: Estampa, 2012, p. 195.

¹¹ *Ibidem*, p. 202.



Fulwell Park e Eastbourne, 1915,
álbum 1, páginas 12 e 13
PT/AMLSB/BEK/001/000058-
000067

Na página 12, a imagem já atrás comentada da rainha D. Amélia e dois aspetos dos jardins, *court* de ténis e casa de Fullwell Park, a residência de D. Manuel e de D. Augusta Vitória, em Twickenham. Uma pequena imagem legendada como «Rei e rainha, Twickenham, 1915» é na realidade captada nas escadas exteriores da casa de Eastbourne, como pudemos constatar na página seguinte, onde D. Augusta Vitória, só e com o mesmo vestido, se fotografa no mesmo local. Nesta página há mais cinco imagens da rainha no ténis, cercando uma imagem interessante dos «Assecas», seis dos sete filhos dos viscondes de Asseca, uma “trupe” alegre e irreverente a que não faltam as trotinetes e o cão da família, protagonista aliás de outras imagens dos álbuns.

As crianças Asseca, aliadas e companheiras permanentes dos Palmela, ou seja, de Ana Maria e de seus irmãos, ainda que em média estes fossem um pouco mais velhos, criariam uma onda de frescura e de alegria contagiante que só poderia ser vivificante para os perturbados espíritos de D. Manuel e das duas rainhas.

E isso transparece na quase totalidade das imagens em que figuram elementos da Família Real, onde os sorrisos são abertos e joviais e os gestos de ternura espontâneos e reveladores de grande intimidade e à vontade.

Numa ou noutra imagem, somos mesmo surpreendidos por uma total ausência de um mínimo de protocolo, com o próprio D. Manuel a envolver-se em brincadeiras quase infantis, nadando com o visconde de Asseca ou, na mesma sequência, agarrando-lhe o pé para o forçar a um mergulho nas frias e pouco transparentes águas do mar da Mancha.

(Imagem n.º 011 PT/AMLSB/BEK/001/000134)

Que saudades não teriam ambos das águas da baía de Cascais e do sol português. Baía de Cascais onde são captadas em outros anos muitas das imagens dos álbuns Holstein Beck.

Mas o insólito, o nunca visto, o que surpreende mesmo quem já teve oportunidade de analisar centenas de fotografias da Família Real, será a atitude da rainha Augusta Vitória, a sua alegria espontânea, os seus sorrisos onde mal se nota uma indisfarçável sombra de melancolia e, acima



Queen, Eastbourne 1915
PT/AMLSB/BEK/001/00071



Queen, Viscountess Asseca Eastbourne 1916
PT/AMLSB/BEK/001/000157

de tudo, gestos desconhecidos de ternura que a humanizam e revelam uma faceta até agora desconhecida.

As imagens da página 27 do primeiro álbum Holstein Beck, página que só por si seria absolutamente paradigmática do relacionamento da Família Real com os que lhe eram à época os mais íntimos amigos, mostram-nos uma rainha D. Augusta Vitória inédita nos gestos com que demonstra a sua amizade e grau de intimidade com a viscondessa de Asseca (BEK152).

O que de imediato nos permite refletir sobre a enorme diferença entre o retrato fotográfico, a pose de Estado e a figuração de protocolo e as fotografias do foro privado, o quotidiano íntimo que encontra a sua melhor expressão nos álbuns de família como estes.

Os investigadores que se debruçaram sobre a figura de Augusta Vitória de Hohenzollern, e mesmo sem referir os seus detratores, são coincidentes em considerar o seu carácter similar ao perfil dos seus retratos fotográficos, uma mulher de uma frieza quase esfíngica, distante e melancólica.

Há apenas uma fotografia dos álbuns que capta essa melancolia, constituindo uma dupla exceção pela ausência de sorrisos e alegria, e por tratar-se da única imagem de interior de todas as que retratam as pessoas da Família Real.

À hora do chá, uma D. Augusta Vitória friorenta cobre os joelhos com uma manta, envolve-se no largo roupão de D. Manuel, que notaremos em algumas imagens de praia, e que quase lhe escondem as mãos. A rainha olha obsorta o outro lado da rua, que antevemos pela janela, e acaba de trincar uma torrada, a britânica *toast* invariavelmente queimada. Alguém, talvez a viscondessa de Asseca, segura, em primeiro plano, um prato de torradas. Ressalta o perfil difícil de D. Augusta Vitória, o seu alheamento perante o fotógrafo e o gesto inestético de mastigar. Esta imagem deixa claro as razões porque os responsáveis pelo protocolo e relações públicas fazem sair dos locais de jantares ou banquetes os repórteres fotográficos e os operadores de imagem, que só retornam aquando dos brindes e discursos finais. Mesmo os memorialistas,

seus contemporâneos, foram pouco benévolos com D. Augusta Vitória, com destaque para o 6º marquês de Lavradio, D. José Maria do Espírito Santo de Almeida Correia de Sá, tão próximo do rei D. Manuel que foi o seu primeiro companheiro de exílio, secretário pessoal e seu caudatário na viagem de núpcias e testemunhou de perto o drama do internamento de urgência da rainha em Munique. Sobre o *garden party* de Abercorn house para apresentação da noiva do rei D. Manuel comentaria: «Confesso que a nossa futura Rainha me não entusiasmou. Não era bonita e estava mal vestida, - isto é, sem elegância, saída havia pouco do colégio, não sabia dizer duas coisas seguidas, o que, aliás, não seria fácil para quem não conhecia ninguém. El-Rei, porém, estava encantadíssimo com ela; era ele quem se casava e a nós só interessava que ela desse um herdeiro ao Trono. Infelizmente, nem para isso serviu!»¹² O comentário é demasiado cruel, para mais publicado de moto próprio, e injusto para com uma jovem princesa que apenas falava um português insipiente, aprendido com sua avó D. Antónia de Bragança, infanta de Portugal, que ia fazer um casamento de Estado sem perspectivas de grandeza e se autocondenou a duas décadas de exílio e solidão, longe do seu país de origem e da sua família.

A rainha nunca teve filhos ou nunca os pôde ter. Possível consequência dos motivos de internamento em Munique ou de outra doença que a obrigou a prolongados tratamentos de foro ginecológico em Inglaterra, não o sabemos.

Chegaria a Portugal, oriunda do espólio privado que os Hohenzollern disponibilizaram a um colecionador português, muitas décadas após a morte da rainha, uma vasta documentação dos farmacêuticos, que preparavam a medicação de D. Augusta Vitória. Nunca foi estudada. E, a sê-lo, o mais que poderia era resgatar uma rainha de exílio, que nunca pisou o solo do país que lhe deu título, da acusação medieval e medíocre de que foi uma rainha que não deu sucessão a um país que nunca recuperou o trono.

Este não é um desvio temático sobre as relações da aristocracia com a Família Real no exílio na perspetiva dos álbuns Holstein Beck, antes pelo contrário, pretende sublinhar o conjunto extraordinário de imagens da relação que D. Augusta Vitória estabeleceria com Martim, o filho mais novo dos Asseca.

Nas fotografias, captadas em Eastbourne, pelos anos 1915 e 1916, balançava o pequeno Martim entre os cinco e os seis anos e era visivelmente o menino com que todos queriam brincar e a quem todos mimavam. Nos seus álbuns, Ana Maria recolhe dezenas de fotografias do pequeno Martim, muitas delas em que posa só.

Particularmente tocante é a imagem de praia, em que a rainha Augusta Vitória compõe a roupa de Martim enquanto conversa com ele. D. Manuel, que regressara do banho e se agasalha com o enorme roupão de praia, que já referimos, está atento e pendente da cena e a seu lado o pai Asseca tenta recuperar do mar gélido, com o débil sol britânico. É como se não existisse a câmara fotográfica e estivéssemos a ver um simples casal a cuidar de um filho que nunca viriam a ter.

¹² *Memórias do Sexto Marquês de Lavradio*, Lisboa: Ática, 1947. p. 232.



Viscounte Asseca, King, Queen, Martim Eastbourne 1916
PT/AMLSB/BEK/001/000154



Queen and Martim Asseca Eastbourne 1916
PT/AMLSB/BEK/001/000143

O pequeno Martim Asseca, que herdara um dos nomes tradicionais na centenária linhagem de sua casa – assim se chamara Martim Corrêa de Sá e Benevides Velasco, que foi o 1º visconde de Asseca, com título outorgado por D. Afonso VI em 1666 – protagoniza uma outra sequência de imagens com D. Augusta Vitória, que está reclinada na relva do *court* de ténis [BEK140] quando o menino se vem sentar ao seu colo e ambos ficam atentos à objetiva de Ana Maria Holstein Beck. A ternura da rainha pelo pequeno Martim é inteiramente perceptível. Para nós que temos o privilégio - ou o anátema - de um século depois conhecer o destino de muitas das pessoas que figuram nestes álbuns, não deixa de causar pena sabermos que o pequenino e doce Martim poucos anos sobreviveria a estas imagens.

D. Augusta Vitória teria decerto conhecimento desse desaparecimento prematuro e sentiria uma profunda saudade dos dias de felicidade nas estadas em Eastbourne, cercada pelas crianças Asseca e Palmela.

Não se trata de uma mera especulação. Quem investiga a História e se cinge às fontes documentais analisa os factos com frieza e objetividade e procura ser imparcial – poucos historiadores o são e poucos o foram, a História do passado depende muito do ponto do futuro em que olhamos para trás. O método, que será muito válido perante o pergaminho de um tratado, é bem menos linear quando analisamos um acervo fotográfico e por ele reconstruímos uma realidade passada. As fotografias, mesmo as mais decisivas e marcantes, as que representam momentos fulcrais da História, têm gente dentro e não há pessoas sem emoções, é isso que nos torna frágeis, é isso que nos torna grandes.

As fotografias de praia, em Eastbourne, estão datadas de 1916, um ano fulcral em que se decide a entrada de Portugal no conflito armado – e nas páginas 36 a 39, deste mesmo álbum, Ana Maria alinha um conjunto documental de fotografias do campo de treino das tropas portuguesas em Horsham, datadas de 1918.

Uma das imagens de praia confirma a presença da rainha D. Amélia nesse ano em Eastbourne, enquadrada com D. Manuel e com o visconde Salvador Asseca. Ainda que, ocasionalmente, não

existam nos álbuns fotografias de D. Amélia com a viscondessa de Asseca, não podemos deixar de recordar que esta era também íntima e muito próxima da rainha-mãe. D. Carolina Maria Matilde Correia Henriques, que casara com o visconde de Asseca em 1898, era filha do 2º conde de Seisal, Pedro Maurício Correia Henriques e de sua primeira mulher, D. Carolina Maria de Castro Pereira¹³.

Esta senhora faleceu, em 1878, e o conde de Seisal contraiu segundo matrimónio com sua cunhada D. Maria Germana de Castro Pereira em 1884 e viriam a ser, respetivamente, o primeiro veador e dama camarista da então princesa Real D. Amélia aquando do seu casamento com o príncipe real D. Carlos de Bragança, em 1886.¹⁴ O conde de Seisal faleceria em 1890, poucas semanas após a aclamação de D. Carlos.

A condessa de Seisal, D. Maria Germana, simultaneamente tia e madrasta da viscondessa de Asseca, foi desde sempre tratada carinhosamente e referida por Mariquita por todas as pessoas da Família Real e, durante a sua longa vida, afirmar-se-ia como uma das mais íntimas amigas da rainha D. Amélia. Figura nos álbuns de Ana Maria Holstein Beck (BEK205) e foi igualmente estimada pela rainha D. Augusta Vitória que, ainda em 1924, lhe oferece um dos seus melhores retratos fotográficos dedicando «à minha querida Mariquita».¹⁵

Por vezes, a intimidade entre os jovens Palmela e Asseca e a Família Real mede-se por detalhes mínimos, mas enternecedores, como numa sequência de imagens (BEK184, BEK192, BEK 193 e BEK 195), em que o gato da rainha muda sucessivamente de colo, até se fixar no colo da própria D. Augusta Vitória.

Outras sequências demonstram igualmente a deferência perante a chegada do rei e da rainha a casa dos Asseca, em Eastbourne, em 1916, quando junto à entrada, ainda estão ambos de chapéu, e D. Augusta Vitória segura nas mãos um ramo de flores que acaba de lhe ser oferecido. Logo em sequência surgem uma série de imagens (BEK137, BEK 139, BEK142, BEK146 e BEK148) dos jardins da traseira em que a rainha, que deixou no interior da casa o casaco, a mala e as flores, posa alegremente em grupo com os Asseca ou só.

Nas páginas iniciais, do terceiro álbum, surge um novo conjunto de fotografias com a Família Real que, não sendo muito extenso, é curioso e representativo. Um título manuscrito a meio da página é autoexplicativo: «Versailles Queen's House July 1921».

A rainha D. Amélia resolvera, em finais do ano anterior, mudar-se para uma nova casa, em França. A 20 de novembro explica, em carta a D. Maria de Menezes, as razões da mudança: «... primeiro a absoluta proibição dos médicos ingleses de eu passar mais invernos aqui, depois o ter sido posta fora da minha casa. (Referência à não renovação do aluguer de Abercorn House, em Richmond). El-Rei há muito queria que eu mudasse de clima, mas custou-me muito a resolver--me, apesar de tudo o que me chama em França. Tive que mandar procurar casa e foi



King, Salvador Asseca, Queen Amélia, Eastbourne 1916
PT/AMLSB/BEK/001/000150



King and Queen, Eastbourne 1916
PT/AMLSB/BEK/001/000136

¹³ Afonso Eduardo Martins Zuquete [dir.] – *Nobreza de Portugal e do Brasil*. Lisboa: Editorial Enciclopédia, Vol. III. 1989. p. 367/368.

¹⁴ NOBRE, Eduardo – *Família Real, Álbum de fotografias*, Lisboa: Quimera, 2002. p. 70/71, fotos 3.71/3.72.

¹⁵ Ibidem, p. 199, foto 5.69.



Queen Amélia, Mother, Queen, Figueiró, King, Maria Garden Versailles Queen's House July 1921
PT/AMLSB/BEK/001/000917



Queen and her cat, Eastbourne 1917
PT/AMLSB/BEK/001/000197

dificilissimo, mais perto de Paris não pode ser, nas condições que eu queria por falta de __ recursos [O longo traço no manuscrito original daria a entender que os recursos financeiros da rainha não chegariam para mais]. Versailles tem muitas vantagens enquanto a impressões, a França toda é para mim feita delas e nela vivia quando casei! Daqui a pouco terei de ir ocupar-me da instalação, mas tenciono se Deus quiser, sempre passar alguns meses cada ano em Inglaterra, mesmo por gratidão.»¹⁶

A rainha escolheu uma mansão em Chesnay, não muito distante do palácio de Versalhes, conhecida como Château de Bellevue, situada na rua Plateau Saint-Antoine, padroeiro da igreja próxima, de que D. Amélia se tornará uma paroquiana assídua.

Completa a instalação no início do verão de 1921 e decide passar um par de semanas em Fulwell Park de onde escreve ao conde de Mafra, D. Thomaz de Mello Breyner, antigo médico da Casa Real e fidelíssimo amigo da Família Real: «A casa é modesta mas boa, independente, com um jardim não grande mas suficiente, tem bons quartos, o todo simpático, bem situada e arejada. Talvez Você passe um dia por Paris e não deixará de ir lá. Vim cá [Fulwell Park] passar algum tempo com os meus filhos [D. Manuel e D. Augusta Vitória] voltando para os fins do mês à minha casa.»¹⁷

As fotografias do terceiro álbum Holstein Beck são portanto de finais de julho de 1921 e fixam diversos grupos captados nos jardins do Château de Bellevue (BEK914- BEK 916) onde se vêem as pessoas da Família Real, a duquesa de Palmela e as suas filhas, Maria José e Maria Luísa e também o 2º conde de Figueiró, D. António de Vasconcelos e Sousa. A nossa Ana Maria, sempre por detrás da câmara, surge numa das imagens fugidamente e de costas. Numa das fotos (BEK918) Maria Luísa Holstein Beck figura sozinha e é a única imagem do conjunto onde se vê a fachada traseira da mansão.

Deste conjunto destaca-se uma fotografia onde surgem, da esquerda para a direita, a rainha D. Amélia, a duquesa de Palmela, a rainha D. Augusta Vitória, o conde de Figueiró e o rei D. Manuel e, sentada num degrau, Maria José Holstein Beck. Num gesto irreverente, que o rei apreciava improvisar nas fotografias íntimas, D. Manuel põe a mão sobre o elegante chapéu de Maria José e enterra-lho sobre os olhos.

A elegância do vestuário das jovens Palmela destaca-se nestas imagens e constatamos que as jovens, quase desajeitadas, de há cinco e seis anos atrás se transformaram em belíssimas senhoras que em breve viriam a constituir as suas próprias famílias.

Neste mesmo ano, sublinhe-se, a rainha D. Amélia assumiria a representação e chefia da Casa Real de França, por delegação expressa de seu irmão Filipe, duque de Orléans, que se ausentava numa longa viagem por África.

A presença do conde de Figueiró é igualmente de referir, por se tratar de um dos aristocratas mais próximos da Família Real e da rainha D. Amélia, em particular. O conde de Figueiró surge-nos

¹⁶ Eduardo Nobre – *Casa Real, fotografias, documentos, manuscritos, memorabilia*. Lisboa: Quimera, 2003. p. 217.

¹⁷ *Ibidem*, p. 219.

com o aprumo de sempre, mas mais magro e encanecido do que nos tempos de El-Rei D. Carlos, quando era oficial-mor da Casa Real e mestre-sala, responsável pelo protocolo da Corte.

Três anos antes falecera sua mulher, D. Josefa de Sandoval y Pacheco, que toda a Família Real tratava carinhosamente por Pepita e fora dama, conselheira e amiga íntima da rainha D. Amélia, desde os primeiros anos de reinado de El-Rei D. Carlos. A proximidade e influência dos Figueiró e muito particularmente de Pepita, não passaria sem detratores e chegaria a tomar contornos de escândalo público. A rainha D. Amélia e a condessa de Figueiró mantiveram inabalável a sua relação de mútua confiança e amizade, e esta não hesitou em seguir a sua rainha para o exílio, desde o primeiro minuto do embarque na Ericeira a 5 de outubro de 1910.

O seu desaparecimento foi dramático para D. Amélia. A 14 de novembro de 1918, o rei D. Manuel escreve ao marquês de Soveral: «A vida em Richmond [refere-se à residência de sua mãe, Abercorn House] vai ser tristíssima! Pobre Pepita, que falta faz: para a família e para minha Mãe é terrível! O seu desaparecimento e o da minha querida Dama [D. Isabel Saldanha da Gama, falecida no início de 1918] criaram um vazio insubstituível!»¹⁸

A fotografia que comentamos (BEK917) será igualmente uma das últimas em que podemos ver o conde de Figueiró junto da rainha D. Amélia. O conde virá a falecer meses depois, em fevereiro de 1922. A 5 de outubro, do mesmo ano, data que passava a ser duplamente fatídica para os Bragança, falecia o marquês de Soveral, numa clínica de Paris, assistido pela rainha D. Amélia e com o rei D. Manuel ao seu lado.

A 20 de fevereiro de 1920, já havia falecido D. Afonso de Bragança, duque do Porto, e herdeiro presuntivo do trono, confirmando-se a falta de descendentes de D. Manuel II. Enquanto nos álbuns de Ana Maria Holstein Beck as imagens celebram a sequência da vida numa grande família, as uniões e os nascimentos, a rainha D. Amélia assistirá, do seu exílio de Chesnay, ao sucessivo desaparecimento de amigos e familiares, incluindo a morte de seu irmão Filipe, em 1926, e o desaparecimento prematuro de El-Rei D. Manuel, a 2 de julho de 1932.

A rainha Augusta Vitória, que vemos em tantas das imagens Holstein Beck regressa à Alemanha. Fulwell Park é destruído e o vasto parque urbanizado, a viúva do último rei de Portugal retomarà a sua vida com um segundo matrimónio.

Altera-se o rumo sucessório da Casa Real de França, extingue-se sem descendência o ramo constitucional dos Braganças.

E são os jovens Palmela e Asseca das imagens iniciais dos álbuns Holstein Beck quem assumirá a natural representação da linha histórica das suas casas e títulos e virá, muitas décadas mais tarde, a colocar-se ao serviço da rainha D. Amélia.

«Domingos» de Sousa e Holstein Beck virá a ser o 5º duque de Palmela – por substituição a seu irmão «António» que seria 4º marquês do Faial e 4º conde de Calhariz, e que vem a falecer em consequência de um desastre de automóvel, ocorrido em Cascais, em 1941.

¹⁸ Eduardo Nobre – *Amélia Rainha de Portugal*. Lisboa: Quimera, 2006., p. 160.



*Despedida do Domingos – 1ª ida Embaixador – Portela – 29-9-1943
PT/AMLSB/BEK/008/003967*

O 5º duque de Palmela por alvará do Conselho da Nobreza de 1946, usará o seu título em todos os cargos oficiais e, decerto recordaria a sua juventude em Inglaterra e a sua licenciatura em Cambridge – bem documentadas em muitas das fotos dos álbuns – quando, em 1943, se torna embaixador de Portugal em Londres, ou quando faz parte do séquito da rainha Isabel II, na sua visita de Estado a Portugal, em 1957, depois de oficiado pelo Ministério dos Estrangeiros – Gabinete do Ministro, em 11 de janeiro de 1957 para que «[...] se colocasse à disposição de sua Majestade a Rainha Isabel II da Grã-Bretanha durante todo o tempo que durar a visita oficial de sua Majestade a Portugal, de 18 a 20 de Fevereiro próximo, [...] juntamente a Senhora Duquesa [...]».¹⁹

«António» Asseca e «Luísa» Holstein Beck, que nas primeiras imagens dos álbuns, com a Família Real, têm ambos 15 anos, virão a enamorar-se e unir os dois clãs de jovens, casando em 1923.

No dia do seu casamento, «António» José Corrêa de Sá Benevides Velasco da Câmara receberia uma carta de El-Rei D. Manuel, autorizando-o a usar o título de visconde de Asseca, apesar de seu pai ainda ser vivo.



Visita da rainha Isabel II de Inglaterra, à saída do Mosteiro dos Jerónimos com os 5^{os} duques de Palmela em fevereiro de 1957.
PT/AMLSB/FER/002574

Como veador da rainha D. Amélia, acompanha-a na sua visita a Portugal, em 1945, subscrevendo todos os convites formais: «Por ordem de Sua Magestade a Rainha Senhora Dona Amélia, o Visconde de Assêca tem a honra de convidar...»²⁰

Em 10 de março de 1952, seria o único titular a assinar, na sua qualidade de «Viador da Casa da Rainha e seu testamenteiro», o auto de inumação do cadáver da rainha D. Amélia colocado no seu túmulo, do Panteão de S. Vicente de Fora.

Era o último serviço de um dos meninos dos álbuns Holstein Beck à última rainha de Portugal.

* Investigador e autor

Fontes

ARQUIVO NACIONAL TORRE DO TOMBO, Mf5755.

Bibliografia

DIMOND, France; TAYLOR, Roger – *Crown and camera: the Royal Family and photography*. Harmondsworth: Penguin Books, 1987.

LAMONT-BROWN, Raymond – *Edward VII's last loves, Alice Keppel & Agnes Keyes*, Stroud: Sutton Publishing, 1998.

MARQUES, Paulo Lowndes – *O Marquês de Soveral, seu tempo e seu modo*. Lisboa: Texto Editores, 2009.

Memórias do Sexto Marquês de Lavradio. Lisboa: Ática, 1947.

MONTEIRO, Fernando Amaro – *D. Manuel II e D. Amélia: cartas inéditas do exílio*. Lisboa: Estampa, 2012.

NOBRE, Eduardo – *Amélia Rainha de Portugal*. Lisboa: Quimera, 2006.

- *Casa Real: fotografias, documentos, manuscritos, memorabilia*, Lisboa: Quimera, 2003.

- *Família Real: álbum de fotografias*. Lisboa: Quimera, 2002.

SIMPSON, Donald – *Twickenham past*. London: Historical Publications, 1998.

ZUQUETE, Afonso Eduardo Martins (dir.) *Nobreza de Portugal e do Brasil*. Lisboa: Editorial Enciclopédia, vol.III. e 1989.

²⁰ Eduardo Nobre, *Casa Real: fotografias, documentos, manuscritos, memorabilia*, Lisboa: Quimera, 2003. p.236.



Abordo do
"Highland
Patriot"
25 a 28 de
Julho 1937



Desembarque
em
Boulogne
29 de
Julho →



Caminhos... de Ana Maria Holstein Beck “Da pose à intimidade”

Ângela Camila Castelo-Branco*

Em tempo de mudança e incerteza, num período de forte agitação social, de constrangimento económico e de declínio de regime político, nascia em Lisboa, no seio de uma das mais importantes famílias da aristocracia portuguesa, Ana Maria José Francisca de Paula de Sousa e Holstein Beck (1902 – 1966).

Filha de Luís Borges Coutinho de Medeiros de Sousa Dias da Câmara (1866 – 1933) e de Helena Maria Domingas de Sousa Holstein (1864 – 1941), 4ª duquesa de Palmela e 3ª marquesa do Faial, Ana Maria Francisca cedo deu mostras de querer registar os episódios da vida familiar, da banalidade quotidiana ao acontecimento. Assim nasceram os onze álbuns fotográficos, aos quais se juntaram mais cinco, que num gesto de generosidade, foram doados pelos seus descendentes ao Arquivo Municipal de Lisboa - Fotográfico.

Quando, em 1865 Charles Thurston Thompson pretendeu fazer um levantamento fotográfico na Península Ibérica as boas relações de Francisco de Sousa Holstein, marquês de Sousa Holstein (1838 - 1878), com o cônsul britânico em Lisboa, Edward Robert Bulwer Lytton e a influência junto das elites e da Família Real portuguesa foram preponderantes para o trabalho do fotógrafo britânico em Portugal. No mesmo ano em que Thurston Thompson esteve no nosso país Sousa Holstein foi presidente do júri de Bellas-Artes na exposição Internacional do Porto, onde a foto-



Eugénia Maria Filomena de Figueiroa, marquesa de Terena e de Monfalim, com o seu marido D. Filipe de Sousa e Holstein, 1º marquês de Monfalim, e seus irmãos.

Coleção Ângela Camila Castelo-Branco e António Faria



Ana Maria Gonçalves Zarco da Câmara, marquesa de Sesimbra; D. Francisco de Sousa Holstein, marquês de Sousa Holstein; Maria Eugénia Braamcamp de Melo Breyner, marquesa de Sousa Holstein; D. Filipe de Sousa Holstein, marquês de Monfalim; Eugénia Maria Filomena Brandão de Melo Congominho Correia de Sá Pereira de Lacerda, marquesa de Monfalim e D. Tomás de Sousa e Holstein Beck, marquês de Sesimbra. Coleção Ângela Camila Castelo-Branco e António Faria

grafia esteve presente, mas o interesse da família Palmela pela fotografia remonta pelo menos ao tempo da formação do Club Photographico Lisbonense no Pátio Pimenta, em 1861, a que esteve ligado o marquês de Sousa Holstein.

Em 1875, quando presidiu à comissão encarregue de organizar um projeto de Reforma das *Bellas Artes*, Sousa Holstein pretendia a integração da fotografia no Museu de Arte Industrial e em todas as oficinas anexas a todos os museus, ambicionava colocar a fotografia como elemento central da inventariação do património nacional. Ainda hoje, os portugueses não possuem um arquivo nacional de fotografia, nem tão pouco um museu nacional ou sequer uma lei que obrigue ao depósito legal da imagem fotográfica.

Conhecidos são os diversos trabalhos sobre a “Casa Palmela”. Nas várias publicações a ela dedicados ressuma alguma pobreza iconográfica, ainda mais marcante no que respeita ao registo fotográfico configurando descrições dos ritos sociais e do quotidiano desta família. Na segunda metade do século XIX, com o advento e consolidação da fotografia, as famílias mais abastadas passaram a deslocar-se com frequência aos estúdios fotográficos da moda, onde eram retratadas em poses, mais ou menos estudadas, imagens depois exibidas em álbuns pomposos e cuidadosamente compostos. A despojada simplicidade de dezenas de fotos incluídas nestes álbuns mostram despreocupada verdade onde a família Palmela surge a par da realeza em desprezível simplicidade que só poucos poderiam apenas imaginar.

Está ainda por fazer um estudo iconográfico desta família, empreendimento que a doação deste espólio ao Arquivo Municipal de Lisboa - Fotográfico, torna agora possível.

Neste contexto, a singularidade deste conjunto de álbuns, coligidos de forma cuidada na organização, sistematização cronológica e legendagem, confirma a importância da fotografia enquanto documento complementar de estudo e saber nas diversas áreas das ciências sociais e humanas.



Horsham 1918 Portuguese Training Camp
PT/AMLSB/BEK/001/000224-000230



Uma montagem e uma sequência organizativa de imagens são sempre, um pouco ou muito, uma representação ou teatralização idealizada da identidade que cada um quer dar de si próprio. É através da narrativa estabelecida pela autora e organizadora destes álbuns de família, que podemos ter conhecimento de alguns dos seus sentimentos, gostos e interações sociais. É também isso que nos permite testemunhar o comportamento social de uma parte da elite portuguesa que neles é exposta no curso de quase cinquenta anos.

Ana Maria fez-se por diversas vezes fotografar com os seus primeiros aparelhos fotográficos ao peito. Poses ostensivas e de regozijo pelo indisfarçável prazer que a fotografia lhe proporcionava, ânimo de captar tudo o que lhe despertava curiosidade e o que lhe marcava o sentimento; uma “coleccionadora de afetos”.

No álbum fotográfico, datado entre 1912 e 1919, deparamo-nos com as primeiras fotografias realizadas e colecionadas por Ana Maria Holstein Beck: familiares próximos, amigos, recordações de festas, brincadeiras de crianças, férias e estadias no estrangeiro. Realce para a Família Real portuguesa no exílio britânico e para os soldados do CEP (Corpo Expedicionário Português) em exercícios na Escola de Artilharia de Horsham, em Inglaterra, em momento já próximo do final da I Grande Guerra.

São momentos únicos e de grande autenticidade as fotografias que mostram os membros da Família Real. A convivência com as régias personagens não se limitava a cerimoniais e aprazados encontros manifestando a persistência da fidelidade à causa. Antes de tudo, a clara relação de amizade que se prolongaria até à morte dos locatários de Fulwell Park, em Twickenham – residência das majestades portuguesas na Inglaterra – Meca para os defensores da antiga ordem Constitucional. Ali acorriam sobretudo aqueles que tinham as necessárias posses para se aventurarem numa viagem longa e dispendiosa para os parâmetros da época. Existem claros



Eastbourne 1916
PT/AMLSB/BEK/001/000137-000145
Queen, Eastbourne, 1915
PT/AMLSB/BEK/001/000071

indícios de grande cumplicidade quase familiar, radicalmente afastada do protocolo que noutras ocasiões pontificava, ou seja, quando os monarcas se apresentavam aos seus fiéis em bem organizadas recepções em hotéis ou grandes salões de aparato, ocasiões onde a mundanidade se associava à mais estrita rigidez cortesã.

Não é comum vermos fotografias de uma rainha afagando o seu gato de estimação ou brincando com crianças. A realeza, mesmo estando longe das formalidades ditadas pelo protocolo, já antevia, no alvorecer do século XX, a necessidade de certa dependência mediática e de uma eficiente organização das relações públicas. Ora, não é este o caso com que nos deparamos. Nestes álbuns, nada parece artificial: os monarcas, diante da câmara indiscreta, riem-se porque querem rir e comem porque lhes apetece comer.

A grande sociedade cumpria os ditames da moda estabelecidos por Eduardo VII e pela sua elegante cónjuge Alexandra da Dinamarca. Se os espampanantes chapéus da *Kaiserin* Augusta Viktoria – mulher de Guilherme II - eram criticados pela nobreza e invejados pela burguesia arrivista, a ninguém poderia admirar o frequente encontro de fotografias, postais e reportagens cujos autores se digladiavam para a obtenção de admiradores desta ou daquela testa coroada da realeza europeia. Na Alemanha houve uma genuinamente popular paixão pela *Kronprinzessin* Cecília e mesmo no Portugal subjulgado pelas tumultuosas correrias da Lisboa refém de comícios e de desbragado populismo, era comum escutarem-se discussões acerca das duas rainhas em presença. A grandeza majestática de D. Maria Pia competia abertamente com a grandeza física e moral de D. Amélia, aliás dois perfeitos exemplos da requintada moda parisiense entre nós. É a época das revistas ilustradas que revelavam as andanças da aristocracia e de uma burguesia cada vez mais ansiosa por participar nas até então muito seletas atividades lúdicas dos estratos privilegiados. Longe das cerimónias da corte, onde as distâncias marcavam o compasso da garantia da dignidade do Estado, é nesta coleção possível deparar com a rainha Augusta Victoria mordiscando uma *delicatessen* à hora do chá, foto impossível de passar em qualquer censura, por mais informal que esta fosse, é aqui apresentada como uma fração de um tempo de prazer no convívio entre amigos. Uma rainha de boca cheia e despreocupada quanto ao “parecer bem” ou “parecer mal” estabelecido pelas

conveniências burguesas triunfantes, diz-nos muito da total confiança existente naquele círculo de amigos.

Cem anos decorridos desde a captação destas imagens, deparamo-nos com imagens informais e abandonadas inesquecíveis. Por exemplo, a sempre cuidadosamente majestática rainha viúva D. Amélia de Orleães, surge-nos em total despreocupação e como sempre sorridente. A rainha Augusta Victória, por sua vez, descansa informalmente sentada no chão, indiferente aos confortos de salão. O mesmo se poderá dizer do deposto rei D. Manuel II “a banhos”, permitindo a imortalização de uma brincadeira em que segura as pernas fora de água do seu amigo e secretário visconde de Asseca, num ângulo tal, que quase diríamos querer obrigá-lo a submergir nas águas do mar de uma praia de Eastbourne, em Inglaterra.

Do ano a que reportam as primeiras imagens destes álbuns, ou seja, 1912, distam mais de vinte anos sobre o advento das primeiras máquinas fotográficas de rolo, comercializadas por George Eastman a partir de 1888. Na viragem do século XIX, embora a fotografia ainda não estivesse ao alcance de todas as bolsas, vulgarizara-se enquanto *hobby* entre a aristocracia e a alta burguesia. Os clichés, mais uma daquelas “novidades” que tanto agradavam ao rei D. Carlos, pareciam seguir assim na senda da antiga tradição dos retratos a óleo, onde a burguesia endinheirada e em sempiterna expectativa de um belo casamento que a fizesse ascender à nobreza se fazia retratar em sumptuosas manifestações de um mais que certo poder de ostentação. O inverso também acontecia, optando algumas casas de bom nome garantido por séculos de permanência junto da corte, escolher uma ligação burguesa mas de tilintantes argumentos plasmados em propriedades industriais, lojas, talvez algumas terras e claro está, títulos e ações de segurança garantida.

Os álbuns fotográficos ornados com retratos em pose austera e quase hierática, encontram nesta coleção o perfeito contraponto. Os trajes comuns substituem os veludos, sedas, rendas, luvas de “meio cano”, tiaras, leques de marfim, colares de várias voltas de pérolas e *aigrettes* da corte. As rainhas parecem anónimas burguesas que se divertem entre charlas, pequenas refeições e os mais agradáveis desportos da moda ou da preferência das classes altas. À equitação soma-se o *lawn-tennis* e as atividades relacionadas com o mar, não se descurendo tradições como a tourada. Os mais novos passam a fazer parte desta nova ordem de organização do tempo lúdico e, por aquilo que os álbuns nos permitem ver, destaca-se a curiosidade em dar a perceber que algumas mudanças comportamentais estão em curso na sociedade portuguesa: crianças e jovens adolescentes convivendo descontraidamente com adultos, evidência de espaços de comunicação até aí vedados. De facto, já não são meros “entes” de figuração, são antes “seres”, personagens, plenos participantes na vida social dos progenitores, agora mais do que nunca interessados numa continuidade que também depende de uma rede de contactos e da cada vez mais necessária aprendizagem social, plenamente conseguida por uma educação formal. Assim, a frequência em boas escolas nacionais ou estrangeiras, consistiu num imperativo que ficou registado nas imagens que a modernidade técnica permitiu.

As fotografias que fazem parte do universo fotográfico dos álbuns de família não podem ser vistas como um todo homogéneo. A composição deste tipo de álbuns abarca não só a fotografia

dos autores dos álbuns, mas também as fotografias adquiridas em estabelecimentos comerciais e ainda muitas fotografias oferecidas por familiares e amigos. Alguns destes “álbuns de família”, principalmente os que estão datados entre 1937 e 1951, são completados com fotografias adquiridas localmente, a fim de melhor ilustrar as viagens efetuadas e os acontecimentos nacionais de relevo [Exposição do Mundo Português de 1940]. No álbum que nos mostra a sua estadia na Madeira, muitas das imagens são da autoria dos Perestrellos, com estúdio no Funchal. Nas viagens efetuadas, no mesmo período, a várias cidades europeias, as fotografias de melhor qualidade que nos mostram vistas, monumentos, obras de arte e costumes, são também elas da autoria de fotógrafos profissionais e adquiridas certamente nos hotéis, em livrarias, talvez em quiosques e tabacarias.

Para além das fronteiras nacionais, as grandes famílias continuam a visitar alguns dos mais famosos pontos de encontro do outrora obrigatório *Grand Tour*. Se as velhas civilizações ainda encontravam um lugar cativo nas preferências – e aqui recordamos a visita de D. Amélia e dos filhos ao Egipto e algumas paragens num Mediterrâneo transformado num lago europeu –, tornou-se obrigatório o pleno conhecimento das novas realidades que o mundo industrializado apresentava, para gáudio dos progressistas e o afiançar das certezas dos conservadores. Berlim, Londres, Viena e Paris competiam pela atenção dos viandantes endinheirados, fazendo florescer o negócio da hotelaria de luxo que todo o tipo de ofertas proporcionava. Da Riviera francesa e italiana à obrigatória visita a Pompeia e Paestum, apenas se contabilizava um ou dois dias de viagem comodamente prodigalizada por um serviço ferroviário eficiente e capaz de garantir o conforto e distração.

Ver “as modas” nas montras nos *boulevards*, observar ou fazer-se observar nos mais requintados restaurantes parisienses, escutar as novas sonoridades vindas de Viena e de São Petersburgo, ou decididamente pretender-se ruborizar de indignação pelas ousadias de um seminu Nijinsky em palco, acompanhavam na perfeição aquelas outras artes que nas telas podiam acender refinadas paixões imortalizadas por Klimt, Serov, Von Stuck, Laszlo e Boldini. Evidencia-se uma época onde o retrato de sociedade prosperou, naquele estilo entre o formal e o demasiado ousado e que pode entre nós ser exemplificado pela magnífica e opulenta imagem de D. Amélia, da autoria de Vittorio Corcos, hoje em exposição no Museu dos Coches. Como arte autónoma, a fotografia seria precioso auxílio para os pintores retratistas, finalmente emancipados dos maus humores ou falta de tempo de clientes ariscos ao terrível frete de posar, mas sempre lesto para verem a obra feita terminada.

As visitas às estâncias balneares, fossem elas francesas, inglesas ou italianas – como Thomas Mann contou e Visconti tão bem retratou na *Morte em Veneza* – tinham a correspondente resposta nas termas estrategicamente situadas na confluência das atividades diplomáticas, nelas se encontrando “por mero acaso” monarcas, ministros de negócios estrangeiros de todas as potências – por mais exóticas que estas fossem – e, claro está, os industriais que dentro de poucos anos ajudariam o velho mundo retalhar-se num inferno de fogo e de ferro. É o grande momento dos decotes ousados que faziam a altíssima D. Amélia e a czarina Alexandra franzir o sobrolho perante as evidências exibicionistas das burguesas mais atrevidas que teimosamente insistiam em competir com as majestades e os seus amigos mais próximos.



Myself, Mestre José and sailor Cascaes, 1914
PT/AMLSB/BEK/001/000091

Estas são fotografias de uma intimidade despreocupada, alegre e de quem goza o momento. Nestes álbuns, a realeza e a aristocracia não têm forçosamente de comparecer aos mesmos eventos em que este ou aquele endinheirado impudicamente se apresentava acompanhado por uma estonteante *mondaine* que conhecera numa daquelas casas que a tradição parisiense tornara célebre. Não, nestes álbuns do período anterior ao deflagrar da Grande Guerra, as duas rainhas portuguesas trajam simplesmente como mais recatada burguesia do seu tempo, predominando os trajes escuros de passeio, ou a alvura das roupas desportivas. Não sendo estas imagens similares em qualidade, àquelas que tão bem conhecemos nos álbuns de fotografias da família Romanov – ou daqueles outros que pertenceram a D. Luís, D. Carlos, D. Amélia e príncipes D. Luís Filipe e D. Manuel - contudo não diferem substancialmente quanto às preferências manifestadas e coincidem também na mais absoluta informalidade. Os *pic-nics*, os longos passeios ao ar livre, os banhos de mar, os prazeres no *court de ténis*, a tagarelice à volta de uma mesa e as amizades de sempre, confirmam o desejo da fuga ao formal, ao postíço.

Em Portugal, a família recolhe-se à intimidade do lar e procede a visitas às propriedades rurais, dando-nos a conhecer os nomes de alguns cavalos e claro está, algumas façanhas desportivas dos meninos que se foram fazendo adultos. Torna-se quase anedótica a mudança no querer parecer e estar da autora de numerosas fotografias. Enquanto adolescente à procura de algum protagonismo, num tom retintamente frívolo vai fazendo as suas anotações em inglês aos monarcas designando-os por King ou Queen(s) ao ponto de inteiramente legendar as fotos no idioma da Velha Aliada. Com a passagem dos anos, a maturidade impôs a descrição direta daquilo que ficava registado e após interregno que adivinhamos imposto pelas obrigações do matrimónio e dos esperados nascimentos que a prenderam à residência portuguesa, voltamos a vê-la naquele novo tipo de turismo que cinquenta ou sessenta anos mais tarde já seria um ideal alvo para as massas sedentas de lazer.

Novos destinos e novas formas de viajar, trazem-nos aos conturbados anos trinta. Reportando-nos a uns tantos anos do início desta década, não temos a certeza do porquê da ausência de fotos para além dos Pirenéus, mas talvez seja possível supormos as perturbações causadas pela instabilidade política, económica e financeira ditada pela crise do *crash* de 1929. O advento



Berlim 7 a 9/8/37
PT/AMLSB/BEK/006/002362-002367

das ditaduras talvez tenha causado alguma estranheza a uma família reconhecidamente apegada aos princípios constitucionais de 1834, aliás plenamente confirmados pela manutenção da amizade – sublinhe-se também a fidelidade – a D. Manuel II, cuja morte, prematuramente ocorrida em 1932, decerto causaria profundo pesar entre “os Palmelas”.

É curioso verificarmos a flagrante diferença entre as “fotos Palmela” feitas na Berlim de 1937 e aquelas outras que o mundo inteiro imediatamente identifica como casulos de um tempo em que a capital do Reich surgia profusamente decorada com brilhantes águias douradas em estilo “neoegípcio”, edifícios revestidos de panejamentos vermelhos sobre os quais ondulava o estandarte com a suástica. Nem uma vez descobrimos os símbolos do nacional-socialismo, nem mesmo naquela foto da *Neue Wache* – a Nova Guarda – que na *Unter den Linden* recebeu o túmulo do Soldado Desconhecido alemão. Os grandes monumentos, o inevitável palácio real – o *Stadtschloss* - e um grupo de militares que passa em marcha, eis o que atraiu as atenções dos viajantes portugueses. Depreende-se que naquela família reconhecidamente azul e branca, não havia qualquer desejo de se extasiar perante o espetáculo da Nova Ordem de Hitler. A própria residência oficial do Führer surge displicentemente designada pela “casa ou varanda do ...”, subtraindo-se aquele mais espetável “de” que neste contexto, faz toda a diferença.

Como pequeno à parte, anotemos a curiosidade nada marginal de algumas viagens em navios que se tornariam em utilitários símbolos da guerra que rebentaria no outono de 1939: o *Highland Patriot* - da Royal Mail Lanes – afundado por submarino alemão em outubro de 1940, o *S.S. Alcântara* – também pertencente à Royal Mail Lanes e sobrevivente da II Guerra Mundial - o inesperadamente germânico *Milwaukee* – da Hamburg-Amerika Linie – e o mais famoso, luxuoso e importante destes navios de cruzeiro, o *S.S. Bremen* – da Norddeutscher Lloyd Linie - vencedor da flâmula azul, mas cuja carreira ingloriamente terminaria em 1941, vítima do abate tornado obrigatório pela necessidade de reutilização do seu metal. Os seus restos ainda hoje são visíveis no rio Weser.

Nestes últimos álbuns, temos já um claro indício daquilo que seriam os cruzeiros do futuro, procurando outros destinos bem diversos daqueles em que o sol estabelecia a preferência. O périplo pelas antigas cidades hanseáticas, levaria a família a Hamburgo, Lübbeck, à ainda

Saida de Stockholm 17/8/937 M. S.
 "Milwaukee" 18/8/37
 Pacote Milwaukee
 PT/AMLSB/BEK/006/002563-002567

A bordo do S. S. Bremen, Pacote Bremen
 PT/AMLSB/BEK/006/002706



prussiana, alemã e histórica Dantzig, a Reval, à Viborg dos derradeiros tempos da soberania finlandesa, a Helsínquia – ainda designada pelo sueco nome de Helsingfors - Estocolmo e Oslo. A “viagem ao frio” terminaria por um regresso a paragens outrora mais frequentadas, aquela Inglaterra onde “os Palmelas” haviam confraternizado com a Família Real portuguesa, já há meia dúzia de anos atingida pela irreparável perda do rei D. Manuel II. É forçoso verificarmos uma evidente e noutros tempos imperdoável lacuna neste *tour* nórdico. Visitar Reval, Viborg e Helsínquia e ignorar S. Petersburgo, prender-se-á pelo simples mencionar do nome que a cidade que fora capital da Rússia imperial, apresentava ao inquieto mundo do final da década de trinta: Leninegrado. Era uma impossibilidade.

Enquanto é ostensiva a omissão quanto ao regime de Adolfo Hitler, os álbuns mostram a aceitação familiar da tépida acalmia instaurada pelo Estado Novo. O presentido alívio pela vitória falangista em Espanha, a Legião Portuguesa e a Exposição do Mundo Português (1940), confirmam o regresso dos Palmelas aos círculos do poder, tendo um proeminente membro da família sido feito embaixador de Portugal no Reino Unido.



Reccepção dos Falangistas Fevereiro 1938
 PT/AMLSB/BEK/008/003230



Baleal 1940 Alverca 1941
PT/AMLSB/BEK/008/003742-003746

Baleal 1944
PT/AMLSB/BEK/008/004004

Após 1945, a Europa arrasada e dividida pela guerra, seria ainda capaz de atrair a família a mais um périplo, forçosamente ocidental e de âmbito muito mais limitado em relação àquele que os álbuns precedentes deixaram patente.

Esta série de álbuns sugere que a fotografia era familiar para os Palmelas. Outras pessoas da geração da Ana Maria terão também feito e guardado fotografias. Antes delas, os seus antepassados terão seguramente mandado fazer, guardado e recebido dezenas ou centenas de fotografias. Para ter uma melhor e mais completa noção do uso da fotografia por uma das mais ilustres famílias portuguesas, teremos de esperar pelos testemunhos dos descendentes daqueles que tentámos conhecer pelas imagens que voluntariamente deixaram à posteridade. Poderemos conhecer melhor o que existirá ainda, talvez guardado em caixas, gavetas ou naqueles práticos álbuns plastificados que massificaram as fotos como recordações a ver muito de vez em quando. Nesses outros álbuns de fotografias, já a cores, seguramente os vindouros curiosos do grande mundo da fotografia, um dia desejarão conhecer as gerações que nos são mais próximas. Sem grande surpresa, talvez descobrirão indumentárias, locais e gostos sociais que não nos pareçam próprios de um tempo que se confunde com uma talvez infelizmente perdida dimensão da História.

Na preparação deste breve texto não foi nossa intenção descrever exaustivamente o conteúdo de todos os álbuns de família de Ana Maria Holstein Beck. No entanto, a terminar, referência deve ser feita a algumas fotografias mais elaboradas, isto é, que traduzem a vontade de apurar o exercício técnico ou de procurar um sentido estético. É o caso das “falsas panorâmicas”, por exemplo. Ou das imagens que exploram a escala dos objetos. Ou, finalmente, das fotografias que abordam a temática e o gosto dos “salonistas”, como o pôr do sol e a contraluz.

[Imagem n.º 133 1950 PT/AMLSB/BEK/009/004787]

Note-se ainda que Ana Maria ensaiou, várias vezes, um registo de fotorreportagem para documentar acontecimentos de maior importância, como aconteceu no Cortejo Medieval de Lisboa



Cortejo histórico na Exposição Junho 1940
PT/AMLSB/BEK/008/003604-003611

Enterro do Presidente Carmona Lisboa – 21 de Abril 1951
PT/AMLSB/BEK/009/004834-004844

Livraria 1940 Simon Hansen 1940 em casa 1940
PT/AMLSB/BEK/008/003714 - 3717



em 1935, na Exposição do Mundo Português em 1940, na bênção dos bacalhoeiros em 1943 e no cortejo fúnebre do Presidente da República, António Óscar de Fragoso Carmona em 1951. Um estudo exaustivo deste conjunto de álbuns permitirá aos estudiosos encontrar um sem número de curiosidades pontuais. Como, por exemplo, quando a autora fotografou, em 1933, a chegada a Lisboa do ministro do Ar italiano, Ítalo Balbo, no seu hidroavião. Ou quando, num registo mais intimista, fotografou o seu segundo marido, António Cardoso Teixeira em casa e a sua Livraria Clássica Editora e na Feira do Livro de Lisboa, onde a mesma editora esteve presente. Muitos anos se tinham passado desde as inocentes imagens, feitas em Inglaterra, de um exílio certamente triste mas sereno, antes das muitas mortes que ocorreram, de duas guerras mundiais e de uma guerra civil (a de Espanha) particularmente sentida na Europa. Apesar da idade, dos lutos familiares e dos acontecimentos dramáticos, Ana Maria continua fiel ao seu primeiro estilo: o da intimidade.

* Investigadora de História da Fotografia

Bibliografia

- BAURET, Gabriel – *A fotografia*. Lisboa: Edições 70, 2006.
- BERTRAND, Mary – *La photo sur la cheminée: Naissance d'un culte modern*. Paris: Edições Métailié, Collection Traversées, 1993.
- BONIFÁCIO, Maria de Fátima – *Memórias do Duque de Palmela*. Lisboa: Edições D. Quixote, 2011.
- CARVALHO, Maria Amália Vaz de – *Vida do Duque de Palmela D. Pedro de Sousa e Holstein*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1898-1903.
- CLARK, Graham – *The photograph*. Oxford: Oxford University Press, 1997.
- FLUSSER, Vilém – *Ensaio sobre a fotografia: para uma filosofia técnica*. Lisboa: Relógio d' Água, 1998.
- FONTCUBERTA, Joan – *El beso de Judas*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, SL, 1997.
- FRADE, Pedro Miguel – *Figuras do espanto: a fotografia antes da sua cultura*. Porto: Edições ASA, 1992.
- FREUND, Gisèle – *Photographie et société*. Paris: Éditions du Seuil, 1977..
- HIRSCH, Marianne – *Family frames: photography narrative and postmemory*. Cambridge/Massachusetts: Harvard University Press, 1997.
- JEFFREY, Ian – *How to read a photograph*. United Kingdom: Thames & Hudson, 2008.
- LAHIRE, Bernard – *Portraits sociologiques: dispositions et variations individuelles*. Paris: Nathan; Essais & Recherches, 2002.
- RANCIÈRE, Jacques – *O espectador emancipado*. Lisboa: Orfeu Negro, 2010.
- ROSE, Gillian – *Family photographs and domestic spacings: a case study*. Londres: Transactions of the Institute of British Geographers, vol. 28, 1, 2003.
- SCHARF, Aaron – *Art and photography*. England: Pinguin Books Ltd, Harmondsworth, Middlesex, 1974.
- SONTAG, Susan – *Sur la photographie*. Paris: Christian Bourgois Éditeur, Paris 2008.



Grindelwald Agosto 1947. A 2385 metros Grindelwald. [Diogo Holstein Manoel e Ana Maria Holstein Beck em Grindelwald, Suíça].

PT/AMLSB/BEK/009/005310

Álbuns Holstein Beck: Percurso duma memória

Maria Mantero Moraes*

Neste texto é abordado o percurso dos álbuns da coleção Holstein Beck. Os álbuns são encarados como um processo de construção da memória que a sua autora iniciou quando começou a fotografar o qual ganha consistência com o desenrolar do tempo. O registo visual minucioso e autobiográfico que a autora fez ao longo da sua vida, e a qualidade e densidade do seu registo, conferem às fotografias a qualidade de documento histórico. A doação dos álbuns ao Arquivo da Câmara Municipal de Lisboa transfere as fotografias do circuito familiar restrito para uma ampla circulação de ideias enquadradas num discurso científico ou artístico. São referidas as ações de preservação dos álbuns como práticas estruturantes de novas formas de relacionamento em torno da fotografia e que conduzem à preservação da memória registada pela autora. As fotografias, ao mesmo tempo que revelam a história passada, mantêm-se como motivadoras de novas ideias e de histórias futuras.

Construção duma memória

Quando olhamos para a coleção de álbuns Holstein Beck, a primeira coisa que se nota é o facto de Ana Maria Holstein Beck ter começado a fotografar muito cedo na sua vida; as fotografias mais antigas têm a data de 1912¹ tinha então Ana Maria 10 anos de idade, as últimas fotografias são de 1956, 10 anos antes da sua morte, o que significa que a autora fotografou durante 44 anos, ao longo de grande parte da sua vida. Ana Maria Holstein Beck nasceu em Lisboa em 1902, era filha da 4ª duquesa de Palmela, D. Helena Maria de Sousa Holstein e irmã do 5º duque de Palmela, D. Domingos de Sousa Holstein Beck; sua mãe acompanhou o rei D. Manuel e a rainha Mãe D. Amélia no seu exílio em Inglaterra que se seguiu à implantação da República em Portugal com alguns dos seus filhos, entre os quais Ana Maria; datam dessa época os primeiros álbuns e as primeiras fotografias. Posteriormente à doação dos 11 álbuns ao Arquivo da Câmara Municipal de Lisboa em 2003, a família doou mais 5 álbuns em 2012; destes últimos, só o nº 13 é da autora, como podemos ver pela dedicatória da guarda, escrita pela sua irmã Luísa. Os álbuns 14 e 15 foram feitos pelo seu filho Diogo, o nº 14 quando Diogo era jovem e o álbum 15 é constituído por fotografias da viagem a Angola que fez mais tarde. Este conjunto perfaz um total de 5904 fotografias. Os primeiros álbuns são quase exclusivamente compostos por fotografias tiradas por Ana Maria e é provável que a sua máquina tenha trocado de mãos e outros tenham feito as fotografias onde a nossa fotógrafa aparece, a sua irmã Luísa ou o Sr. Wigsell um amigo da família, estão em várias fotografias com máquinas fotográficas. O conjunto das imagens constitui um registo fotográfico, visual, que se impõe pelo seu descomprometimento onde não se nota outra intenção para além do prazer de registar e guardar momentos diários, momentos bons, de lazer e divertimento em que transparece uma vida cheia de alegria recheada de encontros, passeios, partidas de ténis, viagens e festas.

¹ Existe uma fotografia com data de 1908 no álbum nº 1 mas que não foi tirada por Ana Maria.

O segundo aspeto que notamos na coleção num primeiro olhar, é o facto de praticamente todas as fotografias estarem legendadas. Os nomes das pessoas, os locais, as situações, a data, estão identificados e escritos em caligrafia, num estilo informal e pessoal, quase íntimo. Nos primeiros álbuns, passados em Inglaterra, durante o exílio da rainha D. Amélia, as legendas são escritas em inglês, a autora identifica-se como *self* ou *myself* e as pessoas retratadas estão identificadas pelos seus nomes. Estamos perante um trabalho minucioso feito ao longo duma vida como referimos.

Os álbuns estão organizados cronologicamente, alguns são em exclusivo compostos por fotografias de viagens pela Europa e Portugal que a autora fez, onde se vêem algumas imagens comerciais que a autora acrescentou, mas a maioria são fotografias dos locais, dos amigos e da família com quem Ana Maria viajou. As crianças, filhas de amigos e da família e mais tarde, os seus próprios filhos e os seus amigos, ocupam um papel central nos álbuns. As casas da autora, em Lisboa, em Paris e no Baleal, aparecem fotografadas com imagens dos interiores e dos exteriores, podemos ver as salas, os terraços, os jardins; as herdades no Alentejo têm fotografias dos exteriores das casas mas também do campo, dos trabalhadores, do gado; os cães que Ana Maria teve ao longo da sua vida têm várias fotografias; os locais, as pessoas, os cães aparecem sempre identificados pelos nomes, informalmente e com proximidade. Há muitas fotografias dos passeios, das festas, das viagens, de episódios inesperados como a fotografia da autora tirada junto do pneu furado do carro (Imagem n.º 022 - PT/AMLSB/BEK/002/000434). Os casamentos de pessoas amigas, da família, dos empregados e empregadas aparecem fotografados com a identificação dos noivos e do ano, as fotografias são sempre em estilo informal, quase reportagem, transpiram proximidade e intimidade, não estamos perante retratos formais ou encenados. Os filhos em pequenos e posteriormente mais crescidos, os momentos em férias passados na praia, em casa com a família, com amigos aparecem em praticamente todos os álbuns.

As fotografias destas ocasiões são muitas vezes seqüências de ações, que trazem até nós as brincadeiras das crianças, os movimentos das pessoas nos terraços ou nos jardins, podemos dizer que só nos falta ouvir o som das vozes.

[Imagem n.º 015 PT/AMLSB/BEK/001/000278]



Anna, Maria do Carmo, Luiza, Lisbon
PT/AMLSB/BEK/001/000280



Domingos, Maria do Carmo, Luiza, Lisbon
PT/AMLSB/BEK/001/000281

As imagens são descomprometidas, como observámos antes, sem preocupação estética ou de composição fotográfica, sem preocupação de transmitir qualquer afirmação ou ideia para além da situação fotografada, são frescas e alegres, as poses aparecem como brincadeiras, os interiores das casas, as reuniões familiares e de amigos revelam-nos o prazer de fotografar o que é próximo, o que faz parte do mundo de Ana Maria. Nos álbuns feitos mais tarde temos fotografias das ações sociais em que a autora se envolveu, dos jantares para recolha de fundos da Brigada Naval², do trabalho voluntário na quinta da Calçada³, da distribuição de presentes aos empregados das herdades por altura do Natal, das visitas ao Alentejo. O que interessa à autora é o registo do que fez e com quem fez, quem são as pessoas que a acompanharam nas viagens e nos passeios. As diversas fotografias das paisagens ou dos monumentos são tiradas com os amigos e a família com quem a autora viajou, o seu olhar é permeado pelas pessoas que se movem no seu mundo.

Considerando estes fatores, o registo visual dos acontecimentos a partir da vivência pessoal complementado pelas legendas e a extensão no tempo do registo, podemos dizer, que o conjunto dos álbuns constitui um diário mas também uma autobiografia que vai tomando consistência com o passar dos anos. Nos primeiros álbuns, feitos quando a autora era jovem temos imagens da sua juventude, dos passeios, das festas, das suas amigas e amigos, das brincadeiras das crianças, das viagens pela Europa que a família Palmela fazia com as famílias com quem se dava e que marcavam o seu círculo social. Em 1924 Ana Maria Holstein Beck casou com Joaquim Manoel, 2.º conde de Valbom e viveu os primeiros anos depois de casada em Paris; no álbum nº4 podemos ver a sua casa com os seus interiores e a vista da varanda, Helena a sua primeira filha, aparece em muitas das fotografias tiradas durante este tempo. Nos álbuns posteriores, já depois da morte do seu marido em 1935 e do seu casamento com António Teixeira, a fotografia torna-se quase uma necessidade da autora em registar e documentar a sua vida. Temos aqui imagens que não foram feitas pela autora mas que foram introduzidas no álbum e legendadas para ajudarem à compreensão dos momentos e dos episódios retratados. Lembramos, neste caso, as fotografias da inauguração da feira do Livro ou da Exposição do Mundo Português, ou ainda do Cortejo Medieval.

Num artigo sobre a autobiografia, Anne Wauters afirma que a fotografia de amador representa o grau 0 da autobiografia porque o fotógrafo amador faz o registo de factos quotidianos e episódios familiares dia a dia [Wauters, 1993 nº4]. Os álbuns e as fotografias acompanham a vida de Ana Maria Holstein Beck, de um modo tão nítido como se de um filme se tratasse. Acompanhamos a sua estada em Inglaterra, vemo-la na sua juventude, seguimos a sua passagem por Paris e assistimos ao crescimento dos seus filhos. Durante as suas férias e as suas viagens identificamos e podemos chamar os seus amigos pelos nomes, tal qual acontecera em vida.



Cortejo Medieval, Lisboa, Abril 1935
PT/AMLSB/BEK005/002120
PT/AMLSB/BEK005/002124

² A Brigada Naval constituía uma secção da Legião Portuguesa dedicada à manutenção das tradições marítimas e dos desportos náuticos.

³ O bairro da quinta da Calçada foi inaugurado em 1940, tendo sido o primeiro bairro social construído pelo Estado Novo com o intuito de realojar famílias carenciadas moradoras em bairros clandestinos.

Ao longo dos álbuns transparece um imenso gosto pela fotografia, não pelas possibilidades artísticas ou técnicas deste meio de expressão mas pelo registo do momento e do que é próximo. Pelas fotografias conseguimos identificar as preferências e gostos da autora, o Baleal, o mar, o seu interesse pelas livrarias e pelo mundo dos livros⁴. Mais tarde acompanhamos o seu envolvimento na gestão das propriedades no Alentejo, e vemos as casas, o campo, os animais, os trabalhadores e empregados, mas vemos também a distribuição de presentes aos filhos dos trabalhadores no Natal e o carinho com que nos deixa assistir aos casamentos dos empregados.

Este trabalho de registar e documentar não se limitou ao ato de fotografar ou à acumulação de fotografias, Ana Maria organizou-as em álbuns, cronológica e tematicamente, introduziu fotografias para além das de sua autoria, algumas certamente tiradas por familiares e amigos para completarem o tema. O conjunto dos álbuns constitui uma narrativa construída pela totalidade das imagens, pelas legendas, pelas dedicatórias das guardas das capas; é uma construção intencional e preserva uma memória para os seus filhos, netos e descendentes. Podemos afirmar que Ana Maria Holstein Beck construiu ativamente essa memória, escolheu o que guardar e classificar. Sendo, como oportunamente notámos uma narrativa que acompanha toda uma vida, as fotografias vão perdendo um pouco a frescura e o descomprometimento dos primeiros álbuns, para ganharem densidade de registo e descrição quase de inventário, como se pode ver pelas imagens das herdades da família (álbum 9, páginas 44-45, páginas 46-47), pelas fotografias das viagens, ou pelas imagens das inaugurações oficiais de eventos e obras sociais. A ausência de imagens produzidas por máquinas mais sofisticadas, a escolha por um formato pequeno, *snapshot*, que se mantém o mesmo ao longo da coleção e a disposição das fotografias preenchendo por completo a folha do álbum onde são escritas as legendas, são reveladoras desta intenção de registo.



Parchanas Abril 1950
PT/AMLSB/BEK/009/004512, 4504-4511



Horta do Bispo Évora Abril 1951 Villa Viçosa
PT/AMLSB/BEK/009/004521, 4513-4520

⁴ António Teixeira, seu segundo marido foi editor e livreiro.

Este foi com certeza um trabalho minucioso que ocupou horas de dedicação e que se revelou como projeto pessoal. Miriam Lins Barros no seu artigo sobre “Memória e Família” fala-nos dos guardiões ou mediadores da memória como sendo os indivíduos que transmitem a história do passado dentro de um determinado grupo social, como sendo os intermediários entre o passado e o presente e as figuras chave na manutenção da identidade desse grupo: *A figura dos mediadores ganha uma função fundamental nesse processo de manutenção da identidade grupal. Apresentados como elo vivo entre gerações, os mediadores transmitem a história de um passado vivido e experimentado. No meio familiar, os avós representam a imagem da união entre seus antepassados e seus descendentes*⁵. Lins Barros diz-nos que *são inúmeras as motivações que fazem iniciar a carreira de guardião da memória familiar. Alguns momentos da vida são particularmente inspirados para dar início ao desempenho deste papel no seio familiar*⁶. No caso de Ana Maria não foi nenhum acontecimento em particular que despoletou a necessidade de assumir este papel, foi antes o seu gosto pela fotografia que com o tempo se foi transformando num processo de construção da memória tornando os álbuns em verdadeiros *lugares da memória* como nos diz Pierre Nora⁷.

Mas se os álbuns são produto deste trabalho de registo, são também e porque resultam dum imenso gosto pela fotografia, tradução do olhar pessoal e único de Ana Maria Holstein Beck sobre o mundo; algumas fotografias como a do padre de costas a andar na rua com a legenda *oldpriest*, a do pedinte na rua legendada *beggar*, as dos soldados desfilando ou ainda a fotografia do sapato isolado na areia da praia, ou as imagens captadas dum ponto alto revelam, não unicamente os seus interesses pessoais como também alguma procura duma linguagem fotográfica mais explícita. É o mundo de Ana Maria Holstein Beck, visto através dos seus olhos e da sua personalidade que esta exposição nos traz. A intimidade que transpira das imagens faz-nos de alguma forma sentir que nós também somos parte daquele mundo. Mais uma vez Lins Barros explica tão claramente o poder que a fotografia tem de nos transportar ao passado de cada um de nós: *Ao mesmo tempo elas [as fotografias] falam de uma época em que o mundo era visto com outros olhos. A distância temporal que nos separa das imagens guardadas de nossos antepassados as transforma em uma história comum a todos nós. Quando nos deparamos com esses retratos antigos não conseguimos deixar de perceber as semelhanças entre eles. Atribui-se a eles um anonimato que os faz participar do acervo da história de uma sociedade*⁸. Ainda segundo a mesma autora, quando nos situamos no registo da memória as boas fotos são aquelas que nos trazem as emoções vividas no passado: *Em algumas fotografias encontra-se sintetizado o sentimento de pertencimento à família ou a emoção da recordação de uma vivência passada. Algumas fotografias, mais que outras, trazem a síntese do que se pretende captar da imagem impressa no papel fotográfico. São estas as boas fotos.*⁹ As imagens de Ana

⁵ Miriam Morais Lins Barros – *Memória e família. Estudos Históricos*. Vol. 2, n.º 3 (1989), p. 29-42.

⁶ *Ibidem*.

⁷ Pierre Nora – Entre história e memória: a problemática dos lugares. *Revista Projeto História*. Vol. 10 (1993). p. 7-28.

⁸ Miriam Morais Lins Barros, *op.cit.*

⁹ *Ibidem*.

Maria Holstein Beck são pois estas as boas fotos que nos levam numa viagem pelo tempo a um passado que queremos acreditar ser de todos nós.

Objetos de arquivo

Como já foi referido, muitas das fotografias selecionadas por Ana Maria não são da sua autoria, a autora aparece retratada ao longo dos álbuns ou porque a sua máquina passava de mão em mão ou porque outros tinham as suas próprias câmaras fotográficas. O gosto pela fotografia foi transmitido ao filho Diogo, como já referimos o álbum 14 é composto por fotografias tiradas por ele ainda em jovem e apresenta semelhanças com os primeiros álbuns da sua mãe, exibindo também uma visão descontruída, mas também noutros álbuns foram introduzidas por Ana Maria, fotografias feitas pelo filho. A fotografia parece ter sido uma atividade partilhada por várias pessoas dentro deste grupo e muito provavelmente a troca de imagens, como se pode depreender pela repetição de algumas fotografias nos álbuns, foi uma prática comum.

Como nasceu o interesse de Ana Maria pela fotografia, quem a introduziu nesta prática¹⁰, a quem mostrava as suas imagens são questões interessantes de explorar para podermos perceber melhor o modo como a fotografia estruturou práticas e formas de relacionamento. O trabalho de selecção e organização, a introdução de outras fotografias é uma tarefa que requer conversas e trocas de imagens. A oferta de álbuns e de fotografias implicam a circulação de imagens dentro do grupo restrito da família e dos amigos. Do mesmo modo, a materialidade dos álbuns permite manuseá-los, folheá-los, olhar as fotografias de perto, ler as legendas, voltar atrás para ver as imagens novamente, verificar os locais, as datas e passá-los de mão em mão para outros também os poderem ver e folhear. Os álbuns e as suas fotografias foram certamente motivo e tema de conversas sobre o passado evocando a memória do que se viveu. Esta experiência de manuseamento e observação de perto dos álbuns é agora reproduzida na exposição e naturalmente irá originar outras viagens ao passado e outras lembranças àqueles que a vão viver.

Porém, se os álbuns foram folheados e olhados muitas vezes, adivinhamos também que, num passado mais recente estiveram quietos nalguma estante, ou guardados em alguma caixa. Com a doação pela família ao Arquivo da Câmara Municipal de Lisboa, em 2003, as fotografias e os álbuns entram num novo contexto de circulação de ideias, passam a ter qualidade de documento histórico e a fazer parte dum discurso científico e arquivístico.

Os descendentes de Ana Maria Holstein Beck doaram os álbuns ao Arquivo com o duplo objetivo de preservar a memória da família e de contribuir para a História da Fotografia e dos costumes. Conscientes da importância das fotografias enquanto um denso registo da memória, os familiares da autora retiram os álbuns do círculo restrito da família e estes passam a integrar a coleção duma instituição pública de carácter cultural. É a percepção, por parte da família, da importância do conjunto enquanto fonte documental que determina o seu percurso da casa para o arquivo. Este entendimento é enraizado nas características da coleção – a sua extensão e consistência

¹⁰ No álbum 1 aparece uma fotografia do Sr. Wigsell com uma máquina ao pescoço, terá sido ele quem a acompanhou nesta atividade nos seus primeiros tempos de fotógrafa ainda em Inglaterra?



Balear Setembro 1949
PT/AMLSB/BEK009/004332-004339



BALEAR 1949 SET. E OUT.
PT/AMLSB/BEK/009/004340-004347

ao longo do tempo e a riqueza das fotografias que permitem variadas leituras. As imagens são uma fonte de informação para a história da família, do vestuário, do lazer, da nobreza na época da implantação da República. São também, e aí reside grande parte da sua originalidade, uma fonte de informação sobre os costumes e os hábitos sociais.

As imagens sequenciais, quase cenas fílmicas onde podemos seguir as ações, as brincadeiras ou mesmo as conversas provocam uma sensação de presença e revelam gestos, formas de estar e de relacionamento. Vários episódios históricos da história da Europa, como desfiles militares das tropas portuguesas durante a 1ª Guerra Mundial, ou da vida social e cultural portuguesa, como a Exposição do Mundo Português ou as imagens relativas à quinta da Calçada, ou ainda as imagens da Brigada Naval e da Legião Portuguesa, de festas e jantares, foram fotografados e registados por Ana Maria, tornando a coleção um contributo óbvio para a história das mentalidades em Portugal. Acreditamos que as fontes agora disponibilizadas irão contribuir a pluralidade de leituras.

Ao entrarem no arquivo, os álbuns deixam de circular entre os amigos e familiares da autora, e passam a circular numa comunidade ampla de investigadores, fotógrafos, artistas e público em geral. Antes de serem postos à disposição do público, os álbuns entram num novo contexto de significados atribuído pela sua qualidade de documento e inicia-se um processo com vista à sua preservação física e ao estudo do seu conteúdo que estrutura novas práticas enquadradas numa linguagem científica. Os álbuns e as fotografias são alvo de várias ações destinadas à sua conservação e restauro, são limpos e acondicionados, é atribuído um nome à coleção, as fotografias são descritas e classificadas em instrumentos de trabalho desenhados para esse

efeito; as fotografias são numeradas e toda a coleção é digitalizada com o objetivo da reprodução de todos os originais, álbuns, e fotografias uma a uma. Para a realização destes trabalhos são designados especialistas e os álbuns de Ana Maria passam a ser centrais e objecto de análise por parte de profissionais convocando outros saberes e outras redes de sociabilidade. Estas ações têm como finalidade a preservação material dos álbuns e das fotografias retirando os originais do manuseamento e colocando à disposição do público as digitalizações para poderem ser objeto de estudos ulteriores. As imagens de Ana Maria estão agora ao dispor dos investigadores, dos cientistas, dos artistas para poderem ser potencial fonte de inspiração para trabalhos e fotografias futuras.

O percurso desta coleção é não só, um indicador do interesse e do significado que se atribui às fotografias, mas também e sobretudo um indicador da importância que atribuímos à memória como fator estruturante da nossa identidade.

Elizabeth Edwards diz-nos que o significado das fotografias está nas práticas discursivas que as envolvem e que elas motivam, argumentando que o contexto de significação atribuído não é uma propriedade da fotografia em si mas um produto das questões que se consideram: ...

*[...]as fotografias em si próprias não preservam o significado...o significado é resultado da compreensão das funções. Contudo, os contextos [de significação] são constituídos histórica e culturalmente. Como consequência, o contexto é também um atributo ativo de significação e não uma propriedade da fotografia em si própria, é resultado do quadro analítico utilizado e por isso é um artefacto das questões que se consideram. O seu reconhecimento [do contexto de significação] é parte da análise das fotografias quando se considera a sua biografia social.*¹¹

Se até à data da doação, os álbuns com as suas fotografias faziam parte dum património e duma memória que era considerado propriedade duma família, a partir do momento em que começam a ser olhados como fontes documentais, passam a fazer parte e a documentar um património que se considera, ser parte da “memória coletiva”¹². As fotografias sugerem-nos a vivência do passado, a história ecoa através das imagens e o nosso passado aparece refletido nas imagens.

Acreditamos que olhar para a trajetória que os álbuns e as fotografias de Ana Maria têm tido ao longo do tempo é revelador do significado que nós atribuímos à memória e do significado que a história tem atribuído ao conteúdo das imagens. O cruzamento duma perspetiva que aborde de perto o percurso da coleção, como a análise do contexto da sua produção, a sua circulação ou os discursos elaborados acerca das fotografias, com outras perspetivas mais formais de leitura do

¹¹ EDWARDS, E. - *Raw histories: photographs, anthropology and museums*. Oxford; New York: Berg, 2001 [tradução nossa]. Sobre a definição do conceito biografia cultural dos objetos consultar Igor Kopytoff que refere: *Uma biografia cultural dum objeto alha-o como sendo uma construção cultural provida de significados específicos com oscilações ao longo do tempo que os classifica e reclassifica segundo categorias definidas culturalmente*. Vid. KOPYTOFF, I. - The cultural biography of things. In APPADURAI, A. [ed.] - *The social life of things: commodities in cultural perspective*. p. 64-91[tradução nossa].

¹² O conceito de memória coletiva é definido por Maurice Halbwachs - *La mémoire collective*. Paris: PUF, 1968 Segundo este autor o grupo social tem um papel determinante na reconstrução das lembranças e da memória.

conteúdo das imagens, pode mostrar-se fecunda e revelar em profundidade o que as imagens nos têm a dizer.

Por fim resta-nos agradecer à família de Ana Maria Holstein Beck pela sua enorme generosidade. Entremos agora na exposição organizada pelo Arquivo Municipal de Lisboa - Fotográfico e deixemo-nos conduzir até ao passado pelos olhos de Ana Maria.

* Investigadora, doutoranda na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa

Bibliografia

BARROS, Miriam Morais Lins. – *Memória e família. Estudos Históricos*. Vol. 2, nº3 (1989), p. 29-42.

EDWARDS, Elizabeth. – *Raw histories: photographs, anthropology and museums*. Oxford; New York: Berg, 2001

HALBWACHS, Maurice – *La mémoire collective*. Paris: PUF, 1968.

KOPYTOFF, Igor. – The cultural biography of things. In APPADURAI, A. (ed.) - *The social life of things: commodities in cultural perspective*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986. p. 64-91.

NORA, Pierre. – Entre história e memória: a problemática dos lugares. *Revista Projeto História*. Vol. 10 (1993) ,p. 7-28.

WAUTERS, Anne. – Mémoire photographique. *Art et Culture*. Nº4 (dezembro de 1993), p. 22-23.

IMAGENS DE ANA MARIA HOLSTEIN BECK

As inscrições originais de autoria de Ana Maria Holstein Beck estão assinaladas a itálico.
Os ? correspondem à falta de informação ou dados desconhecidos.



001. Torquay 1913 Joan, [Maria Luísa Holstein Beck], Ise, Dorothy. [Torquay, Inglaterra]
PT/AMLSB/BEK/001/000001



002. *Torquay 1913*. [Maria Luísa Holstein Beck e Ana Maria Holstein Beck Torquay, Inglaterra].
PT/AMLSB/BEK/001/000005



003. *Torquay 1913.* [Maria Luísa Holstein Beck, Miss Mary Alice Rice e Ana Maria Holstein Beck Torquay, Inglaterra].
PT/AMLSB/BEK/001/00007



004. *Wigsell family & friend Torquay 1913. [?, ?, ?, Maria Luísa Holstein Beck, Miss Mary Alice Rice, Mr. Wigsell e família em Torquay, Inglaterra].*
PT/AMLSB/BEK/001/000024



005. *Myself, Maria do Carmo, Miss Galvin, Domingos Cascaes, 1914* [Ana Maria Holstein Beck, Maria do Carmo Pinheiro de Melo, ?, Domingos Holstein Beck em Cascais].
PT/AMLSB/BEK/001/000096



006. *Rainha a jogar [jogar] tennis Eastbourne 1915. [rainha D. Augusta Vitória, mulher de D. Manuel II em Eastbourne, Inglaterra].*
PT/AMLSB/BEK/001/000053



007. *Rainha D. Amélia Tiwickenham* [Twickenham, Inglaterra] 1915.
PT/AMLSB/BEK/001/000058



008. *Assecas Eastbourne 1915*. [As crianças da família do 9º visconde de Asseca em Eastbourne, Inglaterra].
PT/AMLSB/BEK/001/000062





010. *Luiza, Chita. Cambeau[?] 1916.* [Maria Luísa Holstein Beck, ? em Cambeau, França].
PT/AMLSB/BEK/001/000120



011. *Salvador and Carolina Asseca, King; Eastbourne 1916. [9º visconde de Asseca, 9ª viscondessa de Asseca e o rei D. Manuel II em Eastbourne, Inglaterra].*
PT/AMLSB/BEK/001/000134



012. *Queen.* [Rainha D. Augusta Vitória]
PT/AMLSB/BEK/001/000156



013. *Myself; study-room, 78 Portland Place, London 1917.* [Ana Maria Holstein Beck na sala de estudo em Londres, Inglaterra].
PT/AMLSB/BEK/001/000170



014.

Chita, Luiza, Fina, Ivonne Petendre[?] Biarritz 1918. [?, Maria Luísa Holstein Beck, ?, ? em Biarritz, França].
PT/AMLSB/BEK/001/000268



015. *Maria do Carmo, Domingos, Lisbon 1918.* [Maria do Carmo Pinheiro de Melo, Domingos Holstein Beck em Lisboa].
PT/AMLSB/BEK/001/000278



016. *Luiz & Maria do Carmo, Cascaes. September 1919.* [Luiz Maria Holstein Beck e Maria do Carmo Pinheiro de Melo em Cascais, setembro de 1919].
PT/AMLSB/BEK/002/000354



017. *Piu Pereira, myself. Tennis Tournament Cintra. September 1919.* [Maria Adelaide van Zeller de Castro Pereira, Ana Maria Holstein Beck num torneio de ténis, em Sintra, setembro 1919].
PT/AMLSB/BEK/002/000376



018. 1919. *Cascaes September*. *Antônio Asseca, Frederico Villar, Luiza, Domingos; Zutt & another dog*. [Antônio Corrêa de Sá Velasco da Câmara, Frederico Magalhães e Meneses Vilar, Maria Luísa Holstein Beck e Domingos Holstein Beck em Cascais, setembro, 1919].
PT/AMLSB/BEK/002/000383



019. *Frederico Villar, Bola Diniz, George Arnoso, Maria Helena Olivaes, Luiza, Cabo da Roca, Sept. 1919.* [Frederico Magalhães e Meneses Vilar, Maria Ana dos Anjos Dinis, Jorge Pinheiro de Melo, filho do 1º conde de Arnoso, Maria Helena Pinto Leite, filha do 3º visconde dos Olivais e Maria Luísa Holstein Beck no Cabo da Roca, Sintra, setembro, 1919]. PT/AMLSB/BEK/002/000404



020. *Tour October 1919 . Viscondessa, Luiza, myself, Visconde, mother , Minnie, Maria. Caramullo.* [9ª viscondessa de Asseca, Maria Luísa Holstein Beck, Ana Maria Holstein Beck, 9º visconde de Asseca, Helena Maria de Sousa Holstein Beck, 4ª duquesa de Palmela, Miss Mary Alice Rice, Maria José Holstein Beck numa viagem em outubro de 1919].
PT/AMLSB/BEK/002/000433



021. *Picnic at [...] and on boat, April, 1921.* Menana Pinto Basto, Maria Belmonte. [Maria Francisca de Castelbranco Ferreira Pinto Basto (1902-1973), casa com Carlos Alberto de Lancaster Araújo Bobone, 4º conde de Bobone e Maria da Natividade de Figueiredo Cabral da Camara, neta do 3º conde de Belmonte num piquenique no barco, abril, 1921]. PT/AMLSB/BEK/002/000741



022. *Tour October 1919. Minnie, Maria. Puncture[?] on road to Caramullo. [Miss Mary Alice Rice, Maria José Holstein Beck, mudança de pneu na estrada para o Caramulo numa viagem em outubro de 1919].*
PT/AMLSB/BEK/002/000434



023. Calhariz , November 1920. Isabel Arnoso, myself, Celeste, Maria, Luiza, Maria do Carmo, ?. [Isabel de Jesus Maria Pinheiro de Melo, filha do 1º conde de Arnoso, Ana Maria Holstein Beck, ?, Maria José Holstein Beck, Maria Luísa Holstein Beck, Maria do Carmo Pinheiro de Melo, ? na quinta do Calhariz, Sesimbra, novembro 1920].
PT/AMLSB/BEK/002/000704



024. *Calhariz , November 1920. Bernardo Arnoso, Domingos, Antonio Asseca, Manuel Figueira.* [Bernardo Miguel António Pinheiro de Melo, filho do 1º conde de Arnoso, Domingos Holstein Beck, António Corrêa de Sá, 10º visconde de Asseca, Manuel Figueira na quinta do Calhariz, Sesimbra, novembro 1920].
PT/AMLSB/BEK/002/000711



025. *Tour October 1919. Luiza, Maria. Road to Porto.* [Maria Luísa Holstein Beck e Maria José Holstein Beck na estrada para o Porto numa viagem, outubro, 1919].
PT/AMLSB/BEK/002/000435



026. *Tour October 1919. Luiza, Visconde. Lagoalva.* [Maria Luísa Holstein Beck e o 9º visconde de Asseca na quinta da Lagoalva, Alpiarça/Santarém durante a viagem, outubro, 1919].
PT/AMLSB/BEK/002/000452



027. *Cascaes September 1920. Maria do Carmo, Luiz, Maria Pavao, Home.* [Maria do Carmo Pinheiro de Melo, Luiz Maria Holstein Beck e Maria Matilde de Sousa e Holstein Beck em casa, Cascais, setembro 1920].
PT/AMLSB/BEK/002/000682



028. *Myself, Georgie Padilla, Camilla Zileri, Rosie Padilha, Anna Zileri. Lumiar, March 1920.* [Ana Maria Holstein Beck, ?, Camilla Zileri dal Verme degli Obbizi (189?-?), neta do 3º conde de Azambuja, ?, Anna Zileri dal Verme degli Obbizi (1890-1951), março, 1920].
PT/AMLSB/BEK/002/000528



029. *Cascaes September 1920. Domingos, Luiz, Home.* [Domingos Holstein Beck e Luiz Maria Holstein Beck no automóvel perto de casa, Cascais, setembro, 1920].
PT/AMLSB/BEK/002/000677



030. *Maria do Carmo, myself. Linhó, April 1920.* [Maria do Carmo Pinheiro de Melo e Ana Maria Holstein Beck, Linhó, Sintra, abril, 1920].
PT/AMLSB/BEK/002/000536



031. *Tatim, Minnie, Maria. S. Nectaire, August 1920.* [Joaquim Baltazar Manoel, Miss Mary Alice Rice, Maria José Holstein Beck em Saint Nectaire, na zona de Auvergne, França, agosto, 1920].
PT/AMLSB/BEK/002/000616



032. *Mont Dore, August 1920. Myself, Max Harari, Bobby Zagdoun, Tatim, Road to Source Petrifiante.* [Ana Maria Holstein Beck, ?, ?, Joaquim Baltazar Manoel na estrada para a Source Petrifiante/ Le Mont-Dore, França, agosto, 1920].
PT/AMLSB/BEK/002/000624



033. *Mont Dore, July 1920. Tatim, myself, Lac de Pavin.* [Ana Maria Holstein Beck e Joaquim Baltazar Manoel no lago de Pavin em Puy-de-Dôme, França, julho, 1920].
PT/AMLSB/BEK/002/000627



034. *Myself, Carolina Asseca, Lumiar, April 1920.* [Ana Maria Holstein Beck, Carolina Corrêa de Sá, filha do 9º visconde de Asseca no Lumiar, abril, 1920].
PT/AMLSB/BEK/002/000552



035. *Camilla Zileri, myself, Luiza Anadia, Rosie Padilla, Ana Zileri. Cabeço April 1920.* [Camilla Zileri dal Verme degli Obbizi, Ana Maria Holstein Beck, Luísa Maria de Sá Pais do Amaral, filha do 5º conde de Anadia, ?, Anna Zileri dal Verme degli Obbizi, na quinta do Cabeço, Moscavide/ Loures, abril, 1920].
PT/AMLSB/BEK/002/000558



036. Andre Matalon, myself, ETTY Torres, Luiza, Victoria Sisso. Royat, July 1920. [?, Ana Maria Holstein Beck, ?, Maria Luisa Holstein Beck, ? em Royat, termas localizadas na região de Auvergne, França, julho, 1920].
PT/AMLSB/BEK/002/000591



037. *Marie & Suzanne Harari in Egypt.* [Maria José Holstein Beck e ? no Egito].
PT/AMLSB/BEK/002/000614



038. ?, *Clemenceau*, ?. *Royat*, July 1920. [Georges Benjamin Clemenceau (1841-1929), formado em medicina, ocupou o cargo de primeiro ministro nos períodos de 1906-1909 e de 1917-1920, em Royat, termas localizadas na região de Auvergne, França, julho, 1920].
PT/AMLSB/BEK/002/000595



039. *Mme Roses, Victoria Sisso, Luiza, ETTY Torres, Andre Matalon. Royat, July 1920. [?, ?, Maria Luísa Holstein Beck, ?, ?, em Royat, termas localizadas na região de Auvergne, França, julho, 1920].*
PT/AMLSB/BEK/002/000602



040. *Maria, Tatim, ?, Minnie, Longchamps, May 1921.* [Maria José Holstein Beck, Joaquim Baltazar Manoel, ? e Miss Mary Alice Rice no Hipódromo Longchamps, Paris, maio, 1921].
PT/AMLSB/BEK/002/000751



041. *Lourdes Procession, Mother, May 1921.* [4ª duquesa de Palmela na procissão no Santuário de Lourdes, França, maio, 1921].
PT/AMLSB/BEK/002/000755



042. *Maria, myself, Minnie. Ascot Races, June 1921.* [Maria José Holstein Beck, Ana Maria Holstein Beck e Miss Mary Alice Rice no Hipódromo Ascot Race Course, situado na cidade de Ascot, Inglaterra, junho, 1921].
PT/AMLSB/BEK/002/000762



043. *Luiza, St. Cloud Races, June 1921.* [Maria Luísa Holstein Beck no Hipódromo de Saint-Cloud, Paris, França, junho, 1921].
PT/AMLSB/BEK/002/000785



044. *Toulouse 1918*. [Joaquim Baltazar Manoel em Toulouse, França].
PT/AMLSB/BEK/002A/000827



045. *Toulouse 1918.* [?, ?, Joaquim Baltazar Manoel, ?, ? em Toulouse, França].
PT/AMLSB/BEK/002A/000822



046. *Nauheim July 1921, myself, Tatim, mother, Luiza Golf Club.* [Ana Maria Holstein Beck, Joaquim Baltazar Manoel, 4.ª duquesa de Palmela Maria Luísa Holstein Beck, no clube de golfe, em Nauheim em Hessen, Alemanha, julho, 1921].
PT/AMLSB/BEK/003/000897



047. *Cologne July 1921 Myself, at Cathedral.* [Ana Maria Holstein Beck na catedral de Colônia, Alemanha, julho, 1921].
PT/AMLSB/BEK/003/000911



048. *Cascaes August 1921. Adelaide Belmonte, Luiz, Luiza Bola Diniz, Alice Anjos, self, Domingos.* [Adelaide Maria de Figueiredo Cabral da Camara, neta do 3º conde de Belmonte [1900-1980], Luiz Maria Holstein Beck, Maria Luísa Holstein Beck, Maria Ana dos Anjos Joyce Dinis [1905-?] mulher de Álvaro de Lancastre de Araújo Bobone, filho do 3º conde de Bobone, Alice Jardim Anjos [1899-1990]?, Ana Maria Holstein Beck e Domingos Holstein Beck em Cascais, agosto, 1921].
PT/AMLSB/BEK/003/000929



049. *Freiria October 1921. self, Nio.* [Ana Maria Holstein Beck e o 10º visconde de Asseca em Freiria/Torres Vedras, outubro, 1921].
PT/AMLSB/BEK/003/000953



050. *Lisbon, December, 1921. Dina Araujo Perestrello, Teresa Bobone, self, Maria Rebello, Teresa da Cunha, ?, Licas Rebello, Charity-Tea Liga Naval.* [Maria Leopoldina de Araújo Perestrello (1901-?), Teresa de Lancaster de Araújo de Bobone (1904-1977), Ana Maria Holstein Beck, Maria Rebelo de Andrade, Maria Teresa de Jesus José de Mello Mendonça da Cunha e Meneses (1903-?), ? e Licas Rebelo de Andrade, chá de caridade na Liga Naval, Lisboa, dezembro, 1921].
PT/AMLSB/BEK/003/000981



051. *Luiza Anadia, Rosie Padilla, ? Padilla, Carlos Bobone* [Luisa Maria de Sá Pais do Amaral, filha do 5º conde de Anadia, ?, Maritchu Padilla?, Carlos Alberto de Lancastre Araújo Bobone, 4º conde de Bobone (1902-1981)].
PT/AMLSB/BEK/003/001044



052. *Lisbon, April 1922. Minnie, Maria do Carmo, Guincho.* [Miss Mary Alice Rice e Maria do Carmo Pinheiro de Melo na praia do Guincho, Sintra, abril, 1922].
PT/AMLSB/BEK/003/001064





054. *Maria do Carmo, Nio, Luiza. Guincho* [Maria do Carmo Pinheiro de Melo, 10º visconde de Asseca e Maria Luísa Holstein Beck na praia do Guincho, Sintra].
PT/AMLSB/BEK/003/001067



055. *July 1922. Tatim. Kew Gardens.* [Joaquim Baltazar Manoel em Kew Royal Botanic Gardens, em Londres, Inglaterra, julho, 1922].
PT/AMLSB/BEK/003/001090



056.

July 1922. self. Kew Gardens. [Ana Maria Holstein Beck em Kew Royal Botanic Gardens, em Londres, Inglaterra, julho, 1922].
PT/AMLSB/BEK/003/001089



057. *S. Cloud August 1922. Self, Melle, Tatim.*[Ana Maria Holstein Beck, ?, Joaquim Baltazar Manoel no Hipódromo de Saint-Cloud, Paris, agosto, 1922].
PT/AMLSB/BEK/003/001110



058. *Versailles September 1922. Self, Tatim.* [Ana Maria Holstein Beck e Joaquim Baltazar Manoel no palácio de Versailles, França, setembro, 1922].
PT/AMLSB/BEK/003/001116



059. *Bagnoles, October 1922. Self. Road Bagnoles-S. Michel.* [Ana Maria Holstein Beck na estrada de Bagnoles-de-l'Orne e Le Mont St. Michel, França, outubro, 1922].
PT/AMLSB/BEK/003/001133



060. *Bagnoles, Oct. 1922. Self, Minnie, Luiza, Maria. Road Bagnoles-Ferté-Macé. [Ana Maria Holstein Beck, Miss Mary Alice Rice, Maria Luísa Holstein Beck e Maria José Holstein Beck na estrada de Bagnoles-de-l'Orne e La Ferté-Mercé, França, outubro, 1922].*
PT/AMLSB/BEK/003/001143



061. *October. 1922. Minnie, Maria, Mother, Luiza, Tatim. Deauville.* [Miss Mary Alice Rice, Maria José Holstein Beck, 4ª duquesa de Palmela, Maria Luísa Holstein Beck e Joaquim Baltazar Manoel em Deauville, França, outubro, 1922].
PT/AMLSB/BEK/003/001159



062. *October. 1922. Self. Deauville.* [Ana Maria Holstein Beck em Deauville, França, outubro, 1922].
PT/AMLSB/BEK/003/001161



063. *Italy October. 1922. Self in Gondola Venice.* [Ana Maria Holstein Beck numa gôndola em Veneza, Itália, outubro, 1922].
PT/AMLSB/BEK/003/001182



064. *Meu casamento 1924.* [casamento de Ana Maria Holstein Beck com Joaquim Baltazar Manoel. Ana Maria Holstein Beck, Maria José Holstein Beck e Maria Luísa Holstein Beck].
PT/AMLSB/BEK/003/001240



065. 6 n^os 1, 2, 3, 4, 5, 6 = *Praia da Adraga Fevereiro 1924*. [Joaquim Baltazar Manoel na praia da Adraga/Sintra].
PT/AMLSB/BEK/004/001266



066. 22, Rue Raynouard, Maio 1924. [Rua Raynouard, nº 22 em Paris, França. Joaquim Baltazar Manoel e Ana Maria Holstein Beck].
PT/AMLSB/BEK/004/001306



067. *Rue Raynouard, Maio 1924.* [Rua Raynouard, nº 22 em Paris, França. Joaquim Baltazar Manoel e Ana Maria Holstein Beck].
PT/AMLSB/BEK/004/001301



068. 22, Rue Raynouard, Maio 1924. [Rua Raynouard, nº 22 em Paris, França. Joaquim Baltazar Manoel e Ana Maria Holstein Beck].
PT/AMLSB/BEK/004/001307







071. [8] *Nº 6, 8 Cascaes Conceição Velha October 1926. Nº 4, 5, 7, 9, 10, 11 Cascaes, Praia da Conceição October 1926.* [Joaquim Baltazar Manoel, Luís Borges Coutinho e Ana Maria Holstein Beck em Cascais, outubro, 1926].
PT/AMLSB/BEK/004/001440



072. [9] 1926. N.º 4, 5, 7, 9, 10, 11 Cascaes, Praia da Conceição October 1926. [Ana Maria Holstein Beck com a filha Helena Manoel na praia da Conceição, Cascais, outubro, 1926].
PT/AMLSB/BEK/004/001441



073. 1. Nº 1, 2, 3, 6, 7, 8, 9 Valle Feitoso, casa do Chico Ferrão, caçada, October, 1927. [Herdade do Vale Feitoso, Idanha-a-Nova/Castelo Branco, Ana Maria Holstein Beck, Joaquim Baltazar Manoel, Maria José Holstein Beck e Duarte Baltazar Manoel entre amigos, outubro, 1927].
PT/AMLSB/BEK/004/001520



074. 2. Nº 1, 2, 3, 6 = *Caçada aos porcos* October 1927. [Herdade do Vale Feitoso, Idanha-a-Nova/Castelo Branco, Ana Maria Holstein Beck e Joaquim Baltazar Manoel entre amigos, outubro, 1927]
PT/AMLSB/BEK/004/001546



075. *Caçada aos porcos na Beira Valle Feitoso October 1927.* [Herdade do Vale Feitoso, Idanha-a-Nova/Castelo Branco, outubro, 1927].
PT/AMLSB/BEK/004/001536



076.

4. Nº 4, 6 Road home Valle Feitoso October 1927. [Estrada para casa na herdade do Vale Feitoso, Idanha-a-Nova/Castelo Branco, outubro, 1927].
PT/AMLSB/BEK/004/001565



077. 6. n.º 6 *Arrabida*, Nov. 1927. [Ana Maria Holstein Beck entre amigos na Arrábida, novembro, 1927].
PT/AMLSB/BEK/004/001585



078. 5. Nº 1, 2, 3, 5, 6, 7 = Calhariz, Nov. 1927. [Quinta do Calhariz, novembro, 1927]
PT/AMLSB/BEK/004/001595



079. 6. Nº 6 Lisboa, Dec. 1927. [Joaquim Baltazar Manoel, ?, Duarte Baltazar Manoel, em Lisboa, dezembro, 1927].
PT/AMLSB/BEK/004/001607



080. 7. 3-4-5-6-7. Praia da Conceição Cascaes, Setembro 19[2]8. [Maria Luisa Holstein Beck, ? e Minnie na praia da Conceição, Cascais, setembro, 1928].
PT/AMLSB/BEK/005/001700



081. *A caminho da Arrabida. Outubro 1928. [Ana Maria Holstein Beck, entre amigos].*
PT/AMLSB/BEK/005/001745



082. *Calhariz, Novembro 1928. [Ana Maria Holstein Beck, 10º visconde de Asseca e Luís Borges Coutinho, entre amigos na quinta do Calhariz, Sesimbra].*
PT/AMLSB/BEK/005/001757



083. *Calhariz. Novembro 1928.* [10º visconde de Asseca, Joaquim Baltazar Manoel, Maria Luisa Holstein Beck, Ana Maria Holstein Beck e Maria José Holstein Beck, entre amigos na quinta do Calhariz, Sesimbra].
PT/AMLSB/BEK/005/001753



084. *Pescaria na Guia - Cascaes Agosto 1928.*
PT/AMLSB/BEK/005/001763



085. *Inauguração do golf Estoril.* [Ana Maria Holstein Beck, entre amigos, em 1929].
PT/AMLSB/BEK/005/001769







088. *Em casa – Lisboa Dezembro 1930.* [Ana Maria Holstein Beck com o seu filho Diogo Holstein Manoel].
PT/AMLSB/BEK/005/001848



089. *B N° 8 = Helena March 1926.* [Ana Maria Holstein Beck com a sua filha Helena Holstein Manoel, em Paris, França, março, 1926].
PT/AMLSB/BEK/004/001379



090. *Helena em casa – Março 1930.* [Helena Holstein Manoel].
PT/AMLSB/BEK/005/001818



091. *Em casa – Lisboa Janeiro 1931.* [Ana Maria Holstein Beck com o seu filho Diogo Holstein Manoel].
PT/AMLSB/BEK/005/001861



092.

1, 1, 2, 3, 4 = *Em casa – Lisboa – Novembro 1931.* [Joaquim Baltazar Manoel com os filhos Helena Holstein Manoel e Diogo Holstein Manoel].
PT/AMLSB/BEK/005/001906



093. **1, 1, 2, 3, 4, 5, 8** = *Lisboa Julho, 1932*. [Ana Maria Holstein Beck com os filhos Helena Holstein Manoel e Diogo Holstein Manoel].
PT/AMLSB/BEK/005/001953





095. *Torneio de Midget Golf na Parada, Cascaes Agosto 1931* [Maria Assunção Pais do Amaral e António Holstein Beck no Sporting Club de Cascais].
PT/AMLSB/BEK/005/001878



096. *Na Parada, Cascaes – Julho 1933. [Ana Maria Holstein Beck e Joaquim Baltazar Manoel, entre amigos no Sporting Club de Cascais].*
PT/AMLSB/BEK/005/001961



097. *Na Parada, Cascaes – Julho 1933.* [Ana Maria Holstein Beck e Joaquim Baltazar Manoel, entre amigos no Sporting Club de Cascais].
PT/AMLSB/BEK/005/001962



098. **1, 2** = *Picnic no Portinho d'Arrabida, Setembro 193[2]*. [Joaquim Baltazar Manoel, entre amigos].
PT/AMLSB/BEK/005/001978



099. 1, 2, 3, 4, 5 = Picnic no Guincho Cascaes Outubro 1931.
PT/AMLSB/BEK/005/001904



100. [3] 1,2,3 = Rato, Lisboa, 30 Dezembro 1932. [António Holstein Beck, Duarte Baltazar Manoel, 4ª duquesa de Palmela, 10º visconde de Asseca?, Luísa Holstein Beck entre amigos].
PT/AMLSB/BEK/005/001995



101. 3, 3, 4, 5 = Na rua Lisboa, Março e Abril 1934. [Joaquim Baltazar Manoel em frente da pastelaria Marques na rua Garrett, Chiado, Lisboa].
PT/AMLSB/BEK/005/002032



102. 6. 6, 7 = Lagoalva, Junho 1934. [Ana Maria Holstein Beck na quinta da Lagoalva, Alpiarça/Santarém].
PT/AMLSB/BEK/005/002046



103. 3.Nº 3, 5 = Praia da Carvoeira, Julho 1936. [Ana Maria Holstein Beck, entre amigos, na praia do Carvoeiro/Lagoa].
PT/AMLSB/BEK/005/002234



104. Nº1, 4 = Praia d'Agrada, Agosto 1936 [Diogo Holstein Manoel entre amigos].
PT/AMLSB/BEK/005/002248

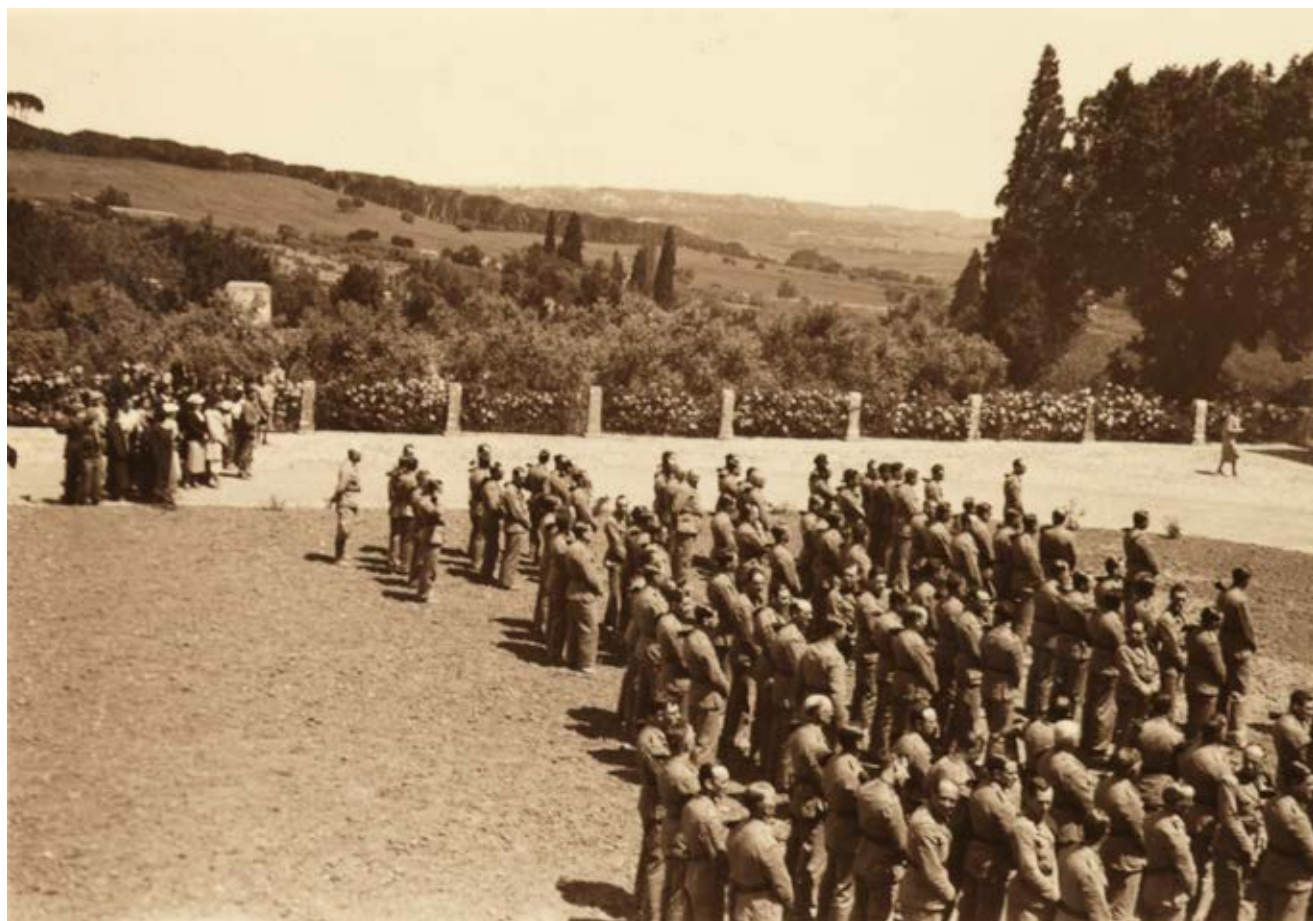


105. *ADRAGA AGOSTO 1936 com 5 anos e meio.* [Ana Maria Holstein Beck e Diogo Holstein Manoel entre amigos na praia de Adraga, Sintra].
PT/AMLSB/BEK/007/002864





107. 1. Nº 1, 2, 3, 5 = *Missa campal no Calhariz, 1937*. [Missa Campal da Legião Portuguesa na quinta do Calhariz, Sesimbra].
PT/AMLSB/BEK/005/002285



108. 3. Nº 1, 2, 3, 5 = *Missa campal no Calhariz, 1937*. [Missa Campal da Legião Portuguesa na quinta do Calhariz, Sesimbra].
PT/AMLSB/BEK/005/002288



109. *Berlim 7 a 9/8/37 Soldados alemães em Unter den Linden. [Berlim, Alemanha]*
PT/AMLSB/BEK/006/002363



110. *Exposição Paris*. [Ana Maria Holstein Beck na Exposição Internacional de Paris, em 1937].
PT/AMLSB/BEK/006/002375



111. *Desembarque em Zoppot. [Sopot, Polónia].*
PT/AMLSB/BEK/006/002434



112. *Jardim de Oliva 11/8/937*. [Jardim perto da catedral de Oliva, Gdansk, Polónia].
PT/AMLSB/BEK/006/002441

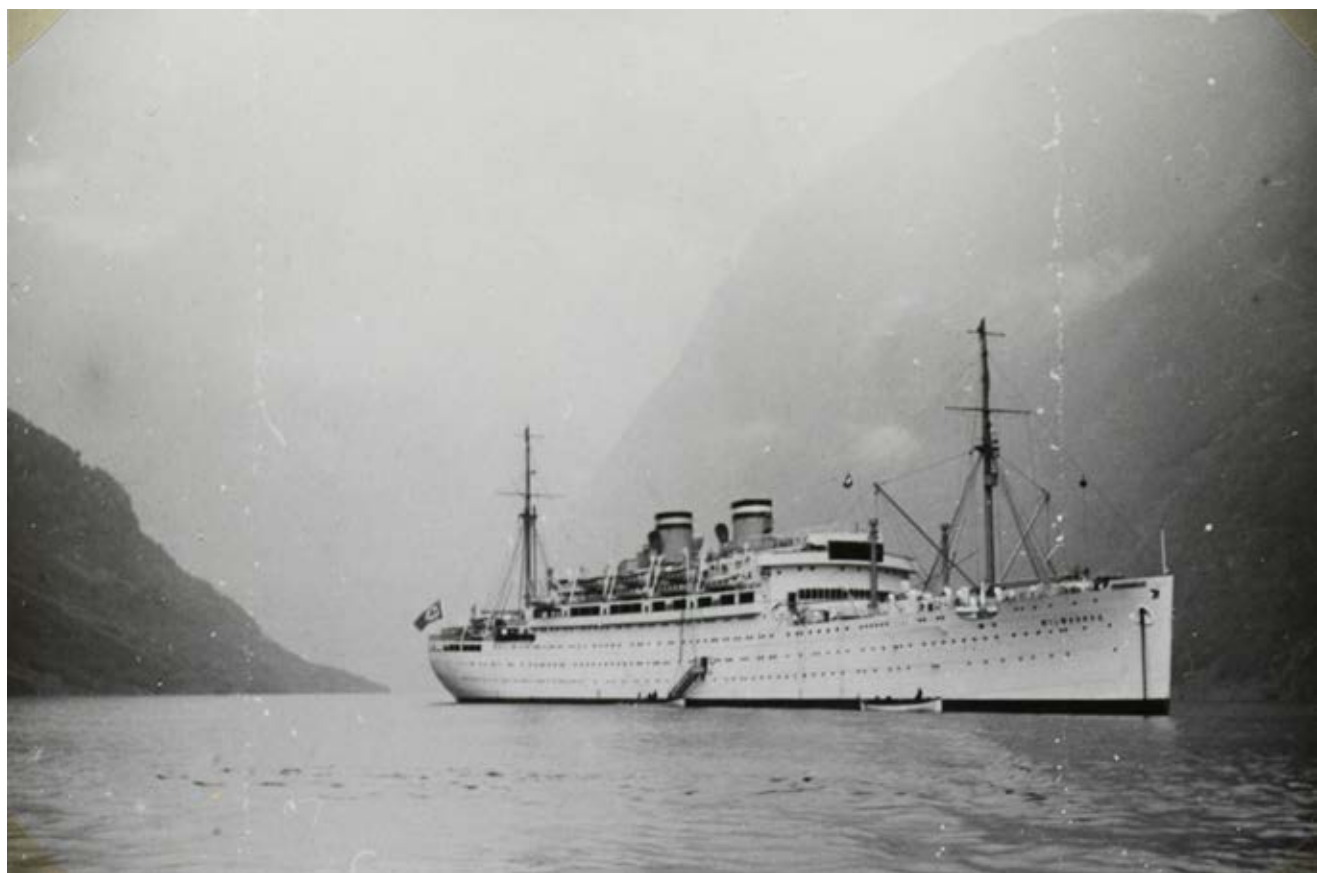


113. 17/8/1937. Desembarque em Stockholm. [Ana Maria Holstein Beck Estocolmo, Suécia].
PT/AMLSB/BEK/006/002543





115. 18/8/37. M.S. "Milwaukee". [Ana Maria Holstein Beck e amiga a bordo do paquete M.S. Milwaukee].
PT/AMLSB/BEK/006/002567



116. *Gudvangen, 23/8/37. Milwaukee no Naeröfjord [Noruega].*
PT/AMLSB/BEK/006/002640



117. 18/8/1937. Piscina da M.S. "Milwaukee."
PT/AMLSB/BEK/006/002568



118. Gudvangen, 23/8/37. A caminho de Stalheim. [Noruega].
PT/AMLSB/BEK/006/002642





120. *Festa das Falangistas no Trindade* [Teatro da Trindade, Lisboa].
PT/AMLSB/BEK/008/003231



121. *Caminho de Santa Cruz Abril 1938.* [António Cardoso Teixeira no caminho de Santa Cruz/Torres Vedras].
PT/AMLSB/BEK/008/003257



122. *Castello de Cesimbra. Fevereiro 1938.* [Ana Maria Holstein Beck e António Cardoso Teixeira, fevereiro, 1938].
PT/AMLSB/BEK/008/003267



123. Évora, Maio 1938. Igreja da Graça.
PT/AMLSB/BEK/008/003331



124. *Évora, Maio 1938. No carro.* [António Cardoso Teixeira].
PT/AMLSB/BEK/008/003332





126. *Arredores de Évora Maio 1938. Quinta dos Fernandes. [Ana Maria Holstein Beck].*
PT/AMLSB/BEK/008/003355



127. *No terraço em casa – Lisboa Maio 1940.* [António Cardoso Teixeira na casa da travessa do Abarracamento de Peniche, nº 13, Lisboa].
PT/AMLSB/BEK/008/003583



128. *1º fato de baile de Helena Em casa Lisboa Julho 1942* [Diogo Holstein Manoel, Helena Holstein Manoel e António Maria Teixeira].
PT/AMLSB/BEK/008/003800



129. *C. de S. Mamede, M. Hansen, Grace Correia da Silva, M. Andersen CARIA SETEMBRO 1938 HOTEL DAS THERMAS RADIO.*
PT/AMLSB/BEK/008/003438



130. *No chá garden-party em Montserrat, Sintra.* [Monserrate, Sintra].
PT/AMLSB/BEK/008/003633



131. *Na Radio – Cariá, Setembro 1940.* [Ana Maria Holstein Beck e António Cardoso Teixeira a jogarem].
PT/AMLSB/BEK/008/003646



132. *Baleal 1940.* [Baleal, Peniche]
PT/AMLSB/BEK/008/003677





134. *Vitorino Avelar, Frederico, Graziella António e eu.* [Vitorino Avelar, Frederico São Mamede, Graziela Teixeira Marques, António Cardoso Teixeira e Ana Maria Holstein Beck].
PT/AMLSB/BEK/009/004336



135. *BALÉAL 1949. SET. e OUT. D'Oreys.* [Maria Manuela de Albuquerque d'Orey, Ana Maria Holstein Beck e Helena Holstein Manoel entre família e amigos].
PT/AMLSB/BEK/009/004341



136. *Leninha Freire com os filhos da Garota. Baleal. Agosto 1950. [Baleal, Peniche]*
PT/AMLSB/BEK/009/004787



137. *Baleal Agosto 1946. Fera. [Ana Maria Holstein Beck a olhar para a sua cadela de estimação, Baleal, Peniche].*
PT/AMLSB/BEK/010/004984



138. *Buck e Bonzo em casa Lisboa Sept. 1938* [Os cães de estimação de Ana Maria Holstein Beck na sua casa de Lisboa, setembro, 1938].
PT/AMLSB/BEK/008/003466



139. *Cardeal Patriarca no Calhariz, Maio de 1942* [D. Manuel Gonçalves Cerejeira, cardeal patriarca de Lisboa em visita à quinta do Calhariz, Sesimbra].
PT/AMLSB/BEK/008/003773



140. *Casamento Maria Rato Lisboa 12 Abril 1945.* [Casamento de Maria Matilde de Sousa e Holstein Beck com Henrique Roma Machado Cardoso Salgado no palácio do Rato, em Lisboa].
PT/AMLSB/BEK/008/004063



141. *Genève Julho 1947. Antonio e Helena.* [António Cardoso Teixeira e Helena Holstein Manoel em Genebra, Suíça].
PT/AMLSB/BEK/009/005241



142. *Bruxelas*. [Diogo Holstein Manoel, Vasco Jara de Albuquerque d'Orey, Maria Manuela de Sampaio d'Orey e Vasco Manuel de Castilho d'Orey em Bruxelas, Bélgica].
PT/AMLSB/BEK/009/005439



143. *Ribeira do Inferno*. [Diogo Holstein Manoel e Helena Holstein Manoel com uma amiga na Ribeira do Inferno, Madeira].
PT/AMLSB/BEK/007/002918



144.

Grindelwald Agosto 1947. A 2385 metros Grindelwald. [Diogo Holstein Manoel e Ana Maria Holstein Beck em Grindelwald, Suíça].
PT/AMLSB/BEK/009/005310



145. *Na carreira de tiro.* [Diogo Holstein Manoel em serviço militar, 1952].
PT/AMLSB/BEK/007/003063



146. *Parchanas - Janeiro de 1953. Distribuição de brinquedos aos miudos.* [Ana Maria Holstein Beck na herdade das Parchanas a distribuir brinquedos aos filhos dos trabalhadores, na época do Natal].
PT/AMLSB/BEK/007/003086



Biografias Holstein Beck ¹

Ana Saraiva

As biografias abaixo apresentadas apenas correspondem à 4ª geração do ducado de Palmela, onde se inclui Ana Maria de Sousa e Holstein Beck, aos pais, aos filhos desta e aos respetivos cônjuges, por se considerar que são os precursores das relações que se observam na árvore genealógica, registadas pelas fotografias.

Ana Maria José Francisca de Paula de Sousa e Holstein Beck² 2ª condessa de Valbom por consórcio. Nasceu em Lisboa, a 16 de novembro de 1902 e faleceu na mesma cidade a 9 de junho de 1966. É a sexta e última filha dos 4^{os} duques de Palmela e 3^{os} marqueses do Faial, Luís Borges Coutinho de Medeiros Sousa Dias da Câmara [1866-1933] filho dos primeiros condes da Praia e de Monforte, e Helena Maria Domingas de Sousa Holstein [1864-1941], a herdeira da Casa Palmela, também condessa de Sanfré, no Piemonte.

Casou em 5 de fevereiro de 1924, com Joaquim Tomás Carlos Bernardo Baltazar Manoel, 2º conde de Valbom. Casou pela segunda vez, a 25 de abril de 1938, com António Cardoso Teixeira. Do primeiro casamento teve dois filhos, Helena Maria de Sousa e Holstein Manoel e Diogo de Sousa Holstein Manoel, 14º conde da Atalaia. Do segundo casamento não teve descendência. Viveu dedicada à família e ao voluntariado, colaborando em instituições de apoio social, com o que conjugava a sua prática de viajar.

António Cardoso Teixeira nasceu, em 5 de outubro de 1889, na cidade de Lisboa e aí faleceu, em 12 de março de 1968. Filho de António Maria Teixeira e de Júlia Amélia Cardoso Teixeira. Casou, em primeiras núpcias, com Maria Virgínia Duff Burnay [1893-1935] de quem teve um filho, em 28 de dezembro de 1929, António Maria Burnay Teixeira. Casou, pela segunda vez, em 25 de abril de 1938, com Ana Maria José Francisca de Paula de Sousa e Holstein Beck de quem não teve filhos. Era editor, proprietário da Clássica Editora – editora e livraria – situada nos Restauradores, em Lisboa.



Versailles, may, 1925
[Ana Maria de Sousa Holstein Beck, em Versailles, em maio de 1925, mês em que ficou de esperanças do seu primeiro filho]
PT/AMLSB/BEK/004/001346



Baleal, Julho 1945
[António Cardoso Teixeira]
PT/AMLSB/BEK/008/004054

¹ Consultar bibliografia do texto *Coleção de Álbuns de Fotografia de Ana Maria Holstein Beck: genealogia e títulos* de Ana Saraiva.

² No documento da cota de herança da 4ª duquesa de Palmela, que coube a Ana Maria de Sousa e Holstein Beck assim como na chapa identificativa da sua urna que se encontra depositada no jazigo Palmela, no cemitério dos Prazeres, em Lisboa, consta no seu nome o apelido "Teixeira", do segundo marido: "Ana Maria de Sousa e Holstein Beck Teixeira".



António Asseca London 1919
[10.º visconde de Asseca]
PT/AMLSB/BEK/004/000308

António José Corrêa de Sá Benevides Velasco da Câmara, 10º visconde de Asseca, nasceu em Lisboa, em 3 de outubro de 1900 e faleceu em 10 de janeiro de 1968. Era filho de Salvador Corrêa de Sá Benevides Velasco da Câmara, 9º visconde de Asseca (1873-1939) e de Carolina Maria Matilde Corrêa Henriques (1877-1953). Era neto, pelo lado materno, do 2º conde do Seisal, Pedro Maurício Corrêa Henriques, (1846-1890). Casou em 18 de julho de 1923, com Maria Luísa de Jesus José Francisca de Paula de Sousa e Holstein Beck, (1900-1972), filha dos 4ºs duques de Palmela, de quem teve três descendentes. Foi engenheiro civil pelo Instituto Superior Técnico, veador³ da rainha D. Amélia, vereador da Câmara Municipal de Sintra tendo sido nomeado para seu presidente, em novembro de 1960.



Lisboa, 1934
[António de Sousa e Holstein Beck,
4º marquês do Faial e 3º conde do
Calhariz]
PT/AMLSB/BEK/005/002096

António Maria da Assunção José Francisco de Paula Vicente João Gabriel Deodato de Sousa e Holstein Beck 4º marquês do Faial e 3º conde do Calhariz, nasceu na cidade de Lisboa, em 14 de agosto de 1892. Vitimado por um acidente de automóvel em Cascais, faleceu no Hospital de São José, em Lisboa, no dia 2 de setembro de 1941. Primogénito varão dos 4ºs duques de Palmela, Luís Borges Coutinho de Medeiros Sousa Dias da Câmara (1866-1933) e Helena Maria Domingas de Sousa Holstein (1864-1941). Casou, em 30 de junho de 1915, com Maria da Assunção de Sá Pais do Amaral (1890-1974), única filha dos 1ºs condes de Alferrarede, Carlos de Sá Pais do Amaral Pereira e Meneses (1865-1909) e Maria da Luz Biester de Barros Lima (1867-1961). Não teve descendentes. Bacharel em Direito foi oficial miliciano na 1ª Guerra Mundial (1914-1918), sendo condecorado com a medalha da Vitória. Participou na revolta monárquica de 1919 e na Guerra Civil Espanhola ao lado das tropas nacionalistas.



Pequenos em Lisboa Julho 1944
[António Maria Burnay Teixeira]
PT/AMLSB/BEK/008/003983

António Maria Burnay Teixeira nasceu em Lisboa, a 28 de dezembro de 1929, é filho de António Cardoso Teixeira (1886-1968) e de Maria Virgínia Duff Burnay (1893-1935), filha de Frederico Guilherme Burnay e de Virgínia Dias de Carvalho Duff. Casou a 6 de novembro de 1953, com Maria Regina Pinto da Fonseca Leitão, nascida a 3 de dezembro de 1929. Licenciou-se em Lisboa, no Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras. É enteado da Ana Maria de Sousa e Holstein Beck, que casou com o seu pai a 25 de abril de 1938.

³ Título honorífico atribuído, em Portugal e no Brasil, a um homem nobre ou descendente de famílias nobres que era oficial-mor da casa real [funcionário superior da casa real que servia à rainha].

Diogo de Sousa Holstein Manoel nasceu em Lisboa, em 26 de novembro de 1930 e faleceu na mesma cidade, em 1 de setembro de 1984. Foi o 14º conde da Atalaia por falta de descendência do 7º marquês de Tancos e 13º conde da Atalaia, seu tio paterno, Duarte Bernardo Baltasar Manoel que casou com a sua tia materna, Maria José de Sousa e Holstein Beck. Foi também representante dos títulos de marquês de Tancos e conde de Valbom. Filho primogénito dos 2ºs condes de Valbom, Joaquim Tomás Carlos Bernardo Baltazar Manoel e de Ana Maria José Francisca de Paula de Sousa e Holstein Beck. Neto dos 4ºs duques de Palmela e 3ºs marqueses do Faial, Luís Borges Coutinho de Medeiros Sousa Dias da Câmara e Helena Maria Domingas de Sousa Holstein. Licenciou-se em economia e finanças. Casou, em 1 de janeiro de 1954, com Maria Manuela de Albuquerque d'Orey Manoel com quem teve dez filhos.



Baleal, Julho 1945
[14º conde da Atalaia – Diogo de Sousa Holstein Manoel]
PT/AMLSB/BEK/008/004053

Domingos Maria do Espírito Santo José Francisco de Paula de Sousa e Holstein Beck Borges Coutinho, 5º duque de Palmela, 3º conde da Póvoa, era o representante de todos os títulos nobiliárquicos da sua casa e ainda dos de marquês de Monfalim e de Sousa Holstein. Nasceu em 6 de junho de 1897 na cidade de Lisboa e aí faleceu em 16 de novembro de 1969. Foi o quarto filho dos 4ºs duques de Palmela, Luís Borges Coutinho de Medeiros Sousa Dias da Câmara (1866-1933) e Helena Maria Domingas de Sousa Holstein (1864-1941).

Foi educado em Inglaterra, estudando no Beaumont College, em Windsor e na Universidade de Cambridge, onde concluiu a sua licenciatura em engenharia civil, em 31 de dezembro de 1925. No ano de 1945, aquela universidade conferiu-lhe o “honorary degree of LL.D.”.

Em 1911, pediu remissão do serviço ativo do exército por residir em Inglaterra encontrando-se a frequentar um curso superior. Em 1923 é incorporado no serviço militar.

Casou, em 25 de outubro de 1915, com Maria do Carmo Pinheiro de Melo (1897-1986), filha do 1º conde de Arnosó, com quem teve 11 filhos.

Em 1925, foi eleito para o cargo de diretor do Banco de Portugal. Foi embaixador extraordinário e plenipotenciário de Portugal em Londres, entre 1943 e 1949. Regressado a Portugal, em 1949, voltou para o conselho de administração do Banco de Portugal. Pouco tempo depois, ingressou no conselho de Administração do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa. Fez ainda parte do conselho de administração da Fundação Calouste Gulbenkian.

Representou o Governo Português na cerimónia de coroação da rainha Juliana da Holanda, em 1948. Chefiou a delegação portuguesa às cerimónias da tomada de posse do Presidente da República Islâmica do Paquistão, em 1956. Por solicitação do Ministério dos Negócios Estrangeiros, em 1957, acompanhou a rainha Isabel II durante a sua visita a Portugal. Em 1962, ficando indignado com a atitude do Governo britânico durante a invasão de Goa, jurou nunca mais entrar na embaixada do Reino Unido.



Despedida do Domingos – 1ª ida Embaixador – Portela 29.9.1943
[Domingos na entrada da aeronave que o transportou a Londres, despedindo-se dos familiares e amigos, em 29 de setembro de 1943, para iniciar a sua carreira de diplomata]
PT/AMLSB/BEK/008/003966

Possuía, entre outras condecorações, a Grã-Cruz da Ordem Militar de Cristo, a Grã-Cruz da Ordem de Vitória da Grã-Bretanha, a Grã-Cruz da Ordem do Leão Neerlandês, dos Países Baixos, o Grau de Cavaleiro da Ordem de S. João Batista de Jerusalém (Malta), recebeu a mais alta distinção honorífica concedida pela Igreja Ortodoxa Arménia, a cruz de São Gregório, o Iluminado. Era sócio honorário da Associação Humanitária Bombeiros Voluntários Lisbonenses.



Duarte Bernardo Baltazar Manoel, 7º marquês de Tancos e 13º conde da Atalaia, nasceu em Cascais, em 20 de setembro de 1893 e faleceu na cidade de Lisboa, em 9 de outubro de 1963. Neto do 1º conde de Valbom, Joaquim Tomás Lobo de Ávila (1819-1901), seu avô materno. Casou, em 26 de fevereiro de 1923, com Maria José da Natividade Francisca de Paula Assis Vicente João Gabriel Deodato de Sousa e Holstein Beck (1894-1969), filha dos 4ºs duques de Palmela. Não teve descendência. Frequentou o curso de engenharia civil no Instituto Superior Técnico, foi o aluno número 71 dos cem primeiros alunos deste instituto, inaugurado em 1911.

Lisboa, Dez. 1927

[7º marquês de Tancos e 13º conde da Atalaia, em Lisboa, em dezembro de 1927]

PT/AMLSB/BEK/004/001607



Helena Maria Domingas de Sousa Holstein, 4ª duquesa de Palmela, 3ª marquesa do Faial e 4ª condessa de Sanfré, no Piemonte, por herança materna. Nasceu em Lisboa, em 16 de fevereiro de 1864 e faleceu, em Cascais, em 28 de setembro de 1941. Primeira filha dos dois únicos filhos dos 3ºs duques de Palmela, Maria Luísa Domingas de Sales de Borja de Assis de Paula de Sousa Holstein (1841-1909) e António de Sampaio e Pina de Brederode (1834-1910), neta do 1º visconde de Lançada, Manuel Inácio de Sampaio e Pina Freire, (1778-1856) e bisneta do 1º conde da Póvoa e 1º barão de Teixeira, Henrique Teixeira de Sampaio (1774-1833). Casou, em 4 de abril de 1887, com Luís Borges Coutinho de Medeiros Sousa Dias da Câmara, filho de António Borges de Medeiros Dias da Câmara e Sousa, 1º marquês da Praia e de Monforte, (1829-1913) e de Maria José Coutinho Maldonado de Albergaria Freire, 2ª viscondessa de Monforte, (1833-1893). Teve seis filhos.

Mãe, Rato, Lisboa, Maio, 1933

[4ª duquesa de Palmela, no seu palácio, na rua da Escola Politécnica, em maio de 1933]

PT/AMLSB/BEK/005/002001



Helena Maria de Sousa Holstein Manoel nasceu em Paris, em 17 de fevereiro de 1926 e faleceu, na cidade de Almada, em 16 de setembro de 1999. Filha dos 2ºs condes de Valbom, Joaquim Tomás Carlos Bernardo Baltazar Manoel e de Ana Maria José Francisca de Paula de Souza e Holstein Beck, irmã do 14º conde da Atalaia, Diogo de Sousa Holstein Manoel e neta dos 4ºs duques de Palmela. Não casou nem teve descendência.

Festa de baile branco Lisboa - Maio 1948

[Helena Maria de Sousa Holstein Manoel ao piano na sua casa na travessa do Abarracamento de Peniche, em maio de 1948]

PT/AMLSB/BEK/010/005356

Joaquim Tomás Carlos Bernardo Baltazar Manoel, 2º conde de Valbom, nasceu, em 5 de novembro de 1898, na cidade de Lisboa, onde faleceu, em 13 de dezembro de 1935. Filho de Diogo Manuel de Noronha (1859-1929), 6º marquês de Tancos e 12º conde da Atalaia e de Leonor Orta Lobo de Ávila (1862-1955), filha de Joaquim Tomás Lobo de Ávila, 1º conde de Valbom, (1819-1901). Sucedeu o título por morte prematura do único irmão da sua mãe, Carlos Orta Lobo de Ávila (1860-1895). Foi o seu único irmão que sucedeu o título do seu pai, Duarte Bernardo Baltazar Manoel (1893-1963), 7º marquês de Tancos e 13º conde da Atalaia. Casou em 5 de fevereiro de 1924 com a sexta e última filha dos 4ºs duques de Palmela, Ana Maria José Francisca de Paula de Sousa e Holstein Beck. Diogo de Sousa Holstein Manoel, 14º conde da Atalaia e Helena Maria de Sousa Holstein Manoel foram os seus descendentes.

Tatim Roady - Bagnoles – Forté Marcé October 1922
 [2º conde de Valbom na estrada entre Bagnoles e Forté Marcé, em França, em outubro de 1922]
 PT/AMLSB/BEK/003/001151



Luís Borges Coutinho de Medeiros Sousa Dias da Câmara nasceu em Lisboa, em 26 de abril de 1866 e faleceu em Cascais, em 25 de setembro de 1933. Filho do 1º marquês da Praia e de Monforte, António Borges de Medeiros Dias da Câmara e Sousa (1829-1913) e da 2ª viscondessa de Monforte, Maria José Coutinho Maldonado de Albergaria Freire (1833-1893). Casou, em 4 de abril de 1887, com Helena Maria Domingas de Sousa Holstein, 4ª duquesa de Palmela, 3ª marquesa do Faial e 4ª condessa de Sanfré, no Piemonte, com quem teve 6 filhos. Era bacharel em filosofia pela Universidade de Coimbra, veador dos reis D. Carlos e D. Manuel, foi 14º capitão da Guarda Real dos Arqueiros, oficial-mor e fidalgo-cavaleiro da Casa Real, adido de legação e diretor do Banco do Faial, grã-cruz das ordens de Cristo, de S. Gregório Magno, da Santa Sé, de Carlos III, de Espanha, e da Vitória, de Inglaterra, e grande oficial da Legião de Honra, de França.

Father Calhariz Novembro 1919
 [4º duque de Palmela, na quinta do Calhariz, em Palmela, em novembro de 1919]
 PT/AMLSB/BEK/002/000484



Maria da Assunção de Sá Pais do Amaral nasceu na cidade de Lisboa, em 15 de setembro de 1890, onde faleceu, em 1974. Filha única dos 1ºs condes de Alferrarede, Carlos de Sá Pais do Amaral Pereira de Menezes (1865-1909) e de Maria da Luz Biester de Barros Lima (1867-1961). Casou com António Maria da Assunção José Francisco de Paula Vicente João Gabriel Deodato de Sousa e Holstein Beck (1892-1941), 4º marquês do Faial e 3º conde do Calhariz (1892-1941), filho dos 4ºs duques de Palmela. Não teve descendência.

Chapim Cintra 1918 PORMENOR
 [Maria da Assunção de Sá Pais do Amaral, em Sintra, em 1918]
 PT/AMLSB/BEK/001/000294





Maria do Carmo Pinheiro de Melo nasceu em Lisboa, em 4 de junho de 1897 e faleceu na quinta do Calhariz, em Sesimbra, em 22 de dezembro de 1986. Segunda filha do segundo casamento do 1º conde de Arnoso, Bernardo Pinheiro Correia de Melo (1855-1911) e de Matilde Munró dos Anjos (1875-1963). Casou, em 25 de outubro de 1915, com Domingos Maria do Espírito Santo José Francisco de Paula de Sousa e Holstein Beck Borges Coutinho, 5º duque de Palmela com quem teve 11 filhos. Adquiriu o título de duquesa por consórcio.

Maria do Carmo Calhariz Novembro 1919

[5º duquesa de Palmela, na quinta do Calhariz, em Palmela, em novembro de 1919]
PT/AMLSB/BEK/002/000482



Maria José da Natividade Francisca de Paula Assis Vicente João Gabriel Deodato de Sousa e Holstein Beck nasceu, em 17 de setembro de 1894, em Cascais e faleceu a 16 de maio de 1969, na cidade de Lisboa. Terceira filha dos 4ºs duques de Palmela, Luís Borges Coutinho de Medeiros Sousa Dias da Câmara e Helena Maria Domingas de Sousa Holstein. Casou, em 26 de fevereiro de 1923, com Duarte Bernardo Baltasar Manoel, 7º marquês de Tancos e 13º conde da Atalaia. Não teve descendência.

Maria sennievre, August, 1920

[Maria José de Sousa Holstein Beck, em Sennievre, em França]
PT/AMLSB/BEK/002/000617



Luíza Cascaes, October 1919

[10ª viscondessa de Asseca – Maria Luíza de Holstein Beck, em Cascais, em outubro de 1919]
PT/AMLSB/BEK/002/000409

Maria Luísa de Jesus José Francisca de Paula de Sousa e Holstein Beck nasceu na cidade de Lisboa, em 30 de dezembro de 1900 e faleceu nesta cidade em 21 de novembro de 1972. Foi a quinta filha dos 4ºs duques de Palmela, Luís Borges Coutinho de Medeiros Sousa Dias da Câmara e Helena Maria Domingas de Sousa Holstein. Casou, em 18 de julho de 1923, com o 10º visconde de Asseca, António José Maria Corrêa de Sá Benevides Velasco da Câmara com, quem teve três filhos.



Maria Manuela de Albuquerque d'Orey Manoel nasceu em São Domingos de Rana a 21 de maio de 1930. É a sétima filha dos quinze filhos do segundo casamento de Vasco Jara de Albuquerque d'Orey (1888-1960) com sua prima paterna, Maria Manuela Sampaio d'Orey (1900-1987), em 1920. Tem ainda um irmão do primeiro casamento do pai, Vasco Manuel de Castilho d'Orey, nascido em 29 de dezembro de 1915. É trineta de Luís da Silva Mouzinho de Albuquerque (1792-1846). Casou, em 1954, com Diogo de Sousa Holstein Manoel, 14º conde da Atalaia, com quem teve dez filhos.

[14ª condessa da Atalaia, Maria Manuela de Albuquerque d'Orey Manoel]
PT/AMLSB/BEK/007/003149

ÍNDICE ONOMÁSTICO

A

D.Afonso VI - 47, 108

Albuquerque, Luís da Silva Mouzinho de - 48, 292, AG

Albuquerque, Luísa Henriqueta Longuinha Mouzinho de - 48, AG

Alexandra da Dinamarca - 118

Alferrade, 1º conde de ver Menezes, Carlos de Sá Pais do Amaral Pereira e

Alvear, María Esther Susana Hermínia Solveyra y Tomkinson de - AG

Alvim, Ana Luísa Ulrich da Cunha Melo e - 20

Amaral, Luísa Maria de Sá Pais do - **43**, 43, 89, **89**, 173, **173**, **189**, AG

Amaral, José Maria de Sá Pereira e Menezes Pais do - AG

Amaral, Manuel de Sá Pais do - 43, **43**, 47, AG

Amaral, Manuel de Sá Pais do - AG

Amaral, Maria da Assunção de Sá Pais do - 20, **43**, 47, 48, 75, 288, 291, **291**, AG

Amaral, Maria Rita de Sá Pais do - AG

Amaral, Miguel Maria de Sá Pais do - 48, AG

Amaral, Miguel de Sá Pais do - AG

Amaral, Teresa de Sá Pais do - AG

D. Amélia - 29, **34**, **43**, 49, 58, 99, 100, 102, 104, 105, 108, 109, 110, 110, **110**, 111, 113, 118, 119, 120, 121, 129, 130, **145**, 288

Almeida, Maria Fernanda Casimiro de - AG

Anadia, 5º conde ver Amaral, Manuel de Sá Pais do

Anadia, Luíza, ver Amaral, Luísa Maria de Sá Pais do

Andrade, Licas Rebelo de - **188**

Andrade, Maria Luísa Ferreira de - 39

Andrade, Maria Rebelo de - **188**

Anjos, Alice Jardim - **186**

Anjos, Matilde Munró dos - 292, AG

Anjos, Amador - 27

Arnoso, George ver Melo, Jorge Maria Baltazar Pinheiro de

Arouca - 30

Asseca, 1º visconde de ver Velasco, Martim Correia de Sá e Benevides

Asseca, 8º visconde de ver Câmara, António Maria Velasco da

Asseca, 9º visconde de ver Câmara, Salvador Corrêa de Sá Benevides Velasco da

Asseca, 10.º visconde de ver Câmara, António José Corrêa de Sá Benevides Velasco

Asseca, 11º visconde de ver Câmara, Salvador Corrêa de Sá e Benevides Velasco da

Asseca, António ver Câmara, António José Corrêa de Sá Benevides Velasco

Asseca, Carolina ver Henriques, Carolina Maria Matilde Corrêa

Ataíde, Ana Mascarenhas de - AG

Atalaia, 1ª condessa da ver Brito, Iria de

Atalaia, 6º conde da ver João Manuel de Noronha

Atalaia, 12º conde da - 291

Atalaia, 13º conde da ver Manoel, Duarte Bernardo Baltazar

Atalaia, 14º conde da ver Manoel, Diogo de Sousa e Holstein

Atalaia, 15º conde da ver Manoel, Luís Joaquim d'Orey

D. Augusta Victoria ver Hohenzollern-Sigmaringen, Augusta Vitória

Augusta Viktoria (Kaiserin) - 118

Avelar, Vitorino - **272**

Ávila, Carlos Orta Lobo de - AG

Ávila, Leonor Orta Lobo de - AG

Ávila, Joaquim Tomás Lobo de - AG

B

Balbo, Ítalo - 38, 125
Balsemão, Francisco José Pereira Pinto - 48, AG
Balsemão, Henrique Patrício - AG
Barbosa, Maria Manuel Pinto - 19
Barros, Miriam Lins - 133
Batchen, Geoffrey - 64
Beck, Mariana Leopoldina, princesa de Schleswig-Holstein-Sonderburg - 45, AG
Beck, Frederico Guilherme I, duque de Schleswig-Holstein-Sonderburg - 45, AG
Beires - 38
Belmonte, Adelaide *ver* Câmara, Adelaide Maria de Figueiredo Cabral da
Bernard, Marcel - 30
Bobone, Carlos - 30, **189**
Bobone, Teresa de Lancastre de Araújo - **188**
Boldini - 120
Bonifácio, Maria de Fátima - 58
Bourbon, Maria Luísa de Bourbon e infanta de Espanha - 100
Bragança, D. Afonso de - 99, 111
Bragança, D. Antónia de - 102, 107
Brederode, António de Sampaio e Pina de - 100, 290, AG
Brederode, Helena Teixeira Homem de - AG
Breyner, Francisco Manuel de Melo - 48
Breyner, Maria Eugénia Braamcamp de Melo - **116**
Breyner, Thomaz de Mello - 110
Brito, Iria de - 28
Burnay, Maria Virgínia Duff - 70, 287, 288, AG

C

Cabral, José - 30
Cabral, Maria da Luz Lagos do Amaral - AG
Cabral, Teresa Castelo Branco - 36
Calhariz, 3º conde do *ver* Holstein Beck, António Maria de Sousa e
Calhariz, conde do - 44, 45
Calheiros, Francisco - 30
Calmels, Anatole - 100
Câmara, Ana Maria Gonçalves Zarco da - **116**
Câmara, António José Corrêa de Sá Benevides Velasco - 21, 26, 30, 37, 40, 43, 58, 85, **86**, 89, 94, 101, 113, **146**, **149**, **156**, 158, 162, 164, **172**, 288, AG
Câmara, António Maria Velasco da - AG
Câmara, Adelaide Maria de Figueiredo Cabral da - 91, **186**
Câmara, Luís Borges Coutinho de Medeiros Sousa Dias da - 20, **20**, 21, 34, 47, 75, 86, **87**, 209, **228**, 287, 288, 289, 290, 291, **291**, 292, AG
Câmara, Maria da Natividade de Figueiredo Cabral da - **159**
Câmara, Maria Mafalda de Figueiredo Cabral da - AG
Câmara, Salvador Corrêa de Sá Benevides Velasco da - 43, 58, 101, **149**, **158**, **164**, 288, AG
Câmara, Salvador Corrêa de Sá e Benevides Velasco de - **33**, 65, 71, 108, **108**, **109**, 208, AG
D. Carlos I - 47
Cardoso, Maria Helena Calvet de Sousa Pinto de Magalhães Ribeiro - AG
Cármem - **91**, 92
Carmona, António Óscar de Fragoso - 40, 66, 125, **125**
Carvalho, Duarte Maria d' Orey Manoel Lopo de - AG
Carvalho, Jorge Alexandre Ribeiro Martins Ramos de - 20
Carvalho, Lopo Maria d' Orey Manoel Lopo de - AG
Carvalho, Pedro Lopo Sá Coutinho de - AG

- Castello, Antónia Isnardi di - 45
- Castelo-Branco, Ângela Camila - 9, 115, 116
- Castelo-Branco, Frederico Gaspar Schindler Franco - AG
- Castelo-Branco, Maria Rita de - AG
- Castelo Branco, Antónia Dupuich Pinto de - 31, 35
- Castelo Branco, Francisco Pinto Taborda - 35
- Castelo Branco, Simone Dupuich - 36
- Castilho, Mariana Cardoso de - AG
- Castro, Alfredo de - 103
- Castro, José Corrêa da Silva de Sampaio de Melo e - AG
- Castro, Sofia Maria Ribeiro e - 20
- Caters, barão de *ver* Caters, Christian
- Caters, Christian - **22**
- Cerejeira, Manuel Gonçalves - 40, 66, **277**
- Chapim *ver* Amaral, Maria da Assunção de Sá Pais do
- Churchill, Winston - 104
- Clemenceau, Georges Benjamin - 38, **176**
- Coelho, Tareca Pinto - **92**
- Cordovil, Maria Helena - 32
- Corcos, Vittorio - 120
- Costa, António Luís Santos da - 19
- Costa, Eugénia Cândida - 27, **27**, 60, **60**
- Costa, Rui Miguel - 35
- Couceiro, Paiva - 100, 101
- Coutinho, Catarina d' Orey Pereira - AG
- Coutinho, Constança d' Orey Pereira - AG
- Coutinho, Domingos Maria do Espírito Santo José Francisco de Paula de Sousa Holstein Beck e Borges *ver* Holstein Beck, Domingos de Sousa e
- Coutinho, João de Azevedo - 103
- Coutinho, João Lopo Portela Pereira - AG
- Cristino, Luciano Coelho - 31
- Cunca, Paula Cristina Gonçalves de Figueiredo - 9, 20
- Cyrne, Maria Carlota Sousa Santos de Sousa - AG
- D**
- Damas, Cláudia - 20
- Diniz, Bola *ver* Dinis, Maria Ana dos Anjos Joyce Dinis
- Dinis, Maria Ana dos Anjos Joyce Dinis - **157**, **186**
- Doris - 75, 81, 84
- Dorothy - **139**
- Duarte, Marco Daniel - 31
- Dundas, Isabel Astride Teixeira Guerra - AG
- Dupuich, Simone Claire Marie Joseph - 35
- E**
- Eastman, George - 119
- Eduardo VII (príncipe de Gales) - 101, 102, 118
- Emílio, António - 101
- F**
- Faria, António - **115**, **116**
- D. Fernando II - 45
- Fernandes, Chita - 75, **88**
- Fernandes, Fina - **88**
- Ferreira, Adriana Batista - 20
- Ferreira, Francisco - **88**
- Ficalho, 4º conde de *ver* Breyner, Francisco Manuel de Melo
- Figueiroa, Eugénia Maria Filomena de - **115**
- Fonseca, Ana Maria Projecto Pinto da - AG
- Ford, Colin - 85
- Francisco, Jose - 104

Frederico Vítor - 104

Freire, Inácio Júlio de Sampaio de Pina - 46, AG

Freire, Leninha - 274

Freire, Manuel Inácio de Sampaio e Pina - 44, 290, AG

Freire, Maria José Coutinho Maldonado de Albergaria - AG

G

Gaivão - 38

Gama, Ana Marta Mirrado Cavalheiro Barbosa - AG

Gama, Eugénia Francisca Xavier Teles da - AG

Gama, Isabel Saldanha da - 103, 111

Gégé *ver* Costa, Eugénia Cândida

Gil, Álvaro - 30

Gil, Teresa - **91**, 92

Gomes, Marta Cristina Rebelo da Silva - 20

Gonçalves, Paulo - 32

Gouveia - 38

Guedes, Manuel - 39

Guilherme II - 118

H

Harari, Max - **90**

Harari, Suzanne - **90**

Harari, Suzy *ver* Harari, Suzanne

Henriques, Carolina Maria Matilde Corrêa - 43, **106**, 109, **149**, **172**, 288, AG

Henriques, Francisco Corrêa - 30

Henriques, José Maurício Corrêa - 47

Henriques, Maria Matilde Corrêa - 103

Henriques, Pedro Maurício Corrêa - 109, 288, AG

Hitler, Adolfo - 38, 123

Hohenzollern, Francis Joseph von - 104

Hohenzollern-Sigmaringen, Augusta Vitória de - 34, **43**, **101**, 102, **103**, **106**, **108**, **109**, **110**, 118, **118**, 119, **150**

Hohenzollern-Sigmaringen, Guilherme de - 102

Hohenzollern-Sigmaringen, Leopoldo de - 102

Holstein, Alexandre Domingos António Maria de Sousa, Senhor da Casa dos Sousa do Calhariz - 45, AG

Holstein, Domingos de Sousa e - 46, AG

Holstein, Domingos António Maria Pedro de Sousa e - 45, 58, AG

Holstein, Filipe de Sousa - **115**, **116**

Holstein, Francisco de Borja Pedro Maria António de Sousa - 45, **116**

Holstein, Helena Maria Domingas de Sousa e - 20, **20**, 34, **43**, 45, **45**, 47, 58, **60**, 75, 82, 86, **86**, **110**, 115, **158**, **179**, **184**, **199**, **238**, 287, 288, 289, 290, **290**, 291, 292, AG

Holstein, Luís de Sousa - 45

Holstein, Pedro de Sousa - 44, 45, 46, 48, 58, AG

Holstein, Maria Luísa de Sousa - 26, 27, 45, 48, 60, 100, 290, AG

Holstein Beck, Ana Maria José Francisca de Paula de Sousa e - 7, 9, **18**, 19, 20, **20**, 21, **21**, 22, **22**, 25, **26**, 27, **28**, 29, **29**, **30**, 31, 32, 33, **33**, 34, 35, **35**, 36, 37, 38, 39, 40, **40**, 43, 44, 45, 46, **46**, 47, **47**, 48, 49, 50, 57, 58, **59**, 60, **60**, 61, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 71, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 115, 117, 124, 125, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, **140**, **141**, **143**, **151**, **155**, **158**, **161**, **166**, **168**, **170**, **171**, **172**, **173**, **174**, **180**, **184**, **185**, **186**, **187**, **188**, **191**, **194**, **195**, **196**, **197**, **198**, **200**, **201**, **202**, **204**, **205**, **206**, **209**, **210**, **211**, **212**, **215**, **219**, **220**, **221**, **223**, **224**, **226**, **227**, **229**, **231**, **234**, **235**, **240**, **241**, **243**, **248**, **251**, **253**, **260**, **264**, **272**, **273**, **275**, **276**, **282**, **284**, 287, **287**, 288, 289, 290, 291, AG

Holstein Beck, António Maria de Sousa e - 20, 45, 47, 48, 86, 112, **233**, **238**, 288, **288**, 291, AG

Holstein Beck, Bernardo de Sousa e - AG

Holstein Beck, Domingos de Sousa e - 20, 31, **35**, **43**, 45, **45**,

46, 47, 59, 60, **60**, 70, 75, 80, 81, 86, 87, **87**, 93, 94, **94**, 111, **112**, 129, **130**, **143**, **153**, **156**, **162**, **167**, **186**, 289, **289**, 292, AG

Holstein Beck, Helena Dundas de Sousa e - AG

Holstein Beck, Luís Maria da Assunção de Sousa e - 45, **45**, 81, AG

Holstein Beck, Manuel de Sousa e - **29**, AG

Holstein Beck, Maria José de Sousa e - 20, 21, **21**, **69**, 93, 110, **158**, **160**, **161**, **163**, **169**, **175**, **178**, **180**, **198**, **199**, **202**, **207**, **221**, AG

Holstein Beck, Maria Luísa de Sousa e - 21, 26, **35**, 37, 47, 58, 59, 60, **60**, 61, 65, 75, 81, 85, **91**, 92, 100, **103**, 110, **139**, **140**, **141**, **142**, **148**, **152**, **156**, **157**, **158**, **161**, **163**, **164**, **174**, **177**, **181**, **184**, **186**, **192**, **198**, **199**, **218**, **221**, 288, 292, **292**, AG

Holstein Beck, Maria Matilde de Sousa e - 43, 70, **165**, **278**, AG

Holstein Beck, Maria Rita de Sousa - 20, AG

Holstein Beck, Maria Teresa Dundas de Sousa e - AG

Holstein Beck, Pedro de Sousa - 45, AG

Holstein Beck, Pedro Domingos de Sousa e - 45, AG

Holstein, Pedro Dundas de Sousa e - AG

Holstein Beck, Tomás de Sousa e - 44, 46, **116**

Holt, Vera - **92**

I

Ilse - **139**

Isabel II [rainha da Grã-Bretanha] - 112, **113**, 289

J

Jara, Elvira da Ascenção Bravo - AG

Joan - **139**

D. João VI - 45, 46

Jorge V - 103

K

Kaufmann, Jean-Claude - 64, 72

Keppel, Alice - 102

Keppel, George - 102

Keppel, Sir Derek - 102

Klimt - 120

L

Lacerda, Eugénia Maria Filomena Brandão de Melo Congo-minho Correia de Sá Pereira - **116**

Lançada, 1º visconde de *ver* Freire, Manuel Inácio de Sampaio e Pina

Lançada, 2º visconde de *ver* Freire, Inácio Júlio de Sampaio de Pina

Lançada, 3º visconde de *ver* Holstein Beck, Domingos de Sousa e

Lartigue, Jacques Henry - 94

Laszlo - 120

Leal, Miguel Rivotti de Sousa - AG

Leão - 39

Leão, Juliete - 39

Leite, João Pinto - AG

Leite, Leonor Corrêa de Sá Pinto - AG

Leite, Maria Helena Corrêa de Sá Pinto - 43, **43**, 88, 92, 157, AG

Lemos, Fernando - 92

Lencastre, António de - 103

Levine, Bárbara - 70

Lima, Maria da Graça Biester de Barros - AG

Lima, Maria da Luz Biester de Barros - 288, 291, AG

Lima, Sónia Cristina Francisco de - 20

Lourenço, João São - 30

D. Luís - 47, 99, 100, 121

D. Luís Filipe - 121

Luís Filipe (rei de França) - 100

Lytto, Edward Robert - 115

M

Macieira, Luís Queriol - AG

Mafra, conde de ver Breyner, Thomaz de Mello

Maia, Maria Luisa Diniz Machado de Faria e - AG

Mamede, Frederico São - **272**

Mann, Thomas - 120

Manoel, Ana Calheiros e Menezes - AG

Manoel, Ana Maria d'Orey - 19, AG

Manoel, Bernardo d'Orey - 19, AG

Manoel, Bernardo Maria Barbosa Gama d'Orey - AG

Manoel, Carlota Sousa Cyrne - AG

Manoel, Carolina Maria Santiago d'Orey - AG

Manoel, Carolina Silva Pereira Bivar Branco - AG

Manoel, Diogo d'Orey - 19, AG

Manoel, Diogo de Sousa e Holstein - **18**, 19, 21, 22, 26, **26**, **28**, 29, **29**, 30, **30**, 32, **33**, 37, **38**, 46, **46**, 48, 67, 68, 70, 79, 80, 82, 84, 85, 129, 134, **226**, **229**, **230**, **231**, **242**, **243**, **266**, **280**, **281**, **282**, **283**, **285**, 287, 289, **289**, 290, 291, 292, AG

Manoel, Diogo Calheiros e Menezes - AG

Manoel, Duarte Bernardo Baltazar - 20, 21, **21**, **22**, 46, 289, 290, **290**, 291, 292, AG

Manoel, Duarte d'Orey - 19, AG

Manoel, Duarte Francisco Santiago d'Orey - AG

Manoel, Duarte Maria Barbosa Gama d'Orey - AG

Manoel, Filipa Calheiros e Menezes - AG

Manoel, Filipa d'Orey - 19, AG

Manoel, Francisco d'Orey - 19, 25, 60, 65, AG

Manoel, Helena Maria de Sousa e Holstein - 21, 70, 82, 84,

227, **228**, **230**, **231**, **266**, **279**, 287, AG

Manoel, Leonor Orta Lobo de Ávila - **35**, 36, AG

Manoel, Luís Joaquim d'Orey - 19, 46, **46**, AG

Manoel, João Maria Barbosa Gama d'Orey - AG

Manoel, Joaquim Tomás Carlos Bernardo Baltazar - 21, **21**, **28**, **29**, 35, **35**, 36, **47**, 61, 64, 75, 77, 80, 81, 82, 83, 88, 131, **169**, **170**, **171**, **178**, **184**, **193**, **195**, **196**, **199**, **291**, AG

Manoel, José Diogo Sousa Cyrne - AG

Manoel, Maria Ana Pinto da Fonseca - AG

Manoel, Maria d'Orey - 19, AG

Manoel, Maria Francisca Barbosa Gama d'Orey - AG

Manoel, Maria Leonor Salgueiro Rêgo d'Orey - AG

Manoel, Maria Manuela de Albuquerque d'Orey - 19, 22, **46**, 48, 67, **273**, 289, 292, **292**, AG

Manoel, Martim Calheiros e Menezes - AG

Manoel, Miguel Maria d'Orey - AG

Manoel, Pedro d'Orey - 19, AG

Manoel, Sebastião Santiago d'Orey - AG

Manoel, Vasco Maria Bivar Branco - AG

Manoel, Vasco Maria d'Orey - 19, 46, 67, AG

Manoel, Vasco Salgueiro Rêgo d'Orey - AG

D. Manuel II - 7, 29, **33**, **34**, **43**, 44, 99, 100, 103, 104, **108**, **109**, **110**, 111, 119, 121, 122, 123, 129, **144**, **149**, 291

Marques, Graziela Teixeira - **272**

D. Maria II - 44, 46, 48, 102

D. Maria Pia - 99, 100, 118

Mariana - 39

Mariquita ver Pereira, Maria Germana de Castro

Marote, Mariana Marques Olim - 20

Martins, Luís Miguel Segurado Pavão - 9, 20, 27

Matalon, André - 89, **89**, 94, **174**, **177**

Mathias, Pedro Miguel Almeida Dias Corrêa - AG

Mathias, Rita d'Orey Manoel Corrêa - AG

Mathias, Salvador d'Orey Manoel Corrêa - AG

Melo, António Francisco Galan Sebes Pedro de Sá e - AG

Melo, António José Pio de Sousa e Holstein Brandão de - 46

Melo, Bernardo Miguel António Pinheiro de - **162**, AG

Melo, Bernardo Pinheiro Corrêa de - AG

Melo, Isabel de Jesus Maria Pinheiro de - AG

Melo, João Maria Rodrigo Pinheiro da Figueira e - AG

Melo, João Rodrigues de Sá e - 47

Melo, Jorge Maria Baltazar Pinheiro de - 43, **43**, 92, 157, AG

Melo, Maria do Carmo Pinheiro de - 20, **45**, 47, 81, 86, 94, **130**, **143**, **153**, **154**, **161**, **165**, **168**, **190**, **192**, 289, 292, AG

Melo, Teresa Maria Pinheiro de - AG

Melo, Vicente Miguel de Paula Pinheiro de - AG

Menezes, Carlos de Sá Pais do Amaral Pereira de - **43**, 47, 48, 291, AG

Menezes, Catarina de - AG

Menezes, Isabel Maria Belo de Moraes de Calheiros e - AG

Menezes, José Maria de Sá Pais do Amaral Pereira de - AG

Menezes, Maria Teresa de Jesus José de Mello Mendonça da Cunha e - **188**

Minnie *ver* Rice, Mary Alice

Monfalim, marquês de - 44, 46, 289

Monfalim, 1º marquês de *ver* Holstein, Filipe de Sousa

Monfalim, 2º marquês de *ver* Holstein Beck, Bernardo de Sousa e

Monfalim, 3º marquês de *ver* Holstein, Domingos de Sousa

Mussolini - 38

N

Neto, José Luís - 20

Nobre, Luísa - 39

Nora, Pierre - 133

Noronha, Diogo Manoel de - 21, 291, AG

Noronha, João Manuel de - 46

O

Obbizi, Anna Zileri dal Verme degli - **89**, **166**, **173**

Obbizi, Camilla Zileri dal Verme degli - **89**, **166**, **173**

Olivaes, Eduardo - 88

Olivaes, Maria Helena *ver* Leite, Maria Helena Corrêa de Sá Pinto

Olivais, 3º visconde dos *ver* Leite, João Pinto

Olivares, Leonor - 92, **92**

Orey, Augusto Eduardo Guilherme Heitor Achilles Artur de Solms-Solms d' - 48, AG

Orey, Francisco José de Almeida d' - AG

Orey, Frederico Guilherme Mouzinho de Albuquerque d' - AG

Orey, Guilherme Mouzinho de Albuquerque d' - AG

Orey, Isabel Maria da Glória Cardoso d' - AG

Orey, Isabel Maria Faria e Maia d' - AG

Orey, José Luis de Albuquerque d' - 38

Orey, José Manuel Perestrelo de Albuquerque d' - AG

Orey, Miguel Cardoso d' - AG

Orey, Maria do Carmo de Albuquerque d' - AG

Orey, Maria Isabel Perestrelo de Albuquerque d' - AG

Orey, Maria Manuela de Sampaio d' - 67, **280**, 292, AG

Orey, Ruy Mouzinho de Albuquerque d' - AG

Orey, Vasco Jara de Albuquerque d' - 38, 67, **280**, 292, AG

Orey, Waldemar José Jara de Albuquerque d' - AG

Orleães, D. Amélia de *ver* D. Amélia

Orta, Maria Francisca de Paula de - AG

Ourém, conde de - 102

P

Pacheco, Duarte José - 40

Pacheco, Josefa de Sandoval y - 111

Padilla, Maritchu - 30, **189**

Padilla, Rosie - **89, 173, 189**

Paim, Isabel Juliana de Sousa Monteiro - AG

Palha, Maria José de Melo Abreu Soares Vasconcelos
Barbosa e - AG

Palmela, 1º duque de ver Holstein , Pedro de Sousa

Palmela, 2º duque de ver Holstein, Domingos António Maria
Pedro de Sousa

Palmela, 3ª duquesa de ver Holstein, Maria Luísa de Sousa

Palmela, 4ª duquesa de ver Holstein, Helena Maria Domingas
de Sousa

Palmela, 5º duque de ver Holstein Beck, Domingos de Sousa e

Palmela, 6º duque de ver Holstein Beck, Luís Maria da
Assunção de Sousa e

Palmela, 7º duque de ver Holstein Beck, Pedro Domingos de
Sousa e

Paris, condes de - 100

D. Pedro IV - 44

D. Pedro V - 45, 47

Pepita ver Pacheco, Josefa de Sandoval y

Pereira, Carolina Maria de Castro - 109, AG

Pereira, Eduardo de Castro - 30

Pereira, França Teotónio - 39

Pereira, João van Zeller de Castro - 48

Pereira, Manuel Rodrigo de Castro - AG

Pereira, Maria Adelaide van Zeller de Castro - **163**, AG

Pereira, Maria Germana de Castro - 109

Pereira, Teotónio - 39

Perestrelo, Canota - 75, **92**

Perestrelo, Dina - **28**, 39

Perestrelo, Lipique - 40

Perestrelo, Maria Bernardina - 39

Perestrelo, Maria Leopoldina de Araújo - **188**

Perestrelo, Tita – 75, **92**

Perestrellos - 120

Pinto, António Vieira - AG

Pinto, Catarina Marques de Almeida Vaz - 19

Pinto, Margarida Ferreira - 30

Pinto, Sebastião - 32

Pinto, Tomás Ferreira - 30

Pinto, Virgínia Burnay Vieira - AG

Pinto Basto, Maria Francisca de Castelbranco Ferreira - **159**

Pombo, Vana Maria - 40

Potier, António - 39

Póvoa, Luís da ver Holstein Beck, Luís Maria da Assunção
de Sousa e

Póvoa, Maria, ver Holstein Beck, Maria Matilde de Sousa e

Prego, José - 30

Proença, Bé - 39

R

Rafael, Ana Paula Alves - 20

Rebelo, Maria - 30, 188

Rego, Maria Teresa de Carvalho Salgueiro - AG

Rice, Mary Alice - 29, 36, 60, 61, 75, 76, 81, 82, **87**, 93, 94,
141, **142, 158, 160, 169, 178, 180, 190, 198, 199, 218**

Rolo, Ivonne - **90**

Rolo, Max - **90**

Romanov - 121

Roque, Nelson Henrique Silva - 20

S

- Sá, Carolina Maria José Corrêa de - AG
- Sá, Carolina José Corrêa de - **59, 172**, AG
- Sá, Helena Maria Corrêa de - AG
- Sá, José Maria Corrêa de - **59**, AG
- Sá, José Maria do Espírito Santo de Almeida Corrêa de - 107
- Sá, Leonor Corrêa de - **59**, AG
- Sá, Maria da Piedade Corrêa de - AG
- Sá, Martim Corrêa de Sá - **59**, 107, 108, **108**, AG
- Sá, Pedro José Corrêa de - **59**, AG
- Sá, Salvador José Corrêa de - **59**, AG
- Sabugosa, conde de - 102
- Salgado, Henrique Roma Machado Cardoso - **278**
- Salgado, Ricardo Francisco da Silva - 20
- Salema, Luísa Maria - **26**
- Sampaio, Henrique Teixeira de - 45, 290
- Sampaio, João Maria Teixeira de - 45
- Sampaio, Luís Teixeira de - 47, AG
- Sampaio, Luisa Teixeira de - AG
- Sampaio, Maria Eugénia d'Orey Correia de - 30, 48, AG
- Sampaio, Maria Luísa de Noronha e - 45, 58, AG
- Sanches, Formosinho - 39
- Sanches, Maria Amália Formosinho - 39
- Sanfré, conde de - 44, 45
- Sanfré, condessa de *ver* Castello, Antónia Isnardi di
- Santiago, Isabel Maria d' Orey da Cunha - AG
- Santiago, Jorge Amaral Fortes da Cunha - AG
- Santos, Manuel Mendes da Conceição - 31, 32
- Saraiva, Ana Paula Rocha da Costa - 20
- Sarmiento, Ana Maria Juliana de Morais - AG
- Sebastião - 39
- Seia, conde de - 44
- Seia, 2º conde de - 46
- Seia, 3º conde de *ver* Manoel, Duarte d'Orey
- Seisal, 1º conde de *ver* Henriques, José Maurício Correia
- Seisal, 2º conde de *ver* Henriques, Pedro Maurício Correia
- Serov - 120
- Sesimbra, 1º marquês de *ver* Holstein Beck, Tomás de Sousa e
- Sesimbra, 2º marquês de *ver* Melo, António José Pio de Sousa e Holstein Brandão de
- Silva, Manuel Ribeiro do Espírito Santo - AG
- Silva, Maria José Lopes Gomes - 20
- Silveira, Maria Cristina Parreira de Portugal da - AG
- Sisso, Victoria - 89, 94, **174, 177**
- Sousa, António Borges de Medeiros Dias da Câmara e - AG
- Sousa, António de Vasconcelos e – 34, 110
- Sousa, Balbina Cândida de - AG
- Sousa, Filipe de - AG
- Sousa (senhor do Calhariz), Manuel de - 45, AG
- Sousa, Maria da Piedade de Saldanha Oliveira e - 103
- Sousa Holstein, Alexandre de *ver* Holstein, Alexandre Domingos António Maria de Sousa, Senhor da Casa dos Sousa do Calhariz
- Sousa Holstein, 1º marquês de *ver* Holstein, Francisco de Borja Pedro Maria António de Sousa
- Sousa Holstein, 2º marquês de *ver* Holstein, Luís de Sousa
- Sousa Holstein, 3º marquês de *ver* Holstein Beck, Pedro de Sousa
- Sousa Holstein, 4º marquês de *ver* Holstein Beck, Pedro Domingos de Sousa e
- Sousa, Queimado de - **28**
- Soveral, Eduardo Pinto do - 47, AG

Soveral, Leonor Maria Pinto do - AG

Soveral, Luís Maria Augusto Pinto de - 47, 100, 101, **101**, 102, 104, 111, AG

Soveral, Mariana Pinto de - AG

T

Tancos, marquês de - 44, 46

Tancos, 7º marquês de ver Manoel, Duarte Bernardo Baltazar

Tatim ver Manoel, Joaquim Tomás Carlos Bernardo Baltazar

Teixeira, António Cardoso - 21, 26, 27, **28**, 37, 39, 40, 66, 68, 70, 71, 78, 79, 84, 94, 125, 131, 132, **259**, **260**, **262**, **263**, **265**, **269**, **272**, **279**, 287, **287**, 288, AG

Teixeira, C. - 38

Teixeira, António Maria Burnay - 26, **29**, 70, 84, **266**, 287, 288, **288**, AG

Teixeira, Júlia Amélia Cardoso - 287

Teixeira, Maria Regina Pinto da Fonseca Leitão - AG

Tenreiro, Comandante Henrique dos Santos - 39

Tenreiro, Elizabeth - 39

Thompson, Charles Thurston - 115

Torres - 38

Torres, ETTY - 94, **174**, **177**

Trigoso, Gina - 39

Trindade, Débora Alexandra Carrilho - 20

V

Valbom, 2º conde ver Manoel, Joaquim Tomás Carlos Bernardo Baltazar

Vale, Carmen Merry Del - **91**

Vanda - 39

Vasconcelos, João - 87, **87**

Vasconcelos, Maria Eugénia Perestrelo de - AG

Veiga, Francisco José Caeiro Motta - 20

Velasco, Martim Correia de Sá e Benevides - 108, AG

Viegas, Maria Inês Ferreira de Morais - 20

Vilar, Frederico Magalhães e Meneses - 92, **156**, **157**

Vilar, Joaquim - 30

Vilhena, Filipe - 30

Visconti - 120

Vitória [rainha da Grã-Bretanha] - 63

Vivite - 39

Von Stuck - 120

W

Wangenheim, conde de - 102

Wigsell - 34, **34**, 129, 134, **142**

Z

Zagdoun, Andrée - **90**

Zagdoun, Bobby - **90**, **170**

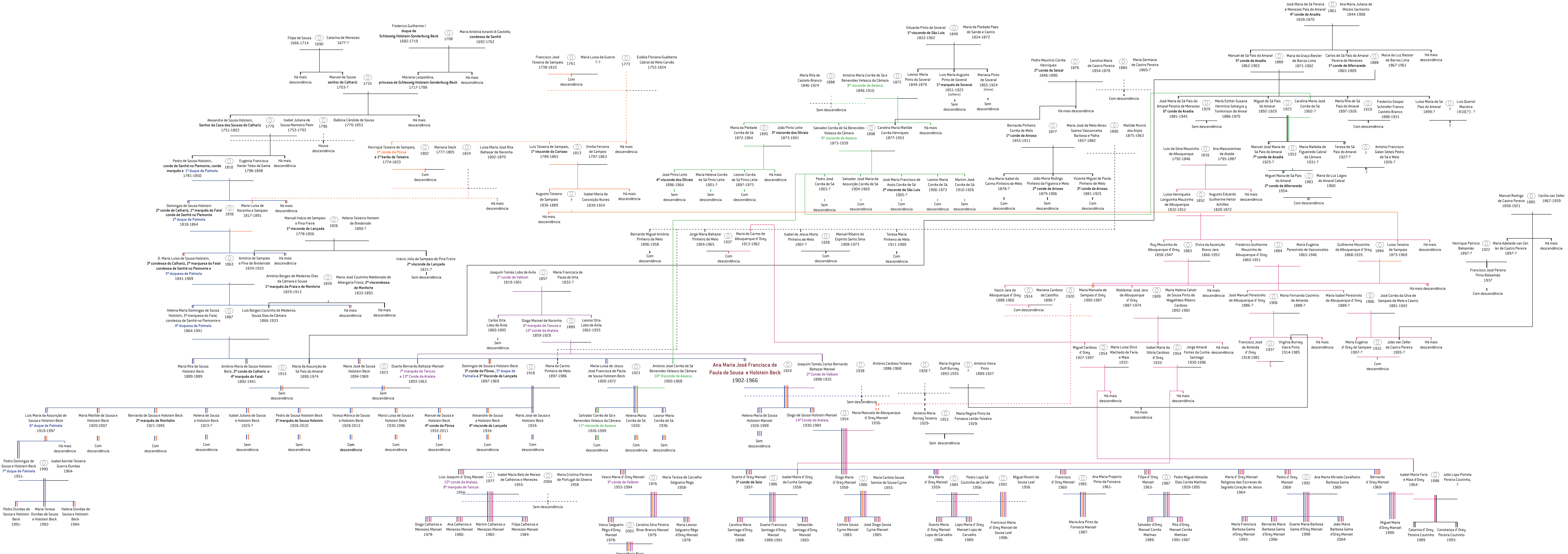
Zeller, Cecília van - AG

Zilleri, Anna ver Obbizi, Anna Zileri dal Verme degli

Zileri, Camilla ver Obbizi, Camilla Zileri dal Verme degli

ÁRVORE GENEALÓGICA

GENEALOGIAS DE PESSOAS RELACIONADAS COM ANA MARIA JOSÉ FRANCISCA DE PAULA DE SOUSA E HOLSTEIN BECK



- LEGENDA:**
- 1º casamento e descendência do 1º casamento
 - 2º casamento e descendência do 2º casamento
 - Distinção de intersecção de linhas de descendência
 - Casamento
 - ?
 - Dados desconhecidos ou não confirmados
 - Descendência casa Palmela
 - Ascendência e descendência casa Póvoa
 - Descendência casa Assica
 - Descendência casa Alentejo, casa Tancos e casa Valbom
 - Descendência Luis da Silva Mouzinho de Albuquerque
 - Outras descendências

FICHA TÉCNICA

FICHA TÉCNICA

Câmara Municipal de Lisboa

Direção Municipal de Cultura

Departamento de Património Cultural

Divisão de Arquivo Municipal

EXPOSIÇÃO

Direção e coordenação executiva

Inês Morais Viegas, Marta Gomes

Comissariado

Luís Pavão, Paula Figueiredo Cunha

Coordenação geral

Paula Figueiredo Cunha

Investigação

Ana Saraiva, Ângela Camila Castelo-Branco, Eduardo Nobre, Francisco d'Orey

Manoel, Luís Pavão, Maria Mantero Morais, Paula Figueiredo Cunha

Produção e coordenação da exposição

Sofia Castro

Montagem

Ana Paula Rafael, Cláudia Damas, Luís Pavão, Paula Figueiredo Cunha,

Rui Luciano, Sofia Castro

Projeto de iluminação

José Luis Neto

Tratamento documental

Débora Trindade, Maria José Silva, Sónia Lima

Digitalização

Cláudia Damas, Nelson Roque, Mariana Marote, Ricardo Salgado

Restauro

Adriana Ferreira, Ana Paula Rafael, Helena Nunes, Luís Pavão, Margarida Duarte

Design

Joana Pinheiro, Marília Afonso

Comunicação e divulgação

Carla Manso, Paula Candeias

Serviço Educativo

Alexandra Nunes, Ana Brites, Filipa Ferreira, Paula Cunha, Vitória Pinheiro

Secretariado

Ana Tavares, Sofia Macedo

CATÁLOGO

Direção e coordenação executiva

Inês Morais Viegas, Marta Gomes

Coordenação geral

Luís Pavão, Paula Figueiredo Cunha

Texto institucional

Inês Morais Viegas

Prefácio

António Barreto

Textos e investigação

Ana Saraiva, Ângela Camila Castelo-Branco,
Eduardo Nobre, Francisco d'Orey Manoel, Luís Pavão,
Maria Mantero Morais, Paula Figueiredo Cunha

Design

Joana Pinheiro, Marília Afonso

Digitalização

Cláudia Damas, Mariana Marote

ISBN 978-972-8517-56-4

Os textos são da total responsabilidade dos autores

VÍDEOS

Produção

Arquivo Municipal de Lisboa / Videoteca

Realização e Argumento

Pedro Lourenço

Montagem

Pedro Lourenço

Som

Pedro Lourenço e Álvaro Silva

Animação gráfica

Fatima Rocha

Supervisão

Fernando Carrilho

COLABORAÇÃO

C.M.L.

Divisão de Manutenção da Frota

Departamento de Património Cultural

Divisão de Gestão Cemiterial

Divisão de Gestão e Manutenção de Edifícios e Apoio aos Serviços (DIM)

Divisão de Execução de Manutenção de Instalações Elétricas e Mecânicas

Divisão de Organização de Eventos e Protocolo

Museu Bordalo Pinheiro

Agradecimentos

Jaime Vieira (CML-DGC), dr. Licínio Fidalgo (CML-DGC), Professora Doutora Magda Pinheiro (ISCTE), Professora Doutora Maria João Vaz (ISCTE), Mariana Marote, Paula Marcelino (CML-DGC), dr.ª Paula Martins Almeida, dr. Pedro Urbano (FCSH-UNL), dr. Ricardo Cordeiro (ISCTE), Arquiteta Sara Mendonça (CML-DGC), Maria José Domingues (CML-DGC); Vitor Nogueira (AML - digitalização);

Apoio

EPSON[®]
EXCEED YOUR VISION

